This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

47768

BOUGHT FROM
Edwin S. Loeb Fund

SIGILLVM · VNIVERSITATIS · CALIFORNIENSIS
FIAT LVX
MDCCCLXVIII

EX LIBRIS

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA

RAÇAS, USOS E COSTUMES DOS INDIGENAS DO DISTRICTO DE INHAMBANE

Acompanhado de um vocabulario em
SHITSUA, GUITONGA E SHISHOPE

por
Augusto Cabral

LOURENÇO MARQUES
IMPRENSA NACIONAL
1910

ERRATAS

Pagina 31, linha 44.ª, onde se lê: «pela primeira vez fazer uma palhota», leia-se: «pela primeira vez fazer o arrolamento de palhotas».

Pagina 80, linha 15.ª, onde se lê: «com missanga, que fica até caír», leia-se: «com missanga, que ficam até caír».

Pagina 100, linha 13.ª, onde se lê: «o indigena regressado do Transvaal, traz», leia-se: «o indigena regressado do Transvaal não traz».

Pagina 115, linha 6.ª, onde se lê: «Mamane oku xamba ka sôps», leia-se: «Mamana ó ku xamba ka sope».

RAÇAS, USOS E COSTUMES

DOS INDIGENAS DO DISTRICTO DE INHAMBANE

Acompanhado de um vocabulario em

SHITSUA, GUITONGA E SHISHOPE

A. Sr. L. Hugo de Lacerda
offerecer

POR

Augusto Cabral

LOURENÇO MARQUES
IMPRENSA NACIONAL
1910

Edwin Loeb donation

Um regulo landim (segunda invasão)

e justiça que um ente inferior merece sempre de um outro, *que lhe é e será sempre superior*. Trabalhando para elles, trabalhamos para nós.

Esta aproximação entre branco e preto é absolutamente necessaria, devendo-se sempre, de preferencia, recorrer aos meios suaves e persuasivos, destruindo-lhe os defeitos e elevando-lhe as qualidades, e só quando não puder deixar de ser, recorrer aos outros tambem.

Constitue problema bastante complexo, para as nações coloniaes, a administração da justiça sobre as populações indigenas africanas, mas quer-me parecer que tal problema se simplificava muito se antes de educar o preto se educasse o branco que se destina ás colonias. D'isto se tem descurado.

Finda a primeira phase, a do dominio pela força das armas, procurou-se tentar a aproximação, lançando-se mão dos missionarios, uma vez, por iniciativa propria dos Governos, outras vezes, por protecção á iniciativa alheia, mas ambas as formas falharam.

Muito pouco se adiantou; e senão vejamos como o missionario comprehendeu a sua missão. O missionario antigo ainda tinha um merito; embora a sua obra fosse de todo o ponto nulla, pois que d'ella poucos vestigios existem, vinha por vocação, devido ao misticismo da epoca, aproveitado como instrumento politico, e a Africa de então não era a Africa de hoje, e não poucas vezes os indigenas agradeciam, com uma azagaiada bem lançada, os cuidados espirituaes que os missionarios lhes procuravam ministrar.

Dado este improficuo resultado, alhearam-se d'elle os Governos. Começou então a iniciativa particular, que, olhada a principio com interesse e benevolencia, degenerou em escolho, que pode trazer graves embaraços ao regular andamento da administração sobre indigenas.

Vejamos tambem como o missionario moderno comprehende o seu papel.

Há o missionario *pratico*, que pouco se importa com a cultura espiritual do indigena. A casa da missão é um estabelecimento commercial, e os discipulos os caixeiros d'elle; a venda de um pano de algodão vale bem uma lição de moral! e uma saca de amendoim tem mais valor que uma definição sobre a omnipotencia de Deus. Estes são os menos perigosos!

Um regulo landim (primeira invasão)

Temos em seguida o missionario commodista. Boa casa, boa mesa, boa cama e molecas (leia-se discipulas) para todo o serviço.

Tempo perdido a ensinar moral e religião aos indigenas! Assim pensa e assim vae colhendo as palmas do martyrio. Prega ás vezes, por distracção, a temperança; o caso de Frei Thomaz...

Tambem não é perigoso e ás vezes até concorre para o augmento da população.

Temos chegado ao missionario *politico*. Prega ao indigena a igualdade em tudo para com o branco e, o que é peor, o direito á sua completa independencia. O branco é um intruso! A Africa é d'elles (e dos missionarios). O europeu é um inimigo que o indigena deve procurar expulsar. O indigena não deve trabalhar para o branco!

E, além d'estas, outras theorias similhantes.

Estão vendo os bellos resultados de similhante maneira de cathechizar! A theoria menos perigosa, das enunciadas, dá, segundo o raciocinio do indigena, o seguinte: Para o preto, o branco nunca trabalha. Estar um dia agarrado a uma mesa a escrever, vender ao balcão mercadorias ou fazer qualquer outra coisa, para o indigena não representa trabalho. Por trabalho só entende aquillo que elle proprio faz; por exemplo: cavar com uma enxada, que é justamente o que elle não vê fazer ao branco, em Africa, e seguindo o seu raciocinio, e considerando-se igual ao branco, entende que tambem não deve trabalhar! O resultado das outras theorias só pode trazer revoltas, em que o indigena ha de sempre ficar de peor partido; vidas a menos, dinheiro gasto inutilmente e tornar mais profundo o odio de raça. Sobre as origens da guerra de 1894–1895, muito haveria a dizer a tal respeito. As repetidas revoltas do Natal são exemplos bem frisantes.

Estes missionarios, como são intelligentes, explorando a ingenuidade do indigena, vão fazendo o seu pé de meia, e, um bello dia, vão descançar após tão laboriosos e fatigantes trabalhos.

Ás vezes vão mais depressa do que queriam, devido a complicações com as autoridades.

Neste districto, *por ora*, o indigena dá antes a preferencia á politica da autoridade, apesar de todos os defeitos d'ella, que ás innumeras vantagens offerecidas por esta especie de missionarios.

Como vêem, as desveladas protectoras das missões africanas

melhor seria empregarem o seu elevado altruismo com os muitos milhares de desgraçados que lá teem ao pé da porta e que são seguramente muito mais infelizes que os indigenas africanos (pelo menos os d'este districto), para quem a natureza foi prodiga pondo-lhes ao alcance da mão tudo quanto necessitam.

Dos missionarios catholicos pouco ha a dizer. Não são *praticos*, *commodistas* ou *politicos*. Mal pagos, são missionarios por necessidade.

Vão para as missões, como poderiam ir para um estabelecimento esperar os freguezes. São missionarios como poderiam ser alfaiates: fatos feitos e por medida, á vontade do freguez. Um ou outro dá que falar de si, entretem-se com os discipulos em coisas demasiadamente profanas.

Aqui ficam esboçados, ainda que ligeiramente, quaes os meios empregados pelos missionarios encarregados de levantar o nivel intellectual do indigena africano; mas os negrophilos da Europa não desistem.

As experiencias que já teem feito não lhes servem de ensinamento. A da Republica da Liberia devia-lhes mostrar que trilham caminho errado.

D'esta experiencia o que resultou?

Um Estado para rir e sêllos para colleccionar; a alfandega hypothecada e meia duzia de caixas de genebra para os ministros beberem; a receita dos correios hypothecada tambem a uns fardos de algodão para tangas; e entrevistas com o presidente a troco de umas garrafas de aguardente.

Atavismo e regresso não são palavras vãs!

As incoherencias dos taes negrophilos são manifestas. Em principio, parecem que desejam que o intellecto do negro se nivele, ou, quiçá ainda, exceda o do branco. (Salvo melhor opinião, parece-me que até a natureza a isto se oppõe). Em seguida, governar-se o indigena a si proprio, em completa independencia. Felizmente que existem muitas outras razões que obrigam a caminhar sempre no campo da utopia os sectarios de similhante doutrina, por numerosos que sejam e por muito elevadas que sejam as suas vozes.

Mas cabe perguntar aqui, de onde é que, em geral, saem estas vozes? Da America e da Inglaterra, onde, justamente, existem mais arreigados os preconceitos de raça; na America, onde ainda hoje se lyncham os pretos; na mesma America, onde ainda ha

Povoação landin

bem pouco se levantou enorme celeuma porque o então presidente Rosevelt sentou á sua mesa um professor de côr; na Inglaterra, que estremeceu de horror porque num collegio de uma colonia se deu o desfloramento de uma educanda por um homem de côr; o enorme escandalo que houve quando em Londres uma dama raptou um zulo, que pertencia a uma *troupe*, e tantos outros exemplos.

Eu proprio fui testemunha de um caso, que é flagrante. Na missão de... d'este districto, foi encontrado em doce *tête-à-tête* uma missionaria europeia com um missionario de côr, liberiano. Para abafar o escandalo, foram obrigados a casar pelo bispo. As idades d'estes dois noivos sommavam o bonito numero de 120 annos, pelo menos! Aconteceu que, tendo de ir á Beira, encontrei no mesmo vapor o ditoso par; o vapor era inglez e escusado será dizer que, á mesa, nunca se sentou o infeliz marido; comia sósinho em cima (?!). Por acaso fomos para o mesmo hotel, tambem inglez! A mesma scena! O marido servindo como um criado, de pé, a esposa; e nesta mesa estavam outros missionarios. Quiz observar se o homemzinho comeria na cozinha e fui esperando. Toda a gente se foi retirando, inclusivé a esposa, até que fiquei eu só na sala com o padre liberiano. Nesta occasião veiu um criado ter commigo, pedir-me se não me incommodava, visto já ter acabado a refeição, que o padre se sentasse a uma mesa para poder comer.

Outra vez, estando eu em Durban, num hotel, vi toda a gente retirar-se quando um homem de côr se sentou a uma mesa. Era, segundo me disseram, um ricaço e apresentava-se bem vestido. Nos comboios não é permittido a um homem de côr ir em qualquer classe e o mesmo succede a bordo dos vapores, e muitos outros casos.

Onde está, pois, essa tão apregoada igualdade?

Mesmo sem pedir desculpa, direi que ha, por parte dos taes negrophilos, uma boa dose de hypocrisia e, assim, por exemplo, ninguem se incommoda quando na Macedonia se dão carnificinas a que não escapam mulheres e crianças.

Em compensação, por causa de um indigena do Natal, que estava preso e condemnado a ser fuzilado pelo crime de rebellião, até interpellações houve no parlamento inglez e collocaram em grandes embaraços o Governo.

Nos seus resultados praticos, o negrophilismo de muitos brancos,

que do indigena africano só conhecem o que lêram na *La Case de l'Oncle Tom*, de M. Beecher Stow, concorre mais para o atrazo dos indigenas que as leis administrativas, por mais defeituosas que sejam. Em resumo: o que pretendem os negrophilos e certos legisladores, que entendem applicar a brancos e a pretos as mesmas leis?

Os primeiros pretendem fazer do indigena um ente pensante, profundo em sciencias abstractas, um sabio em theologia, um philosopho em moral, um pensador em religião!...

Saber manejar uma ferramenta, plantar uma arvore, escolher uma semente, isto é bom só para brancos!!!

Chegam a querer regalias e direitos para o indigena, que o branco na Europa não tem; mas não dormem com certeza menos tranquillos depois de receberem os avultados dividendos das acções das minas do Transvaal, que custam a vida de muitos milhares de indigenas.

Dos preclaros legisladores só uma profunda ignorancia lhes serve de desculpa.

A uns e outros responderei, segundo o meu modo de vêr, sob a forma de educar o indigena, que seja ao mesmo tempo util e pratica.

Julgo ser uma chimera pensar que um indigena pode assimilar por completo a civilização europeia; em primeiro logar, porque a isso se oppõe a natureza, e, se a sciencia anthropologica não é um mytho, esta demonstra facilmente a veracidade da affirmação. Diz-se que se atrazaram na marcha da civilização. É possivel que as mesmas causas de hoje fossem as de então, mas se não foram, dar-se-ia o caso que, quando chegassem até nós, já nós tambem estariamos tão afastados d'elles como hoje estamos. Depois, ha defeitos de raça no indigena d'este districto, e só a estes me refiro, que por maior que fosse o grau de civilização a que chegassem, duvido que desapparecessem. Ha opiniões em contrario, e é possivel que seja eu que erre, mas o futuro se encarregará de demonstrar quem acertou, e digo no futuro na hypothese de que os frisantes exemplos já colhidos, no passado e no presente, nas outras colonias, ainda não sejam sufficientemente convincentes para os idealistas, suppondo que os haja de boa fé. É assumpto que dá logar a larga controversia, quando não ha mais nada em que pensar.

Na generalidade, ainda noto outra lacuna no indigena: a falta

Palhota landina

de memoria e difficuldade enorme em comprehender as coisas mais simples.

Não sei se ha civilização possivel que possa supprir estas faltas.

Encarando por outro lado a questão, pretende-se, diz-se, civilizar o indigena criando-lhe necessidades. Eu sou apologista d'esta theoria, mas dentro de uns certos limites, e assim, por exemplo, fraca idéa lhe dariamos da nossa civilização obrigando o indigena, nos primeiros passos d'esta senda, a andar calçado, o que só serviria para o incommodar. Postas certas restricções nesta forma de civilizar exteriormente, e áparte o que ha de hypocrisia na accepção em que a palavra civilizar é tomada (sim porque, na verdade, o que ha é a necessidade dos brancos venderem os seus productos, que outros brancos fabricam), direi que este é um dos caminhos a seguir para combater um dos seus maiores defeitos, a sua natural indolencia.

Este meio, porém, só, não basta: é preciso fazel-o trabalhar, ainda que não queira.

Outra necessidade é combater o uso do alcool e isto se está fazendo, um pouco violentamente, é certo, mas de effeitos mais seguros que quantas predicas lhe pudessem prégar os missionarios.

Deixa de beber alcool porque não tem com que o fazer e não por virtude, ainda que durante seculos lhe mostrassem os effeitos perniciosos d'elle. Os outros defeitos podem ser attenuados, mas nunca desapparecerão por completo.

Civilizar o indigena não é fazer d'elle um bacharel ou um literato e sim um bom trabalhador ou um bom operario.

O campo e a officina vale bem mais para o indigena que a universidade ou o lyceu. Já por cá temos algumas amostras do que aproveitaram nas escolas da Europa alguns indigenas que para lá mandaram estudar. Sabem escrever o sufficiente para fazer vales falsos em nome dos patrões.

Na confecção das leis administrativas a applicar a indigenas, deve-se sempre ter em vista que ellas sejam simples e claras, só alterando os seus usos e costumes quando for absolutamente necessario e d'ahi provenha alguma utilidade, e não pelo simples desejo de querer collocar brancos e pretos no mesmo pé de igualdade.

D'estas ultimas já, infelizmente, temos algumas, e os resulta-

dos são, como não podia deixar de ser, contraproducentes. Não podendo praticamente serem applicadas, e estando, todavia, em vigor, resultam, é claro, flagrantes contradicções que devem dar ao indigena uma pessima idéa da *justiça de branco!*

É opinião minha, assente sobre uma longa pratica de convivio com o indigena d'este districto, que se pode fazer d'elle um bom agricultor e um bom operario, o que, a meu vêr, é o sufficiente e para isso possue qualidades que devem facilitar a tarefa. É submisso e docil e mostra aptidões para a agricultura e para os trabalhos manuaes, e combatido que seja o seu maior defeito, a preguiça, muita coisa se pode obter d'elle com utilidade e proveito para todos.

Antes de terminar, lancemos um golpe de vista retrospectivo, pelo que *nos vae cá por nossa casa, como quem diz*, no districto de Inhambane.

A nossa politica para com o indigena, desde a nossa occupação, pode dividir-se em tres periodos.

O primeiro, que abrange um longo espaço de tempo de quatro seculos, desde a descoberta e occupação até 1894, não nos deixa vestigios do que tivessemos feito em nosso proveito ou no do indigena. A nossa situação, até á invasão dos Vatuas, era a de vizinhos indifferentes, deixando á mercê da Divina Providencia a continuação do tremular das quinas no alto de um mastro, na villa de Inhambane.

A providencia, neste caso, apparecia-nos disfarçada no espirito pouco bellicoso e egoista dos indigenas, pouco propensos a allianças entre elles, e assim deixavam o governador e as restantes autoridades numa relativa tranquillidade.

Esta esteril situação foi de repente abalada com a chegada do conquistador negro, collocando-nos num plano ainda mais inferior. D'aquella data em diante, é em volta dos regulos Vatuas, tornados astros de primeira grandeza, que gravita toda a politica indigena. A nossa presença de nada servia aos indigenas; quando muito, limitavamo-nos a servir de intermediarios nas questões entre estes e contra as investidas do Manicusso e seus successores.

Neste papel de medianeiros ou de pretensos protectores nem sempre nos saímos bem, como succedeu no combate do Chicungussa contra a gente do Gungunhana, em que o nosso prestigio levou golpe profundo.

A razão principal da nossa existencia devia-se á exportação de escravos, cêra, marfim, e á limitada importação de meia duzia de enxadas, fardos de algodão, espingardas e missanga. Se os indigenas, além do milho, outras culturas conheceram, isso se deve á iniciativa particular. Dos missionarios que por cá andaram nem a mais pequena amostra que nos permitta ajuizar do valor da sua obra.

Resumindo, temos que, neste primeiro periodo de quatro seculos, a acção governamental limitou-se a valorizar o Brasil com a exportação de escravos que para lá mandavamos.

Depois da abolição da escravatura até 1894, nada se fez, além da manutenção de meia duzia de officiaes e soldados e de uma duzia de presidiarios.

Não se educou o indigena, não se desenvolveu o commercio nem a agricultura; nada de util, emfim.

Que a Africa era só boa para degredados. Assim se pensava e se procedia no Terreiro do Paço.

O segundo periodo, comprehende de 1894 a 1904. A guerra de 1894 e a prisão do Gungunhana veiu mudar por completo o anterior estado de coisas, no que respeita á nossa occupação. Esta deixa de ser nominal para se tornar effectiva. Começa o dominio pela espada, fazem-se fortunas nos commandos militares. Tem começo a era dos impostos, dos sellos e dos papeis.

Paga o preto e paga o branco. Das nossas relações com os indigenas não se cura, nem d'isso se preoccupam os ministros.

Não ha regulamento de trabalho, não ha escolas de artes e officios, quintas experimentaes ou introducção de novas culturas, nada se faz que torne menos pesado ao indigena o nosso dominio.

O Governo explora a emigração, obriga os indigenas a trabalharem de graça nos commandos, recrutam-se *voluntarios* (á força) para o serviço militar, prohibe-se-lhes a caça de toda e qualquer especie e cria-se-lhes um imposto sobre a pesca; mas, em compensação, o indigena é cidadão eleitor perante a lei!!!

Resumindo, temos que, neste periodo de dez annos, além da occupação effectiva, nada mais se fez.

Chegámos, emfim, ao terceiro periodo. Entra em vigor o novo regimen de administrações civis, cujos effeitos, até agora, só se teem feito sentir apenas sob o ponto de vista moral, evitando certos abusos que nos envergonhavam e rebaixavam aos olhos dos indigenas.

No resto, como antes, nem escolas de artes e officios, quintas experimentaes, distribuição de sementes aos indigenas, ou ensaios por estes de novas culturas. O Governo continúa a viver da emigração e do imposto de palhota.

Este, que era de meia libra, passou para uma libra, sem que todavia alguma compensação fosse dada aos indigenas.

O processo de recrutamento continúa a ser o mesmo. Não ha um regulamento de trabalho nem um codigo de justiça indigena.

No relatorio do sr. Augusto Cardoso, de 1907, a paginas 112, e referindo-se á emigração, vê-se o seguinte:

.. e dado que nós nada fazemos para nos tornarmos sympaticos á nossa população indigena e para a fixarmos, não é exaggerado prevêr que em dez annos o numero de indigenas *fixados*, ou residindo temporariamente no Transvaal, será, pelo menos, de 50:000, com prejuizo muito sensivel para a agricultura e commercio do districto ....

Uma absoluta modificação a este estado de coisas presumo estar ainda longe, pois antes que se modifique o estado social e economico do indigena, temos primeiro que alterar o nosso, *se nos derem tempo.*

Inhambane, 21 de janeiro de 1908.

Augusto Cabral.

Batuque landim (Mussongola)

NOTA PRÉVIA

Para designar as tres raças existentes neste districto emprego tres vocabulos, um dos quaes não é o verdadeiro, sob o ponto de vista scientifico.

Temos em primeiro logar o Landim. Sobre a origem da palavra, diz o sr. Torre do Valle [1], falando dos Landins ou Barongas de Lourenço Marques:

> A origem d'este nome (Landim) não é perfeitamente clara, mas julgo poder attribuil-a ao verbo *ku landya*, seguir; d'ahi: *di landye* ou *landi*, segue-me (de onde provém *nandua, nanda* ou *landya*, escravo, subdito, criada). A lingua portugueza parece ter horror ás terminações em *i*, de onde resulta nella se nasalarem com *m* final: *si, sim*; *cherubi, cherubim; rubi, rubim; mendoi, mendoim*, etc.
>
> Nas provincias do norte de Portugal diz-se mesmo: *aquin, aqui; vin, vi*, etc. Nada, portanto, mais natural que á pergunta dos primeiros portuguezes desembarcados na costa do districto, de: Quem sois vós? os indigenas, não comprehendendo, respondessem: *di landi*, segue-me ou *di landya*, eu sou escravo, ou subdito. Conclue-se talvez d'aqui, que eram *landis* ou *landins*, e o nome ficou.

A explicação do termo, se não é a verdadeira, é, pelo menos, muito acceitavel, mas, apesar d'isto, eu resolvi (talvez mal) continuar com o termo *landim* (no singular). Qualquer outro nome que adoptasse para designar esta raça, seria completamente novo neste districto, e como a palavra landim é, desde de remotas eras, aqui conhecida até entre os indigenas, adoptei-a neste pequeno trabalho e ainda porque o uso faz lei.

---

[1] *Diccionario Shironga-Portuguez, Portuguez-Shironga.*

O dialecto landim denomina-se *Shitsua*.

Referindo-me aos Batongas, direi que todos os europeus dizem, e officialmente escrevem: *Bitongas*, quando se referem aos indigenas da raça Tonga.

O termo é incorrecto. Tonga se diz no singular, e no plural *Batongas*, e *guitonga* o seu dialecto. *Ba* é a forma do plural dos substantivos que designam pessoas.

Pela mesma razão se devia dizer *Bashopes* e esta era a forma verdadeira, mas succede que é exactamente aquella que não tenho visto empregar. Uns, dizem *Muchopes*, aportuguezando a forma do plural, o que redunda em gorda asneira, porque *mu* é a forma do singular e quer dizer: um *shope*; outros, dizem *Machopes*, que tambem é erro; *ma* é uma forma do plural que se refere a coisas. Tambem tenho visto escripto *M'chops*. Não sei o que quer dizer o apostrophe e tão pouco o *ps* no final da palavra. Eu escreverei *Bashopes* (no pl.), que é o que deve ser, e ao seu dialecto *shishope*.

Os mesmos erros de pronuncia e orthographia se notam sempre que os europeus se referem aos nomes proprios que começam por *nh*, antepondo-lhe um *i* e nasalando a palavra, e assim se diz: Inhambane, Inharrime, Inhassune, Inhadugua, Inhaxinga, etc., quando devia ser: Nhambane, Nharrime, Nhassune, Nhadugua, Nhaxinga, etc.

Como, porém, este vicio de pronunciação é muito antigo e está profundamente inveterado, melhor será não lhe tocar, principalmente quando houver referencias a regiões, rios, etc., que são já conhecidos.

Raças, usos e costumes dos indigenas do districto de Inhambane

Existem no districto de Inhambane tres raças distinctas, a saber: Landins, Bashopes e Batongas.

Devido a uma errada interpretação, já muito arreigada entre os antigos residentes, davam-se ainda como existentes outras duas raças: Badongues e Macuacuas. Ora os primeiros são apenas o producto do cruzamento entre Landins (sexo masculino) e Bashopes (sexo feminino). Os segundos, conhecidos pelo nome de Macuacuas, são puros e genuinos Landins, sem mistura de outra raça.

As raças mencionadas acham-se assim distribuidas pelo districto:

VILLANCULOS. — Landins.
MASSINGA. — Landins.
PANGA. — Landins, Bashopes e alguns Batongas.
MORRUMBENE. — Batongas e alguns Landins.
HOMOINE. — Landins (Macuacuas e outros), Bashopes e Batongas.
MAXIXE. — Batongas e Landins.
CHICOMO. — Bashopes e raças cruzadas (Badongues).
PANDA. — Landins (Macuacuas e outros) e alguns Bashopes.
INHARRIME. — Bashopes, Landins, Batongas e Badongues (raça cruzada).
ZAVALLA. — Bashopes, Landins e Balengues (raças cruzadas).
GUILALA. — Batongas e Landins.
CUMBANA. — Batongas, Landins e Bashopes (estes ultimos em menor numero).

De onde vieram estas raças?
Qual a sua origem e o seu primitivo *habitat?*
A epoca provavel d'estas invasões?

A taes perguntas só se pode responder com hypotheses, mais ou menos acceitaveis, mas que de fórma alguma resolvem por completo o assumpto.

Dos indigenas de Inhambane, as informações mais antigas que temos são as cartas do padre André Fernandes, que datam dos meados do seculo XVI, que pouco elucidam.

Estes povos não conservam tradições, o que mais difficil torna a tarefa de procurar conhecer-lhes a origem.

As informações que dos actuaes indigenas se obteem são, por assim dizer, quasi nullas, por serem muito recentes.

Temos, pois, que acceitar uma das duas hypotheses, unicas que se apresentam, emquanto á origem das tres raças existentes: ou descendem dos Hottentotes ou Buschmans, os presumiveis primitivos habitantes da Africa Austral, ou ainda do cruzamento d'estes, e, por ultimo, hypothese mais provavel, da grande familia Bantu. Quem conhece ainda hoje o Hottentote e as descripções que temos do Buschman, terá occasião de vêr quanto superiores a estes são os Bachopes, Landins e Batongas, tanto moral como physicamente. Os Hottentotes e os representantes actuaes do Buschman são de baixa estatura, feições grosseiras, formando um todo antipathico e repellente, e, apesar da progressiva evolução a que estão sujeitos todos os seres, conservam ainda quasi todos os caracteristicos que primitivamente possuiam.

Ora os Batongas, Landins e Bashopes são em tudo superiores áquelles e mostram aptidões que nos outros se desconhecem.

E', porém, do estudo comparado dos dialectos falados pelas raças de Inhambane e outras que habitam o norte e centro da Africa, que se obtem quasi a certeza que Batongas e Landins pertencem á grande familia Bantu.

Sobre os Bashopes ainda pode haver duvidas e estas apoiam-se nas seguintes observações: O Mushope é considerado como um ente inferior pelos Batongas e Landins e é tratado com desprezo por estes, desprezo a que elle humildemente se submette; come tudo que aos outros causa repugnancia: cobras, lagartos, crocodilos, milhafres, etc.; é desconfiado e ganancioso em extremo; o uso e fabrico exclusivo que o Mushope faz do *muputo* [1], que substitue os tecidos de algodão com que se cobre e que elle conhece desde remotos tempos; a sua destreza e aptidão no fabrico de cordas vegetaes; a facilidade com que a mulher Shope se entrega aos indigenas de outras raças.

Em opposição a estas observações, que nos podiam levar a crêr que o Mushope poderia descender, não directamente do Buschman ou do Hottentote, pelos argumentos já citados, mas do cruzamento de uma d'estas raças com qualquer ramo Bantu, temos que o Mushope é justamente, de todos os indigenas, o que mais

---

[1] Mechallo ou txalo (*Ficus Sp.*)

Mulher Landim

se dedica á agricultura, e é de todos, tambem, o mais industrioso e commerciante. Como os Batongas e Landins, tem tambem o costume da circumcisão. A raça Shope apresenta tambem, como as outras, bons exemplares altos, fortes e bem constituidos. No trabalho das minas, no Transvaal, é o indigena shope preferido para os trabalhos subterraneos, por se mostrar mais submisso que qualquer outro ás ordens que recebe de descer á mina. É tambem o indigena que mais emigra para o Transvaal. Nos dialectos falados por Bashopes, Landins e Batongas dão-se os mesmos casos antagonicos.

Palavras do dialecto Shishope com a mesma significação, apresentando grande analogia com as dos outros dialectos, e outras, pelo contrario, parecendo que nenhuma affinidade teem com ellas. Exemplos:

Shishope	Landim	Guitonga	Portuguez
Utau	Monduane	Libaguéu	Depois de ámanhã
Tenga	Achacana	Bangoagana	Está bom
Tissimbo	Mavella	Mavella	Seio
Nhama	Nhama	Nhama	Carne
Kume	Kume	Licume	Dez
Ingoma	Ingoma	Ingoma	Tambor-batuque

O que concluir?

Faltam-me dados e conhecimentos para resolver tal problema.

Quando é que estas invasões se deram?

Da raça Landim, sabemos nós que foi a ultima, recorrendo ao que a tal respeito nos dizem os indigenas e por factos que ainda hoje se observam. Das outras duas só temos o que nos diz o Frei André Fernandes [1]: «*e a causa d'estes Mocarangos estarem entre os Batongas, cercados de todas as partes, foi porque um Rei Mocarango veiu com a sua gente e pelejou com o senhor d'elle e tomou-lhe as terras, e assim ficou entre os Batongas*», etc.

Na nota segunda, a paginas 23, da memoria do sr. Ayres de Ornellas, *Raças e linguas em Moçambique*, lê-se o seguinte:

«*Tonga, capital do reino de Gamba*», diz o padre Gonçalves; Paiva e Pona accrescenta: «*talvez onde está Pachamo*»; «*não conhecemos logar nenhum, no districto de Inhambane, com esse nome*», diz o sr. Ayres de Ornellas; e accrescenta: «*e afigura-se-nos que*

[1] Extrahido da memoria do sr. Ayres de Ornellas, *Raças e linguas indigenas em Moçambique.*

esse reino de Gamba são hoje os Guambás ou Guambés. Ora a povoação do Guamba Grande, distava de Inhambane, quando lá passámos em 1895, cento e dez a cento e vinte kilometros».

Diz mais a nota: «*Este logar está sentado sobre um grande rio que vem do mar*». Em seguida commenta o sr. Ayres de Ornellas: «*E' possivel que nessa epoca o Inharrime desaguasse ainda no mar*».

Como o sr. Ayres de Ornellas, não conheço logar algum chamado Pachamo e a presumpção que aquelle senhor tem que o reino de Gambá seja o que hoje se chama Guambá (Guambá Grande e Guambá Pequeno) é de todos os pontos acceitavel, e, segundo as informações que alli obtive, estes logares sempre se chamaram Guambás e foram, desde remotos tempos, habitados por Bashopes.

Na mesma nota, mais adiante: «*trinta leguas pelo sertão dentro*».

Observa o sr. Ayres de Ornellas, e com razão: «*que só dista cento e dez a cento e vinte kilometros de Inhambane*». Que o padre Gonçalves se tivesse enganado em alguns kilometros é erro sem importancia e facil de comprehender.

E continúa: «*Este logar está assentado sobre um grande rio que vem do mar.*» A isto diz o sr. Ayres de Ornellas: «*E' possivel que nessa epoca o Inharrime desaguasse no mar*».

A supposição é verdadeira, e observações feitas, posteriores a 1895, provam que o Inharrime desagua no mar ainda hoje.

E', portanto, licito suppor que, quando se deu a invasão Shope, já existiam Batongas ao longo da costa, como ainda hoje se conservam; que da mesma fórma o nucleo da raça Shope ainda hoje habita as margens do rio Inharrime, e o facto de algumas familias Bashopes se terem dispersado pelo districto foi devido ás

Portuguez	Inhambane			Quelimane	Sofala	Sena	Tete	
				—	—	—	—	
	Shitsua	Guitonga	Shishope	Ichuabo	Iboani	Issena	Inhungue	Uazeruru
Abelha	Inhoxe	Inhosse	Inombe	Nui	Nhuchi	Nhuchi	Nhuchi	Junsi
Casa (palhota)	Inju	Nhumba	Nhumba	Numba	Nhumba	Nhumba	Nhumba	Mumba
Dente	Tino	Liguá	Likuaza	Lino	Zino	Zino	Zino	Mino
Fome	Injala	Injala	Inzala	Dala	Jara	Jara	Jara	Nzara
Dia.....	Lissiko	Lissigo	Lixigo	Siku	Jiko	Siku	Sinko	Zua
Cão.....	Inguana	Imbua	Imbua	Muanabua	Imbria	Muanambua	Buaya	Imbua
Gallinha	Uko	Kugo	Kuko	Ku	Uku	Kuku	Kunku	Uku
Chuva	Vula	Janje	Ku-a	-	-	-	-	-
Seios	Vele (ma. pl.)	Bele	Tsumba	-	-	-	-	-
Atar.....	Kubôa	Guunga	Kusunga	-	-	-	-	-
Barriga.....	Marrumbo	Guirrumbo	Xirrumbo	-	-	-	-	-
Lingua	Lirrime	Lidime	Lidime	-	-	-	-	-
Abrir	Kuvulula	Gutula	Kutula	-	-	-	-	-
Hombro.....	Likaxa	Likata	Likata	-	-	-	-	-

amiudadas razzias que as impis dos Vatuas faziam naquella região.

A unica coisa que se sabe com certeza da epoca das duas invasões, Tonga e Shope, é que foram anteriores ao seculo XV.

Não é difficil de acreditar que a raça Tonga tivesse vindo do norte da Provincia e que, quando d'ahi saiu, do seu contacto com os traficantes arabes tivesse trazido o costume da circumcisão e o seu gosto pelas coisas do mar. Para reforço d'esta hypothese, temos ainda a similhança dos costumes dos Batongas com os povos de Sofala e outras regiões de além Save, e, o mais importante, a similhança e profunda analogia de muitas palavras empregadas nos dialectos falados não só pelos Batongas, mas tambem pelos Landins e Bashopes, com os dialectos de varias raças do norte.

Exemplos:

Fumo (Guitonga), que quer dizer: regulo ou cabo. Nos povos de Sofala emprega-se a mesma palavra para designar a mesma coisa.

Entre os Maraves diz-se: *mueneuluzi,* chefe de povoação, e, entre os Batongas, *muenedanga.*

Como se vê, *muene* é commum a ambos os dialectos.

Ha ainda melhores exemplos:

Nhama, carne, commum a todos os tres dialectos, significa a mesma coisa e diz-se da mesma fórma em Macua e Suahili.

O mesmo succede com a palavra *n'goma,* tambor ou batuque; *muto,* pessoa; e muitas outras que apresentam grandes affinidades.

De uma velha memoria, extrahi o seguinte quadro comparativo de algumas palavras dos dialectos do norte e dos dialectos falados neste districto:

No vocabulario appenso apresentarei outros exemplos.

Moçambique				Cabo Delgado		Rovuma	Lomué	Moçambique	Angoche
						—	—	—	—
Makanga	Marave	Maganja	Ajaua	Mavia	Makonde	Macúa	Macúa	Macúa	Macúa
Junchi	Nhuchi	Njuchi	Nhuchi	–	–	–	–	–	–
Munhumba	Nhumba	Nhumba	Nhumba	–	–	–	–	–	–
Chibuano	Tsino	Dzino	Lino	–	–	–	–	–	–
Honjara	–	Njara	Sala	–	–	–	–	–	–
Massiko	Nsana	Siku	Liúa	–	–	–	–	–	–
Garu	Garu	Garu	Mbua	–	–	–	–	–	–
Kassipassere	Kuko	Nkuku	Nguku	–	–	–	–	–	–
–	–	–	–	Mbula	Mbula	Ipula	Ebula	Epula	Epula
–	–	–	–	Mavele	Manéle	–	–	–	–
–	–	–	–	Ku unga	Ku unga	–	–	–	–
–	–	–	–	Kitumbri	Chitumbu	–	–	–	–
–	–	–	–	–	–	Nlimi	Limi	–	Lime
–	–	–	–	–	–	Ukunula	–	Utugula	Ujula
–	–	–	–	–	–	Nikata	–	Ekata	Nikata

Parece que, em seguida, se deu a invasão Shope e, por fim, a Landina, mas esta muito modernamente.

Da ultima, tambem nós sabemos que se deu por duas vezes: a primeira, nos fins do seculo XVIII, e a segunda, nos principios do seculo XIX, que deu logar ao nome por que ficaram sendo conhecidos estes Landins: *Macuacuas*.

A origem d'este acontecimento foi o seguinte:

O pae do Espadanhana [1], Binguana, e o avô de Magandane [2], Dindane, filhos de Cambahane, por causa da successão por morte d'este, vieram ás mãos, tendo sido batido o Dindane e obrigado a refugiar-se em terras de Inhambane com os seus adeptos. Não tendo, nos primeiros tempos, productos agricolas com que se alimentassem, viram-se obrigados pela fome a comerem frutos silvestres que encontravam. Entre estes abundava a macuacua, de que faziam largo consumo, e d'isto lhes veiu o nome.

O nucleo dos Landins, d'esta segunda invasão, tendo encontrado o litoral e o sul já occupados, e sendo o norte pouco fertil, concentraram-se ao centro do districto.

Sem deixar uma lacuna importante, não podia deixar de me referir aos Badongues, Balengues (raças cruzadas), Mandaus e Landins vatualizados.

Badongues. — Como anteriormente disse, são o producto do cruzamento entre Landins (sexo masculino) e Bashopes (sexo feminino), e hoje formam uma parte relativamente importante da população do districto. Devido, porém, ao cruzarem-se tambem entre si, mostram claramente signaes de degenerescencia physica.

São de fraca constituição, e nelles as doenças de peito fazem mais estragos que em quaesquer outros. A sua linguagem é uma mistura de *shitsua* e *shishope* e o mesmo succede com os seus usos e costumes.

Balengues. — É facto apurado que os Batuas ou Vatuas, que fixaram as suas residencias em terras de Gaza, se cruzaram com as raças alli existentes.

---

[1] Espadanhana succedeu a seu pae Binguana no regulado. As suas terras estendiam-se, para oeste até quasi ao rio Limpopo, e éste, até aos Shopes.

Era o unico que fazia frente ás investidas do Gungunhana.

Foi deposto e desterrado para Moçambique pelo então governador de Gaza, Gomes da Costa, em 1898, por querer guerrear um seu vizinho, o regulo Cuio.

Mais tarde, foi de novo mandado regressar ás terras, attendendo aos bons serviços prestados á columna durante a guerra com o Gungunhana.

[2] Magandana. Por morte de seu pae Maunze, succedeu-lhe no regulado, mas, desconfiado e medroso em extremo, recusava-se a comparecer nas *banjas* para que era chamado, e, apesar de cumprir todas as ordens que lhe eram transmittidas pelas autoridades, não havia forma alguma de falar com elle pessoalmente.

Como similhante facto ameaçasse complicações, foi resolvido entre parentes eleger um outro regulo, succedendo-lhe então um tio, Cocalane, que ainda hoje exerce essas funcções.

Raparigas landinas

Um d'estes cruzamentos entre Bashopes (sexo feminino) e os Vatuas, deu origem aos Balengues.

Estes occupam hoje as regiões limitrophes de Manjacaze[1] e lagoa sul ao sul d'esta, estendendo-se até ás terras da circumscripção de Zavalla, na parte que limita com terras de Gaza.

Mandaus. — É sabido que os Vatuas[2], nas suas invasões ás terras de Gaza, se faziam acompanhar de gente pertencente a raças avassalladas. Quando o Gungunhana se veiu fixar em Gaza, acompanharam-no grande quantidade de individuos pertencentes a uma raça, da qual nenhumas indicações tenho em referencia á sua origem[3]. A unica informação que d'elles pude obter é que, do rio Save ás terras dos seus antapassados, ia uma grande distancia e lá haviam grandes mares, segundo elles proprios dizem. É possivel que tivessem saído da região dos lagos. É curioso observar que os Mandaus, ao contrario das outras raças que estiveram sob o dominio dos Vatuas, foram um pouco refractarios á adaptação dos usos e costumes d'estes, e assim é que ainda hoje se observam nos Mandaus o uso de furarem o labio superior e arrancarrem os dois dentes da frente, uso que, aliás, tende a desapparecer.

O que caracteriza profundamente estes indigenas é a hypocrisia rematada de que são possuidores. Prodigos nos comprimentos e nos sorrisos, são de uma velhacaria que os torna despreziveis.

Note-se que isto não são apenas observações minhas, são observações tambem feitas pelos outros indigenas. Habitos adquiridos por escravos que temem e desejam agradar ao seu senhor. São tão caracteristicos estes traços moraes, que por elles se fazem immediatamente conhecer. Quando, em terras de Gaza, alli ouvi que o proprio Gungunhana d'elles se arreceava. Depois da prisão d'aquelle potentado, muitos regressaram ás terras de onde tinham vindo. Hoje, os Manduas encontram-se no districto misturados principalmente com os Landins (Macuacuas).

Landins vatualizados. — Existem, como umas pequenas colonias, no districto de Inhambane, mas em numero muito limitado. A maior parte, e esta mesma não vae além de tres ou quatro po-

---

[1] Manjacaze, celebre por ter sido residencia do Gungunhana. A lagoa sul fica ao pé, e creio ser alli ainda a séde de uma circumscripção. Ignoro se, ultimamente, foi d'alli mudada.

[2] Em Gaza, por mais diligencias que fizesse, não consegui nunca que os indigenas me explicassem satisfatoriamente a origem da palavra *vatua* e, o que ainda mais, desconhecem-na na accepção em que os europeus a tomam, ou, se hoje conhecem, é por a terem ouvido aos europeus. Os Landins e Batongas d'este districto dizem: *munguno* e *banguno* (pl.), *unguno* e *manguno* (pl.). Os Bashopes: *mutua* e *batua* (pl.). Nos tres dialectos: gente, povo, diz-se: *vanu* e *vatu*, *bantu* e *batu*, para designar muita gente. *Vatuas*, dizemos nós quando nos referimos aos guerreiros que acompanhavam Manicusso, Muzila e Gungunhana, que eram zulos. Deve ter havido corrupção das palavras *batua*, *bantu* ou *batu*.

[3] Tambem são conhecidos por Munhaes.

voações, encontra-se quasi a meio caminho da estrada de Cumbana para Coguno, em Chagazane, circumscripção de Inharrime. Ao contrario dos Mandaus, sendo Landins de origem, adquiriram todos os usos e costumes dos Vatuas.

***

Para facil distincção de raças temos, em primeiro logar, os caracteres physicos de cada individuo, mas estes, nas tres raças existentes, são uniformes; porisso os principios applicados a uma, na generalidade, podem ser applicados a todos.

Em homens escolhidos ao acaso obtive a seguinte média da sua altura:

Landins, 1^{m}.66;
Bashopes, 1^{m},69;
Batongas, 1^{m},64.

Coloração da pelle: côr parda, mais ou menos escura. O negro carregado é menos vulgar; muitos casos de xanthismo e alguns de albinismo. Carapinha na cabeça, barba rala e menos encarapinhada. São raros os casos de calvice. Fronte estreita, beiços muito grossos, nariz largo, ventas achatadas e abertas.

Entre os Landins encontram-se mais facilmente typos com as feições mais finas e correctas, tendo todos boas dentaduras. Em geral são fracos e acanhados de feitio, embora aqui e alli appareçam ainda alguns bons exemplares, e o que hoje se torna regra, eram antes excepções.

É nos indigenas de mais de quarenta annos que se observa este facto: como num periodo relativamente curto, o definhanmento da raça se germinou e como a sua marcha se tornou rapida. Vê-se que eram homens fortes, de solido organismo, o contrario do que succede á moderna geração. Não foram causas hereditarias que deram logar a esta transformação, e unica e simplesmente se devem procurar no alcoolismo e na emigração. Estas duas causas, além de atacarem profundamente a sua constituição physica, veiu trazer tambem, como não pode deixar de ser, um mal social de funestas consequencias: o decrescimento da população.

Resumo historico

Impossivel se torna preencher o enorme vacuo que o longo periodo de quasi quatro seculos, desde a descoberta até 1845, deixa na historia dos povos do districto de Inhambane, motivado pela falta absoluta de quaesquer documentos elucidativos que se diz terem desapparecido numa explosão de polvora que se deu antes de 1845.

Reza outra versão, que, tendo a villa sido atacada, antes d'aquella mesma epoca, os sitiados lançaram mão de todos os papeis antigos para fazerem buchas para as espingardas. Por outro lado, a ausencia total de lendas ou tradições, e ainda a curta memoria dos indigenas, concorre tambem para converter as opiniões que sobre o assumpto se formem em hypotheses de fraca authenticidade.

Os esclarecimentos que obtive dos chefes indigenas, mesmo de alguns de idade avançada, nada adiantam e, quando muito, as suas reminiscencias, no que respeita á sua ascendencia, não vão além dos seus antepassados que deram os nomes ás terras que habitam e dirigem.

Presume-se que, depois da descoberta, Inhambane tivesse estado durante muito tempo por occupar e que, só de passagem, algum missionario, como succedeu a Frei André Fernandes, por aqui se tivesse demorado algum tempo.

A descoberta ter-se-ia dado, talvez, devido aos acasos de uma arribação forçada, a que tão sujeitas estavam as naus nas suas aventurosas viagens; mas, não lhe merecendo o porto o valor de uma occupação, e mormente nesta epoca, em que todas as attenções convergiam para os portos mais ao norte, de que se diziam coisas maravilhosas, o abandonassem depois de curta demora.

É possivel mesmo que, entre este facto e a palavra Inhambane, exista uma certa relação: Inhambane parece ser a corrupção da palavra guitonga *ambane* (adeus), e assim ter-se-ia formado uma lenda: que, quando os portuguezes partiam, os indigenas do litoral, á despedida, dissessem — adeus *(ambane)*.

Mais tarde, os portuguezes, parece terem estabelecido uma feitoria, tendo como principal objectivo o trafego de escravos, cujo destino principal era o Brasil.

Suppõe-se que a construcção da praça, de que hoje não restam vestigios alguns, coincide com a data da invasão do Manicusso (1820) [1].

É de presumir que antes não houvera necessidade de criar uma defesa permanente, devido á exiguidade da população e á sua indole pacifica, accrescendo tambem que a idéa da conquista de

---

[1] Manicusso era um dos chefes de guerra de mais prestigio do grande regulo zulo Tchaka. Cançado de fazer conquistas para o seu amo e senhor, resolveu, de accordo com um outro chefe de guerra, Muzilektazi, fazerem novas conquistas em beneficio proprio, tornando-se independentes.

Muzilektazi dirigiu-se para a região dos Mashonas, e Manicusso invadia, em 1819, os territorios de Lourenço Marques; seguiu depois o Limpopo e invadia o Bilene; e, em 1820, invadia por sua vez as terras de Inhambane. O Tchaka mandou um outro chefe de guerra, de nome Kaba, em sua perseguição, mas este foi batido em toda a linha, ficando o Manicusso senhor absoluto de immensos territorios. Viveu algum tempo na Mussapa, ao norte do Save, vindo depois fixar definitivamente a sua residencia no Bilene, onde morreu.

novos territorios parecia ter sido posta de parte, substituindo-a por fins puramente commerciaes.

O que era a nossa occupação fóra da villa, ainda mais meio seculo depois, isto é, 1853, dil-o o governador de Inhambane, Pedro Valente da Costa Loureiro, num officio ao ministro da Marinha:

As terras do dominio portuguez neste districto são habitadas por Batongas, calculando a sua população em 30:000 habitantes, dividida em quatro secções, a saber:

1.ª Sudoeste: terra dos Munhambes ou Inhambane Velho;

2.ª Ao sul: terras de Marranje, comprehendendo o regulo Nhampossa, Nhamelala e o regulo Cumbana, nos limites das terras; comprehendendo os cabos Coguana, Matenga e Nhamuxinga (junto á praia da Maxixe);

3.ª Ao norte: regulos Pautagana, Jogó, Furvela e Cundula;

4.ª Noroeste: limitava com os regulos Inguana e Savanguana.

Em 1830 ainda o regulo Cumbana era independente e tinha dado alguma coisa que fazer ás autoridades. No officio referido, fazia o governador outras observações: que os Batongas eram humildes e cobardes.

Por aqui se vê quanto limitada era a nossa soberania quando se deu a invasão dos Vatuas.

As perturbações causadas por estes foram enormes, e abalaram por completo o relativo socego que os indigenas até alli tinham gosado.

D'alli em diante propagam-se os habitos guerreiros dos Vatuas, surge a necessidade da defesa dos povos opprimidos, nasce a urgencia das allianças e começa para nós uma serie de vergonhas e desastres, que só terminam em 1895.

A nossa inação perante o chefe Vatua dá logar a que os indigenas, reconhecendo a nossa fraqueza, se insurjam contra a autoridade dos seus chefes, nossos alliados ou avassallados, e as dissenções entre elles se tornem vulgares. Os menos irrequietos conservam-se neutraes, á espera de ensejo favoravel para se passarem com armas e bagagens para o lado do mais forte.

Uma ligeira noticia do que consta do archivo da secretaria dará uma idéa aproximada dos vexames a que nos sujeitaram os Vatuas e o estado de abandono a que este districto esteve votado até 1895.

Anteriormente a 1845, o Manicusso, depois de ter invadido as

Ainda ha pouco tempo fui testemunha de um facto que mostra bem o prestigio que envolvia o Manicusso. Tendo ido a Chaimite, onde Mousinho de Albuquerque prendeu o Gungunhana, fui propositadamente ao local onde se diz estar enterrado o Manicusso e que dista d'aquelle ponto uns dois kilometros. Acompanhava-me um sipal de Chibuto. Quando alli chegámos, o sipal, apesar das tinturas da civilização que parecia possuir, não se pôde conter que não tirasse o cofió e não soltasse um sonoro e prolongado *baête* diante da moita de arbustos que nada tem de especial e que ensombreiam a jazida dos restos mortaes do potentado.

Homem Landim

terras de Gaza, invade tambem as de Inhambane e, avassallando todos os regulos independentes, chega até á villa, que ataca, nada se sabendo, porém, sobre os resultados d'este ataque. Tempos depois invadiam os Vatuas novamente as terras, vindo até Maxixe, ao local onde hoje se encontra a séde da circumscripção d'este nome.

Em 1844 procuram, mais uma vez, atacar a villa, saíndo-lhes ao encontro o governador, major Chaves, com os poucos soldados que tinha e os auxiliares que pôde arranjar, tendo-se dado um combate perto do rio Parrué [1]. Nelle morreram o governador, um alferes, quatorze soldados e um grande numero de auxiliares.

Em 1847 os Vatuas tentam, pela ultima vez, apoderar-se da villa, chegando até Cobane. Apesar de não conseguirem realizar o seu intento, não foram poucos os damnos causados, pois, na sua marcha, assassinavam os habitantes, queimavam as povoações, destruindo e saqueando tudo que encontravam.

No mesmo anno, o Maunze, chefe da tribu Landim-Macuacua, invadido pelo Manicusso, mandava embaixada ao governador, A. Paulo de Sousa, pedindo protecção ao Governo Portuguez e propondo uma alliança. Este Maunze, que de futuro nos havia de dar bastante que fazer, era filho de Dindane, que, pelos motivos já referidos, emigrára de terras de Gaza por desavenças com um irmão, Bingoana, e viera occupar as terras ao centro do districto. Bingoana e Dindane eram filhos de Cambanhane e netos de Zó, o maior regulo das terras de Gaza [2] antes da invasão Vatua. O Manicusso, sabedor do acto praticado pelo Maunze e não ignorando que a villa estava defendida, mandava a Inhambane uma embaixada, com um dente de marfim de presente, perguntar se o Maunze era nosso tributario, e, sendo verdade, que este lhe fosse entregue. O governador respondeu evasivamente e ao mesmo tempo, aproveitando a saída de um navio de vela, que ia para Moçambique, officiava ao governador geral, pedindo com urgencia forças e generos para sustento dos habitantes da praça, por recear hostilidades por parte do Manicusso, e pedia tambem que lhe fosse permittido alliar-se com Maunze.

Este mesmo governador queixava-se, noutros officios, que o contrabando de armas e polvora se fazia abertamente; que com os Batongas se não podia contar, por serem muito cobardes, e que fugiam ao primeiro rebate; que, para complicar mais a situação, todos os dias se davam questões entre brancos e pretos por causa dos escravos e do marfim.

Em 1849 o governador, Francisco Xavier Ferreira, communicava que tinha vindo encontrar a villa e o sertão em guerra.

---

[1] A doze kilometros da villa.
[2] Terras pertencentes hoje á circumscripção dos Shopes de Gaza.

Queixava-se que no tempo do seu antecessor se tinham feito estragos em terras do regulo Inguana, nosso alliado, motivo por que este e o Savanguana invadiam as terras dos Batongas, e que as Terras da Coroa se limitavam ao litoral. Fazia queixumes, dizendo que o commandante da companhia era cobarde, os soldados insubordinados, e as poucas forças que tinha entregues a civis.

Em 1850 dizia o mesmo governador para o Governo Geral que os Landins se achavam todos sublevados, tendo á sua frente o mais importante, o Inguana, não deixando tranquillos os Batongas; que, emquanto se defendiam pelo norte, eram atacados pelo sul, e que todos os Landins eram tributarios do Manicusso. Pedia mantimentos para prover a praça no caso de um ataque eventual e dizia, textualmente, o seguinte: «e não tendo eu força mais que para defender a villa, ficam as machambas expostas á pilhagem d'elles e então teremos que vêr a mais horrivel fome ir devastando estes infelizes habitantes; por todos estes motivos, rogo a v. ex.ª, condoendo-se das infelicidades d'este districto, o soccorrer com mais cinco ou seis mil panjas [1] de mantimentos, além das que peço noutro officio», etc., e mais adiante: «e tambem que, por meio do governador de Lourenço Marques, v. ex.ª dê as suas ordens para que se façam as pazes entre o referido Manicusso e este districto». Por ultimo, este governador dizia num officio que o governador seu antecessor tinha sido o causador de revoltas por motivos de historias de marfim.

Este anno (1850) parece ter sido fertil em acontecimentos. A população amotina-se, prende o governador e outros funccionarios por arbitraridades commettidas; são embarcados á força num brigue e enviados para Moçambique para o Governo Geral. A anarchia era completa. Os indigenas chegavam a desarmar a guarda do forte. Á chegada do novo governador, a população e os soldados, com receio de represalias, abandonam a villa e fogem para Cobane. É necessario parlamentar, e o novo governador garantir que tudo será esquecido, para os habitantes voltarem para as suas casas.

Em 1851, o governador, Pedro Valente da Costa Loureiro, pede a demissão por não poder cumprir, segundo elle diz, as promessas que tinha feito aos indigenas. Neste anno, o Manicusso manda uma embaixada para fazer as pazes.

Em 1852, as coisas parece não terem melhorado, porque o governador lamentava-se, dizendo que as *banjas* não se podiam realizar devido ao estado de rebellião dos indigenas e que as unicas communicações que existiam com Lourenço Marques, que eram por terra, se não podiam effectuar, por serem a maior parte das vezes interceptadas no caminho.

---

[1] Medida antiga para solidos, usada neste districto, equivalente a trinta litros.

Homem Landim

Em 1856, o governador, A. Correia da Silva Leote, pedia que lhe dessem guarnição para poder defender a villa e informava que os portuguezes nem mesmo o commercio com os indigenas já tinham, porque este estava nas mãos dos hollandezes.

Em 1859, sendo governador M. Nicolau Pontes de Atayde, apresentou-se o regulo Nhacoongo a prestar vassallagem e, no mesmo anno e para o mesmo fim, apresentavam-se os regulos Inguana, Savanguana e Zonguza, dizendo não poderem supportar mais as exigencias do Manicusso. Neste anno morre este famoso regulo, dando-se immediatamente muitas desordens no interior. Logo no anno seguinte Maunze começa a dar de si. Recusa-se a entregar os escravos pertencentes aos europeus e que se tinham refugiado nas suas terras. Invade e apodera-se das terras do Nharruluga. Em resposta ao Governo, que o intima a fazer a entrega das terras ao regulo invadido, responde: que só as entregaria quando nós lhe entregassemos tambem a gente do regulo Xindavana [1], refugiada nas Terras da Coroa.

No anno seguinte, o Maunze pagava caro estas gentilezas, pois que o successor do Manicusso, seu filho Mauéua, mandava uma embaixada ao governador de Inhambane, lembrando-lhe o que antes se havia combinado entre elle e os portuguezes, de, alliados, fazerem a guerra ao Maunze, de que ambas as partes tinham aggravos. Os aggravos a que o Mauéua se referia eram por o Maunze, logo depois da morte do Manicusso, se ter recusado a prestar-lhe vassallagem.

Tendo o governador concordado, formou-se uma columna, composta de trezentas e sessenta espingardas, tres bocas de fogo, oitenta praças da companhia dos mouros e auxiliares, commandada pelo governador, tendo-se-lhe juntado as *mangas* [2] enviadas pelo Mauéua, com quatro mil homens.

Pouco depois deu-se o combate em Muconja, tendo sido o Maunze completamente derrotado. Pouco antes de terminar o combate, e já quando a derrota do chefe Macuacua era inevitavel, a familia d'elle ainda tentou fugir, mas os Vatuas, apesar da opposição feita pelo governador, assassinaram-lhe a mãe e um filho, assim como os prisioneiros, que já tinham em seu poder. O regulo Matimbi, parente e alliado do Maunze, tentou fazer as pazes com os Vatuas, mas estes recusaram se. Pouco depois d'estes acontecimentos, o governador mandava uma embaixada,

---

[1] Ignoro quem fosse este regulo. Consta apenas que elle foi morto pelo Maunze, tendo nesta occasião fugido toda a gente d'elle para as Terras da Coroa.

[2] *Mangas,* termo Zulo, similhante ás nossas divisões. Os Vatuas tinham os seus guerreiros divididos por columnas e estas em destacamentos. Cada região tinha a sua *manga* e o seu chefe proprio. O recrutamento fazia-se proporcionalmente, conservando-se apenas metade do exercito em serviço activo, fazendo-se, porém, rapidamente a mobilização. Surprehende similhante organização.

cujo chefe era o capitão-mór das terras, Francisco A. Rangel, ao Mauéua, agradecendo-lhe, por elle ter cumprido a sua palavra e, ao mesmo tempo, communicava-lhe ter reintegrado nas suas terras o Nharruluga e perguntava-lhe tambem quem tencionava collocar no logar do Maunze, que constava ter morrido no combate. A embaixada foi encontrar o Mauéua *muito zangado comnosco (sic)* por termos, segundo elle dizia, dado abrigo ao Maunze para lhe ficarmos com as terras, e que tendo elle Mauéua dado ao ajudante das terras, Daúto Amade, um dente de marfim, este não lhe tinha mandado o que promettera em troca. Succedeu que, antes d'esta embaixada se retirar, appareceu uma outra do Maunze, tendo-se apurado nesta occasião que elle conseguira fugir, auxiliado pelo chefe das *mangas* Vatuas, que era seu genro. Em acto continuo o Mauéua deu ordem para cortar a cabeça ao tal chefe. Mais tarde o governador demittia, para dar satisfação ao Mauéua, o tal Daúto. Tempos depois mandava o Mauéua, por sua vez, uma embaixada a Inhambane, dizendo que promettia castigar os roubos; não consentiria mais caça aos elephantes e que mandaria retirar a gente que hostilizava o presidio (Bazaruto) [1].

Em 1862 apresentava-se ao governador um chefe Vatua do Muzila [2], communicando que o Mauéua tinha sido batido e substituido por seu irmão Muzila e que convidava o governador a fazer-se representar na sua coroação. Informava tambem que, como successor do Manicusso, desejava viver bem com os portuguezes; que castigaria todos os roubos praticados no tempo do seu irmão e que sabia muito bem que a bandeira de Lourenço Marques era a mesma de Inhambane. Ao passo que assim falava um chefe de côr, dava-se um conflicto entre o governador de Inhambane, Guilherme de Portugal, e o de Lourenço Marques, porque, segundo este dizia, o primeiro protegia os regulos tributarios de Muzila e dava guarida aos chefes de guerra de Mauéua, com quem mantinha relações secretas. O resultado d'este conflicto não tardava que produzisse os seus effeitos, começando novamente a serem invadidas as terras de Inhambane. No mesmo anno, o governador, J. Eduardo Ribeiro, dizia para o Governo Geral que nestas questões entre o Muzila e Mauéua *quem pagam as differenças são os povos de Inhambane e que procurava ter re-*

---

[1] As ilhas do Bazaruto foram dadas ao Governo em 1857 pelo regulo Micissa.

[2] Por morte do Manicusso, dois dos seus filhos, Mauéua e Muzila, julgaram-se ambos com iguaes direitos á successão. D'este facto surgiu um conflicto armado entre elles, tendo o Muzila de fugir, indo refugiar-se no Transvaal. Em 1862, Muzila, auxiliado pelo governador de Lourenço Marques, travava varias batalhas, onde o Mauéua perdeu o poder, tendo de emigrar para o norte do Transvaal. O Muzila compromettera-se com o Governo, em em troca do auxilio prestado, a constituir-se vassallo de Portugal. Muzila morreu na Mussápa, succedendo-lhe seu filho Gungunhana.

Homem Landim-Macuacua — Chefe de povoação

lações amigaveis com o Muzila, senhor de facto de todos os sertões (sic) e que lhe mandára uma embaixada que trouxera a seguinte resposta: Que desejava manter boas relações com os portuguezes, permittindo o negocio no mato e poderem caçar elephantes, mas, em troca, exigia que lhe entregassem dois chefes antigos do Mauéua e umas mulheres Vatuas que estavam em poder da gente de Inhambane. A esta exigencia respondeu o governador: que os homens não os entregava por se acharem ao abrigo da bandeira portugueza e as mulheres não sabia onde se encontravam.

Na villa davam-se diariamente questões entre mouros e christãos, e os caçadores de elephantes, que de Lourenço Marques vinham ás terras de Inhambane, originavam muitos milandos. O regulado de Zavalla principiava a fazer falar de si, pelo grande numero de roubos e assassinatos que alli se praticavam, em virtude do que o governador, Guilherme Frederico de Portugal e Vasconcellos, resolveu lá mandar uma força e auxiliares, sob o commando de João Loforte. Quando a força chegou a Nhangela, apresentou-se o regulo Mocumbi a prestar vassallagem e, dois dias depois, o Guilundu. Chegou a força a Zavalla e o regulo desculpou-se com o seu vassallo chamado Dunhe, contra quem foram dirigidas as operações, tendo o Dunhe de fugir, depois de ter offerecido uma pequena resistencia. Ainda este incidente não estava terminado, outro surgia no Inguana. Os Vatuas tinham ido ás terras d'este regulo para roubarem marfim, tendo-lhes sido apanhadas grandes quantidades pela força que lá foi, dirigida tambem por J. Loforte [1].

Sendo governador, pela segunda vez, João Eduardo Ribeiro, em 1869, vem o regulo Macupulana[2], de Gaza, pedir uma alliança com o Governo. Este regulo sustentára uma guerra de seis mezes com o Muzila e Maunze, alliados. O governador recusou-se, e, confidencialmente ao Governo Geral, explicava: *que sem armas não serviam para nada as allianças com pretos.*

Até os Batongas se insurgiam contra a nossa autoridade. Tendo morrido o regulo Jigódodo, de Cumbana, apresentaram-se dois pretendentes: Guemete e Quingane. Como o segundo tivesse sido pelo regulo, á hora da morte, indicado para seu successor, foi elle o escolhido. O Guemete recusou-se a reconhecer o novo regulo e *exigia ao Governo* que o fizesse tambem regulo e lhe désse parte das terras. Foi preciso mandar para lá uma força, para obstar a que o regulo fosse corrido e expulso das terras. Em terras do Savanguana tambem se davam disturbios por

---

[1] Era conhecido entre os indigenas por *Nhafôco*, corrupção de *Loforte*. Durante muito tempo, e ainda hoje, fóra do districto os indigenas de Inhambane são conhecidos por Nhafôcos.

[2] As terras d'este regulado pertencem hoje á circumscripção dos Shopes de Gaza.

causa da successão. Novamente o Zavalla se queixava de se terem revoltado contra a sua autoridade os seus cabos Cavela e Dacale. O governador manda intimar os referidos indigenas a prestarem obediencia ao regulo, mas estes declaram que não acatavam a intimação e que se sentiam dispostos a repellir qualquer força. Teve o governador de enviar novamente uma força e auxiliares a Zavalla, que atacou as povoações e fez fugir os rebeldes.

Em 1869 ainda informava o mesmo governador ao governador geral da Provincia, o seguinte: «Neste districto, a situação que occupa Muzila, a uma distancia de trinta dias, pelo menos, o Muzila tem todo o territorio e dominio, que qualquer força saída d'este districto tem forçosamente de percorrer para lá chegar; tem o regulo Muzila uma grande parte da sua força em destacamentos pelas terras. Esta gente não deixaria de certo passar uma diligencia, ainda que forte, saída d'este districto com destino ao seu regulado, e qualquer força mandada, a não ser respeitavel, seria forçosamente sacrificada, correndo tambem o districto grave risco de ser evadido pela gente de Muzila, estabelecida no Bilene, e pelo nosso vizinho Maunze, que é subdito do Muzila, o qual já sustentou uma guerra com este districto por dois annos; estando em nosso auxilio a gente do Mauéua-Maunze, foi batido, mas não foi sujeito e de certo não perderia um bom ensejo de hostilizar o districto», etc., e, adiante: «O regulo Muzila, apesar das diligencias que tem tido com seu irmão Mauéua, dispõe de muita gente que tem no Bilene, ao sul d'este districto, espalhada pelas terras que domina e outra, junta de si, além do Save. Seria grande vantagem para toda a Provincia, e especialmente para os portos do sul, bater-se este regulo e limpar o sertão d'esta maldita raça de Vatuas, desde Lourenço Marques até ás proximidades de Senna, porém, Inhambane, por si só, nada pode fazer, a não ser declarar-se uma guerra muito forte a Muzila, saída a ao mesmo tempo de Lourenço Marques, Inhambane e Sofala, saída a maior força para o regulo, na posição que occupa».

Esta nota referia-se ao pedido de alliança e vassallagem do Macupulana.

Em 1870, parte dos subditos do Inguana, auxiliados pelo Maunze, revoltavam-se contra o regulo, tendo-se conseguido nesta occasião, com o auxilio de força armada, aprisionar os principaes cabecilhas, Guipene e Marrivatana.

Em 1875, o regulo Bogucha, desapossado das suas terras pelo Maunze, de quem era tio, vinha pedir auxilio ao Governo, promptificando-se a prestar vassallagem; mas o governador, V. Silveira Maciel, recusou-se a intervir, com receio de complicações. A mesma resposta dava ao regulo Guilundu, que pretendia ser subdito da Coroa. Numa nota, communicava o governador que o Zavalla se apossára de terras pertencentes á Coroa Portugueza.

Em 1877, vem o regulo Mazive pedir protecção, queixando-se

Mulher Landina

de ter sido desapossado das suas terras pelo Muzila, de quem era subdito. O governador, todavia, recusou-se a ter qualquer interferencia no assumpto, pois, como elle proprio dizia num officio: «Era intervir e hostilizar Muzila, o que seria um grande erro, cujas consequencias podiam ser ao districto bastante funestas por ser muita a gente do Muzila e estarem as terras da Coroa, vergonha é dizel-o, em completo estado de abandono» e, mais adiante: «Além d'isto, de nenhuma vantagem seria para o Governo emprehender uma guerra, que poderia num momento fazer-lhe perder o pouco prestigio que ainda tem entre os cafres, só com o fim de conquistar terras de pouca importancia e tornar a collocar um regulo que só agora se lembra da protecção do Governo Portuguez». Neste anno morre o Maunze, succedendo-lhe Canhavano.

Em 1880, Muzila invadia novamente as terras dos regulos Mocumbi e Cumbana.

O capitão-mór requisitava armas e o governador respondia-lhe que só poderia fornecer ... *umas oito espingardas em bom estado*. Sobre esta nova proeza do Muzila, officiava o governador que *se conservava na espectativa a vêr em que paravam as modas!* (*sic*) e explicava as intenções do Muzila e os motivos por que este queria bater o districto. Muzila mandára a sua gente fazer guerra a Manoel Antonio, mas um dos seus chefes de guerra, de nome Chaficar, não se apresentou com a sua gente, tendo, porisso, sido condemnado á morte ou, na alternativa, de lhe serem apresentadas quarenta pessoas da familia d'elle. O tal chefe fugiu, tendo ido pedir protecção ao Mauéua, que o não pôde attender, tendo toda a familia vindo refugiar-se nas terras da Coroa, facto que não era ignorado pelo Muzila. Noutras notas dizia tambem este governador que a situação do districto era miseravel, exposto diariamente ás correrias dos Vatuas, e que o nosso dominio sobre as limitadissimas Terras da Coroa eram, por assim dizer, nullas. Previa tambem graves acontecimentos por morte de Muzila. Num relatorio dizia, entre outras coisas: «As Terras da Coroa estão cercadas pelos pretos *Landins* chamados Vatuas, cujo chefe, no norte, é actualmente Muzila, filho do antigo potentado Manicusso. É aquella raça nossa inimiga figadal e tambem dos indigenas avassallados que constituem raças mui diversas d'aquellas: Bitonga, Midonga e Burrangueira (!?). *Esta mesma diversidade de raças tem protegido o districto*».

Em 1879, o governador, J. C. de Almeida, queixava-se amargamente dos funccionarios que superintendiam sobre as Terras da Coroa e que uma grande parte das vezes concorriam para as questões indigenas. Tentou-se, pela primeira vez, fazer uma palhota na Maxixe, mas foi impossivel. Apresentou-se neste anno a prestar vassallagem o regulo Matimbine, facto de que se orgulhava o governador, e neste sentido felicitava o governador geral! Começa a emigração de indigenas para o Natal. Revoltam-se

os regulos Zavalla e Mindu. É para lá enviada uma pequena expedição, commandada por José Loforte, e em que tomou parte tambem Caldas Xavier. Esta campanha durou quatro mezes, tendo sido, por ultimo, batidos os dois regulos. Nella morreram alguns europeus.

Em 1882, o Canhavane invadia o Mocumbi. O então governador, F. Augusto Schwalbach, certificava que era com extrema difficuldade que se cobrava o tributo dos regulos avassallados [1]. Numa nota, referia que os capitães-móres ficavam com a parte de leão e que exigiam outros tributos illegaes aos indigenas e que estes se não queixavam com receio de serem punidos por elles. É criado o commando militar de Inharrime.

Em 1885, apresenta novamente o regulo Zavalla a sua submissão. promptificando-se o Governo a esquecer as suas faltas passadas.

Em 1886, revolta-se o Quissico contra Zavalla. Intervem no conflicto o Governo com uma força. Neste anno presta vassallagem o Binguana [2]. No mesmo anno, sendo já governador A. Vidal de Sousa, apresentaram-se para prestar vassallagem os regulos Mazive e Muabsa, mas o governador não a quiz acceitar, com receio de complicações de Gaza, e censurava o facto de se ter acceitado a vassallagem do Binguana. O residente junto do Gungunhana communicava que este ia mandar fortes columnas atacar os regulos Villanculos, Masive, Tenane, Muabsa e Inguana. Resolveu o governador enviar ao encontro do chefe de guerra das *mangas* Vatuas, chamado Mapiniana, o general Fornazini, com instrucções para se avistar com elle e mostrar-lhe a necessidade de sustar as suas forças, fazendo-lhe ao mesmo tempo vêr que o Governo não tinha acceitado a vassallagem d'aquelles regulos. Partiu, effectivamente, o general, mas, pouco depois, sabia que os Vatuas já tinham invadido as terras pelo norte e que o regulo Massinga fôra batido. Como os Vatuas mostrassem intenções de atacar a villa pelo sul, foram tambem para alli mandadas forças. Os regulos do norte mobilizam todos os seus guerreiros. O mesmo fazem os do sul. Os regulos Macuacuas quedam-se

---

[1] Este tributo consistia em cereaes e só mais tarde começaram a pagar em dinheiro.

[2] Binguana, irmão do Dindane e successor de Cambanhane, foi um dos regulos de Gaza que nunca se submetteu completamente aos regulos Vatuas e o unico que lhes offereceu séria resistencia. Umas vezes só, outras vezes alliado com os regulos Shopes, sustentou varias guerras com Mauéua, Muzila e Gungunhana. Por morte do Binguana, succedeu-lhe seu filho Espadanhana, que igualmente se conservou hostil ao Gungunhana. Ainda hoje existem vestigios das palissadas e fossos que os povos avassallados do Binguana e Espadanhana construiam para resistirem aos Vatuas. Refugiavam-se tambem no centro das lagoas, onde construiam palhotas em cima de estacas, por ser expressamente defeso aos Vatuas entrarem dentro de agua. Desconheço a origem d'este singular costume, assim como o de não poderem comer peixe.

Rapariga Tonga

neutraes. As forças que tinham ido para o sul são mandadas retirar para Cobane, não se sabendo porquê, e as forças do norte estacionam em Morrumbene. Poucos dias depois, os Vatuas invadem o Inguana. O general Fornazini envia as forças de seu commando ao seu encontro.

A 23 de outubro de 1886 dava-se o combate do Chicungussa [1], em que fomos completamente derrotados, tendo morrido alguns brancos e muita gente dos regulos alliados. Em seguida ao desastre, como os Vatuas teimassem em permanecer nas terras, principia a luta de emboscadas e guerrilhas, que a natureza do terreno e matas densas favorecem. Não tarda que os Vatuas comecem a enfraquecer; alguns morrem envenenados por terem comido generos deixados por uns missionarios. Os mantimentos faltam e a morte dizima-os em grande numero, pelo que se vêem na necessidade de se retirarem.

Em 1887, os Vatuas invadem outra vez as terras, vindo até Mutamba. O mesmo fazem em terras do Binguana, que, com o nosso auxilio, consegue fazer frente aos Angonis [2].

É certo que os Vatuas soffrem revezes, mas a falta de socego continúa, obrigando a conservar-se uma permanente vigilancia. Ao norte, uns cabos de Mazive revoltam-se contra o regulo e passam-se para os Vatuas. O regulo pede auxilio ao Governo, mas este recusa a intrometter-se, e o regulo vê-se obrigado, só por si, a mettel-os na ordem. Neste anno vieram prestar vassallagem os regulos Mazive e Tenane. O Magandane [3], successor de Canhavano, declara-se abertamente pelos Vatuas. São criados os commandos militares de Tembe [4] e Maxixe. O regulo Matimbe é preso e enviado para Moçambique, por se ter envolvido em guerra com um seu vizinho, o regulo Nhamussua, por uma questão de limites.

Em 1889, o intendente de Gaza avisava o governador de Inhambane que todas as forças do Gungunhana, com este proprio á frente [5], deviam atravessar o districto em direcção ao Bilene, recommendando que devia haver toda a cautela, muito principalmente pelo odio que o Gungunhana nutria pelo Binguana. No mesmo sentido se manifestava o governador geral, dizendo que devia haver muita prudencia e se devia mandar ao encontro dos Vatuas gente conciliadora, a fim de evitar conflictos. Sobre a passagem do Gungunhana, dizia o governador, para o Governo

---

[1] Chicungussa fica em terras do regulo Inguana, circumscripção de Panga, e a uns vinte kilometros da sua séde.

[2] Nomes por que eram conhecidos os Vatuas.

[3] Successor do seu irmão Maunze.

[4] Depois mudou-se definitivamente para as terras do cabo Manhica.

[5] Viveu durante muito tempo na Mussápa (Companhia de Moçambique). Nessa occasião resolveu fixar a sua residencia no Bilene, por lhe terem morrido alli duas das suas mulheres.

Geral, entre varias coisas: «Que estou certo serem as intensões do Gungunhana as melhores possiveis com relação aos povos de Inhambane e *nem menos era de esperar do animo generoso do vencedor de 1886* (referia-se ao combate de Xicungussa). O que, porém, julgo é que será difficil evitar conflictos. Gungunhana traz, segundo affirma o residente chefe de Gaza, cêrca de cem mil homens», etc., e depois: «para evitar complicações, mandei que os regulos do norte retirassem para o Mongo [1], onde acamparão durante os dias que durar a passagem dos Vatuas. A todos fiz saber que o Gungunhana vinha com intenções pacificas e que á nossa gente era absolutamente prohibido provocar os Vatuas». Sobre um conselho do governador de Lourenço Marques, para ter toda a gente armada, na eventualidade de qualquer acontecimento, o governador de Inhambane pedia instrucções ao Governo Geral, dizendo: «que preparar-se para a defensiva era uma ordem quasi de guerra». O governador geral respondeu: «que não devia armar ninguem, por ser imprudente». Depois da passagem do Gungunhana, officiava o governador para Moçambique, com immenso regosijo: «não ter havido guerra com os Vatuas na sua passagem pelas Terras da Coroa; que elles tinham roubado os mantimentos, mas não tinham morto ninguem; que tudo isto se devia ás ordens dadas, conseguindo-se fazer respeitar pelos regulos, gente em extremo *aguerrida* (*sic*) e ter feito com que estes tivessem offerecido presentes ao Gungunhana e víveres a seus guerreiros!»

Tendo já o Gungunhana fixado a sua residencia em Gaza, veiu o regulo Espadanhana [2] implorar protecção ao Governo contra o cêrco dos Vatuas e que lhe fazia morrer muitos dos seus vassallos de fome. O governador de Inhambane avistou-se com o intendente Casaleiro para pôr termo a este cêrco. O Casaleiro declarou, porém, existir um tratado com o Gungunhana, pelo qual se lhe promettia as terras do Espadanhana, e que elle não podia, sem quebra da sua dignidade e sem passar por desleal, obstar a que elle se apoderasse das terras que o Governo lhe dera. A população de Inhambane fez, nesta occasião, uma representação ao governador, pedindo-lhe para o Espadanhana continuar na posse do que era d'elle, tendo ido uma embaixada implorar do Gungunhana que levantasse o cêrco. O governador informava ao Governo Geral textualmente o seguinte: «É possivel que haja engano nas noticias e que o Gungunhana nem sequer pense (por agora) em atacar de novo as terras, mas o que é certo é estarem os regulos receosos, e não obedecerem ao Governo, por temerem desgostar o Gungunhana, *que julgam mais forte*».

---

[1] A dezoito kilometros da Maxixe.
[2] Filho do Binguana.

«Que o Gungunhana, esquecendo os compromissos contrahidos com o Governo Portuguez, vae, pouco a pouco, esbulhando os povos que nos pertencem e a quem devemos protecção», etc., e depois: «e... muito embora os residentes e intendentes asseverem, por conveniencia d'elles, o contrario, a verdade é que os factos estão demonstrando o contrario. É tal o receio que a gente de Inhambane tem dos Vatuas, que quasi posso affiançar que basta uma *manga* de Vatuas para ir do sul ao norte, levando diante de si, aterrados, os sipaes das terras». Noutras notas, fazia queixa dos intendentes, que, segundo as suas proprias palavras, só entendiam das suas conveniencias. Como prova de boa fé do Gungunhana, communicava que, naquella data, a gente do Gungunhana invadira os Shopes e acampára no Guilundu, de onde não queriam saír sem aprisionar o regulo de Zavalla.

Em 1891, o intendente, Paiva Raposo, officiava ao governador declarando que o Gungunhana queria novamente bater o Quissico e Zavalla, e pedia se auxiliasse o Gungunhana com uma metralhadora, e, por fim, informava que elle proprio tambem ia com as *mangas*. No mesmo anno, o Gungunhana mandava emissarios ao Inguana a fim d'este lhe prestar vassallagem. O Guilundu pratíca uma serie de extorsões e assassinatos. O Governo, depois de muitas queixas, intervem e intíma o regulo a apresentar-se, o que este só fez sob a ameaça de uma guerra immediata.

Em 1892, o Zavalla, Mavilla, Canda e Zandamella, alliados, declaravam guerra ao Quissico, Mindu e Guilundu, matando-lhes muita gente. Averiguada a origem d'esta guerra, veiu a saber-se que fôra o chefe das terras de Zandamella, induna e irmão do Gungunhana, que, por ordem d'este, a determinára e a dirigira com outros chefes Vatuas. Frisava o governador, em nota, acêrca d'este facto, a facilidade com que os regulos Shopes, victimas do Gungunhana, se puzeram de repente dispostos a auxiliar este contra povos da mesma raça e vizinhos, sendo todos nossos avassallados. No mesmo anno, um cabo de Cumbana, Jano, auxiliado pelo regulo, destruia e matava muitos indigenas das terras de um seu tio, Nhancaje. O governador mandou que um major procedesse immediatamente contra os dois, mas este recusou se, não se sabe porquê. Queixava-se o governador que estes casos de insubordinação eram notorios. É criado o commando de Chicomo.

Em 1893, o Gungunhana, sob pretexto de uma caçada, quer reivindicar as Terras da Coroa, que dizia pertencerem-lhe, por terem sido do seu pae Muzila.

Em 1894, o regulo Massinga não quer obedecer ao Governo, não tendo chegado a haver coisa de maior, por ter para lá marchado uma força. Dois cabos do regulo Machavela guerrearam-se e combateram á vontade, sem que o Governo, ou o regulo, interviessem. Segundo a opinião do governador, a sua abstenção explicava-se *por a insubordinação não ser contra o Governo*. No mesmo anno é enviada uma força ao Nhakutô, a castigar este,

para dar satisfação ás reclamações do Gungunhana, que se queixava do Nhakutô dar protecção e acceitar toda a gente que lhe fugia. E, finalmente, neste anno que se iniciaram as operações de guerra, que terminaram no anno seguinte tão gloriosamente para nós. Resultou d'esta campanha o aniquilamento do imperio dos Vatuas, tornando effectiva a nossa soberania, que até alli só existia nas cartas geographicas. Démos aos indigenas um forte exemplo de força, que elles nos não suppunham e se tornava absolutamente necessaria, tirando-lhes, de futuro, quaesquer velleidades de resistencia.

***

Tanto quanto nos é dado conjecturar, cada raça teria tido um só chefe ou chefes por tribus emigradas em epocas differentes. No sul, e não em tempos muito longinquos, devia ter sido um ascendente do Zavalla o chefe supremo e fundador da dynastia Shope. Um ascendente do Mocumbi, teria sido simplesmente o chefe de uma tribu Landim e não o chefe d'esta raça, pois que outras tribus com a mesma origem, com os seus chefes proprios, teriam vindo occupar o norte, e é natural que estas tribus não viessem ao mesmo tempo. A agricultura, por exemplo, desde tempos immemoriaes, era conhecida dos Landins do sul, emquanto que, á data da invasão dos Vatuas, era ao norte quasi desconhecida, e, tanto assim, que estes ultimos chamavam aos Landins do norte Machenguas, que significa gente que vive só de raizes, de fruta e da caça [1].

No sentido em que os Vatuas empregavam o termo queriam significar o seu desprezo. Os successores e representantes dos antigos chefes dos Landins do norte deviam ter sido o Mazive e o Villanculos. Todos os outros regulos, como o Massinga, o Inguana e o Savanguana, são regulos de data relativamente recente. Com os Batongas deve-se ter dado o mesmo caso dos Bashopes. Creio ser um antepassado do Cumbana o chefe da raça Tonga. O chefe dos Landins-Macuacuas foi, como se sabe, o Dindane. O grande numero de regulos independentes que hoje existem é a consequencia natural do desenvolvimento da população e inevitavel expansão. Tambem contribuiu a politica seguida pelo Governo, a quem convinha este desmembramento de terras e de gente, mas que degenerou em excesso, criando embaraços á boa administração sobre os indigenas.

Procurei restabelecer a ascendencia, por ordem chronologica, dos regulos actuaes, e outros detalhes que interessassem á sua historia, mas, como se vê, pelas razões já citadas, ficou este trabalho muito incompleto, o que foi independente da minha vontade.

---

[1] Ainda o anno passado encontrei nas margens do rio Aluize alguns Landins vivendo nestas condições, miseravelmente.

Mulher Tonga

1.ª circumscripção

Villanculos

Regulado. — Mazive.
Regulo. — Zilo.
Raça. — Landim (1.ª invasão).
Limites das terras. — Terras dos regulos Inguana, Manhiça e Muabsa; terras do Guijá e rio Aluize.
Ascendencia. — Mazive: deu o nome ás terras. Xicassa, neto de Mazive. Tanguana, primo de Xicassa. Move, primo de Tanguana. Macuene, primo de Move. Massalala, irmão de Macuene. Ulane, irmão de Massalala. Chuboma, irmão de Ulane. Boelela, irmão de Chuboma. Chingogoluane, irmão de Boelela. Zilo, irmão de Chingogoluane e regulo actual.

Regulado. — Muabsa.
Regulo. — Macachula.
Raça. — Landim (1.ª invasão).
Limites das terras. — Terras dos regulos Mazive, Manhiça, Mapinhana e territorios da Companhia de Moçambique.
Ascendencia. — Muabsa: deu o nome ás terras. Ucbico, filho de Muabsa. Chichime, irmão de Uchico. Macuene, sobrinho de Chichime. Mauelele, irmão de Macuene. Riguinhane, irmão de Mauelele. Minhane, irmão de Riguinhane. Macachula, filho de Minhane e regulo actual.

Regulado. — Manhiça.
Regulo. — Tandavato.
Raça. — Landim (1.ª invasão).
Limites das terras. — Terras dos regulos Inguana, Mazive, Villanculos, Zonguza e Mapinhana.
Ascendencia. — Manhiça: deu o nome ás terras. Caicai, filho de Manhiça. Milalene, irmão de Caicai. Muluguiane, irmão de Milalene. Manhicane, irmão de Muluguiane. Rucuane, sobrinho de Manhicane: este regulo teve a revolta de dois cabos seus subordinados. Chanzucane, irmão de Rucuane: teve guerra com os regulos Inguana e Savanguana. Pachane, sobrinho de Chanzucane. Inze, tio de Pachane. Xigamane, sobrinho de Inze. Tandavato, irmão de Xigamane e regulo actual.
Mazive e Muabsa eram filhos de Massingue; Manhiça era irmão de Massingue; Massingue, filho de Xissuane; Xissuane, filho de Cangaza Rigane, o chefe da tribu e fundador da dynastia.

Regulado. — Mapinhana.
Regulo. — Colela.
Raça. — Landim (1.ª invasão).
Limites das terras. — Terras dos regulos Manhiça, Muabsa, Vil-

lanculos, Oceano Indico e territorios da Companhia de Moçambique.

Ascendencia. — Mapinhana: deu o nome ás terras. Muchesse, filho de Mapinhana. Maulela, filho de Muchesse. Chimbutza, irmão de Maulela. Colela, filho de Chimbutza e regulo actual.

Regulado. — Villanculos.
Regulo. — Mucosse.
Raça. — Landim (1.ª invasão).
Limites das terras. — Terras dos regulos Mapinhana, Manhiça, Zonguza e Oceano Indico.

Ascendencia. — Villanculos: deu o nome ás terras. Xivessele, filho de Villanculos. Mocumbi, irmão de Xivessele. Machanissa, sobrinho de Mocumbi. Manguele, primo de Machanissa. Masselane, irmão de Manguele. Nhabanhane, irmão de Masselane. Moiovane, irmão de Nhambanhane: foi deposto por incapacidade. Mucosse, irmão de Maiovane e regulo actual.

Villanculos era filho de Rechilambo; Mapinhana, neto de Rechilambo, o provavel fundador d'esta dynastia.

2.ª circumscripção

Massinga

Regulado. — Zunguza.
Regulo. — Macache.
Raça. — Landim (1.ª invasão).
Limites das terras. — Terras dos regulos Inguana, Villanculos, Massinga e C. I. Malova, Licumbe, Agui, Guizugo e Mahocha.

Ascendencia. — Chilombo: foi um dos regulos do districto que mais tempo reinou nas suas terras; era cabo avassallado de Villanculos, e, tendo-se revoltado, tornou-se independente; foi invadido pelo Manicusso, de quem se tornou tributario. Macomba, filho de Chilombo. Macache, filho de Macomba: invadido pelos Vatuas no tempo do Gungunhana; tornou-se vassallo do Governo em 1859; é o regulo actual.

Regulado. — Massinga.
Regulo. — Vago.
Raça. — Landim (1.ª invasão).
Limites das terras. — Terras dos regulos Villanculos, Zonguza, C. I. Chilacua, Basso e Oceano Indico.

Ascendencia. — Massinga: deu o nome ás terras; era vassallo do regulo Villanculos; revoltou-se, tornando-se independente e obrigando o regulo Villanculos a retirar-se mais para o norte, para as terras que presentemente occupa. Chuóhu, filho de Massinga: foi invadido pelo Manicusso. Liango, filho de Chuóhu: invadido pelo Manicusso. Limane, filho de Liango: invadido pela gente do

Mauéua. Nhafole, filho de Timane: este regulo foi assassinado por ordem do Inguana Mabacanhe, irmão de Nhafole: invadido pelo Gungunhana, de quem se constituiu tributario. Chipumbo, filho de Mabacanhe. Mazonda, irmão de Chipumbo. Modumo, tio de Mazoma. Gumena, irmão de Muduma. Machochuana, irmão de Gumena: foi deposto e desterrado para Zavalla por desobediencia ao Governo. Chipendane, irmão de Machechuana: deposto e desterrado para Villanculos, onde ainda vive.

3.ª circumscripção

Panga

Regulado. — Inguana.
Regulo. — Mussanhana.
Raça. — Landim.
Limites das terras. — Terras dos regulos Zonguza, Massinga, Mazive, Villanculos, Savanguana, Peúga, Guifutela, Cundula, Jogo e C. I., Quissico Grande, Cabo Primeiro e Madanjela.
Ascendencia. — Mataleque: um dos ascendentes d'este regulo era cabo avassallado do regulo Villanculos; tendo-se revoltado com os outros cabos Savanguana e Massinga, ficou sendo cabo d'este ultimo; mais tarde, um outro seu ascendente revoltou-se tambem contra o Massinga, tornando-se completamente independente. Boane, filho de Matalégue: invadido pelo Manicusso, de quem se tornou tributario; foi deportado para Moçambique, por ter guerreado com um chefe indigena. Marrumba, irmão de Boane: invadido pelos Vatuas do Mauéua. Chigamane: teve guerra com os portuguezes, originada por uma questão de um dente de elephante; prestou vassallagem ao Governo; era irmão de Marrumba. Manhalacule, irmão de Chigamane: teve uma revolta dos seus cabos Guipene e Marivatana, que eram auxiliados pelo Maunze; interveiu o Governo, que auxiliou o regulo, aprisionando os dois cabos. Linguelo, irmão de Manhalacule. Mapumule, irmão de Linguelo. Chicoze, irmão de Mapumule: foi no tempo d'este regulo que se deu o combate do Chicungussa, em 1886, contra os Vatuas. Togomela, sobrinho de Chicoze. Gueve, irmão de Togomela: invadido pelos Vatuas do Gungunhana. Marrivatana, primo de Gueva: esteve interinamente governando as terras por estar ausente o Mussanhana, em Moçambique, como soldado. Mussanhana, irmão de Marrivatana e regulo actual.

Regulado. — Savanguana.
Regulo. — Vago.
Raça. — Landim.
Limites das terras. — Terras dos regulos Inguana, Mazive, Machavela, Furvela e rio Domo.
Ascendencia. — Savanguana, antigo cabo Villanculos: depois da

revolta do Massinga, passou a ser cabo avassallado d'este; revoltou-se depois contra o Massinga, tornando-se independente. Manengue, irmão de Savanguana: prestou vassallagem ao Governo. Pó, irmão de Manengue. Malacha, irmão de Pó: no tempo d'este regulo deu-se o combate do Chicungussa. Minhota, irmão de Malacha. Macachula, irmão de Minhota: foi deposto e desterrado. Manicua, irmão de Macachula e ultimo regulo: foi deposto e desterrado para Zavalla, por falta de pagamento de imposto de cabaia.

4.ª circumscripção

Morrumbene

Regulado. — Guifutela.
Regulo. — Marrenguissa.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Cundula, Cocane, Guilongo e C. I., Nhacoe e Madajela.
Ascendencia. — Macucha: os seus antepassados eram vassallos do regulo Massinga; prestou vassallagem ao Governo. Nhabengue, irmão de Macucha. Nhaxerre, irmão de Nhabengue. Macuamula, filho de Nhaxerre. Maxongane, irmão de Macuamula. Marronguene, sobrinho de Machongane. Mafele, irmão de Marronguene. Marrenguissa, irmão de Mafele e regulo actual.

Regulado. — Peluga.
Regulo. — Gamene.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Guilondo, Jogo, Cundula e Guifutela.
Ascendencia. — Godela: veiu de Inhambane Velho; prestou vassallagem ao Governo. Peluga, filho de Godela: deu o nome ás terras. Mamiela, irmão de Peluga. Massarrongue, filho de Mamiela. Macarrala, irmão de Massarrongue. Gamene, irmão de Macarrala e regulo actual.

Regulado. — Mata.
Regulo. — Magol.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Magumbu, Pataguana, C. I. Massave e Oceano Indico.
Ascendencia. — Muende: os seus antepassados eram vassallos do regulo Massinga; prestou vassallagem ao Governo. Nhamende, filho de Muende. Guiono, irmão de Nhamende. Xingane, irmão de Guiono. Dulage, irmão de Xingane: foi deportado para o Bazaruto por se ter recusado a cumprir as ordens da autoridade. Magol, irmão de Dulage e regulo actual.

Mulher Tonga

Regulado. — Guilongue.
Regulo. — Guibando.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Cundula, Peluga, Guifutela, Jogo e rio Furvela.
Ascendencia. — Guilongue: deu o nome ás terras; os seus antepassados eram vassallos do regulo Massinga; prestou vassallagem ao Governo. Cobine, filho de Guilongue. Machangue, filho de Cobine. Machenhe, irmão de Machengue. Nhamanje, irmão de Machenhe. Matuve, irmão de Nhamanje. Mangaúla, filho de Matuve. Machimbane, irmão de Mangaúla. Guibando, irmão de Machimbane e regulo actual.

Regulado. — Pataguana.
Regulo. — Chengane.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Magumbu, Guifutela e C. I. Mabuana.
Ascendencia. — Pataguana: deu o nome ás terras; os seus antepassados eram vassallos do regulo Massinga; prestou vassallagem ao Governo. Bume, filho de Pataguana: teve guerra com um irmão de nome Nhangole por causa da successão, tendo intervido o Governo em auxilio do primeiro. Nhabanguele, irmão de Bume. Machoze, irmão de Nhabanguele. Mapenguissa, sobrinho de Machoze. Marrambane, irmão de Mapenguissa. Chengane, irmão de Marrambane e regulo actual.

Regulado. — Cocane.
Regulo. — Maputumane.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Cundula, Guifutela e rio Duane.
Ascendencia. — Cundula: as suas terras foram divididas, constituindo dois regulados. Cocane: deu o nome ás terras; genro de Cundula e seu cabo avassallado, revoltou-se, tornando-se independente; foi castigado mais tarde, por se ter recusado a fornecer auxiliares na guerra com o Zavalla. Marrenguene, filho de Cocane. Maputumane, filho de Marrenguene. Marrenguene, irmão de Maputumane e regulo actual.

Regulado. — Cundula.
Regulo. — Daulela.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Cocane, Guifutela, Guilongo e rio Furvela.
Ascendencia. — Cundula: deu o nome ás terras; as terras d'este regulado foram offerecidas ao Governo pelo regulo Massinga. Imbuinde, filho de Cundula. Colela, irmão de Imbuinde. Marri-

vata, filho de Colela. Jiono, irmão de Marrivata. Jijila, irmão de Jiono. Daulela, filho de Jijila e regulo actual.

Regulado. — Magumbu.
Regulo. — Xurrane.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Cocane, Linga-Linga e Pataguana.
Ascendencia. — Magumbu: prestava vassallagem ao Governo; deu o nome ás terras. Guirronde, irmão de Magumbu. Currussa, filho de Guirronde. Pataleigue, filho de Currussa. Tombuane, irmão de Pataleigue. Jamula, irmão de Tombuane. Xurrane, irmão de Jamula e regulo actual.

Regulado. — Linga-Linga.
Regulo. — Marrieta.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras do regulo Magumbu e Oceano Indico.
Ascendencia. — Ingogue: prestava vassallagem ao Governo. Jomane, filho de Ingogue. Ronda, irmão de Jomane. Pagane, irmão de Ronda. Vuca, irmão de Pagane. Marrieta, irmão de Vuca e regulo actual.

Regulado. — Marrucua.
Regulo. — Tomo.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos C. I. Matapiça, Malai, Mambuila e Muagui.
Ascendencia. — Guiane: era cabo avassallado do regulo Massinga. Buvane, sobrinho de Guiane. Marrucua, filho de Buvane: prestou vassallagem ao Governo; deu o nome ás terras. Macache, irmão de Marrucua. Matengue, filho de Mafache. Mauéua, tio de Matengue. Tomo, sobrinho de Mauéua e regulo actual.

Regulado. — Jógó [1].
Regulo. — Cypriano.
Limites das terras. — Terras dos regulos Furvela, Guilongue, Inguana e rio Jógó.
Ascendencia. — Tagu: era cabo avassallado do regulo Inguana; teve guerra com este por querer prestar vassallagem ao Governo, que veiu em seu auxilio, tornando-o regulo independente; mais tarde, esteve preso na villa por desobediencia ao Governo;

---

[1] *Jógó,* em guitonga, quer dizer *macaco.* A origem d'este nome proveiu do facto de, durante a guerra do Inguana com o Tagu, este, não podendo atacar abertamente o Inguana, que era poderoso, o hostilizava por meio de embuscadas e sempre occulto no mato.

foi assassinado por gente do Inguana; Marrumane, filho de Tagu. Quengue, irmão de Marrumane. Salela, irmão de Quengue. Cunzumula, sobrinho de Salela. Bambamaioana, filho de Cunzumula. Xumelo, irmão de Bambamaioana. Cypriano, sobrinho de Xumelo e regulo actual.

Regulado. — Furvela.
Regulo. — Maubane [1].
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Jógó, Inguana, Savanguana e rio Nhanombe.
Ascendencia. — Nhamague: o seu ascendente, Furvella, era cabo avassallado do Savanguana; prestando vassallagem ao Governo, tornou-se independente. Goi, filho de Nhamague. Peni, filho de Goi. Xicapane, irmão de Peni. Marrive, irmão de Xicapane. Madingue, filho de Marrive. Madaucanhe, sobrinho de Madingue. Fonseca, irmão de Madaucanhe. Maubane, irmão de Fonseca e regulo actual.

5.ª circumscripção

Homoine

Regulado. — Mocumba.
Regulo. — Uputo.
Raça. — Landim-Macuacua (2.ª invasão).
Limites das terras. — Terras dos regulos Machavela, Bogucha, Cocalane, Magóle e rio Nhanombe ou Nhamussua.
Ascendencia. — Cucua, tambem conhecido por Mocumba ou Mocumbana, irmão de Dindane e tio de Maunze: deu o nome ás terras; este regulo, tendo fugido do Bilene, veiu para as terras de Inhambane, dando origem a dois regulados: Bogucha e Mocumba; este regulo prestou vassallagem ao Governo. Xacanhete, irmão de Cucua. Xocolatane, irmão de Xacanhete. Xiéa, irmão de Xocolatane. Mabecuana, primo de Xiéa. Vuca, irmão de Mabecuana. Xipumbo, irmão de Vuca: foi invadido pela gente do Magandane. Mazonda, irmão de Xipumbo: auxiliou o Governo na guerra do Xicungussa. Tenga, irmão de Mazonda. Panga, primo de Tenga: morreu, estando preso na villa. Naianga, sobrinho de Panga. Xizavana, irmão de Naianga: foi deposto e deportado para o Guizugo. Uputo, sobrinho de Xizavana e regulo actual.

Regulado. — Bogucha.
Regulo. — Zulo.

---

[1] Este regulo poucos esclarecimentos pôde dar, devido á sua avançada idade e estado de demencia.

Raça. — Landim-Macuacua (2.ª invasão).

Limites das terras. — Terras dos regulos Mocumba, Cocalane e Cumbana.

Ascendencia. — Xilatana, filho de Macumbana, primo de Maunze, tributario do Manicusso: foi para o Bilene, onde morreu, tendo deixado no regulado seu sobrinho Bogucha. Bogucha, sobrinho de Xilatana: deu o nome ás terras; invadido pelo Maunze, fugiu para Guilála, voltando mais tarde ás terras; prestou vassallagem alguns annos depois. Xixangue, irmão de Bogucha. Biane, sobrinho de Biane e regulo actual.

Regulado. — Nhamussua.

Regulo. — Marrenjo.

Raça. — Tonga.

Limites das terras. — Terras dos regulos Mocumba, Moguba, Matimbe, Machavela e Bembe.

Ascendencia. — Marrive: era tributario do Governo; teve guerra com Matimbe por uma questão de limites. Xiluate, irmão de Marrive. Guinhale, irmão de Xiluate. Xigomba, irmão de Guinhale: entrou no combate de Xicongussa, tendo-lhe morrido alguma gente. Matimbe, irmão de Xigomba. Nhamututuana, sobrinho de Matimbe. Nhissa, irmão de Nhamututuana. Vuca, irmão de Nhissa. Marrenjo, primo de Vuca e regulo actual.

Regulado. — Urrene.

Regulo. — Xipumbo.

Raça. — Landim-Macuacua (2.ª invasão).

Limites das terras. — Terras dos regulos Bogucha, Quengue, Machavela, Savanguana, Cocalane, Manguele e Mazive.

Ascendencia. — Urrene: tributario, primeiro de Dindane e depois de Maunze. Guma, filho de Urrene: morreu envenenado por ordem de Maunze. Guilane, irmão de Guma: foi invadido pelos Vatuas. Matimela, irmão de Guilane: morreu, quando fugia aos Vatuas. Bamane, irmão de Matimela: prestou vassalagem ao Governo; morreu no Bembe, para onde tinha fugido. Rivalua, irmão de Bamane: morreu no Nhamussua, onde se tinha refugiado. Mandaucane, irmão de Rivalua. Macuarrumula, irmão de Mandaucane. Mafôce, irmão de Macuarrumula: invadido pelo Maunze, fugiu para o litoral. Chipumbo, sobrinho de Mafôce e regulo actual.

Regulado. — Machavela.

Regulo. — Dinguindo.

Raça. — Landim-Macuacua (2.ª invasão).

Limites das terras. — Terras dos regulos Matimbe, Quengue, Urrene, Mocumba, Bogucha, Savanguana e rio Bomo.

Ascendencia. — Matimbe: era cabo avassallado do Mocumba; revoltou-se e, com o auxilio de Maunze, tornou-se independente,

Tatuagem de mulher Tonga

ficando a pagar um tributo a este; foi morto numa caçada por gente do Mocumba. Xilemane, sobrinho de Matimbe. Nhaxecuana, filho de Xilemane: prestou vassallagem ao Governo. Dinguindo, irmão de Nhaxecuana e regulo actual.

Regulado. — Moguba.
Regulo. — Amane.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Nhamussua, Matimba, Furvela e Savanguana.
Ascendencia. — Gobane: era tributario de Maunze; foi invadido pela gente do Muzila. Macocane, irmão de Gobane: prestou vassallagem ao Governo. Maulela, irmão de Macocane: morreu no commando, onde estava preso por falta de pagamento do imposto de palhota. Amane, irmão de Maulela e regulo actual.

Regulado. — Quengue.
Regulo. — Vago.
Raça. — Landim-Macuacua (2.ª invasão).
Limites das terras. — Terras dos regulos Urrene, Savanguana e Cocalane.
Ascendencia. — Quengue: deu o nome ás terras; foi tributario de Bindane e depois de Maunze. Xabelane, filho de Quengue. Bilane, irmão de Xabelane. Marrinhane, irmão de Bilane. Xissengane, irmão de Marrinhane: prestou vassallagem ao Governo. Mapuune, irmão de Xissengane. Umulane, sobrinho de Mapuune: invadido pela gente do Mogandane, fugiu para terras do Savanguana. Taningane, irmão de Umulane: foi deposto e desterrado para Cumbana. Machonganhane, primo de Taningane e ultimo regulo.

Regulado. — Matimbe.
Regulo. — Machachulane.
Raça. — Landim.
Limites das terras. — Terras dos regulos Nhamussua, Moguga, Machavela e Savanguana.
Ascendencia. — Matimbe: deu o nome ás terras; era tributario de Maunze; teve guerra com o Nhamussua por questão de limites; tendo intervido o Governo em auxilio de Nhamussua, foi aprisionado e enviado para Moçambique; antes tivera guerra tambem com o Mocumba, tendo estado durante algum tempo refugiado em terras de Savanguana. Massemane, irmão de Matimbo. Jingo, irmão de Massemane. Xicoane, tio de Jingo: invadido pelos Vatuas, fugiu para terras de Cumbana, onde morreu. Mussuvela, irmão de Xicoana: invadido pela gente do Mauéa, por ter querido prestar vassallagem ao Governo, foi morto pelo inimigo. Mussungunhana, irmão de Mussuvela: prestou vassallagem ao Governo em 1879. Machachulane, sobrinho de Mussungulane e regulo actual.

6.ª circumscripção

Maxixe

Regulado. — Nhatitima.
Regulo. — Nharruluga.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Macupula, Bembe, C. I., Chambone e bahia.
Ascendencia. — Saranga. Nhaurriane, filho de Saranga: invadido pelos Vatuas do Manicusso. Nhatitima, primo de Nhaurriane: deu o nome ás terras. Dado, filho de Nhatitima. Muando, irmão de Dado. Matenga, filho de Muando: emigrou para o Transvaal. Nharruluga, irmão de Matenga e regulo actual.

Regulado. — Macupula.
Regulo. — Marrunguja.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Nhatitima, Bembe, C. I., Macuanene e bahia.
Ascendencia. — Pande. Guichongue, irmão de Pande: invadido pelos Vatuas do Manicusso, fugiu para a villa. Uába, filho de Guichongue. Macupula, irmão de Uába: deu o nome ás terras. Marrunguja, filho de Macupula e regulo actual.

Regulado. — Rumbana.
Regulo. — Embête.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Nhampata, Nhabanda, Moguba e rio Nhamussua.
Ascendencia. — Guirrute. Muendane, filho de Guirrute. Nhapundula, irmão de Muendade. Jéve, irmão de Nhapendula. Matambe, irmão de Jéve: invadido pelo Manicusso, prestou vassallagem ao Governo. Rumbana, sobrinho de Matambe: deu o nome ás terras. Nharrote, irmão de Rumbana. Quengue, irmão de Nharrote. Embête, filho de Quengue e regulo actual.

Regulado. — Tinga-Tinga.
Regulo. — Malonguene.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras do regulo Nhabanda, rio de Marrombene e bahia.
Ascendencia. — Ambe. Bavume, filho de Ambe. Guiombane, irmão de Bavumane: deposto por incompetencia. Nhaxumuedo, irmão de Guiombane. Malóôde, irmão de Nhaxumuedo: deposto e deportado para o Guizugo, por incompetencia. Malonguene, filho de Malóôde e regulo actual.

Batuque de mulheres tonga (Guidadale)

Regulado. — Nhaguiviga.
Regulo. — Fumune.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Cumbana, Zulo, C. I., Mucherre e bahia.
Ascendencia. — Matengue, avassallado do regulo Cumbana, tornou-se independente. Nhaguivigo, cunhado de Matengue: deu o nome ás terras. Cambane, irmão de Nhaguiviga: prestou vassallagem ao Governo. Nhamalejo, irmão de Cambane. Fumune, filho de Nhamalejo e regulo actual.

Regulado. — Chambone.
Regulo. — Bata.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Nhatitima, Rumbana, Bembe e bahia.
Ascendencia. — Tamane. Tingue, irmão de Tamane. Nhampata, irmão de Tingue. Tembeleia, irmão de Nhampata. Muimane, filho de Tembeleia. Bata, irmão de Muimane e regulo actual.

Regulado. — Bembe.
Regulo. — Pessula.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Chambone, Zualo, Macupula e rio Nhamussua.
Ascendencia. — Chipongondo: veiu de Marrombene. Morrele, irmão de Chipongondo. Chipihene, irmão de Morrele. Pessula, irmão de Chipihene e regulo actual.

Regulado. — Nhampata da Palha.
Regulo. — Machambo.
Raça. — Tonga
Limites das terras. — Terras dos regulos Zualo, C. I., Macuamene, Jiguni e bahia.
Ascendencia. — Congosse: veiu de Massinga. Gombe, irmão de Gongosse. Jimo, irmão de Gombe. Nhamtomo, irmão de Jimo. Songane, irmão de Nhamtomo. Chingueno, irmão de Songane. Malandele, sobrinho de Chingueno. Machambo, irmão de Malandele e regulo actual.

Regulado. — Zualo
Regulo. — Levunze.
Raça. — Landim.
Limites das terras. — Terras dos regulos Bembe, Nhampata da Palha, C. I., Jiguni e rio Inhanombe.
Ascendencia. — Charrine: veiu de Mapinhana de Villanculos, quando as terras foram invadidas pelo Gungunhana. Chuanga, filho de Charrine: prestou vassallagem. Pessula, filho de Chuan-

ga. Guebuza, filho de Pessula. Levunze, filho de Guebuza e regulo actual; este regulo passou ultimamente a pertencer á circumscripção da Maxixe.

Regulado. — Nhabanda.
Regulo. — Maluene.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Tinga-Tinga, Pumbana e Furvela.
Ascendencia. — Guiovane. Quatata, irmão de Guiovane. Perrengue, irmão de Quatata. Mafumissa, irmão de Perrengue. Nhabande, filho de Mafumissa. Maluene, filho de Nhabande e regulo actual.

Regulado. — Dambo.
Regulo. — Massunga.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras do regulo Mocumba, C. I., Mucherre, Magol e Cala.
Ascendencia. — Dambo: deu o nome ás terras, prestou vassallagem ao Governo. Chicucute, irmão de Dambo. Zanha, irmão de Chicucute. Madindussa, irmão de Zanha. Sagata, sobrinho de Madindussa. Malavana, irmão de Sagata. Simba, irmão de Malavana. Massanuga, filho de Simba e regulo actual.

7.ª circumscripção

Chicomo

Regulado. — Goambá Pequeno.
Regulo. — Balata.
Raça. — Dongue (raças cruzadas).
Limites das terras. — Terras do Goambá Grande e rios Nhamitende e Inharrime.
Ascendencia. — Maôme: teve guerra com seu irmão Matoma, a quem prestava vassallagem; tendo ficado vencedor tornou-se independente; era tributario de Maunze. Xigavangava, irmão de Maôme: teve guerra com seu irmão Maôme por causa da successão, tendo pedido auxilio a Maunze; morreu no combate. Vavate, irmão de Xigavangava. Xiconguangua, irmão de Vavate. Ximana, irmão de Xiconguangua. Massava, irmão de Ximana: auxiliou o Governo na guerra do Gungunhana. Pinzula, irmão de Massana. Maparatuana, irmão de Pinzula. Majongota, filho de Pinzula. Ximanguanha, irmão de Majongota. Balata, irmão de Ximanguanhana e regulo actual.

Regulado. — Goambá Pequeno.
Regulo. — Xongue.

Raça. — Dongue (raças cruzadas).

Limites das terras. — Terras dos regulos Mocumbi, Goambá Pequeno e rios Inhassune e Nhamitende.

Ascendencia. — Matona: teve guerra com seu irmão Matona. Maxambo, filho de Matona: morreu numa das investidas do Manicusso. Xiquene, irmão de Maxambo. Maveque, irmão de Xiquene: morreu na guerra com Maôme por questões de vassallagem. Bonhane, irmão de Maveque: morreu em terras do regulo Mocumbi onde se fôra refugiar perseguido pela gente do Manicusso. Nhassanane, irmão de Bonhane. Coguno, irmão de Nhassanane: deu o nome ás terras. Maaquenha, irmão de Coguno. Xomela, irmão de Maaquenha. Sunganhana, irmão de Xumela. Nhamandane, irmão de Sunganhana. Xongue, filho de Nhamandane: regulo actual. Todos estes regulos foram tributarios do Manicusso, Muzila e Gungunhana e só em 1895 passaram definitivamente a serem vassallos da Coroa Portugueza.

8.ª circumscripção

Panda

Regulado. — Cocalane.

Regulo. — Cocalane.

Raça. — Landim-Macuacua (2.ª invasão).

Limites das terras. — Terras dos regulos Magunhana, Goambá Grande, Goambá Pequeno, Fujuca de Gaza, Mazive, Bogucha, Quengue, Urrene e rios Inhassune e Aluize.

Ascendencia. — Dindane: filho de Cambanhane e neto do Zo; tendo emigrado de Gaza, por questões de successão com seu irmão Benguana, veiu occupar as terras do centro do districto. Maunze, filho de Dindane e um dos regulos mais turbulentos que teve o districto; tendo invadido as terras do Nharruluga, foi intimado pelo Governo a entregal-as, ao que elle se recusou, dando logar a uma guerra em que foi completamente derrotado por diversas vezes, e em epocas differentes invadiu as terras dos regulos do sul, do Cumbana e dos outros regulos Macuacuas; foi por sua vez invadido pelo Manicusso, com quem durante muito tempo se conservou em guerra aberta, tendo-lhe por fim prestado vassallagem; por morte do Manicusso, recusou-se a reconhecer o seu successor, por quem foi novamente invadido, andando muito tempo homisiado; tornou-se depois alliado do Muzilla, a quem prestou vassallagem, tendo ficado seu alliado, representante e induna grande; auxiliou o Gungunhana na guerra do Chicugussa. Mailene, irmão de Maunze: este regulo morreu pouco tempo depois. Canhavano, irmão de Mailene: invadiu as terras do regulo Bogucha; pouco viveu depois de succeder a Mailene. Macandane, filho de Maunze e sobrinho de Canhavano: durante a sua menoridade dirigiu o regulado o seu irmão mais velho Panda;

por morte d'este substituiu-o sua mãe Macoomane, que ainda hoje vive; este regulo recusou-se sempre a comparecer nas *banjas* para que era chamado, tendo estado na villa preso por este motivo; regressou novamente ás terras, não sendo, comtudo, possivel fazel-o comparecer diante de um branco; como este facto ameaçasse complicações, resolveram os parentes nomear Cocalane. Cocalane, tio de Magandane e regulo actual.

Regulado. — Manguele (extincto).
Regulo. — Massavane (ultimo regulo).
Raça. — Landim.
Limites das terras. — Terras dos regulos Magunhane, Cocalane e Mazive.
Ascendencia. — Nhamangua. Malambequana, filho de Nhamangua. Massavane, primo de Malambequana: por morte d'este regulo foram as terras annexadas ás do Magunhana; este regulado era insignificante e as suas terras quasi despovoadas.

Regulado. — Magunhana.
Regulo. — Sembelane.
Raça. — Landim.
Limites das terras. — Terras do Pire (Guijá), Cocalane, Mazive, Chiconguanhana de Gaza e rio Aluize.
Ascendencia. — Magunhana: deu o nome ás terras; era tributario do Muzila. Sembela, sobrinho de Magunhana e tributario do Muzila. Zavalla, irmão de Sembela e tributario do Muzila. Nhacache, sobrinho de Zavalla e tributario do Gungunhana. Sembelane, irmão de Nhacache, o regulo actual, e um dos melhores regulos do districto.

9.ª circumscripção

Inharrime

Regulado. — Mocumbe.
Regulo. — Mabona-Panje.
Raça. — Landim.
Limites das terras. — Terras dos regulos Nhanombe, Cocalane, Cumbana, Goambá Grande e rio Inharrime.
Ascendencia. — Mocumbi: deu o nome ás terras; era tributario do Dindane. Massinhane, filho de Mocumbi e tributario de Dindane. Mambique, filho de Massinhane e tributario de Maunze. Xixocolomué, filho de Mambique e tributario de Maunze. Bangue, irmão de Xixocolomué e tributario de Maunze. Rugunha, irmão de Bangue e tributario de Maunze. Juvane, primo de Rugunha: foi invadido pelo Muzila, de quem ficou tributario. Xirrambo, irmão de Juvane. Nhamuti, irmão de Xirrambo. Xiguinha, irmão de Nhamuti: prestou vassallagem ao Governo. Mabona-Panje, irmão de Xiguinha e regulo actual.

Povoação tonga

Regulado. — Nhanombe.
Regulo. — Saite.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Nharruluga, Mocubi, lagôa Poelela ou rio Inharrime e Oceano Indico.
Ascendencia. — Nhanombe: deu o nome ás terras; cabo avassallado do regulo Cumbana. Nhangoé, filho de Nhanombe: tornou-se independente com o auxilio do Governo, a quem prestou vassallagem. Xinhembui, filho de Nhangoé: foi invadido pelo Maunze. Maxondete, filho de Xinhembui. Maduvela, irmão de Maxondete. Alfredo, irmão de Maduvela. Madumelane, irmão de Alfredo: deposto por demencia. Madiquisse, irmão de Madumelane. Saite, irmão de Madiquisse e regulo actual.

Regulado. — Nharruluga.
Regulo. — Dina.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Nhanombe, Cumbana e langua Xicengoengo.
Ascendencia. — Nhamarriguire ou Nharruluga: deu o nome ás terras; os seus antepassados eram cabos avassallados de Cumbana; invadido pelo Dindane. Colombine, filho de Nharruluga: invadido pelo Maunze. Matane, filho de Colombine: invadido pelo Maunze. Marremula, filho de Matane: invadido pelo Maunze, fugiu para a villa onde se veiu refugiar e prestar vassallagem; morreu nesta occasião. Nhampabele, irmão de Marremula: auxiliado pelo Governo, foi collocado nas terras do irmão, a quem succedeu no regulado. Uáéne, irmão de Nhampabele: deposto e desterrado para a Maxixe por cumplicidade nuns assassinatos, quando se deu o naufragio do *Carnarvon*. João, irmão de Uáéne: deposto e desterrado para Massinga por incompetencia. Totuane, irmão de João: deposto por cumplicidade num assassinato. Dina, irmão de Totuane e regulo actual.

Regulado. — Nhacoongo.
Regulo. — Vungane.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Nharruluga, Cumbana e Oceano Indico.
Ascendencia. — Nhacoongo: deu o nome ás terras; prestou vassallagem ao Governo em 1859; os seus antepassados eram cabos avassallados de Cumbana. Jeque, filho de Nhacoongo. Mairrane, filho de Jeque: teve guerra com o Nharruluga por questões de limites, tendo intervido o Governo; auxiliou este no conflicto com o Zavalla. Mafoéla, irmão de Mairrane. Malemane, sobrinho de Mafoéla. Guicupula, irmão de Malemane. Nhamune, irmão de Guicupula. Vungane, irmão de Nhamune e regulo actual.

Regulado. — Guilundu.
Regulo. — Guissossuane.
Raça. — Shope.
Limites das terras. — Terras dos regulos Mindu, Quissico, C. I., Muane e rio Inharrime.
Ascendencia. — Guilundu: deu o nome ás terras; prestou vassallagem ao Governo. Massolela, filho de Guilundu. Dembela, irmão de Massolela. Gondo, irmão de Dembela: teve guerra com o Zavala e com o Mindu, alliados, tendo de intervir o Governo em seu auxilio; depois foi novamente invadido pelo Zavalla, Mavila, Kanda e Zandamela, alliados ao Gungunhana; interveiu o Governo, que conseguiu fazer a paz. Lipuve, irmão de Gondo; Lenda-Lenda, sobrinho de Lipuve: invadido pelo Gungunhana; praticava violencias nas terras; depois revoltou-se contra o Governo, tendo sido mais tarde perdoado por se ter submettido. Guissossuane, irmão de Lenda-Lenda e regulo actual.

Regulado. — Mindu.
Regulo. — Guissanga-Sanga.
Raça. — Shope.
Limites das terras. — Terras dos regulos Guilundu, Xissico e rio Inharrime.
Ascendencia. — Mindu: deu o nome ás terras. Nhancangala, filho de Mindu: tributario do Manicusso. Lai, filho de Nhancangala: tributario de Muzila. Macuela, filho de Lai: tributario do Gungunhana. Guezume, irmão de Macuela: alliado com o Zavalla, guerreou o Mindu; tendo sido batidos pelo Governo, que interveiu, prestou vassallagem; foi, mais tarde, invadido tambem por Zavalla e outros regulos alliados. Manhone, irmão de Guezume. Guissanga-Sanga, irmão de Manhone e regulo actual.

10.ª circumscripção

Zavalla

Regulado. — Zavalla.
Regulo. — Bimaíca.
Raça. — Shope.
Limites das terras. — Terras dos regulos Xissico, Banguza, Mavila, Nhacutô, Mindu e rio Inharrime.
Ascendencia. — Zavalla: deu o nome ás terras; este regulo teve de suffocar varias revoltas dos seus vassallos, sendo a primeira, com Paqué, ascendente do actual regulo de Nhacutô; a segunda, com Cavela e Dáculo, intervindo o Governo em seu auxilio; e a terceira, com Biane, ascendente do actual regulo Xissico, que nesta occasião se tornou independente com o auxilio do Governo e contra quem o Zavalla se revoltára; invadiu as terras de Mindu e Guilundu. Dunha, tio do Zavalla: teve guerra com seu irmão

Palhota tonga

Matena por causa da successão. Nhabinde, irmão de Dunha. Panga, irmão de Nhabinde: morreu em combate numa das incursões dos Vatuas. Ximolane, irmão de Panga. Monhé, sobrinho de Ximolane. Macavane, irmão de Monhé: revoltou-se contra o Governo, depois de ter invadido o Guilundu; foi esta a maior revolta que os portuguezes tiveram nos Shopes; no combate, que deu a expedição que alli foi, morreram alguns brancos, mas conseguiu-se aprisionar o Macavane, que morreu em Inhambane. Xivunhe: teve guerra com Xissico, não tendo levado a melhor, pelo que pretendeu alliar-se com o Gungunhana, ao que este não annuiu. Bimaíca, irmão de Xivunhe e regulo actual.

Regulado. — Xissico.
Regulo. — Xissico.
Raça. — Shope.
Limites das terras. — Terras dos regulos Zavalla, Nhacutô, Guilundu, C. I., Cala, Jipual e Oceano Indico.
Ascendencia. — Libete, cabo avassallado do Zavalla. Sacate, irmão de Libete e cabo avassallado do Zavalla. Bingana, irmão de Sacate e cabo avassallado do Zavalla. Chiquelo, irmão de Bingana e cabo avassallado do Zavalla. Serroro, irmão de Chiquelo e cabo avassallado do Zavalla. Nhamuane, sobrinho de Sorroro e cabo avassallado do Zavalla. Mucômo, irmão de Nhamuane e cabo avassallado de Zavalla. Biane, irmão de Mucômo: era cabo avassallado do Zavalla, tendo-se revoltado por duas vezes contra o Zavalla; da segunda vez tornou-se independente com o auxilio do Governo, a quem prestou vassallagem. Maqueletela, primo de Biane. Guelane, irmão de Maqueletela: foi deposto e desterrado para Moçambique por ter morto um filho numa desordem. Fumbarrete, primo de Guelane. Xissico, primo de Fumbarrete e regulo actual.

Regulado. — Nhacutô.
Regulo. — Nhamudulane.
Raça. — Shope.
Limites das terras. — Terras dos regulos Zavalla, Xissico, Mavila, Canda e Oceano Indico.
Ascendencia. — Nhacutô: deu o nome ás terras; cabo avassallado do Zavalla, tendo-se revoltado varias vezes contra a autoridade d'este. Nhanguaque, filho de Nhacutô: cabo avassallado do Zavalla. Malambane, irmão de Nhanguaque: cabo avassallado do Zavalla. Paqué, filho de Malambane: cabo avassallado do Zavalla contra quem se revoltou, tendo morrido em combate. Xinhangue, irmão de Paqué: cabo avassallado do Zavalla. Lipuva, sobrinho de Xinhangue: depois da prisão do Gungunhana foi tornado regulo independente. Anhane, primo de Lipuva. Malacanhe, irmão de Anhane. Mossumbula, irmão de Malacanhe. Nhamudulane, sobrinho de Mossumbula e regulo actual.

Regulado. — Canda.
Regulo. — Xivacane.
Raça. — Shope.
Limites das terras. — Terras dos regulos Nhacutô, Mavila, Zandamela, Nhatumbo de Gaza e Oceano Indico.
Ascendencia. — Canda: deu o nome ás terras; tributario do Manicusso. Unhamuete, filho de Canda: tributario do Manicusso. Lissane, irmão de Unhamuete: tributario do Manicusso. Dauze, irmão de Lissane: tributario do Manicusso. Gogulue, irmão de Dauze: tributario do Manicusso. Oiane, irmão de Gogulue: tributario do Manicusso. Nhamuguiane, irmão de Oiane: tributario do Muzila. Guelane, irmão de Nhamuguiane: tributario do Gungunhana. Xu-au-au, sobrinho do Guelane: invadido pela gente do Gungunhana por se ter recusado a pagar-lhe o tributo, fugiu para Inhambane; depois da prisão do Gungunhana foi tornado independente. Xivacane, irmão de Xu-au-au e regulo actual.

Regulado. — Zandamela.
Regulo. — Zate.
Raça. — Lengue [1] (raças cruzadas).
Limites das terras. — Terras dos regulos Canda, Muzila, Nhatumbo, Saiabo e Barramo de Gaza.
Ascendencia. — Zandamela: deu o nome ás terras; de origem landina, era cabo e tributario do Maunze; foi invadido pelo Mauéua. Xinhungulane, filho de Zandamela: tributario do Maunze. Marrurrela, filho de Xinhungulane: tributario do Maunze. Mavulula, filho de Marrurrela: tributario do Maunze. Vuca, irmão de Mavulula: tributario do Maunze; invadido pela gente de Muzila, foi morto em combate. Tombulane, irmão de Vuca: tornou-se independente do Maunze e constituiu-se tributario do Espadanhana. Maungane, irmão de Tombulane: cabo de Espadanhana; invadido pelo Gungunhana, foi morto em combate; o seu successor, Libenuca, tinha sido aprisionado em pequeno e conservava-se junto do Gungunhana, ficando a dirigir as terras um induna do Gungunhana. Libenuca, irmão de Maungana: depois da prisão do Gungunhana foi reintegrado nas suas terras e tornado regulo independente; mais tarde foi deposto e desterrado por se terem revoltado dois dos seus cabos, Xitocorro e Macassimo, em 1900. Zate, irmão de Libenuca e regulo actual.

Regulado. — Mavila.
Regulo. — Xidacua.
Raça. — Landina.
Limites das terras. — Terras dos regulos Canda, Nhacutô, Zavalla, Banguza e Zandamela.

---

[1] O regulo e seus ascendentes são de origem landina.

Ascendencia. — Mavila: veiu do Bilene; deu o nome ás terras; era cabo e tributario do Espadanhana. Nhassiolôme, filho de Mavila: cabo e tributario do Espadanhana. Mamite, irmão de Massiolôme: cabo e tributario do Espadanhana. Fumane, filho de Mamite; cabo e tributario do Espadanhana; foi morto em combate quando as suas terras foram invadidas pelo Muzila. Xisôo, irmão de Fumane: cabo e tributario do Espadanhana. Maioio, irmão de Xisôo: cabo e tributario do Espadanhana. Majaanhe, sobrinho de Maioio: foi aprisionado em pequeno pela gente do Muzila, tendo ficado prisioneiro até á prisão do Gungunhana; por esta occasião voltou ás terras, de que tomou posse, tornando-se independente. Nhamitengane, irmão de Majaanhe: morreu na séde da circumscripção, onde estava preso. Xidacua, sobrinho de Nhamitengane e regulo actual.

Regulado. — Banguza.
Regulo. — Shuquela.
Raça. — Lengue.
Limites das terras. — Terras dos regulos Zavala, Mavila, rio Inharrime e com Gule Guel e Saiabo de Gaza.
Ascendencia. — Banguza: cabo e tributario do Zandamela; deu o nome ás terras. Mudumane, irmão de Banguza: cabo e tributario do Zandamela; depois da prisão do Gungunhana foi tornado regulo independente pelo Governo; foi deposto por corrupção. Shuquela, irmão de Mudumane e regulo actual.

11.ª circumscripção

Guilala

Regulado. — Guilala.
Regulo. — Cassiano.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Nhanala, Nhampossa, Oceano Indico e bahia.
Ascendencia. — Guilala: deu o nome as terras. Benhane, filho de Guilala: morreu afogado. Tande, irmão de Benhane: deposto e desterrado para Moçambique. Marremula, filho de Tende: foi deposto e desterrado para o Guizugo. Cassiano, regulo actual.

Regulado. — Nhanala.
Regulo. — Jijile.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Bambamba, Cumbana e rios Parrue e Giuua.
Ascendencia. — Maussane: Tombologo, irmão de Maussana. Sinja, primo de Tombologo: esteve dirigindo as terras durante a menoridade de um filho de Tombologo, que morreu antes de ser re-

gulo. Peula, irmão de Maunguene. Jijile, irmão de Pessula e regulo actual.

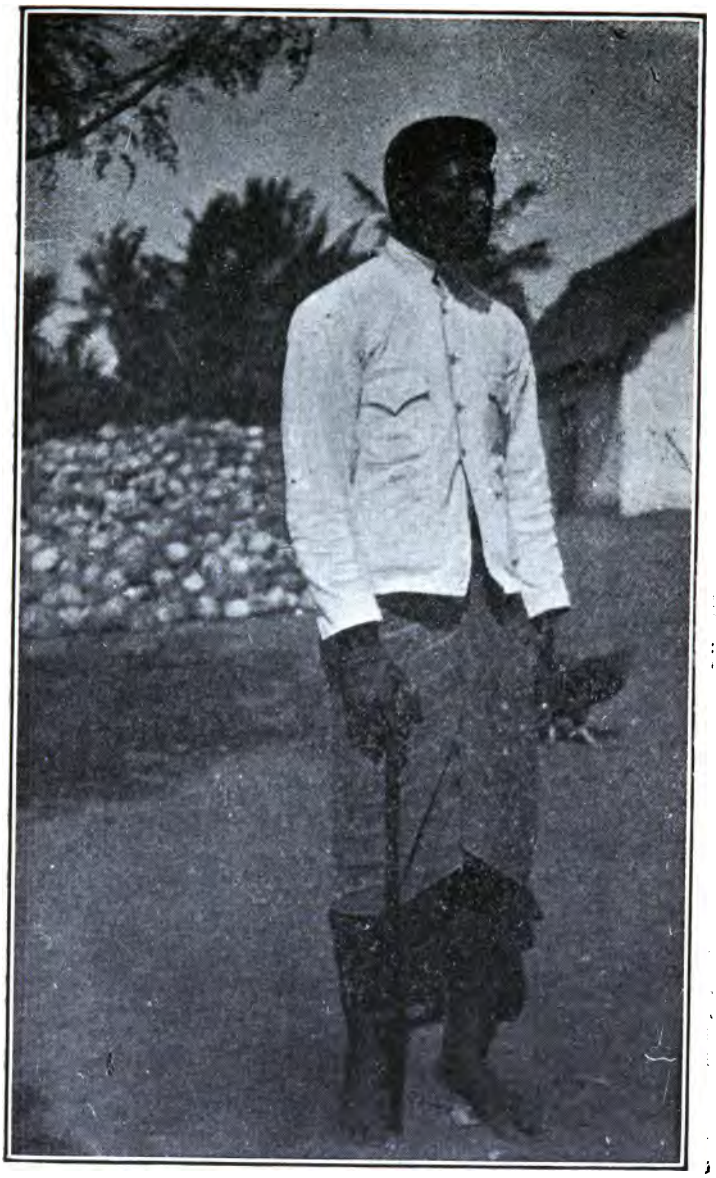
Regulado. — Nhampossa.
Regulo. — Alexandre da Fonseca.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Guilala, Nhanala, rio Parue e bahia.
Ascendencia. — Mucune. Baluane, irmão de Mucune. Nhampossa, irmão de Beluane: deu o nome as terras. Marralaje, sobrinho de Nhampossa. Alexandre da Fonseca, irmão de Marralaje e regulo actual.

12.ª circumscripção

Cumbana

Regulado. — Cumbana.
Regulo. — Maôpa.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Bambamba, Zulo, Mocumbi, Nharruluga, Nhacongo, Nhanala e Oceano Indico.
Ascendencia. — Cumbana: deu o nome ás terras; invadido pelo Manicusso, prestou-lhe vassallagem, ficando seu tributario. Bongo, filho de Cumbana: invadido pelo Maunze. Guimanga, irmão de Bongo: invadido pelo Maunze. Massalela, irmão de Guimanga. Úúrre, sobrinho de Massalela. Zulo, irmão de Úúrre. Pézula: prestou vassallagem ao Governo; irmão de Zulo. Jigódodo, irmão de Pézula: auxiliou o Governo na guerra do Zavalla. Ugungo, irmão de Jigódodo: teve guerra com Gumete por motivo da successão. Pindula, irmão de Ugungo. Jicuenda, irmão de Pindula: morreu assassinado por um soldado angola. Guissanza, irmão de Jicuenda. Jane, filho de Guissanza. Velemo, irmão de Jane. Guijemane, irmão de Velemo. Peni, irmão de Guizane: foi deposto, tendo estado em Moçambique; ainda vive. Maôpa, irmão de Peni e regulo actual.

Regulado. — Matenga.
Regulo. — Maeja.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Bambamba e Nhaguiviga.
Ascendencia. — Matenga: deu o nome ás terras; os seus ascendentes eram tributarios do Cumbana: prestou vassallagem ao Governo. Bonguane, irmão de Matenga: auxiliou o Governo na guerra do Zavalla. Sucamere, irmão de Bonguane e antigo induna d'este. Macatane, filho de Sucamere. Xuxululo, irmão de Macatane: foi deposto e deportado temporariamente por questões com os seus vassallos. Guivangala, sobrinho de Xuxululo. Maeja, filho de Guivangala e regulo actual.



Homem Tonga

Regulado. — Bambamba.
Regulo. — Jiocho.
Raça. — Tonga.
Limites das terras. — Terras dos regulos Matenga, Cumbana, Mocumba, Nhanala e rio Ave.
Ascendencia. — Bambamba, que deu o nome ás terras, prestou vassallagem ao Governo: foi invadido pelo Maunze. Macocane, filho de Bambamba: foi tambem invadido pelo Maunze. vindo refugiar-se em Inhambane. Pauássa, irmão de Macocane. Séula, filho de Pauássa: auxiliou o Governo na guerra com o Zavalla. Maulela, irmão de Séula. Queda, irmão de Maulela. Lindela, irmão de Queda: foi deposto e deportado para Moçambique por estar implicado numas mortes commettidas pelos seus indunas. Jiocho, irmão de Lindela e regulo actual.

***

Os cabos independentes são outros tantos regulos que antes eram cabos avassallados e que o Governo fez independentes, conservando aquella denominação, pela qual são ainda hoje conhecidos, devido, talvez, a serem as suas terras pouco povoadas e de pequena importancia; no resto, as suas responsabilidades e attribuições são as mesmas dos regulos.

A maior parte dos regulos tem cabos, e alguns d'estes, por serem grandes, teem ainda subcabos.

Na successão dos regulos e cabos seguem-se os mesmos preceitos e ceremonias que com os outros indigenas.

Até uma certa data, parece que a successão se dava de paes para filhos, mas este costume julgo ter sido modificado, ignoro por que motivos.

As mulheres são excluidas da successão, tendo, todavia, a mulher grande do regulo bastante preponderancia sobre a politica indigena.

No tempo das colheitas, são os cabos obrigados a levar ao regulo presentes de mantimentos e bebidas cafreaes.

Cada chefe de povoação paga ao cabo um imposto de cereaes, e, depois que começou o imposto de palhota em dinheiro para o Governo, pagam tambem os indigenas, ao cabo ou ao regulo, 1$500 réis por povoação, em dinheiro. Por morte do regulo, são os indigenas Landins e Shopes obrigados a pagar um imposto variavel ao novo regulo. Costumam os regulos receber, por cada indigena regressado do Transvaal, uma libra em ouro.

Teem os regulos Landins e Shopes o costume de fazerem representar cada presente que recebem dos seus subditos por um bocado de pau, que, cuidadosamente, guardam nas povoações, em monte, e a que chamam *Maganzelo* (Landim) e *Madando* (Shishope).

Era costume, antigamente, quando os regulos se apresentavam

a prestar vassallagem, offerecerem um saco de terra e uma zagaia, ou flecha, como signaes de submissão. Em troca, recebiam, se eram regulos, uma cabaia de flanela encarnada, um barrete da mesma côr e um bastão, e, se eram cabos independentes, um casaco curto de flanela azul e um barrete, uso que ainda se conserva neste districto.

Em nada mais differem os usos e costumes das autoridades cafreaes dos outros indigenas.

O regulado mais populoso do districto	Mocumbi, de Inharrime.
O regulado maior em terras.....	Mazive, de Villanculos.
O regulado mais pequeno em terras.....	Macupula, da Maxixe.
O regulado menos populoso	Pelugue, de Morrumbene.
O regulo mais idoso...	Maeja (Matenga), de Cumbana.
O regulo mais novo ...	Malonguene (Tinga Tinga), de Maxixe.
O mais antigo no regulado	Macache (Zonguza), de Massinga.

População

No seu relatorio de 1906–1907, e baseando-se nalguns calculos, computa o sr. governador de Inhambane em 418:610 o numero de habitantes indigenas do districto, incluindo homens, mulheres e crianças, e homens ausentes no Transvaal, tendo sido de 146:881 o numero de palhotas arroladas naquelle anno, o que dá o coefficiente de 2,85 habitantes por palhota.

No seu relatorio de 1907–1908 apresenta o mesmo governador os seguintes dados estatisticos:

Numero de palhotas arrroladas, 149:571;

Numero de habitantes, 311:696.

É curiosa a conclusão que se tira da comparação dos numeros referentes a 1907–1908. Ao passo que o numero de palhotas, em 1908, apresenta uma differença, para mais, de 2,690, o numero de habitantes apresenta uma differença, para menos, de 106,914!

O mesmo governador confessa a impossibilidade de se obter, por emquanto, um numero, mesmo aproximado, do censo da população e a pouca confiança que, pelos motivos que expõe, lhe merecem os recenseamentos ultimamente feitos.

Corroborando a insuspeita opinião do governador de Inhambane, accrescento ainda alguns detalhes, por mim observados, que mostram claramente o pouco valor dos algarismos, tendentes a provar quanto difficil se torna fazer um censo rigoroso.

Passo a citar o que pessoalmente observei quando se faziam os recenseamentos.

A maior parte das vezes, a autoridade encarregada de tal serviço assentava arraiaes numa povoação e ahi se apresentavam os indigenas de uma região inteira, de centenas de kilometros quadrados, não havendo, d'esta forma, possibilidade de se verificar se os indigenas falavam ou não verdade. É, porém, de suppor que a maior parte das vezes mentissem, visto ter-se apoderado d'elles, desde o inicio dos recenseamentos, o temor de que teriam que pagar um imposto novo de capitação.

Tão verdade é isto que, tratando tambem as autoridades de fazer os arrolamentos dos gados existentes, os indigenas, num grande numero de regiões, começaram de matar e comer todos os carneiros, cabras, porcos, etc., que possuiam, com receio de novos impostos!

Pois se até alguns brancos os imitaram!

Por outro lado, a pouca comprehensão dos indigenas e assim, por exemplo, as seguintes respostas:

— Quantas mulheres tens na povoação?
— Tres, respondia o indigena.
— Mas eu vejo quatro palhotas!
— Sim, mas essa mulher não conto: é minha mãe.

— Quantas mulheres tens na povoação?
— Duas.
— Mas aqui ha mais mulheres!
— Uma está na machamba: essa não conto.

— Quantas mulheres existem na povoação?
— Cinco.
— Mas eu estou vendo seis!
— Uma pertence ao meu cunhado.

E como esta, outras respostas similhantes:

— Quantos filhos tens?
— Quatro, responde.
— Mas eu estou vendo cinco!

O indigena continúa teimando que são quatro. Mostra-se-lhe todos os filhos, incluindo um que, por ser ainda pequeno, anda ás costas da mãe. Responde o indigena:

Que aquelle não conta porque ainda não é gente!

Só a muita pratica com o indigena e persistente investigação, se pode chegar a uma conclusão que se aproxime da verdade.

Os numeros que apresento são, como não podia deixar de ser, differentes dos numeros officiaes, e, apesar de considerar os meus um pouco mais conscienciosos, tenho a certeza absoluta que ainda estão longe de serem os verdadeiros.

População e estatistica

Mappa da população indigena do districto de Inhambane

Numero de povoações	Numero de palhotas	Coefficiente por palhotas (a)			Totaes			Total geral
		Homens	Mulheres	Crianças	Homens	Mulheres	Crianças	
37:500	151:477 (b)	0,707	1,10	0,935	107:094	166:624	141:630	415:348

Numero de habitantes					Total	Numero de regulos e C. I. (c)	Numero de cabos
Raça Landim	Raça Tonga	Raça Shope	Raças cruzadas				
			Dongue	Lengue			
199:497	117:711	65:448	17:233	15:459	415:348	121	696

(a) Estes calculos são baseados num recenseamento que fiz pessoalmente em duas regiões habitadas por Landins e Batongas. Os outros numeros foram extrahidos do arrolamento official, de 1908.

(b) A differença, para mais, que aqui se nota, em relação ao numero apontado no relatorio do governador de Inhambane, é devido a terem sido arroladas mais algumas, posteriormente á remessa feita dos totaes do arrolamento.

(c) Cabos independentes.

Um regulo tonga

Nome dos regulos, cabos, numero de povoações e palhotas existentes nas circumscripções do districto de Inhambane

VILLANCULOS — (1.ª circumscripção)

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
Mazive	—	257	512
	Cindane	16	52
	Funhalouro	8	15
	Gabiço	28	49
	Mapanjone	242	460
	Peloule	88	154
	Cupo	31	61
	Cubo	94	172
	Senane	82	227
	Machale	18	56
	Decuza	85	174
	Mambuila	37	71
	Tomo	101	161
	Maquene	110	229
	Barata	23	49
	Marrilane	38	76
	Gomane	67	103
	Zambete	4	16
	Zemane	9	31
	Papatane	22	30
	Pomelane	36	46
	Milanzo	56	83
	Macuacua	32	45
	Mabote	52	74
	Chibique	10	12
	Manhique	27	35
Manhiça	—	94	197
	Chave	59	154
	Massavane	8	18
	Meloguiane	69	151
	Manhicane	29	88
	Macangane	17	46
	Chichava-Chava	7	19
	Chicomo	85	224
	Baca-Baca	17	39
	Balanhana	36	99
Villanculos	—	199	526
	Mecosso	13	30
	Merrur	48	40
	Macanavane	22	56
	Inhanomera	19	35
	Mengondo	32	87
	Mamite	27	64
	Machonguel	51	121
	Machacane	42	93
	Macasse	8	20
	Mangata	7	12
	Mechulo-Chulo	8	13
	Gongane	21	32
	A transportar	2:491	5:157

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
	Transporte	2:491	5:157
Villanculos	Chicassa	46	115
	Massango	22	48
	Chicula-Cula	51	102
	Ronga	4	14
	Funhalouro	9	20
	Mahasse	20	42
	Senga	11	29
	Muchua	37	109
	Macumba	24	60
	Mavanza	20	49
	Maquane	11	33
	Palau	33	95
	Machanica	125	377
	Maluleque	7	20
	Malanguete	6	23
	Mailene	23	55
	Magul	40	109
	Marrivane	11	34
	Cachane	4	17
	Merrecane	2	5
	Mapia	7	21
	Macumbane	30	73
	Cachane de Macumba	44	99
	Mocumba	33	78
Mapinhane	—	327	720
	Lavane	82	162
	Xirruala	96	141
	Mahane	14	22
	Cachane	17	38
	Chechocane	47	92
	Checane	28	36
	Mechungo	47	93
	Faiquete	16	32
	Quer-Quer	40	91
	Massunguine	6	12
	Machuquela	34	77
	Chinguinine	47	73
	Chibo	9	16
	Machopane	15	25
	Faiquete	13	29
Muabsa	—	125	252
	Quer-Quer	14	27
	Chiguirriba	12	28
	Robocasse	10	28
	Gonhamo	24	46
	Mungazi	15	33
	Machane	7	14
	Chiamel	9	30
	Vimbane	39	64
	Chissecane	21	45
	Inhapele	48	68
	Somma	4:243	8:869

Regulos, 5; cabos, 95; população (aproximada) 24:318 habitantes.

MASSINGA — (2.ª circumscripção)

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
Massinga	—	3	16
	Tiane	3	11
	Chilebuane	9	11
	Bambatela	4	45
	Lino	66	139
	Matingane	65	128
	Chibane	39	108
	Madivitane	21	39
	Chochua	11	22
	Massassa	17	33
	Tevele	48	89
	Murry	9	20
	Macachul	8	15
	Minerva	11	30
	Chigomba	120	202
	Tiane	24	56
	Matubeguela	17	25
	Machocane	83	207
	Murrenje	6	11
	Machepucane	24	51
	Mahata	4	7
	Tinela	3	6
	Manhengue	9	16
	Limpeze	6	17
	Mabecuana	5	13
	Mapanguela	29	63
	Paunde	42	87
	Macauze	4	6
	Penicele	9	13
	Cimbe	13	27
	Juvane	40	97
	Chituane	8	27
	Bambo	8	48
	Rundunja	2	10
	Mudussa	37	98
	Zilo	14	42
	Guma	78	170
	Muvambua	5	10
	Jange	54	144
	Matingue	8	25
	Nhacuacua	19	37
	Mabiale	12	32
	Chadine	2	6
	Muvamba	24	54
	Muchiche	2	6
	Mahungo	7	20
	Vigue	9	17
	Chibana	33	96
	Macomba	14	26
	Chipuio	12	32
	Silencia	13	24
	Cunane	11	24
	A transportar	1.124	2:558

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
	Transporte	1:124	2:558
Massinga	Muando	7	18
	Macache	4	16
Zonguza	Guema	258	642
	Macache	62	210
	Sepane	13	41
	Muchache	11	30
	Biane	45	130
	Muchava	83	202
	Chucane	32	99
	Uticera	51	162
	Mutussa	2	10
	Chongane	10	37
	Machupucane	14	37
	Mabela	18	40
	Chalequane	6	16
	Butane	21	65
	Rulane	10	32
	Rabiane	11	24
	Chiguieto	17	48
	Chiuzanana	69	197
	Muchiquitana	12	43
	Maculane	24	64
	Lipaze	9	40
	Tiane	9	42
	Chipumbo	13	30
	Marrenguene	3	12
	Murriane	6	17
	Jamo-Jamo	10	23
	Gentimane	7	17
	Mailene	16	56
	Mahala	2	4
	Mabumane	1	1
	Machiguissa	5	12
	Anguluve	74	261
	Mugo	9	38
	Manicane	10	36
	Guerredo	19	39
	Vinhane	8	32
	Marrule	19	104
	Guicope	11	41
	Chuinze	46	103
	Machambo	11	45
	Machavachava	11	45
	Pahane	25	83
	Pocorrodo	4	13
	Macaze	7	19
	Machonguene	8	34
	Marrucua	16	54
Machocha-Mucome, C. I	—	90	270
Agui-Marrenjo, C. I	—	23	51
Licumbe-Muchoane, C. I	—	119	310
Gadi-Marrenjo, C. I	—	53	102
	A transportar	2:548	6:655

Homem Tonga

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
	Transporte	2:548	6:655
Marrungulo, C. I	—	28	48
Nhabacal, C. I	—	13	27
Chondelo, C. I.	—	15	44
Mangonha-Macuana, C. I.	—	9	35
Fajene, C. I.	—	8	17
	Maputumane	57	146
Malova-Macavane, C. I.	—	35	89
Guizugo-Chicane, C. I.	—	106	364
Muagui, C. I.	—	61	111
Basso, C. I	—	8	12
Chilacua, C. I.	—	11	23
	Mailene	48	120
Massambi-Faife, C. I.	—	10	13
Rovene-Nhaussuana, C. I.	—	51	139
Guiduca, C. I.	—	35	52
	Somma	3:044	7:900

Regulos, 19; cabos, 101; população (aproximada), 21:661 habitantes.

PANGA — (3.ª circumscripção)

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
Savanguana	Chibaela	13	37
	Dindane 1.º	46	123
	Batapó	33	115
	Manjóo	27	68
	Côme	48	98
	Matacal	23	53
	Chicochoane	31	89
	Marrambane	22	47
	Mazehuco	32	100
	Murri	71	183
	Tongane	21	60
	Vembane	81	194
	Malate 1.º	50	120
	Maiote	24	65
	Benhane 1.º	28	54
	Cheoculo	25	69
	Bingoane 1.º	52	161
	Mahohoa	44	152
	Seifana	75	180
	Derrote	50	155
	Benhane 2.º	221	718
	Canhavano	25	54
	A transportar	1:042	2:895

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
	Transporte	1:042	2:895
Savanguana	Macovele	25	86
	Dindane 2.º	43	139
	Vavate	110	306
	Vuca	117	281
	Pombe	118	352
	Dóle	94	329
	Cômo	114	259
	Guambi	8	12
	Manhenge	7	15
	Catine	40	74
	Chirrenguete	18	33
	Chipucha	9	16
	Gochane	6	12
	Macaúleza	26	42
	Dáize	43	89
	Macuana	4	6
	Licece	6	12
	Maguezulane	10	15
	Malate 2.º	82	192
	Bingoane 2.º	19	51
	Marrule	52	94
	Nhanice	22	37
	Zacanhe	10	26
Inguana	—	115	274
	Matine	58	115
	Maguelane	497	1:574
	Chiacho	169	405
	Ocuxo	103	250
	Chigualane	68	136
	Mutombo	24	46
	Mutohotoho	39	81
	Buvane	48	83
	Macharrane	16	32
	Chirrugue	28	47
	Mucambe de Baixo	128	304
	Bonigo	411	1:244
	Tambajane	575	1:293
	Cocoerre	52	151
	Bongane	57	198
	Uiane	31	76
	Macarringa de Rale	158	448
	Macarringa de Baixo	85	168
	Maimela	93	281
	Bambaluane	74	275
	Chicongussa	269	603
	Ongonhane	75	101
	Mugoguane	24	41
	Gotite	70	154
	Boane	308	806
	Mucambe das Urrongas	82	254
	Barrane	22	79
	Mabaiane	33	68
	A transportar	5:737	14:860

Povoação shope

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
	Transporte	5:737	14:860
Inguana	Madila	29	100
	Mahate	34	118
	Malache	34	82
	Citila	21	64
	Mahabice	19	48
	Tiane	1	1
	Matende	30	91
	Matala	7	19
	Mucheque	16	32
	Macubane	25	75
	Dimande	16	40
	Maoia	6	21
	Chicota	2	5
	Manhancela	14	28
	Chiuana	4	10
	Madila	1	3
	Seifana	6	11
	Mazenga	13	23
	Taela dos Monzos	1	4
	Mangorro	3	5
	Bengane	2	6
	Mabinguene	10	12
	Chilaúla	77	213
	Chicumba	4	8
	Taela de Mapanhe	6	10
	Coxanhane	8	16
	Macarringa Chichol	148	400
	Mucambe Murrongue	71	152
	Chimangane	17	33
	Somma	6:362	16:590

Regulos, 2; cabos, 102; população (aproximada), 45:489 habitantes.

MORRUMBENE — (4.ª circumscripção)

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
Cocane	—	29	192
	Cimbo	18	86
Cundula	—	20	137
	Dongue	14	99
	Chirrungo	9	39
Guifutela	—	20	132
	Nhaôa	12	46
	Doga	9	36
	Magogoro	6	17
	A transportar	137	784

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
	Transporte	137	784
Guifutela	Maunguane	13	41
	Nhassengo	16	67
Jógó	—	24	136
	Siagane	29	157
	Matuve	19	87
	Barca	23	123
	Bala-Bala	32	162
	Benhane	17	44
	Quembe	20	51
Pataguana	—	38	207
	Machota	15	41
	Goche	13	40
	Magumbana	28	120
	Guambe	23	55
	Nhacumbe	14	36
Furvela	—	209	688
	Maerrula	12	27
	Guidangue	17	48
	Nhai	15	43
	Paelo	14	35
	Nhamugue	38	73
	Mabongue	87	208
	Dongue	7	21
	Muengue	30	73
	Nhalibale	54	154
	Séôa	17	24
	Nhabundo	107	309
Linga-Linga	—	38	110
	Marrivata	49	177
Marrucua	—	29	86
Mata	—	54	111
Guilongue	—	33	104
Magumbu	—	56	233
	Nhatumbela	69	272
	Chandane	44	167
	Madevela	31	100
Pelugue	—	19	51
Quissico Grande, C. I.	—	57	195
	Chipambate	98	307
	Babiane	84	271
Pagula, C. I.	—	145	303
Malaia, C. I.	—	67	169
Matapiça, C. I.	—	49	87
Panga, C. I.	—	198	434
Guielo, C. I.	—	18	21
Primeiro, C. I.	—	123	353
Imbia, C. I	—	28	98
Covelo, C. I.	—	11	37
Mau, C. I.	—	41	147
Mangue, C. I.	—	15	45
Macassele, C. I.	—	22	44
Nhaconda, C. I.	—	19	31
	A transportar	2:465	7:799

Palbota Shope

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
	Transporte	2:465	7:799
Mambuila, C. I	—	140	95
Chibobochila, C. I	—	60	257
Pungue, C. I	—	90	178
Quissico Pequeno, C. I	—	45	81
Nhacóó, C. I	—	41	80
Muxacua, C. I	—	41	160
Tégue, C. I	—	62	166
Guiambuana, C. I	—	29	124
Madanjela	—	88	180
Nharrumbo	—	61	121
	Somma	5:386	9:249

Regulos, 35; cabos, 36; população (aproximada), 25:360 habitantes.

HOMOINE — (5.ª circumscripção)

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
Mocumba	—	192	697
	Golo	497	1:299
	Mafuiane	375	1:009
	Cote	30	57
	Homoine	335	992
	Meu	124	375
	Manhiça	541	1:874
	Xirrelele	19	69
	Tuiane	25	54
	Anhane	39	161
	Sicate	84	301
	Xirrinze	20	63
	Uputo	247	781
Nhamussua	—	69	215
	Madéluane	45	126
	Nhamangua	73	169
	Nhengue	12	35
	Dome	70	207
	Madeúla	72	221
	Petane	112	339
Machavela	—	173	580
	Xicuarra	131	518
	Daúlamaze	134	533
	Dimande	110	299
	Madoúcane	86	339
	Maála	38	179
	Govene	30	92
	Gujuza	47	221
	A transportar	3:730	11:799

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
	Transporte	3:730	11:799
Machavela	Maquemulane	11	43
	Mailene	13	28
	Marrinhela	27	116
	Mualungo	51	161
Bogucha	—	244	628
	Nhachocho	48	164
	Mailene	90	378
	Xicomo	39	116
	Xiambo	94	289
	Canhavano	105	697
	Mabecua	135	376
	Malaissa	39	116
	Tonguane	3	17
	Pambale	10	22
	Macause	125	687
	Macupulana	22	56
	Pinzula	47	124
	Nhafunguana	167	635
	Nhapupo	225	551
	Cambane	283	775
Moguba	—	202	547
Matimbe	—	187	572
Quengue	—	838	2:198
Urrene	—	464	902
	Somma	7:199	21:997

Regulos, 9; cabos, 44; população (aproximada), 60:315 habitantes.

MAXIXE — (6.ª circumscripção)

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
Nhaguiviga	—	179	448
Muchene, C. I	—	78	208
Dambo	—	74	189
Magole, C. I	—	47	80
Cala, C. I	—	9	18
Coguana, C. I	—	58	87
Nhamguile, C. I	—	34	78
Nhaxinga, C. I	—	32	82
Bembe	—	303	956
Guitata (*a*)	—	135	324
	Couane	25	51
	A transportar	974	2:521

(*a*) O regulo morreu, tendo sido substituido pelo Zualo.

Ferreiro indigena shope

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
	Transporte	974	2:521
Guitata	Funja	82	241
	Zualo	154	436
Nhampata da Palha	—	160	357
Macuamene, C. I.	—	110	195
Macupula	—	183	374
Nhatitime	—	75	135
Nhampata de Chambone	—	223	493
Jiguni, C. I.	—	86	164
Nhabande	—	75	116
Nhambiu, C. I.	—	154	309
Rumbana	—	328	558
Tinga-Tinga do Norte — Maloode	—	44	81
	Chinde	7	12
	Nhampsala	42	65
	Buvalo	6	7
	Majila	37	42
	Ixonduane	21	33
	Beula	46	94
	Guja	41	72
	Nhaussana	21	31
Tinga-Tinga do Sul — Nhamaxaxa	—	86	154
	Suhunga	57	95
	Gongo	79	140
	Nhapapa	86	165
	Barrane (*a*)	130	268
	Manhala	35	71
	Somma	3:341	7:229

Regulos, 21; cabos, 16; população (aproximada), 19:821 habitantes.

CHICOMO — (7.ª circumscripção)

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
Goamba Pequene	Aucoca	14	239
	Bubula	5	114
	Boquiço	8	199
	Chicopa	3	72
	Cuaiaia	5	95
	Dacanhela	11	241
	Marrime	5	121
	A transportar	51	1:081

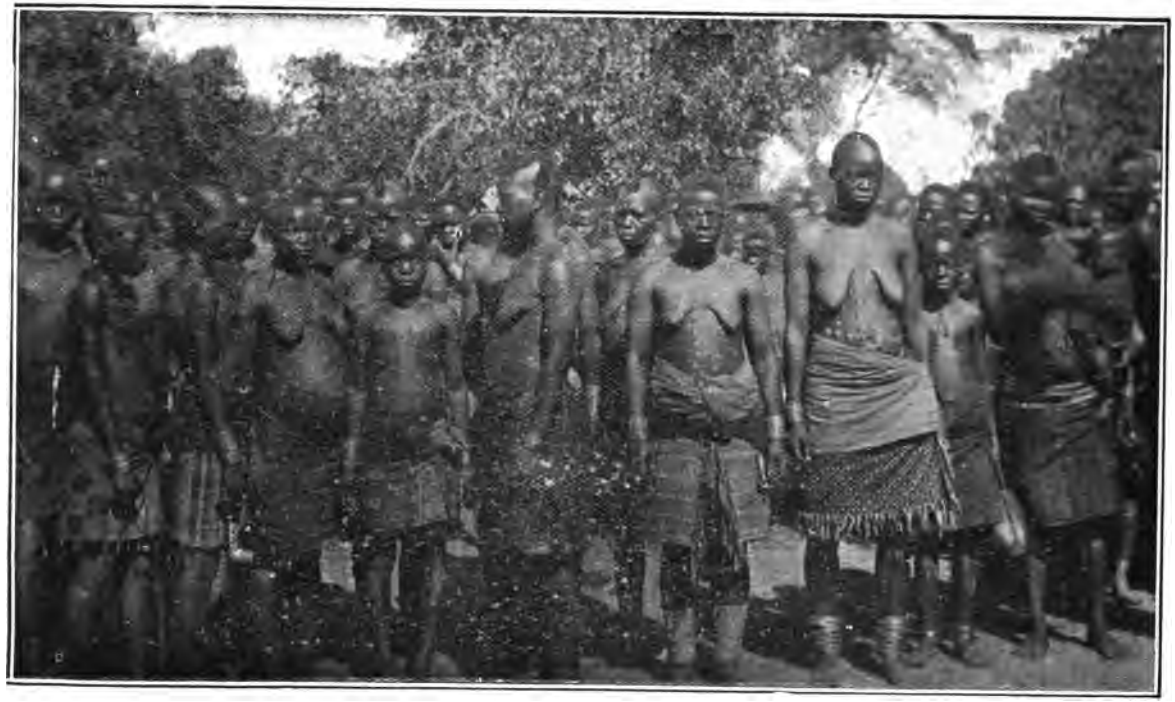
(*a*) Posteriormente, alguns d'estes cabos independent s foram annexados a outros regulos.

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
	Transporte	51	1:081
Goamba Pequeno	Mavela	6	235
	Majungota	9	199
	Mabongo	5	122
	Mahamo	5	132
	Majoota	7	330
	Macome	4	79
	Mussana	12	501
	Maliane	8	78
	Naila	22	488
	Nhapadiane	7	337
	Nebe	2	77
	Sinduza	9	161
	Dinhume	7	117
	Xinana	3	78
Goamba Grande	Amba	19	214
	Chicalanguana	5	125
	Chavissa	3	10
	Chouzela	7	77
	Chicaca	3	66
	Chissaca	14	152
	Cucua	17	298
	Dalala	3	124
	Injomane	14	297
	Madenda	3	64
	Mogongo	2	42
	Matemapelela	4	72
	Marrungota	1	13
	Machambo	24	590
	Nhadada	2	45
	Nhamatalana	7	78
	Somma	285	6:285

Regulos, 2; cabos, 37; população (aproximada), 17:233 habitantes.

PANDA — (8.ª circumscripção)

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
Cocalane	—	95	351
	Maioane	317	1:170
	Mabeque	118	465
	Chacotane	48	166
	Massalane	39	113
	Mugome	51	171
	Ambuca	32	201
	Massingapanze	14	33
	A transportar	714	2:670



Raparigas shopes

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
	Transporte	714	2:670
Cocalane	Impope	36	91
	Chibamo	18	52
	Chicamba	15	66
	Nhamazana	11	34
	Chibanza	6	21
	Cavacavane	23	79
	Jacubecua	35	78
	Matimamba	30	80
	Massuve	19	42
	Mapasselane	15	35
	Macocumlumbane	40	117
	Mavume 1.º	80	194
	Mugu-u	45	137
	Chitozo	20	85
	Baiane	101	266
	Maanche	43	109
	Machamale	42	108
	Bilanhambe	98	259
	Macaxula	91	240
	Mafumane	128	317
	Papo	60	114
	Guinhangane	39	126
	Massemane	40	79
	Quacale	54	92
	Muadungane	8	19
	Manchava	14	32
	Bahane	32	61
	Opondo	25	45
	Maúéla	83	247
	Nhanombanhana	49	132
	Bachavana	55	175
	Peúane	24	52
	Massuque	33	100
	Maúvane	45	131
	Qúine	25	49
	Gumbo	7	102
	Macocane	59	153
	Chivalo	31	100
	Chiuane	16	49
	Mavume 2.º	8	15
	Mazucane	15	45
Mangunhana	—	96	172
Manguele (*a*)	—	26	31
	Somma	2:454	7:201

Regulos, 3; cabos, 48; população (aproximada), 19:745 habitantes.

(*a*) As terras d'este regulo foram annexadas ás terras do regulo Magunhana.

INHARRIME — (9.ª circumscripção)

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
Mocumbi	—	11	315
	Coche	35	638
	Shacana	42	764
	Calangana	11	278
	Masonda	21	508
	Magule	13	155
	Mavunjana	35	634
	Ussaca	11	169
	Guitave	4	94
	Guixaxa	5	81
	Massice	4	57
	Marrucula	7	126
	Mangorro	8	194
	Nhadugo	4	129
	Nhacuahe	4	329
	Bombola	6	178
	Chirrambo	3	71
	Buxo	3	84
	Magunhana	3	63
	Mahalambe	11	552
	Muende	5	163
	Mabalene	9	381
	Cobe	8	172
	Chisseve	6	121
	Nhacongo	3	58
	Limão	3	105
	Chambe	8	253
	Gonzane	4	126
	Nhavile	18	339
	Machongolo	4	179
	Nhatava	14	552
	Chalahuane	5	229
	Chirreu	14	315
	Mangita	2	66
	Manhicuana	3	75
	Mahuaia	10	193
Mindu	—	19	1:446
Guilundu	—	14	491
	Chicalangana	2	149
	Nhacundela	6	266
	Gule	3	295
	Gulula	3	99
	Quambe	1	30
	Carrengane	11	415
	Mahocha	3	116
	Duluto	9	572
	Elle	6	415
	Binguene	2	92
	Deveze	9	311
	Gondo	13	768
	Chongone	7	215
	Chipole	4	156
	A transportar	467	14:582

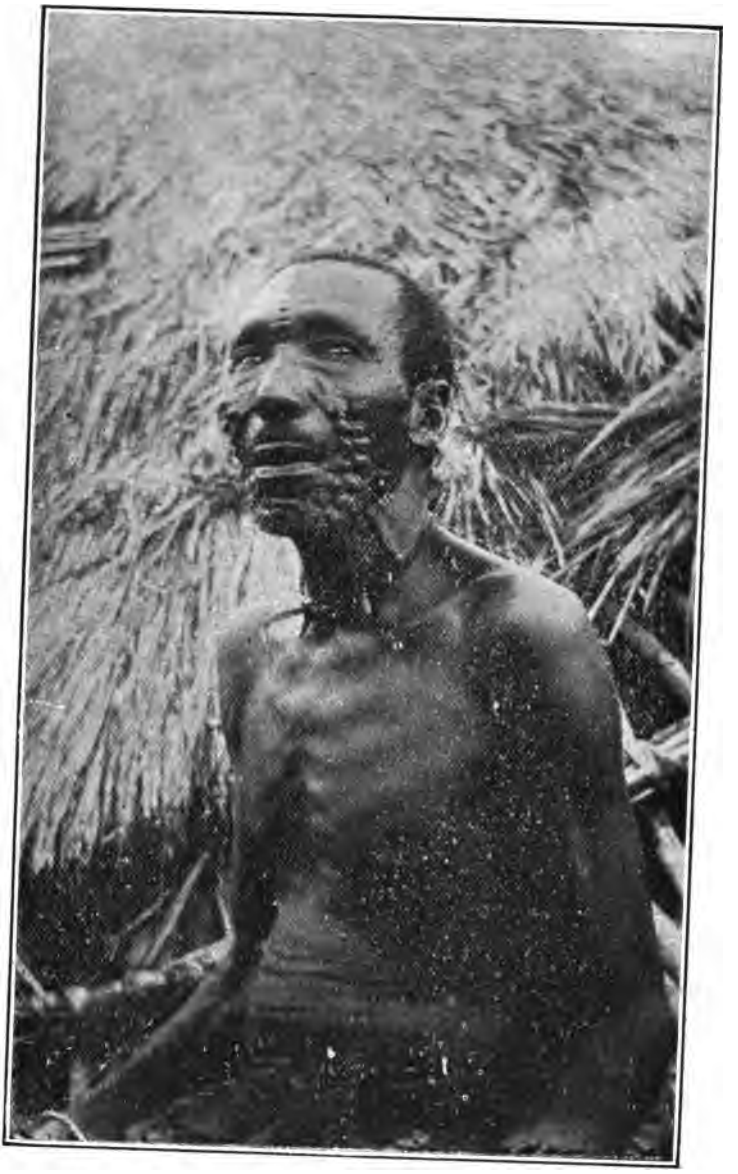
Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
	Transporte	467	14:582
Guilundu	Malambe	1	24
	Rava	2	105
	Macuarro	2	106
Nhacohongo	—	17	631
	Nhacohongo Mafassana	10	276
	Congy	2	30
	Maconguela	3	37
	Cuaguana	8	355
	Cambula	3	114
	Chigondo	1	34
	Tepuete	1	27
	Chilatane	2	41
	Matimbi	1	19
	Bangalati	2	13
	Pende	4	45
Nharruluga	—	14	429
	Gulela	3	101
	Dovele	3	100
	Doropa	5	206
	Juma	5	269
	Canhangue	11	154
	Guixaxa	8	251
	Macapula	3	107
	Nhamuesse	6	107
	Golele	3	47
	Maessa	5	140
	Machive	3	33
Nhanombe	—	29	951
	Macanza	1	106
	Congue	2	114
	Nhoco	2	56
	Nhafunhula	2	55
	Chicueti	1	23
	Pindula	3	132
	Sihane	4	163
	Chongola	6	118
	Quemane	4	111
	Gulela	5	84
	Nhancondo	14	330
	Nhancololo	9	197
	Macupulane	27	453
	Banzal	6	144
	Nhatumbo	6	130
	Ucuane	7	200
	Bia	5	91
	Ucula	10	318
	Chavissela	2	132
	Nhacondo	2	126
Muane, C. I	—	34	1:607
Calla, C. I	—	13	642
Nhamageu, C. I	—	4	184
Chambula, C. I	—	3	153
	A transportar	796	25:003

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
	Transporte	796	25:003
Nhampalala, C. I	—	22	698
Guipuala, C. I	—	6	329
	Somma	824	26:030

Regulos, 12; cabos, 94; população (aproximada), 71:547 habitantes.

ZAVALLA — (10.ª circumscripção)

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
Nhagutoo	—	12	318
	Gungurrulo	32	748
	Zandamella	10	270
	Macucula	12	212
Quissico	—	51	1:438
	Ducuc	13	699
	Mavillane	3	251
	Doluto	4	162
	Vungana	12	630
	Daiacambe	16	883
	Massava	19	1:036
	Dacallo	8	375
	Nhacodue	5	203
	Mahena	7	271
	Chicoeno	2	147
	Dongamissa	3	126
	Muendula	1	68
	Nhamajangal	9	281
Mavilla	—	19	309
	Nhacuangue	22	452
	Doo	12	441
	Chissoo	17	477
	Matanato	23	510
Canda	—	19	328
	Murruco	6	109
	Maxalatuana	17	206
	Bahulana	22	426
	Chibembe	13	256
	Mtuti	36	565
	Nhamaango	14	184
	Guni	9	216
	Chitondo	19	324
Zavala	—	17	479
	Gomene	5	189
	Matona	18	635
	Inhambele	21	642
	A transportar	528	14:866



Velho Shope

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
	Transporte	528	14:866
Zavalla	Bahulane	9	478
	Matimela	4	206
	Mahite	7	284
	Chissambula	1	86
	Dinhe	3	102
	Maguengue	7	203
	Deveka	2	53
Banguza	—	28	458
	Muendula	38	762
	Maculuve	37	695
	Lixanga	22	663
	Inhamuenda	22	704
Zandamella	—	1	69
	Mangazilo	18	311
	Bussi	8	153
	Macacimbe	17	187
	Mavululana	40	757
	Molli	9	150
	Macanda	11	32
	Mahamba	24	335
	Chimbibirre	13	131
	Mambucho	13	231
	Somma	862	21:916

Regulos, 7; cabos, 51; população (aproximada), 60:082 habitantes.

GUILLALA — (11.ª circumscripção)

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
Guillala	—	178	322
	Conguiane	85	215
	Nhamua	72	147
	Nhaguiue	145	300
	Machavenga	124	248
	Salela	81	84
	Sequirriva	117	323
	Madeira	169	294
	Marrombone	50	73
Nhampossa	Malembuana	122	292
	Guitambatuno	35	77
	Mabanga	7	24
	Chambe	20	52
	Guia	21	39
	Manguele	15	56
	Paindane	75	173
	A transportar	1:314	2:719

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
	Transporte	1:314	2:719
Nhanala	Nhapapa	56	134
	Rivane	63	148
	Nhadugua	19	37
	Ussuana	23	87
	Sinja	20	69
	Madava	20	66
	Malaissa	46	136
	Malacanha	8	23
	Chicununzo	6	13
	Faftine	37	70
	Tambissa	31	90
	Guicuacua	41	111
	Matimbe	4	17
	Guilambo	16	47
	Nhagulambe	3	13
	Mangayane	22	48
	Bongo	6	26
	Guijata	37	150
	Massavane	26	80
	Siguela	2	8
	Toela	2	46
	Gumula	54	206
	Gala	19	46
	Mangoo	32	76
	Maunza	60	119
	Macoola	14	30
	Goxana	62	128
	Somma	2:043	4:743

Regulos, 3; cabos, 42; população (aproximada), 13:005 habitantes.

CUMBANA — (12.ª circumscripção)

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
Cumbana	Massalela	70	689
	Quissembe	20	195
	Bongo	13	76
	Magumbela	26	167
	Gala	14	139
	Jane	56	759
	Mallaissa	27	531
	Nhancoja	132	2:785
	Mahema	26	258
	Maputumane	15	209
	Guirruta	14	124
	A transportar	413	5:932

Tatuagem de mulher Shore

Nomes dos regulos	Nomes dos cabos	Numero de povoações	Numero de palhotas
	Transporte	413	5:932
Cumbana	Gucolocolo	6	34
	Mabelane	126	2:147
	Guiguema	18	269
	Madonga	49	554
	Jicondo	26	209
	Cache	4	26
	Mabuce	4	30
	Jangamo	148	588
	Guifugo	147	1:380
Bambamba	Indudo	113	338
	Inhacula	48	118
	Guinjarra	28	203
	Guimereço	19	194
	Lindela	69	379
	Bahane	11	52
	Mafaeaviane	75	338
	Marrima	35	191
	Biane	24	86
	Chamoane	11	123
Matenga	—	91	216
	Somma	1:465	13:407

Regulos, 3; cabos, 30; população (aproximada), 36:761 habitantes.

Nascimentos

Quando uma mulher sente as dores da maternidade, manda, chamar a parteira [1], e é no collo d'esta e dentro da palhota que tem o parto. A parteira, algumas vezes, vem acompanhada de uma feiticeira que faz previsões ao pae e a este communica os successos e, em caso de difficuldade, pratica ceremonias de feitiçaria. Nas crianças do sexo masculino, o cordão umbilical é cortado abaixo do joelho, por os indigenas possuirem a crença que da extensão d'elle depende o maior ou menor desenvolvimento do orgão sexual. No sexo feminino, é o cordão umbilical cortado acima do joelho.

Em seguida ao parto, é a criança mostrada aos assistentes, que teem que contribuir com qualquer presente á parteira.

A mãe unta com azeite de amendoim, mafurreira ou xicungo os mammilos, a fim de fazer apparecer o leite. Pelo pae é dada uma pequena festa ás pessoas de familia presentes que teem as-

[1] Vide app.

sistido ás operações de parto e onde, como é da praxe, se distribue larga porção de qualquer bebida. Depois da festa, e dois ou tres dias depois do parto, sae a parturiente da palhota com o filho ás costas, seguida da parteira, que vae destruindo os vestigios de todas as pégadas dadas pela mãe. Depois de todas as pessoas se terem retirado, fazem uma ceremonia [1], que consiste no seguinte:

Na esteira é estendido o pano que serve para trazer a criança amarrada ás costas, e sobre esse pano são collocados, depois de torcidos pelo marido, dois fios de linhas. Sobre esse pano e fios se deitam o marido e a mulher com a criança ao meio e, em seguida, teem relações sexuaes. No dia seguinte, ao romper do dia, deixam caír sobre os fios a agua com que se lavam e, em seguida, os fios são collocados á cintura da criança. Estes fios, muitas vezes, são enfeitados com missanga, que fica até cair.

Estas praticas teem por fim, segundo os indigenas crêem, garantir o desenvolvimento da criança. Logo que um rapaz chega aos seis annos, pouco mais ou menos, tem logar uma das praticas mais importantes observadas nestes indigenas: a da circumcisão. Obtida licença da respectiva autoridade cafreal, prepara-se no mato denso um terreno, que se limpa e cerca de forma que de fóra nada se veja. Neste logar se faz uma barraca de folha de palmeira ou de palha e nella se encontra o doutor ou operador, que vae recebendo os rapazes. Estes veem acompanhados cada um de um homem, especie de padrinho, encarregado de cuidar e tratar d'elles. O operador recebe determinada quantia por cada rapaz, além da autoridade cafreal, que tambem recebe uns emolumentos. Esta quantia é variavel em 200 réis e uma gallinha, ou 500 réis, e ás vezes mais. Em seguida começa a operação do córte do prepucio a cada um dos rapazes, feita rapidamente pelo operador com o auxilio de um canivete bem afiado. Na ferida são collocadas umas folhas cozidas em agua a ferver, acompanhadas de massagens até parar o sangue.

Depois d'estas operações conservam-se ainda os rapazes alguns dias com o feiticeiro, a fim de aprenderem, por meio de perguntas e respostas, os seus deveres futuros como homens nas suas relações sexuaes com as mulheres.

Entre os Bashopes ha o costume de os rapazes se cobrirem com mólhos de palha, a fim de não serem conhecidos pelos estranhos.

Durante o tempo que os rapazes se conservam neste logar, as mães levam-lhes a comida, que deixam ficar fóra do recinto e onde cada padrinho a vae buscar para a entregar ao seu afilhado.

---

[1] Vide app.

É expressamente defeso, durante as ceremonias da circumcisão, aos paes terem relações sexuaes, na crença que, se as tiverem, os filhos morrerão.

Depois de todas estas ceremonias, são os rapazes levados para um outro recinto, onde as familias os vão buscar, para o que lhes levam roupas novas e de onde saem ás costas das raparigas que não sejam suas parentes, as quaes os levam em visita aos parentes mais proximos e, em seguida, ás casas dos paes, onde se dá uma pequena festa. E' costume os rapazes, finda a ceremonia da circumcisão, adoptarem outro nome e abandonarem aquelle que lhe fôra dado pela mãe na occasião do seu nascimento. A unica occupação dos rapazes, emquanto não chegam á idade de poderem emigrar, é apascentar os gados, e é curioso vêr, ás vezes a distancias grandes das povoações, garotos de seis e sete annos a guardarem grandes manadas de bois, carneiros e cabritos.

Nas raparigas, logo que apparece a primeira menstruação, é a rapariga isolada numa palhota, tratando d'ella uma mulher que que seja mãe de filhos, porisso que não pode ser tratada por uma mulher esteril, pelo receio de lhe transmittir a esterilidade. A rapariga não pode falar com pessoa alguma, a não ser com a referida mulher, e, se tem necessidade de saír da palhota, não pode levantar os olhos do chão. Findo o periodo da menstruação, sae a rapariga para fóra, com roupas novas e muitos enfeites de missanga no pescoço e na cabeça, para que os rapazes a vejam e saibam que está apta para ter filhos. As raparigas landinas, depois da primeira menstruação, a primeira vez que se vão banhar vão acompanhadas por muitas mulheres, uma das quaes a vae empurrando e puxando violentamente, emquanto que as outras cantam acompanhadas por um pequeno tambor que uma toca. Esta pratica quer significar, segundo ellas, que a rapariga quando casar deve ser diligente e trabalhadora. As raparigas começam, desde muito pequenas, a trabalhar, na companhia das mães no amanho das terras e a cozinhar para os parentes. Da mesma forma adoptam outro nome.

É tambem no periodo da adolescencia que se pratica a tatuagem. É neste uso que os costumes dos indigenas d'este districto differem sensivelmente.

Só as mulheres Batongas usam a seguinte tatuagem: na cara e nos braços, com tinta de lula, e com um mólho de seis agulhas fazem umas pintas pretas. Tambem aguçam os dentes com auxilio de um pequeno formão, martelo e lima.

Os Batongas do sexo masculino não usam tatuagem alguma e, quando muito, apenas furam as orelhas para usarem brincos. Existe, porém, uma tatuagem commum ás mulheres de todas as raças, que consiste nuns golpes dados com um instrumento em forma de raspadeira e com o auxilio de um pequeno gancho, de modo a que a pelle fique levantada.

Nas Batongas e nas Landinas esta tatuagem é limitada á parte

inferior da barriga, na cintura e no alto das coxas, mas nas Bashopes esta tatuagem estende-se quasi por todo o corpo. Esta mesma tatuagem é usada pelos Bashopes do sexo masculino no rosto, mas este uso tende a desapparecer, por motivo da troça que os outros indigenas lhes fazem.

Entre os Bashopes alguns ha que limam os dentes, aguçando-os, mas a maioria abandonou esta pratica, que nunca se tornou um caracteristico de raça.

Usavam tambem os Bashopes o singular costume de darem uns córtes na cara, no sentido horizontal, significando cada córte a morte de um inimigo. Como até á data da prisão do Gungunhana eram vulgares os conflictos sangrentos não só com a gente d'este, mas tambem entre si, não é raro encontrarem-se indigenas com estes signaes. Estou, porém, convencido que muitos d'elles, embora por vaidade digam o contrario, nunca mataram inimigo algum.

A mulher Landina usa ainda uma especie de tatuagem peculiar á sua raça, que é uma pequena linha, em sentido horizontal, de pequenos golpes, que se estende quasi desde uma orelha até ao canto do olho. Tambem só nos homens Landins se encontra o uso de rasgarem largamente o lobulo da orelha, onde lhe mettem, ás vezes, canudos de folha do rapé. Este uso, na gente nova, tambem tende a desapparecer.

Os Landins da segunda invasão e do seu contacto com os Vatuas trouxeram tambem o uso da rodela de cêra na cabeça, tão vulgar entre os Zulos. É principalmente nos Landins-Macuacuas que este costume se observa. Esta rodela é formada por um entrançado de fio e do cabello e envolto em cêra preta [1]. O indigena que se presa traz sempre a sua rodela muito lustrosa. Só a podem, porém, usar o chefe da povoação e herdeiro dos seus antepassados e só depois de entrar na idade madura. Só a tiram temporariamente por morte da mulher grande.

Teem as mulheres Landinas e Bashopes o costume, depois de parirem, de se untarem, e untarem os recemnascidos e os panos com barro cozido vermelho, misturado com azeite de mafurreira. Dizem os indigenas que esta pratica evita as mulheres cheirarem mal!

Casamentos

A polygamia é, desde tempos remotos, usada entre os indigenas d'este districto, e, á excepção dos regulos, o maior numero de mulheres que um indigena possue não vae além de tres ou

[1] A cêra preta é extrahida das colmeias que as abelhas fazem no solo.

Mulheres Shopes

quatro, e mesmo estes numeros não formam a maioria. O mais vulgar é uma ou duas mulheres, sobretudo depois que se deu o augmento do imposto de palhota.

Tornou-se facto vulgar o repudio de herança de mulheres, e, sendo de uso que cada mulher tenha a sua palhota, o indigena não quer assumir mais encargos. Em regra, um indigena não compra mais de uma ou duas mulheres; e se mais tem, foram herdadas.

Por morte do chefe da familia, as mulheres e os filhos, se são pequenos, são herdados pelo irmão que se lhe seguia em idade, e assim por diante. No caso de não haver irmão, por terem morrido, a herança é recolhida pelo sobrinho ou filho do irmão mais velho e, a seguir a este, os outros irmãos ou sobrinhos, e, seguindo-se nesta ordem, passarão aos filhos do terceiro irmão, etc. Dado o caso que, morto o chefe de familia, não tivesse deixado irmãos ou sobrinhos, a herança pertencerá ao filho mais velho, a cargo de quem ficarão as mulheres do pae e os irmãos pequenos. Se forem raparigas, as quantias por que estas forem vendidas, assim como nos casos antecedentes, pertencem áquelle que foi considerado herdeiro. Estas regras, devido ás differentes interpretações que lhes teem dado as autoridades na resolução das questões, já não são tão rigorosamente observadas como eram d'antes.

As mulheres, gosando de uma liberdade que não tinham, não lhe agradando o novo marido, emancipam-se, e é esta uma das origens de questões. Bem se faz nisto sentir a falta, como noutras coisas, de um regulamento de justiça cafreal.

Não ha preferencias ou desigualdades entre os filhos de differentes mulheres. Os filhos das mulheres herdadas, sobrinhos ou primos, são considerados pelos herdeiros como filhos tambem e como tal tratados.

As mulheres, ou por morte do novo marido ou ás vezes antes d'isso, vão viver para a povoação de um dos filhos.

Logo que o indigena chega á puberdade, trata de procurar mulher. Os Batongas e Bashopes não vão longe procural-a, ao contrario do Landim que viaja bastante até encontrar mulher a seu gosto.

É vulgar vêrem-se rapazes, ainda muito novos, de quatorze a quinze annos, já terem mulheres mais novas ainda.

Devido á liberdade de que gosam os indigenas de ambos os sexos, as relações tornam-se faceis, mesmo antes do consentimento dos paes. Uma vez realizada esta ligação, lá está o pae da rapariga um dia a pedir as libras ao genro ou ao pae d'este. Se este as não tem, o rapaz emigra immediatamente.

O Landim é de todos os indigenas aquelle que procura ter mais mulheres. O Muchope e o Tonga contentam se muitas vezes só com uma. Quando um homem volta do Transvaal e não tinha antes nenhum compromisso, vae aos batuques arranjar noiva e,

por meio de uma intermediaria[1], trata de saber se a rapariga que lhe agradou deseja casar. Se esta diz que sim, entende-se então a intermediaria com os paes ou representando como taes e, assente o preço, trata-se o dia do casamento.

Pelo noivo são offerecidos presentes[2] á futura sogra, tudo acompanhado de bebidas, que são indispensaveis.

Em seguida, pelos parentes do noivo é entregue ao pae a somma ajustada[2]. Se este tem mais filhos, esta quantia é guardada para a compra de uma mulher para outro filho que tenha.

Nesta occasião, a mãe da noiva participa ao noivo que deseja fazer as papas de farinha de mexueira fermentada e milho, indo o noivo a casa do pae dar-lhe d'isto conhecimento. Logo que o pae do noivo a este diz que a mãe da noiva pode fazer as papas, o noivo assim o vem participar á futura sogra. Feitas as papas, o noivo, acompanhado da noiva e dos paes d'esta, dirige-se a casa dos paes d'aquelle, sendo a panela[2], onde fermentaram e conduzem as papas, recolhida pela mãe da noiva, que as come juntamente com as crianças ou familia e, na falta d'estas, com quaesquer outros. A noiva é obrigada a carregar com a panela.

Na povoação dos paes do noivo é dada a este e á noiva uma palhota onde, nessa noite, devem ter as suas primeiras relações sexuaes, noite em que os paes do noivo as não podem ter.

Na madrugada seguinte, e em metade da casca de um côco, ou de maçala, se é para o interior, onde não ha coqueiros, os noivos deitam cada um um bochecho de agua, com a qual, á porta da palhota, lavam as mãos, vindo em seguida os paes d'elle pisar o sitio onde essa agua caíu.

Na noite d'esse dia os noivos não teem relações, tendo-as, porém, os paes d'elle, que na madrugada seguinte fazem a mesma ceremonia da agua, indo os noivos pisar o sitio onde a agua caíu. Dias depois repetem-se as ceremonias precedentes em casa dos paes da noiva, findas as quaes estes acompanham os recemcasados á povoação onde tencionam ir viver.

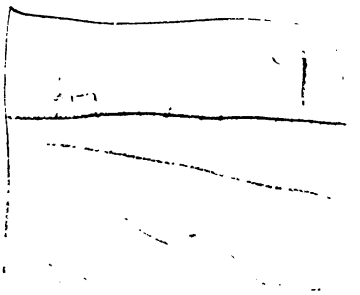
O Landim, em geral, faz povoação nova, ao contrario do Muchope que se agrupa. O Tonga, umas vezes, agrupa-se, outras vezes, isola-se, e, assim, ha povoações com uma só palhota e ha outras com cincoenta e mais.

Compete ao homem fazer a palhota. Esta compõe-se de uma cupula em forma de funil, composta de paus delgados, entrançados e presos uns aos outros por cordas vegetaes. Esta cupula é coberta de colmo. O corpo da palhota é de caniço, entrançado, e revestido interiormente de barro amassado ou areia argillosa[2]. Esta ultima operação pertence ás mulheres.

---

[1] Como se trata de tres raças, é ao vocabulario que pertence a traducção de varias palavras onde se encontram os tres dialectos.

[2] Vide app.



Rapaz Shope

Aos homens pertence ainda a confecção de artigos de uso domestico: o pilão, escudelas de madeira, colheres de pau, esteiras, cabos de enxadas, cabos de machadinhas indigenas, etc. Quando um indigena pretende casar com outra mulher, é a primeira sempre consultada e fica sendo sempre, para todos os effeitos, a mulher grande e as outras reconhecem-lhe a autoridade.

Constituido o *ménage,* entram os noivos na sua vida habitual. A mulher levanta-se muito cedo para pilar o milho e preparar a refeição da manhã. O indigena, ao contrario do que muita gente imagina, não é madrugador, sobretudo no inverno. Logo que se levanta, trata de comer. As refeições dos indigenas d'este districto compõem-se do seguinte: farinha de milho, mexueira ou mandioca com molho de amendoim, mafurreira, ou de côco, se é no litoral. Tambem usam o azeite de castanha de cajú. Estes oleos, que constituem os taes molhos ou caril, são misturados com folhas de diversas plantas bravas, taes como a *inganga* ou *inkaka, imbôa*, etc., ou com a rama de abobora, feijão e batata doce. No litoral, ao caril é addicionado marisco ou peixe, e no interior, quando é apanhada, alguma peça de caça ou qualquer outro animal. Da mesma forma são aproveitados todos os animaes domesticos que morrem de qualquer doença e, uma vez por outra, matam uma gallinha, porco ou cabrito.

Finda a refeição da manhã, o indigena do sexo masculino vae passear até á povoação dos vizinhos, conversar, saber novidades, beber e fumar o *bangue*, que não é mais que o conhecido *narguillé* asiatico: um chifre de boi, cheio de agua, um receptaculo para depositar o tabaco em contacto com uma brasa, e um canudo de ligação entre o deposito e a agua. O grande luxo entre os indigenas é de mostrarem, após duas ou tres aspirações prolongadas, quanto tempo podem conservar o fumo sem o expellir. Pode-se calcular quanto este uso é pernicioso.

Á hora do calor regressa a casa e, estendido numa esteira, dorme até á tarde, em que dá novo passeio. Volta ao escurecer, come e acocora-se em volta da fogueira até ás nove ou dez horas, em que se vae deitar. Umas vezes por outras faz esteiras ou vae á caça, por distracção, com o arco e flecha ou fazendo armadilhas.

O Muchope é o unico que trabalha nos campos ao lado da mulher. Além d'isso, trabalha em ferro e na confecção dos *txalos*, (panos de casca de arvore).

A mulher, de manhã, depois de preparada a refeição, se não a fez de vespera, vae cultivar, volta á hora do calor e, de tarde, vae novamente cultivar; ao entardecer volta a preparar nova refeição, finda a qual se senta em volta da fogueira até recolher á sua palhota. Cada mulher tem uma palhota, separada.

Como se vê, não é muito movimentada a vida dos indigenas.

Além dos trabalhos de cultura e domesticos, teem ainda as mulheres a occupação de fazerem o sal. Nas praias lodosas,

junto ao mar, em certas planicies e margens de alguns rios, com a casca de um caracol grande, vazia, recolhem o salitre que á superficie alli se encontra, depois do que o dissolvem em agua salgada ou salobra. Em seguida é a agua deitada numa panela, ao fogo, até que, pela evaporação, a agua desapparece, ficando o sal depositado no fundo.

Os Bashopes, quasi pelo mesmo systema que se usa para seccar o peixe, fazem pedras grandes de sal, que é artigo de permuta entre os indigenas.

Teem tambem os homens uma occupação especial: a de fazer o lume. Com dois paus, de pequenas dimensões, de duas arvores resinosas [1], tendo um d'elles um pequeno buraco ao centro e o outro terminado em ponta, que entra no buraco, tendo préviamente collocado qualquer coisa sêcca posta nelle, obteem o lume pela fricção. Esta operação não é feita amiudadas vezes, porque as mulheres, quando se ausentam, teem o cuidado de deixar ardendo grossos madeiros; de noite conservam sempre o lume na palhota e, além d'isso, o uso dos phosphoros está bastante vulgarizado.

Antes de terminar este capitulo, não quero deixar de me referir a uma curiosa pratica dos indigenas.

Quando um indigena casado se deseja queixar á sogra, por quem nutre muito respeito, que a esposa d'elle não tem os cuidados hygienicos secretos, que deve ter nas suas relações intimas com o marido, leva um gallo morto, sem pennas no rabo, á sogra, sem dizer palavra, e uma gallinha, sem pennas no rabo tambem, quando a esposa a si propria não cura dos mesmos cuidados. Em geral referem-se á pratica de todos os indigenas raparem á navalha todos os pêlos que teem nos sovacos ou no baixo ventre.

Doenças

As duas fontes perennes e originarias de doenças, que poderosamente devem affectar a economia physica do indigena d'este districto, são, sem duvida, a emigração e o alcoolismo e, quando tratei d'este capitulo, já a ellas me referi. Os algarismos officiaes dão-nos a percentagem de 3 % de indigenas mortos no Transvaal.

Segundo os calculos que eu proprio fiz, obtive uma média de 8 %, não entrando neste numero os indigenas cujo paradeiro se ignora, não constando ás familias os seus fallecimentos.

Para ennegrecer o quadro, temos ainda a enorme percentagem

[1] Vide app.

de crianças recemnascidas que morrem devido, em parte, a causas hereditarias e, parte, aos poucos cuidados e ignorancia total dos principios mais rudimentares de hygiene por parte das mães. Por ultimo, a lepra, com todos os seus horrores caracteristicos, vem ainda augmentar este funebre cortejo com uma percentagem que julgo não inferior a 1 %.

Encerra este capitulo materia delicada, para que um estranho em sciencia medica, e sem conhecimentos technicos, possa nelles espraiar-se e, porisso, apenas me limito ao que tenho observado e, ao mesmo tempo, descrevendo certas praticas indigenas, observadas nalgumas doenças.

A marcha da doença no tisico é rapida, devido á forma como o indigena se alimenta. A sua maneira de viver só se modifica quando a morte vem, que, na maioria dos casos, não se faz esperar muito, o que, no meu entender, é ainda um bem. O feiticeiro limita-se a explorar o doente, tendo conhecido desde logo que a doença é das que não tem cura. Algumas vezes a familia, com o receio do contagio, ou por ser uma boca inutil, abandona o tisico no mato ou á beira de um caminho. Quando morre um tisico, os Landins não pegam no cadaver: atam uma corda ao pescoço do morto e arrastam-no para fóra da palhota, e só então é que lhe pegam até á cova. Quando morre mais de um tisico na mesma povoação, mudam-se para outra região.

Os Bashopes teem uma pratica muito curiosa: quando morre um tisico, o irmão ou o parente mais proximo abre o cadaver e tira-lhe o coração, figado e baço, depois do que o cadaver é enterrado, tendo-lhe antes collocado o fruto da maçala em cima da cabeça. Depois da cova estar tapada com terra, collocam os despojos (coração, figado e baço) em cima d'ella, ligeiramente cobertos com terra. Em seguida cercam com ramos de arvores espinhosas a cova onde jaz o morto, a fim de evitar que os animaes ahi penetrem. E assim se evita o contagio, segundo elles dizem!

Quando uma mulher pare um feto, é este mettido dentro de uma panela e deitado num pantano. Se assim não fizer, é crença dos indigenas que a mulher se tornará esteril. Se a criança nasceu morta, deve tambem ser deitada em sitio pantanoso. E' attribuida a falta de chuvas o não ter sido observada esta pratica por qualquer mulher. Em qualquer dos casos, são sempre as mulheres encarregadas d'estas operações. Para evitar a falta de chuvas, costumam tambem os Landins e Batongas deitar em sitios pantanosos os cadaveres de homens ou mulheres que morrem hydropicos ou com qualquer outra doença de que resulte inchar demasiado o ventre.

Entre os Bashopes, com esta ultima doença, procede-se de uma forma bastante barbara: o cadaver do homem ou da mulher é mettido dentro de uma cova e ligeiramente coberto com terra. Depois, com paus aguçados, batem na barriga do morto até a

terem furado bastante, só depois do que é completamente cheia a cova de terra. Com excepção da variola, procede-se sempre, no caso de morte, com as ceremonias já descriptas noutro capitulo.

A variola, antes das providencias tomadas pelo Estado, fazia, sempre que apparecia, immensas victimas, e só depois da epidemia ter desapparecido por completo é que se procediam ás ceremonias.

A não serem tomadas as medidas que a gravidade da lepra attinge pelo contagio, é de prevêr que o numero de leprosos seja, dentro em pouco, enorme e assuma as proporções de uma verdadeira calamidade. Tenho visto nalgumas povoações leprosos adultos e, nas mesmas povoações, algumas crianças já com os signaes d'esta repugnante doença, sem que estas sejam filhas dos primeiros, o que só se explica pelo contagio, o que não deve admirar, vendo-os comer do mesmo prato e dormindo na mesma esteira.

Creio ainda hoje não ser conhecida a origem da elephantiasis, mas o que é certo é que esta doença só se observa junto ao litoral e numa faixa muito restricta, que começa na Mutamba e acaba em Morrumbene, na margem esquerda da bahia, e desde Cobane até acima de Mocucune, na margem direita.

Os indigenas dentro d'estas areas todos os dias vão apanhar marisco na praia, quando a maré vasa, e alli passam horas. O marisco é tambem uma parte integrante da sua alimentação. Para o interior nem um só caso se observa de elephantiasis. Tambem é muito mais frequente nas mulheres que nos homens.

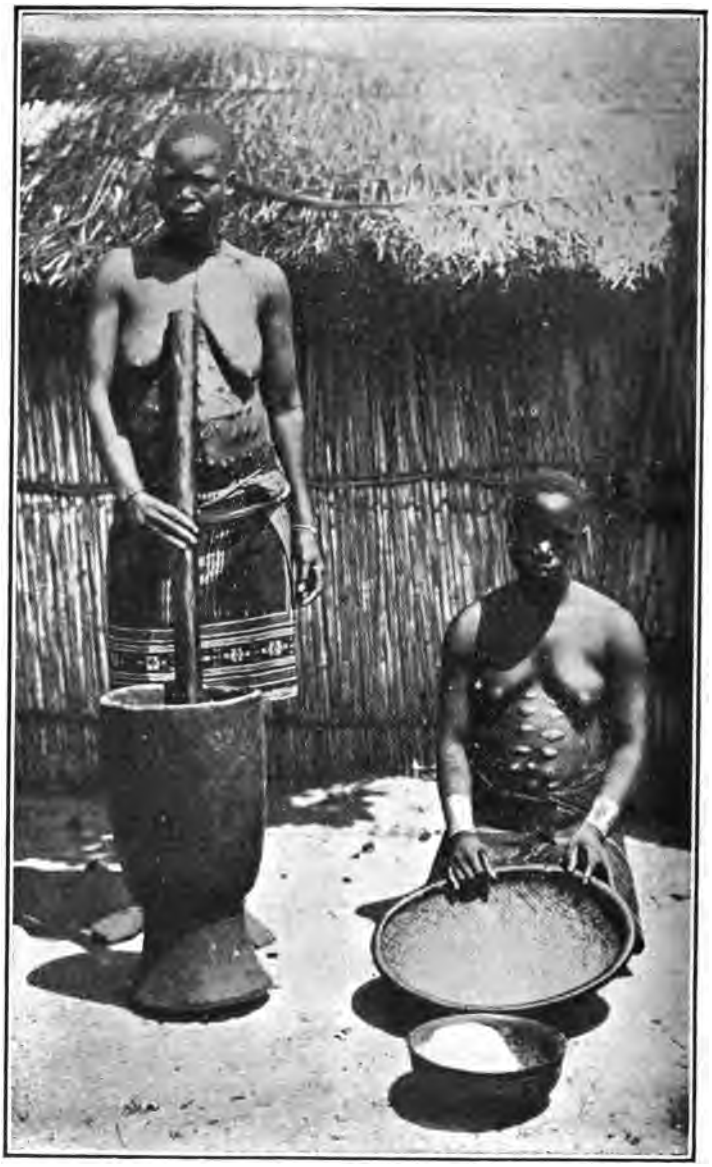
A syphilis é relativamente pouco abundante, e, quanto mais para o interior, menos existe. O contagio d'esta doença é pouco para temer, e explica-se este facto pelo seguinte: em primeiro logar, porque qualquer doença nos orgãos genitaes do indigena, por muito insignificantes que sejam, attingem desde logo enormes proporções, devido á falta de hygiene e remedios apropriados, que o impossibilitam de ter coito; e, em segundo, porque o indigena evita ter contacto com qualquer mulher quando se sente doente. Nisto são superiores a muitos brancos.

Conheço casos de morte produzidos por simples blennorrhagias.

O hydrocele é vulgarissimo em todo o districto.

Ao contrario do que se julga na Europa, o indigena é bastante atacado de febres, e algumas de caracter pernicioso, de que morrem em algumas horas. Não teem nome especial para designar a febre, e dizem simplesmente estarem doentes. Doenças no baço e no figado são vulgares e curam-se fazendo pequenas incisões na parte affectada. A sarna é vulgar e cura-se untando-se com azeite de mafurreira. Possuem um grande remedio, applicado exteriormente, para o rheumatismo muscular.

Pena é que a flora d'esta provincia esteja ainda por estudar,



Mulheres shopes pilanoo

pois que neste campo muita coisa se aprendia. A'parte a intrujisse e impirismo, de que todo e qualquer feiticeiro dá provas, é certo que conhecem as propriedades therapeuticas de muitas plantas, que são desconhecidas dos europeus.

Mortes

No caso da morte de um indigena, ha um representante da familia encarregado de receber os cumprimentos. Se a mulher que morre era casada, é o marido; se é o marido que morre, é a mulher grande, se houver mais do que uma; sendo filhos, os paes.

Quando morre um indigena não faltam as visitas de mulheres que veem para chorar e beber, e homens que veem só para beber. As mulheres que veem chorar rodeiam o cadaver, pedindo em altos gritos ao morto que transmitta recados aos parentes fallecidos. O cadaver é envolto num pano e dobrado até chegar com os joelhos á boca, e é nesta posição que é enterrado. Enterram os cadaveres perto das povoações, para o que deixam sempre perto da povoação um bocado de mato denso.

O cadaver segue para o local onde deve ser enterrado, e as mulheres voltam para dentro da palhota a continuar a carpir e a beber por alguns dias. Se são indigenas importantes, dão-se batuques grandes; se não são, pequenos batuques, onde os rapazes e as raparigas vão dançar. Em acto continuo á saida do cadaver, são colhidas umas folhas, que se pisam em agua, e com as quaes todos os parentes e pessoas presentes besuntam as mãos e o rosto, depois do que cada um se pode retirar. No ultimo dia do carpimento tem logar a ceremonia de lavar o sujo, que consta do seguinte: pelos parentes do fallecido é chamado o feiticeiro, que nesta occasião faz diversas scenas de nigromancia, para conhecer se o serviço que vae fazer lhe sairá bem, e pede um gallo e uma gallinha, que amarra em qualquer parte. Em seguida, o representante da familia (suppondo que foi um homem que morreu) deita num pilão uma porção de mexueira, que pila até ficar reduzida a farinha, e com esta são feitas umas papas pelo feiticeiro, a que junta umas ervas. Depois de feitas as papas, são comidas pelos parentes do morto e pelo feiticeiro, tirando antes uma pequena porção com que besuntam uma arvore. A arvore besuntada serve para que os parentes ausentes, que não tenham assistido ás respectivas ceremonias, embora regressem bastantes annos depois, dêem uma volta á roda da arvore, sem o que se não podem utilizar de qualquer coisa que lhes seja offerecida pelos parentes. Na noite em que comem as papas é lavado o sujo pela seguinte forma: se é o marido que morreu, a mulher viuva, com o cunhado mais velho, entra numa palhota e

tem com este relações sexuaes por duas vezes, uma ao deitar e outra de madrugada. Nessa madrugada, ao levantar-se, a mulher vae buscar agua, de que deita num côco, ou noutra coisa qualquer, um bochecho e o cunhado outro. A mulher, então, sae com a agua contida no côco para fóra da palhota e lava as mãos, deixando cair parte d'esta no chão, para que todos os parentes venham pisar esse sitio finda que seja a ceremonia, e a outra parte da agua é lançada sobre o tronco da arvore que foi besuntado com as papas.

Em seguida tem logar outra ceremonia.

A mulher viuva e o cunhado mais velho, já considerados marido e mulher, sentam-se á porta da palhota, um ao pé do outro, tendo junto a si uma pequena panela com agua e uma navalha. Os parentes veem vindo, um por cada vez, e sentam-se defronte da mulher e ao pé d'esta, molhando uma pequena porção de cabello d'esse parente com agua que com os dedos tira da panela; pega em seguida na navalha e corta a parte do cabello que se molhou, parte geralmente tão pequena que mal se conhece, depois do que torna a collocar a navalha em cima da panela. Por sua vez, o parente, molhando tambem os dedos e uma parte do cabello da mulher, a esta faz a mesma operação, e depondo a navalha sobre a panela vae sentar-se em frente do marido d'aquella e junto a ella. O marido faz e recebe a mesma operação, e assim seguidamente até ao ultimo parente presente. Depois d'esta operação, em geral, os indigenas rapam o cabello á navalha, em signal de luto. A' proporção que cada parente vae terminando esta ceremonia, é mandado pela viuva pisar o sitio onde a agua caiu, como ficou referido na precedente ceremonia. Depois, o feiticeiro mata a gallinha e o gallo, fazendo sobre estes uma especie de rezas. O gallo e a gallinha são assados, partidos aos bocados e repartidos estes pelos parentes, sendo os dois primeiros bocados dados á viuva e ao seu novo marido, e tendo préviamente vindo numa gamella de bebida feita de mexueira, que a viuva lança no chão com referencias ao morto e pedindo-lhe que esteja em descanço. O feiticeiro dá á viuva uma vara, com a qual ella bate em todos os objectos que pertenceram ao fallecido para lhes tirar o sujo.

Nenhuma mulher se pode negar á ceremonia de lavar o sujo porque, negando-se, os parentes a tal a obrigam, para não serem prejudicadas as restantes ceremonias, sem as quaes ninguem pode retirar-se para casa.

O lavar do sujo de paes para filhos obedece aos mesmos preceitos. Sendo mulher casada que morre, o marido lava o sujo com a segunda mulher, mas, não a tendo, é chamado um irmão d'elle, que, com a respectiva mulher, faz por aquelle as respectivas ceremonias.

A côr branca é, entre os indigenas, a que symboliza a dôr por morte de alguem.

Batuque Shope-Lifolo

O signal de luto mais usado entre os indigenas é a pratica de trazerem nos tornozelos, nos pulsos, ao pescoço e na cabeça fibra de palmeira-leque *(milala)*, em forma de pulseiras e cordões.

Quando os indigenas tomam qualquer bebida espirituosa, algumas vezes deitam uns bochechos fóra dedicados á memoria dos mortos.

Os Landins-Macuacuas costumam tambem deitar uma pequena porção de milho, amendoim e outros quaesquer generos que possuam perto da palhota onde vivia o parente que morreu. O mesmo praticam quando, por morte de um parente, mataram algum animal para obsequiar os convidados, indo deitar pequenos pedaços d'elle perto da palhota.

Questões

Quando me referi á emigração, citei já duas especies de questões a que ella deu logar.

Referir-me-ei a outras que, pela sua importancia, merecem não ficar esquecidas, mencionando tambem a forma como ellas eram resolvidas pelos indigenas [1].

1.º Quando a mulher foge ao marido sem forte motivo;

2.º Quando foge ao marido por maus tratos recebidos d'este;

3.º Quando foge para se unir a outro homem.

1.º O marido tem o direito a receber a quantia por que comprou a mulher, ou receber novamente a mulher ou uma irmã d'esta. Em qualquer d'estes casos, o marido tem a preferencia da escolha.

2.º Quando se prove que a mulher era maltratada, o marido não tem direito a quantia alguma, e quando muito, a levar novamente a mulher.

3.º A questão é resolvida como para o primeiro caso, ficando o direito ao sogro, ou representante como tal, de exigir a mesma quantia que foi obrigado a dar (suppondo que se tenha dado esta hypothese) ao segundo marido que a mulher escolher.

São motivos de repudio:

1.º Esterilidade;

2.º Entregar-se á prostituição;

3.º Recusar-se a trabalhar.

Em qualquer d'estes casos, o marido tem direito a receber novamente o dinheiro ou uma irmã, querendo.

É causa de litigio:

1.º A morte da mulher antes de ter tido um filho, tendo mor-

---

[1] Vide nota final.

rido em casa dos paes d'ella.—Esta questão é vulgar, apesar das injustiças a que ella dá logar. Muitas vezes o marido, vendo a mulher doente, sob qualquer pretexto empurra-a para casa da familia. Para não ter que dar novamente o dinheiro, a familia tambem não a quer receber, e assim anda a pobre mulher, empurrada de um lado e de outro.

2.º Quando um indigena morre no Transvaal e deixou uma mulher que ainda não estava paga.—A familia recebe novamente a mulher, podendo-a casar com outro homem. Em todo o caso o herdeiro tem a preferencia de ficar com a mulher, mas tem que pagar a quantia antes ajustada com o homem que morreu. Nesta hypothese, se ficou um filho, este pertence sempre á familia do morto, mas tem que dar uma indemnização á familia da mulher. Esta indemnização é, em geral, de uma libra.

Não é causa de litigio o facto de o marido não encontrar virgem a mulher com quem casa.

São origem de questões o reconhecimento de herdeiros. Este genero de demandas não é facil de resolver, principalmente por brancos, e pelo seguinte: Os indigenas chamam a todos os primos mais velhos, e em qualquer grau, paes; aos filhos d'estes, filhos; aos outros primos, chamam irmãos. Aos tios, e em qualquer grau, paes; e estes, por sua vez, aos filhos, sobrinhos. A unica distincção que existe é: *paes grandes* e *mães grandes*, dado aos verdadeiros paes, e aos tios, em primeiro grau; *paes pequenos* e *mães pequenas*, ás madrastas e tias noutros graus. Apesar d'este parentesco ser já complicado em extremo, ainda não fica por aqui.

Tambem são consideradas mães as outras mulheres dos paes e os parentes d'ellas tambem. Todos os parentes da mulher casada são da mesma forma parentes do marido e vice-versa. Por muito menos se suicidou o policia da anedocta...

Assim, fica explicado um facto que causa sempre admiração aos europeus: o do indigena, em viagem, encontrar sempre parentes em todas as regiões.

Temos, em seguida, as questões de terrenos. São de duas especies: terras pertencentes a collectividades, e as partes litigantes são dois regulos ou cabos limitrophes, ou parcellas individuaes de terrenos, e que se dá entre dois indigenas. No primeiro caso, a questão é sempre resolvida pelas autoridades. Antes do nosso dominio ser verdadeiramente effectivo, vencia, em geral, o mais forte, ou era chamado um terceiro regulo para servir de arbitro. Este genero de questões dava e ainda hoje dá logar a conflictos sangrentos.

Tratando-se de dois indigenas, o milando resolve-se facilmente, provando qualquer d'elles que o terreno em disputa já era antes por elle cultivado ou pertencia ao pae ou ao avô.

Ao contrario do que se dá com a herança das mulheres, os terrenos são herdados pelos filhos e pertencem ás mães d'elles no caso de ficarem em companhia d'estes.

Homem Shope

Os limites de terrenos de culturas, entre indigenas, são feitos, na generalidade, com ananazes ou arvores. Terras de regulos ou cabos: arvores e marcas.

Nos crimes de assassinato resolvia-se de duas maneiras: ou era observada á risca a pena de Talião, ou uma indemnização por parte do assassino á familia do assassinado.

A primeira solução era a mais vulgar e ainda hoje se dá. Na segunda hypothese, antes de os indigenas conhecerem as libras, cotava-se a vida de um homem em vinte peças de *lopa* (algodão azul), que passou depois para vinte libras.

Para o assassino ficar limpo da consciencia bastava-lhe um entendimento com o feiticeiro e este, por meio de qualquer scena de nicromancia, se encarregava d'isso. Nos crimes de roubo era o ladrão condemnado a pagar tres libras ao queixoso e os emolumentos ao *juiz*, que, em todo o genero de questões, era sempre o regulo ou cabo. Nas povoações dos regulos era uso haver um instrumento de castigo — o pique — bocado de tronco cavado, onde se mettiam os pés e as mãos dos accusados: ladrões, desordeiros e devedores renitentes; ou, para substituir o calabouço, o mesmo genero de castigo, com a differença que os pés e as mãos eram mettidos no buraco de uma arvore. Apesar de ser prohibido, ainda hoje se encontram nas povoações dos regulos ou cabos os taes piques e as arvores com buracos, e ainda hoje applicam estes castigos. Os desordeiros eram obrigados a pagar uma indemnização variavel ao queixoso.

As dividas eram e são herdadas de paes para filhos e ás vezes até dos avós.

O crime de adulterio resolve-se pagando o delinquente uma indemnização, ao marido, de tres libras. Esta indemnização é vulgarmente conhecida pelo nome de *Gôdé*. Por esta forma fica completamente illibada a honra do indigena.

Da forma de resolver uma questão por meio do *monso* ou *uanga*, a que nós chamamos *muave*, já a ella me referi noutro capitulo.

Tanto os queixosos como os accusados, na resolução das suas pendencias e quando se dirigiam ou dirigem ao regulo, tinham e teem que dar a este diversas quantias.

Uma observação digna de nota. Quando um indigena se deseja queixar de outro, vae ter com este, que immediatamente o acompanha ao regulo ou ao commando, ainda mesmo que tenha quasi a certeza de perder o litigio.

No caso de emprestimos, quem os adquirir é obrigado a restituir na mesma especie e quantidade. Na falta de cumprimento d'esta obrigação, será obrigado a restituir o seu equivalente em dinheiro, gados ou uma mulher. Além d'esta obrigação, terá ainda que pagar uma indemnização por perdas e damnos.

No caso de estupro violento, o delinquente será obrigado a pagar uma indemnização igual ao valor da mulher, sem que, com-

tudo, fique com direito a ella. Antigamente este crime era punivel com a morte.

Sobre heranças, já tratei no capitulo *Casamentos*.

Na generalidade, quasi todas as questões dos indigenas se resolvem por meio de indemnizações, que formam a base da justiça indigena, ainda que, como já referi, se trate de ferimentos, fogo posto ou casual, roubos, etc.

Quando as questões são resolvidas pelos regulos ou cabos, teem os indigenas litigantes o uso, depois de resolvido o milando, de darem com uma machadinha uns córtes numa arvore, ao mesmo tempo que declaram: «Nunca mais farei esta questão». Chamam a esta ceremonia: *Gu laxa jikugo* (cortar as gallinhas). Antigamente fazia-se esta ceremonia com uma gallinha. Cortava-se a gallinha ao meio, ficando dividida em duas partes, que eram comidas, depois da questão, por ambos os contendores.

Teem os indigenas um nome especial para applicar á indemnização por ferimentos: *Guiola-gante*, que significa limpar o sangue caído.

No caso, já referido, em que o devedor não tenha com que pagar a divida que contrahiu, e se veja obrigado a dar como pagamento uma mulher, empregam tambem a palavra *Marrumbi* (collo ou regaço). Referem-se ao costume dos regulos, nas reuniões, deitarem a cabeça no collo da mulher grande.

Juramentos. — Teem os indigenas d'este districto duas formas de jurar: a primeira, um pouco á similhança dos europeus; se é homem, jura pelas irmãs vivas ou mortas; se é mulher, pelos irmãos. A segunda, consiste em encher a mão de areia e assoprar esta, chegando, por vezes, a engulir parte, quando querem tornar mais energico esse juramento.

O Muchope emprega sempre, como formula obrigada no juramento, a palavra *Vote!* que pode ser tomada na accepção de *Juro*.

Alcoolismo

O conhecimento, pelos indigenas, do fabrico de bebidas destilladas não deve ir além de trinta annos e parece ter-lhes sido ensinado pelos asiaticos.

Até 1902, os canos de ferro (dos que servem para canalização de vapor e cujo diametro, em geral, não tem mais de uma pollegada) eram artigos de largo commercio para os negociantes asiaticos. Prohibida a sua venda, recorreram os indigenas aos canos de espingardas, que possuiam em grande numero. As espingardas que tinham e que ainda hoje teem, todas de systema antiquado, de carregar pela boca, eram antigamente tambem artigo de largo commercio.

Mulheres na agua

O principio em que se fundam os alambiques indigenas é exactamente o mesmo dos alambiques aperfeiçoados.

O alambique indigena compõe-se de uma panela grande de barro, outra mais pequena que serve de capacete á grande, cuja juncção é cuidadosamente coberta com barro; um cano, que sae do capacete, é assente dentro de um bocado de casca de arvore, de forma concava e cheio de agua.

Todos os indigenas do districto destillam, mas em maior quantidade o Mushope. Um Landim ou Tonga poucas vezes tem mais que um ou dois alambiques.

O Mushope tem cinco e mais.

Um vi eu já com nove.

O Mushope destilla tudo: mandioca, milho, cajú, laranja, ananaz e frutos silvestres; o Landim, mandioca, milho e cajú; o Tonga, cajú.

O Mushope, em regra, é o unico que trabalha com as mulheres no fabrico da aguardente. Os Bashopes e Tongas destillam para vender e beber. O Landim só para beber, e, caso curioso, é de todos o menos bebedo.

A aguardente preferida é a de cajú, e a de effeitos mais perniciosos a de farinha de mandioca, por nesta entrarem principios bastante toxicos.

Eis como os indigenas procedem com o fabrico das differentes especies de aguardentes:

Collocam o milho dentro de agua até grelar um pouco e depois começa a fermentação; a fecula de mandioca é cortada aos bocados e exposta ao sol e humidade, a fim de accelerar a podridão e inherente fermentação; em seguida é reduzida a farinha e misturada com o milho. Toda esta massa, depois de adduzida uma porção de agua, é posta num deposito de casca de arvore, com a capacidade, em média, de dois metros cubicos, por alguns dias, findos os quaes está prompta a entrar no alambique. Esta massa deita, como é natural, um cheiro nauseabundo. Os frutos, depois de algum sumo extrahido, deitam-se em deposito até fermentarem e vão em seguida para o alambique.

Divide-se em duas epocas distinctas o fabrico das bebidas destilladas: de novembro a fevereiro, de cajú e outros frutos; de maio a outubro, de farinha de mandioca.

E' principalmente na primeira epoca que o indigena se entrega por completo á embriaguez; d'ahi o accrescimo de crimes e augmento da mortalidade que se dá durante esta quadra.

Além das bebidas destilladas, tambem os indigenas fazem largo consumo das bebidas fermentadas: sumo de cana, sura de cajú, uputo e pombe. Parece estar provado scientificamente que, assim como as bebidas destilladas são de perniciosos resultados para o futuro d'estas raças, as bebidas fermentadas são necessarias á vida do indigena. Attribue-se mesmo ao sumo do cajú a propriedade de ser um depurativo de primeira ordem. Se os in-

digenas se limitassem apenas ao uso das bebidas fermentadas, o mal não seria grande, mas o peor é que bebe tambem, em excesso, aguardentes, peor ou melhor fabricadas, e sempre de funestos effeitos.

A embriaguez causada pelas bebidas fermentadas (sumo de cajú, sura e sumo de cana) é de pouca duração e manifesta-se por ruidosa alegria. A embriaguez causada pelas aguardentes de cajú e farinha de mandioca (sobretudo esta ultima) prolonga-se bastante e desenvolve-lhes os seus instinctos sanguinarios.

O indigena embriagado com a aguardente de farinha de mandioca desfigura-se por completo, incham-lhe as palpebras, os olhos injectam-se-lhe de sangue e, ou lhes dá para desordens, ou caem por completo numa imbecilidade muito proxima do idiotismo.

Pode dizer-se que 50 % dos crimes de assassinato que se commettem são devidos aos effeitos das bebidas alcoolicas, e d'estas se originam tambem os crimes mais repugnantes e menos vulgares de matricidio, parricidio e fratricidio.

Bebem todos, velhos e novos, homens e mulheres. Estas mesmo, nem no periodo da gravidez se cohibem, e, o que é mais ainda, dão a beber ás crianças que amamentam. Criados nesta escola, presume-se o que farão quando adultos e quanto o seu desenvolvimento physico soffre.

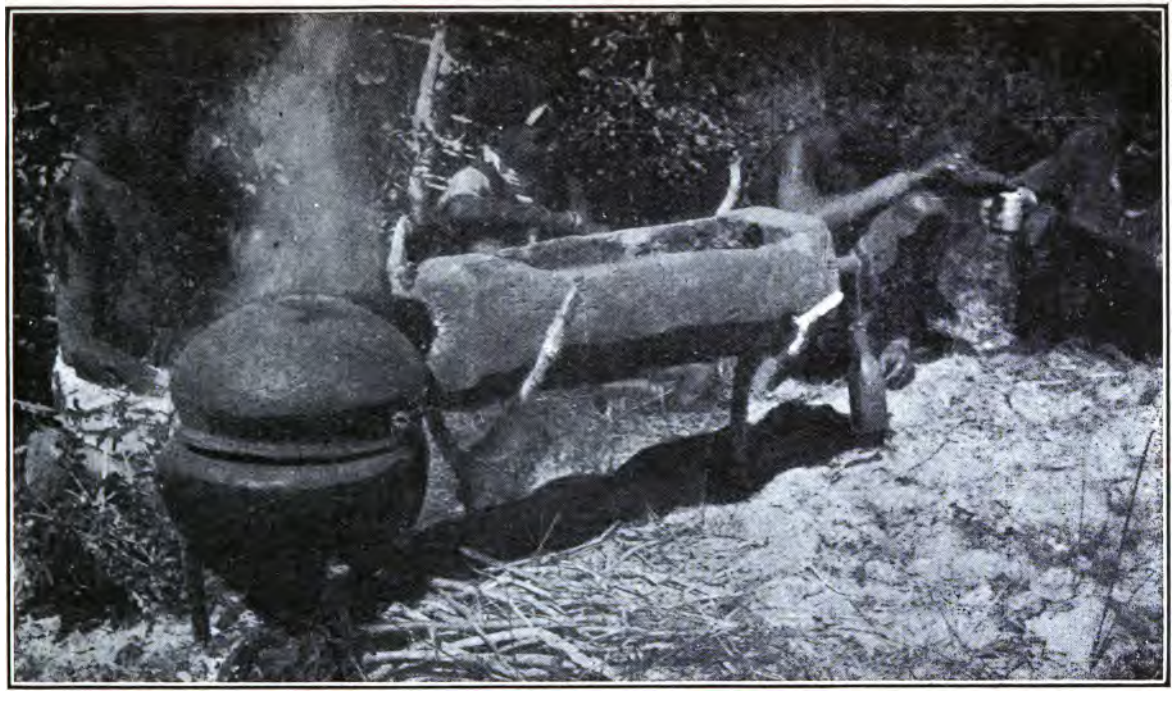
Podem os indigenas, ao serviço dos europeus, possuir algumas qualidades boas, mas se encontrarem ao seu alcance alguma coisa que lhes pareça que contém algum alcool, é certo que ha de roubar para beber. Nem mesmo a agua de Colonia e outras essencias escapam, e é porisso que os casos de envenenamento, se não fossem os cuidados dos patrões, seriam vulgarissimos.

Aguardentes com menos de 15° são consideradas como bebidas muito ordinarias.

Alcool de 90° já eu vi beber, e conheço mesmo alguns casos em que uns indigenas, tendo apanhado garrafões de alcool de 90°, tanto beberam, que alguns morreram pouco depois. Sempre que um europeu se dirige a um indigena, que não seja para lhe dar uma ordem, terá quasi como certo que elle diga que tem *injala* (fome), que neste caso se traduz por sêde (que não é de agua)!

No tempo quente, bebe, diz, para se refrescar; no tempo frio, para se aquecer; se está cançado, por causa da fadiga; se não está, para criar força; se está de saude, para não adoecer; e se está doente, para melhorar. Nascimentos, casamentos e mortes são outros tantos pretextos para beberem até cair.

Quando um indigena visita outro, o dono da casa sentir-se-ia o ser mais infimo da terra se não tivesse alguma coisa de beber para offerecer ao seu hospede, e se, casualmente, não tem, irá pedir emprestado para comprar e fará todos os sacrificios para obter; se assim não procedesse, teria que mudar de região, pois seria considerado pelos outros como um ente villissimo e indigno. Ceremonia alguma se faz sem muito se beber.



Um alambique indigena

A embriaguez representa para o indigena uma obrigação, quasi como uma religião: bebe para se embebedar.

Temos ainda o vinho branco, veneno de origem e fabrico europeu, que de Portugal para cá nos exportam com o suggestivo nome de *vinho branco para pretos!* ou *vinho colonial.*

D'este nem ao menos se pode dizer o que Ramalho Ortigão dizia do vinho que se exportava para o Brasil: «que, além de muitas outras coisas, até tinha algum sumo de uva!».

O que os medicos teem dito sobre tal beberagem é sufficiente para que se torne preciso alongar-me mais sobre a sua composição. Ao principio, o indigena, neste districto, bebeu o vinho branco como uma novidade; mas as doenças intestinaes provenientes do uso d'elle, e, por ultimo, a lenda que se espalhou entre os indigenas, que o vinho branco era feito na Europa com sangue de preto, fazem com que a sua venda seja hoje insignificante.

O curso e origem da lenda deve-se, segundo se diz, aos missionarios indigenas, e, a ser verdade, é o unico serviço util que se lhes conhece. Asseveram mesmo os indigenas que nos Shopes se encontrou um dedo de um homem de côr. Na verdade, os missionarios de côr aconselhavam os indigenas a não beber, mas, ou porque elles não acompanhavam de exemplos as suas predicas — o caso de frei Thomaz — ou porque, como alguns já me disseram, eram ameaçados de pancadas quando prégavam a temperança, o certo é que se deixaram d'isso.

Resta-me descrever o fabrico das bebidas fermentadas.

Jambarau [1], (sumo de cajú, que fermenta depressa). — Attribue-se a um Loforte, então capitão-mór das terras, a introducção do cajueiro neste districto.

Sope ou chuaioaio. — *Sope* se chama no litoral ao sumo da cana fermentada e *chuaioaio* mais para o interior. A cana saccharina é esmagada em trapiches de ferro e o seu sumo recolhido em depositos de madeira; no tempo quente a sua fermentação é rapida. Antes de 1902 os indigenas tambem usavam trapiches de madeira rudimentares, imitação dos trapiches usados pelos europeus. A cana saccharina parece ter sido introduzida neste districto pelos europeus, ahi por 1870, tendo vindo das Mauricias.

Sura. — Bebida extrahida de duas especies de palmeira: no litoral, do coqueiro *(Cocos Nucifera L.)*, e, no interior, de uma palmeira brava, anã, a *Borassus Flabellifer,* muito vulgar nas planicies de Panda. A extracção da sura do coqueiro é simples. Um homem sobe até á parte superior do coqueiro, corta a extremidade ao pedunculo floral antes das flores abrirem; liga essa parte e faz uma incisão abaixo da ligadura; em seguida liga-se

[1] Palavra de origem Macúa.

ao pedunculo o involucro da amendoa do côco vazio para recolher a sura. Todos os dias se faz esta operação e todos os dias tambem é recolhido o liquido de manhã. Só os Batongas se dedicam á extracção da sura dos coqueiros e os que se dedicam a este mister são chamados *mugueimas*. São frequentes os desastres, pois os indigenas sobem ás palmeiras muitas vezes embriagados, e, perdendo o equilibrio, não raro caem de grandes alturas.

A extracção da sura da palmeira brava é mais simples. Corta-se-lhe o olho ou gomo terminal e prende-se-lhe um vaso, em geral a casca da maçala, em que se recolhe a seiva, que só é bebida depois de fermentada; ás vezes tambem a destillam, e a aguardente produzida é artigo de largo commercio entre Landins e Bashopes, que ambos se dedicam á extracção d'esta especie de sura. Doce, é uma bebida bastante agradavel e fresca.

Putso e pombe. — A differença entre uma e outra bebida é pequena e consiste em que a massa liquida fique mais ou menos compacta. Compõe-se de milho grelado e já em estado de fermentação, a que se mistura farinha de mexueira, o que tudo é amassado, e addicionada uma porção de agua, torna-se num liquido mais ou menos grosso.

Emigração

Desde a descoberta das minas de diamantes de Kimberley que o indigena d'este districto emigra e ainda hoje mesmo dizem alguns, quando vão para o Transvaal, que vão para Daimane [1].

Data d'esta epoca o começo da compra das mulheres por dinheiro. Até alli fazia-se por bois, peças de *loupa* [2] e enxadas cafreaes, cujo numero era variavel, como ainda hoje é o numero de libras por que o indigena compra uma mulher; entre os Batongas, de cinco a quinze libras; entre os Landins e Bashopes, de quinze a trinta libras. Ha, comtudo, tendencia para baixarem estes preços.

O motivo principal que leva o indigena a emigrar é a necessidade de arranjar dinheiro para a compra de uma ou mais mulheres, o que consegue pelo systema empregado nas minas, do indigena ter pouca liberdade emquanto alli está e só receber por inteiro quando resolve regressar. Com liberdade e recebendo semanalmente, o indigena regressava tão pobre como tinha ido, pois é sabido a sua facilidade em gastar dinheiro e a falta da verdadeira noção do valor d'elle.

---

[1] Corrupção da palavra Diamant.
[2] Algodão azul ordinario.

Outros motivos existem tambem, além do principal mencionado, se bem que em menor escala, que levam os indigenas a emigrar: quando as autoridades eram obrigadas a fornecer carregadores para o transporte de generos dos negociantes; quando as autoridades pretendem recrutar indigenas para o serviço militar; nas proximidades da cobrança do imposto de palhota; para fugirem ao castigo por algum crime commettido; e, por ultimo, o indigena sentir-se-ia humilhado e seria objecto de troças dos outros se uma vez não tivesse emigrado.

O indigena que nunca emigrou é chamado pelos outros Mubarra [1], que quer dizer: estupido, bruto, que nunca viu nada.

Ligai [1] se chama áquelle que já emigrou. A traducção d'esta palavra é a antithese da outra.

A idade mais vulgar do indigena que emigra é dos quinze aos vinte e cinco annos. Raro é o homem que já com quarenta annos ainda emigre.

Antes de legalizada a emigração por Mousinho de Albuquerque, o indigena ia sem auxilio de intermediarios, e a pé até ás minas. A sua bagagem consistia numa esteira, uma almofada [1], uma manta, um pequeno rolo de tabaco, um pequeno saco de pelle de cabrito, com farinha de mandioca para comer no caminho; e uma cabaça para agua. Hoje só tem que se dirigir aos acampamentos da companhia de emigração, que esta se encarrega de os transportar por mar e por terra até ao ponto de destino. A bagagem ainda é a mesma, com excepção do cobertor e da farinha, que são fornecidos pela companhia.

A emigração veiu modificar bastante o systema physico e social do indigena. Já apontei o que se deu com a compra da mulher. Tornaram-se vulgares as questões provenientes da circulação de dinheiro.

Entre estas as principaes são as seguintes:

O indigena tem por costume, sempre que um seu companheiro da mina regressa, encarregal-o de trazer algumas economias á familia; mas não poucas vezes acontece que o portador gasta em seu proveito as quantias recebidas. É tambem vulgarissimo o facto de, quando o indigena regressa, encontrar a mulher que deixou, e lhe pertencia, na companhia de outro marido.

A questão resolve-se facilmente quando o primeiro marido opta pelo dinheiro que representa o preço por que comprou a mulher e o pae d'esta ainda o conserva e a mulher não tem filhos do primeiro marido.

Quando este ultimo facto se não dá, o caso complica-se. Se teve filhos do primeiro marido, estes pertencem ao pae; se o indigena regressa do Transvaal e encontra a mulher com um filho, embora não seja d'elle, pertence-lhe — *nasceu no curral.*

---

[1] Vide app.

Da mesma forma lhe pertence, mesmo que receba o dinheiro em troca da mulher.

Existe ainda outra forma de resolver a questão:

Se o pae da mulher já tiver gasto o dinheiro, ou lhe dá outra filha, se a tiver, ou recebe igual quantia do segundo marido, que entrega ao primeiro; mas, para chegarem a uma conclusão, que serie interminavel de reuniões e consultas entre os parentes de uns e de outros!

A morte do indigena no Transvaal tambem dá logar a questões de herança. A noticia da morte do emigrante é trazida á familia por um seu companheiro da mina e então procede-se ás ceremonias como se elle tivesse morrido entre os seus parentes.

O indigena regressado do Transvaal traz, em média, mais de dez libras [1].

Além das libras, traz o indigena emigrante a bagagem que é de uso e costume trazer, e succede, em geral, que quem viu a bagagem de um emigrante viu a bagagem de todos:

Uma mala de folha;
Uma manta;
Chales de lã e algodão;
Casacos e coletes;
Camisolas e camisas;
Um chapéu para a cabeça;
Um chapéu de sol;
Chitas;
Lenços de algodão;
Um par de polainas;
Um cinto;
Uma escova de cabello, de espelho;
Pentes de differentes côres;
Corrente de metal ordinario;
Aneis ordinarios;
Essencias e pomadas ordinarias;
Uma colher de folha;
Caixinhas para rapé;
Uma faca grande para cortar mato ou uma machadinha;
Anilhas (entrançado de arame amarelo);
Sedas de rabo de cavallo para pôrem ao pescoço;
Um par de botas (só se servem d'ellas tres dias, findos os quaes são abandonadas ou vendidas).

Além d'estes objectos, que, como disse, são da praxe os indigenas trazerem, muitos outros objectos trazem tambem, dos quaes, a maior parte das vezes, desconhecem o seu uso: relogios de nickel e alguns de prata, que dentro em pouco vendem

---

[1] Aqui não estou de accordo com os algarismos officiaes, que dizem ser a média de quinze libras.

pela decima parte do seu valor; estereoscopios, que lhes duram tres dias; *porte-manteaux,* de que nunca fazem uso; meias que nunca usam; lapis, não sabendo escrever; livros com imagens, não sabendo lêr; esporas, campainhas de mesa, espingardas de criança, bicycletas e até machinas de costura, etc.

Trazem ainda objectos cujo uso os torna ridiculos: romeiras, chapéus, véus e capas de senhoras, casacas, sobrecasacas e *smockings,* etc.

Compram todas estas coisas por preços elevadissimos, sem regatear, no que despendem quantias nunca inferiores a dez libras.

Mal o emigrante desembarca, apodera-se d'elle a mania da grandeza. Dá immediatamente a transportar a sua bagagem, o que lhe custa bem bom dinheiro.

Chega a casa da familia, senta-se no chão e conserva-se silencioso, e aos cumprimentos da familia e ás novidades que lhe contam, que se deram durante a sua ausencia, apenas responde com monosylabos. No dia seguinte, porém, desforra-se largamente e conta então o que viu e o que não viu! Começa a distribuição dos presentes aos membros da familia: casacos e chapéus ao pae e tios, camisolas e coletes aos irmãos e panos ás mulheres. Seguem-se depois as visitas das pessoas estranhas, que veem perguntar noticias dos seus e pretexto para beberem, o que se faz em largas quantidades e durante dias, até se esgotar uma boa parte das economias. Finda a serie de bebedeiras, resolve fazer-se janota e ir procurar noiva.

Durante estes primeiros tempos, e emquanto lhe duram as economias, torna-se vaidoso e trata por cima dos hombros os outros indigenas, o que lhe custa, por vezes, dissabores; fala em *xicafula* [1] e diz: *yess;* adopta outro nome, que é uma palavra ingleza ou portugueza, ou a corrupção de uma d'ellas; exemplo: Peni, Pond, Naife, Sabão, Sabonete, Pincel, Stimela, Chapo, etc.

Estas observações entendem-se, é claro, com aquelles que regressam de perfeita saude, o que muitas vezes se não dá; muitos chegam estropiados ou doentes dos orgãos respiratorios, morrendo, na maioria, pouco tempo depois.

Infelizmente não são só estas as funestas consequencias da emigração; outras existem ainda.

Actualmente estão no Transvaal 35:000 [2] homens validos. Cada indigena é obrigado a permanecer alli, pelo menos, um anno. Durante este lapso de tempo terão ficado um grande numero de mulheres (quasi o dobro) inhibidas de cohabitar, e se o fazem com os outros indigenas, para evitar futuros milandos, tomam

---

[1] Vide app.

[2] Algarismos officiaes. Devem estar muitos mais, que ainda alli se conservam desde a guerra anglo-boer. Só quando esta terminou se começou ao certo a saber o numero de indigenas que emigravam, não entrando em conta aquelles que já alli existiam.

certas drogas abortivas, que as tornam estereis para o resto da vida.

Por ultimo, accrescente-se que a percentagem dos indigenas que morrem nas minas é de oito por cento [1] e terei sufficientemente demonstrado que a emigração trará um progressivo e assustador decrescimento na população.

Agricultura

O indigena cultiva: o milho, que hoje é de inferior qualidade, o feijão, o amendoim, a batata doce e a mandioca; nos fundos dos valles, meia duzia de pés de cana.

No litoral, os Batongas plantam, de preferencia, a mandioca, a mexueira e milho miudo; nas povoações, um ou outro pé de jikungo.

O tabaco é só plantado, cultivado e colhido pelos homens. Não se julgue, porém, que são enormes traços de terreno cultivados de tabaco. A maior plantação não tem mais de vinte metros quadrados. Mal plantado, mal colhido e peor preparado, o tabaco é de inferior qualidade.

Nos terrenos humidos, ou nas povoações, plantam bananeiras de má qualidade, não tanto pelo fruto, mas por causa das folhas, que são aproveitadas para fazerem os *canudos* [2] ou mortalhas com que embrulham o tabaco picado.

A castanha de cajú é tambem aproveitada, ou para fazer môlho para a farinha, ou é comida assada.

O azeite da mafurreira é muito apreciado para môlho. Tambem se untam com elle os indigenas.

O azeite de jikungo é aproveitado para misturar com os remedios, principalmente em feridas.

Os indigenas cultivam tambem duas especies de aboboras, amarela e abobora cabaça.

Numa ou noutra povoação encontram-se alguns pés de couve, de má qualidade, degenerada.

O ananaz nasce espontaneo, e, embora não lhe dediquem quaesquer cuidados, colhem-lhe os frutos.

Servem-se d'estas plantas para limitarem as machambas [2]. Nas povoações, principalmente entre os Bashopes, plantam muitas laranjeiras, cujos frutos são de fraca qualidade. O cajueiro e a mafurreira, hoje, nascem por toda a parte, sem ser necessario plantal-os.

---

[1] Os algarismos officiaes dão apenas 3 %, mas, por motivos obvios de mencionar, no Transvaal occulta-se um pouco a verdade.

[2] Vide app.

Fabrico de panelas

No litoral, o Tonga planta coqueiros, mas em pequena escala e sem que lhes dedique maiores cuidados.

O indigena, na forma de cultivar, emprega meios muito rudimentares e nocivos. Quando pretende lançar o fogo ao mato, que curtou, não limita a extensão do terreno que pretende cultivar, e assim succede que, para cultivar meio hectare, ardem dezenas de hectares de floresta.

Outro tanto succede no litoral com o capim, e d'esta forma queimam-se centenas de palmeiras, que, embora não morram, ficam damnificadas. Para subirem ás palmeiras, a fim de extrahirem a sura ou colher os côcos, fazem degraus nas arvores, que bastante prejudicam a palmeira. Num hectare não devem ser plantadas mais de 156 palmeiras: pois ha hectares com 1:000 e mais!

Tambem nunca são limpas ou lhes dedicam outros cuidados.

Os Batongas fazem pequenas barracas com a folha da palmeira, e assim é vulgar vêrem-se palmeiras quasi sem folhas, sendo a frutificação necessariamente escassa.

A cavadela com a enxada é bastante superficial, de forma que as ervas damninhas não tardam a apparecer, e a terra não é sufficientemente revolvida e arejada.

Não faz selecção de sementes e, para evitar mais trabalho, cultiva, muitas vezes, terrenos já cançados e esgotados, para não ter de arrotear mato.

O indigena é o ente menos previdente que existe. Na contingencia de um anno escasso em chuvas, não procura, num anno bom, augmentar as culturas, a fim de estar prevenido contra a fome. Cultiva o restrictamente necessario para comer nesse anno.

O Muchope, apesar de ser o mais trabalhador, ou antes, o menos preguiçoso, tambem se resente, menos, é verdade, do mesmo mal.

O indigena tem um desprezo absoluto pelas flores. Se vê um branco plantar qualquer coisa que não conhece, pergunta se se come. Quando a resposta é negativa, pensa e communica aos outros que o branco é doido!

No mato existe, em certos pontos, café em abundancia, mas raros são os indigenas que o colhem, e quando o fazem é por absoluta necessidade de dinheiro e na impossibilidade que teem de arranjal-o noutra parte. O mesmo succede com a borracha *Landolphia*. Só a colhe por *dilettantismo*.

Se alguma cêra vende é porque isso lhe dá pouco trabalho: um cortiço de casca de arvore, em cima de uma arvore, á espera que, casualmente, appareça um enxame. A maneira de colher é bastante rudimentar: uma fogueira, para fazer fugir as abelhas, e eis tudo.

O Tonga cria pouco gado e raros são os que possuem gado bovino. Tem tambem, em muito pequena quantidade, gado lani-

gero, caprino e suino. O Mushope tem, em grandes quantidades, porcos, carneiros e, raras vezes, gado bovino.

A criação dos bovideos pertence, quasi exclusivamente, aos Landins, sobretudo aos Landins-Macuacuas; criam tambem poucos porcos e muitas cabras e carneiros.

O leão faz bastantes estragos em Panda, no gado bovino, mas o indigena, com a sua natural imprevidencia, pouco se preoccupa com isso: deixam apodrecer com o tempo os paus que circumdam os curraes, e descurando de os arranjar, não põem o gado ao abrigo dos animaes ferozes, o que aliás era facil.

Em certas regiões existe tambem o algodão bravo, que o indigena não aproveita.

Os indigenas, em geral, conhecem pouco as propriedades medicinaes ou outras das plantas d'esta região. O conhecimento d'ellas é monopolio dos feiticeiros ou doutores, que se absteem de as fazer conhecer.

Os indigenas, tenho notado, pouco apreciam os frutos por si proprios e sim pelas bebidas que d'elles se podem extrahir.

Quando cultivam, pouco se importam de damnificar uma planta de valor industrial ou de recreio, mas outro tanto não acontece, por exemplo, com um cajueiro, com o qual teem todo o cuidado em não molestar. Não comprehendem mesmo como os brancos os mandam algumas vezes cortar.

Os indigenas não teem absolutamente noções algumas de agricultura e o que fazem é somente por simples intuição. Não conhecem os meios de fecundação das plantas, de cruzamento, de selecção, de degenerescencia, etc. Nesta parte teem, entre brancos, neste districto, quem os iguale ou os exceda ainda em ignorancia.

O indigena, num anno de estiagem, é uma victima do negociante asiatico, ou, para melhor dizer, uma victima de si proprio. Tendo cultivado pouco no anno anterior, se alguma coisa lhe sobeja vende ao negociante, o que dá em resultado, não tendo guardado uma reserva, vêr-se obrigado a ir comprar por cem o que vendeu por dez. E então a exploração do asiatico não conhece limites: ganha muito mais num anno calamitoso do que num anno prospero.

Commercio e industria

Os artigos de commercio do indigena podem dividir-se em duas classes: os que vendem aos negociantes asiaticos e europeus e os que vendem ou permutam entre si. Aos asiaticos vendem a mafurreira, o amendoim, o milho, a farinha de mandioca, feijão e mexueira, pelles, cêra, copra e borracha. Estes ultimos tres

Fabrico de panelas

artigos em pequena quantidade. A venda ou é feita a dinheiro, ou em troca de fazendas de algodão estampado.

Aos europeus vendem gado bovino (raras vezes femeas), lanigero e caprino, gallinhas e ovos.

Artigos de venda entre indigenas

Tabaco, folhas de banana, sura e aguardentes.

Industria dos Landins:

Mel, esteiras, cascas de côcos para agua, quissapos e quitundos.

Industria dos Bashopes:

Txalos (panos de casca de arvores), flechas e zagaias de ferro, enxadas, machadinhas e pelles de macacos e gatos bravos.

Artigos de permuta entre indigenas

Industria dos Batongas:

Sal, panelas de diversos tamanhos, sacos de palmeira brava, marisco sêcco, milho e amendoim.

Artigos de compra do indigena ao asiatico

Cobertores [1], panos de algodão branco e estampado, chitas, enxadas, facas, missanga, etc.

Artigos de ferro que constituem industria dos Bashopes

O material que constitue a forja de um Mushope compõe-se do seguinte [2]: um folle de pelle de carneiro com duas aberturas, que, com duas mãos, abre e fecha alternadamente. É trabalho do ajudante de ferreiro, que faz esta operação sentado. A extremidade do folle assenta sobre um bocal de barro e este em cima de carvão de madeira.

A bigorna, que a maior parte das vezes é um pedaço de ferro grosso, um martelo e uma tenaz, são as ferramentas com que um mestre ferreiro Mushope trabalha. O ferro que, em geral, serve para o fabrico de zagaias, machadinhas, etc., são os arcos dos barris e de fardos.

---

[1] Á venda existem ainda outros artigos que, pela sua pouca importancia e pouco consumo, não vale a pena mencionar, taes como espelhos pequenos, canivetes, etc.

[2] Vide app.

Fabricação de «txalo»

Corta-se a casca de arvores exactamente como se faz com a cortiça. Em seguida é assente sobre um tronco de madeira bastante liso, depois do que começa a maceração com martelos de madeira até ficarem bem distendidos os filamentos.

Fabrico de panelas de barro

Depois de formada uma bola de barro bem amassada, é collocada em cima de uma panela e com os dedos se lhe vae dando a fórma de panela.

Como se vê, isto demanda muita paciencia e está longe de se parecer com a forma simples e rapida com que os oleiros na Europa trabalham. Em seguida são postas a seccar á sombra, depois do que se cobre de lenha, a que se larga fogo. Por este processo perdem-se muitas. Nada mais sabem fazer do que panelas.

Pouco mais industrias teem os Bashopes. São habeis em cordoaria. Com a fibra de ananaz fazem cordas de differentes dimensões e resistentes. Fazem tambem o fio para coser esteiras, para linhas de pesca, etc.

Trabalhos em madeira, além dos copos, travesseiros, escudelas e os feitios que dão ás bengalas que usam, mais nenhuns conheço.

Perto da villa já se encontram carpinteiros, pedreiros e calafates razoaveis, mas que se resentem da falta de ensino profissional. Não me parece que estes indigenas nas artes possam dar alguma coisa.

Pelas pinturas que se encontram nalgumas palhotas se vê que não é este o seu forte. São pinturas toscas, que nada se parecem com o que elles procuraram imitar.

Tenho observado que muitos indigenas teem uma negação absoluta para traçar rectas. Esta negação vae tão longe que nem mesmo com o auxilio de uma corda ou de uma regua conseguem fazer uma linha recta.

Caça e pesca

O unico indigena verdadeiramente caçador é o Landim, como o Tonga é pescador e o Mushope, como já disse, é, sobretudo, agricultor.

Além de algumas espingardas de carregar pela boca, de que hoje fazem pouco uso, pela difficuldade na acquisição da polvora, teem diversos generos de armadilhas.

Embarcação indígena

É na região dos Macuacuas que ainda se encontram algumas armas. Não os prende a falta de chumbo apropriado, pois que para este fim todo e qualquer bocado de ferro serve e ainda, na falta d'este, empregam pedras. Carregam brutalmente as espingardas até ao meio do cano e a sua detonação mais parece a de uma peça de artilharia que a de uma espingarda ordinaria. O coice é formidavel, e conheço um caso de um indigena que, tendo atirado a um cavallo marinho, ficou com o hombro deslocado, devido ao recúo da arma. No tempo em que d'ellas se serviam eram objecto de escrupuloso cuidado e conservavam-nas sempre em rigoroso estado de limpeza.

Antes de caçarem, e ainda hoje, quando acompanham na caça algum europeu, observam certas ceremonias.

O *Tixolo* [1] é sempre consultado para saberem se a caça será ou não de bom exito. Costumam tambem metter a espingarda dentro de uma panela de barro, onde previamente lançaram agua com a casca de uma especie de saponaria, que, agitada, desenvolve uma espuma muito parecida com a espuma do sabão, depois do que submettem a espingarda a um banho total. Tambem quando é morto um animal e que se lhe encontra a bala, é esta embebida no sangue do coração e guardada religiosamente. Segundo elles dizem, são praticas de bons augurios para o feliz resultado de futuras caçadas.

Nunca apontam com o dedo indicador e, quando querem mostrar onde o animal se encontra, é sempre com a mão fechada. Explicam que este uso é para evitar que o animal adivinhe a presença do caçador. Esta mesma pratica se observa quando a um indigena se pergunta esta ou aquella região, estrada ou povoação, etc.

O tiro dado pelo indigena, quando caça sósinho, é quasi sempre certeiro, o que não deve causar admiração, porque só atira á queima-roupa e com a certeza de matar ou, pelo menos, ferir.

Dispõe o caçador Landim de uma vista e ouvido finissimos, o que, aliás, não deve surprehender muito, attendendo ao meio em que vivem. Só uma coisa me admirou sempre: é o indigena, depois de ter dado immensas voltas no mato ou em planicies, mesmo em regiões onde não esteve antes, nunca se desorientar e saber sempre, em qualquer momento que se lhe pergunte, para que lado fica o ponto de partida. Note-se, porém, que esta faculdade é só peculiar ao Landim.

É depois da caça morta e esquartejada que quem se der ao trabalho de estudar a individualidade do indigena tem largo campo para observações. Mais parecem uma alcateia de lobos que seres humanos. A carne mal assada é mesmo assim devorada e só uma pequena parte que resta é depois cozida. Nada se des-

---

[1] Vide Religião e moral e app.

perdiça, tudo se aproveita e ha mesmo certas partes do corpo do animal que são consideradas como finissimos manjares. A parte dos intestinos que encerra os escrementos e estes, que ainda não foram digeridos, pertencem a este numero. Nem uma unica parte é submettida a qualquer lavagem, porque isso seria, segundo a sua opinião, tirar-lhes o gosto. Tudo o mais que surprehende o europeu, como, por exemplo, distinguir as pégadas dos differentes animaes, a sua recente ou antiga passagem, é apenas uma questão de habito, que o europeu tambem pode adquirir.

Certos factos, que ao europeu se afiguram actos de bravura, não são mais que o profundo conhecimento que o indigena tem dos animaes que ataca. O que se não pode negar-lhes é o sangue frio que na caça raras vezes o abandona, qualidade esta deveras apreciavel. O indigena sabe muito bem que ha certos animaes com os quaes é perigoso entrar em luta e porisso evita-os, apesar de estes, por vezes, lhe causarem damno, e neste numero entra o leão; e os casos, rarissimos, que conheço dos indigenas atacarem o leão foram em condições especialissimas e com grandes probabilidades de saírem vencedores.

Usa o indigena de duas especies de armadilhas: uma, destinada especialmente aos carnivoros e que se compõe de uma especie de corredor de estacaria, enterrada no chão, estando suspenso, sobre este mesmo corredor, um grosso madeiro que se desloca á minima pressão que o animal faça, ao entrar dentro da estacaria, caíndo-lhes em cima. Apanham nesta armadilha leopardos, cheetas, hyenas, chacaes, etc. A outra armadilha é composta de um pau, a cuja ponta se acha presa uma corda; a outra extremidade forma um laço com um nó corredio; o animal, ao passar, enfia a cabeça no laço, e o pau, que se achava vergado pelo retezado da corda, retoma a posição vertical e o animal morre estrangulado. Nesta, apanham gazellas, cabritos do mato, etc. O mesmo systema é usado para outras especies de animaes mais pequenos, como perdizes, gallinhas do mato, gatos bravos, etc. Estas armadilhas são collocadas em passagens frequentadas pelos animaes e ainda para este fim fazem uma especie de sebe num espaço grande de terreno. Além d'este genero de caça, matam-na tambem com o auxilio do arco e flechas.

Ha indigenas que são habilissimos nestes exercicios. Como variante á sua habitual preguiça, costumam reunir-se em grupos, acompanhados por muitos cães e armados de arcos e cacetes, para irem bater mato á caça. Os principaes caçadores são os cães, que, sendo de raça ordinarissima, dão mostras de serem optimos para tal serviço.

É theoria observada pelos indigenas, e seguida á risca, que o dono não deve dar nada de comer aos cães e estes teem de recorrer ás suas habilidades se não quizerem morrer á fome.

O Tonga é pescador, e, para aquelle que reside junto do litoral, é a pesca o seu principal recurso não só como objecto de com-

Costumes de guerra ou batuque

mercio, como tambem faz parte integrante da sua alimentação. O seu principal apparelho de pesca compõe-se de duas sebes de varas delgadas, entrançadas, formando um angulo quando assentes no fundo. Na juncção das duas linhas existe um deposito em circulo, de caniço entrançado. Na base do deposito ha uma especie de funil, também de caniço. O peixe, na vazante, procura uma saída e enfia para dentro do funil e, uma vez lá dentro, já não sae mais.

Usam tambem pequenas rêdes de arrastar, feitas por elles proprios. Pescam tambem á linha com anzol. No interior tambem os indigenas usam umas armadilhas similhantes á primeira de que fiz menção. A pesca do anzol é só feita por garotos.

Musica, dansas e jogos

Só duas raças teem os seus cantos, dansas e instrumentos caracteristicos: Shope e Tonga.

O Landim adoptou e imitou, nesta parte, os costumes dos outros.

Os unicos instrumentos de origem Landim são os tambores grandes e pequenos, que hoje tambem são usados nas danças dos outros indigenas, e a que chama *ingoma* (pl. *tingoma*), os *spindane* e *ligulo*.

O tambor [1] compõe-se de um tronco de arvore cavado no centro, uma pelle de boi a servir de tampo e nada mais. Os tambores são de differentes tamanhos, desde $1^m,50$ de altura e 1 metro de diametro, de 2 metros até aos mais pequenos, de $0^m,30$ de diametro e outros de $0^m,30$ de altura.

Os *spindane* e *ligulo* são instrumentos tambem de simples composição. Um arco com arame e apenas se differença um do outro porque o primeiro tem a metade de uma cabaça vazia presa ao arco e toca-se com um caniço batendo no arame, e o segundo toca-se encostando o arco á boca; o caniço é substituido pelos dedos e é mais pequeno. Estes ultimos instrumentos, se assim se pode chamar, são tocados só por gente nova. Como se vê, não são complicados nem o que tocam é divertido.

Usam ainda os pequenos pastores flautas apenas com tres buracos, de que tiram magnificos sons, mas cuja aria unica tocada é, como se pode calcular, pouco variada.

Por ultimo, uns pequenos brimbaus com fibra de palmeira brava, que, pela sua pequena importancia, não merecem maior menção.

---

[1] Vide app.

As dansas dos Landins, como disse, nada teem de caracteristicas.

Os Landins do sul dansam o *macocate,* dansa de contorções, ao som dos tambores, que nada offerece de interessante ou curioso.

Os Landins-Macuacuas imitam as dansas que os Vatuas tinham trazido para Gaza e a que chamam *messongola.*

O *messongola* é de origem Zulo e tanto os cantos como a dansa são em extremo monotonos e sem variantes; mas, apesar d'isso, os indigenas estão horas inteiras dansando.

A sua descripção é simples. Os indigenas formam em semicirculo e, acompanhando os cantos, batem com os pés no chão, ao mesmo tempo que com as machadinhas, zagaias ou cacetes de que estão armados fazem gestos de arremesso a um inimigo invisivel. Em frente estão as mulheres em grupo, cantando tambem. Quando se dá um d'estes batuques os indigenas vestem-se a capricho. Além das armas, levam na cabeça tufos de pennas pretas de avestruzes, e rabos de boi nas pernas e braços, escudos de pelle e bastantes panos de differentes côres. As mulheres tambem põem os seus melhores panos e collares variados de missanga.

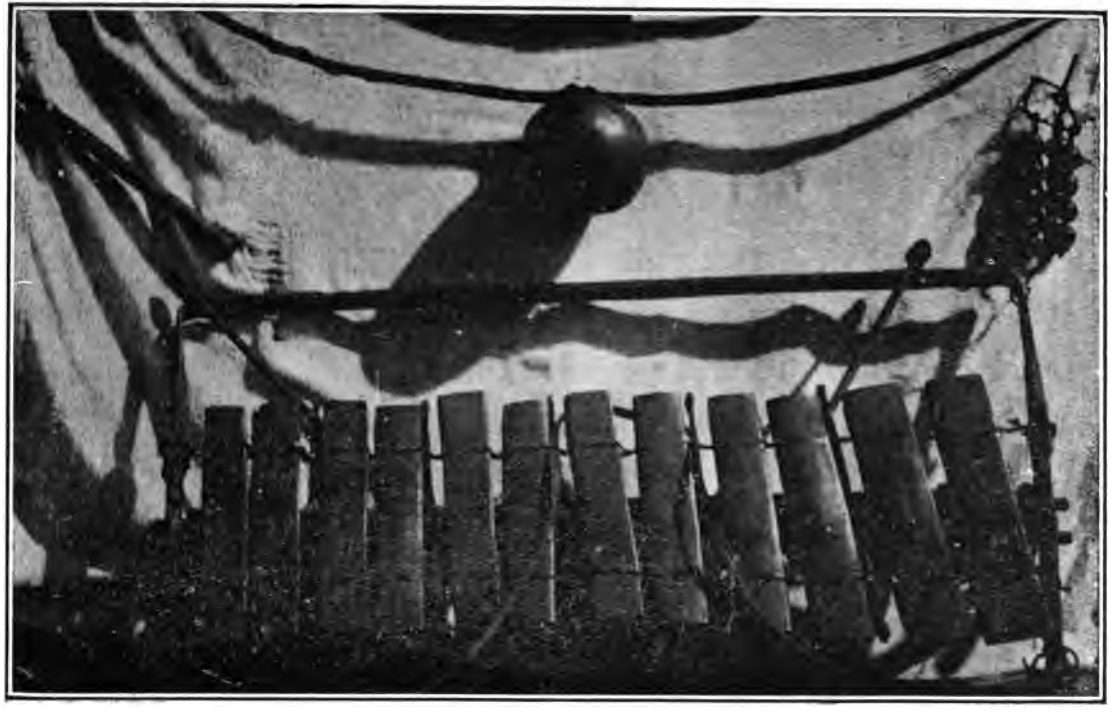
Este costume de se enfeitarem homens e mulheres nos batuques é commum a todas as raças.

Todos os batuques são annunciados na vespera, ou com mais dias de antecedencia, com repetidos toques de corno de boi, *palapala* ou *kudo,* por rapazes que percorrem a região annunciando o batuque.

O unico instrumento de origem Tonga é um pedaço de cana, em geral enfeitada com missanga e rabo de boi, de que tiram uns sons de genuina e pura cana rachada e a que chamam *massava,* que dá o nome aos batuques Batongas. Os homens e rapazes formam em circulo, em fila indiana, e as mulheres da mesma forma, formando um circulo exterior, e, ao som da musica, caminham em sentido contrario os homens das mulheres. Esta dansa é acompanhada, além das *massavas,* que são tantas quantos os homens e rapazes que dansam, por tambores e duas ou tres marimbas, e ainda pelos *manganzas*, que são frutos sêccos de palmeira brava cujas sementes deixam ficar dentro e que alguns rapazes trazem presos ás pernas, com os quaes fazem tambem acompanhamento, batendo com os pés no chão, a compasso.

Além da *massava,* teem as mulheres Batongas uma dansa propria do seu sexo e a que chamam *Guidadale.* As mulheres formam em circulo, batem as palmas, cantando, e, uma a uma, saem do circulo até ao centro, levantam uma perna e voltam ao seu logar.

Ainda ha poucos annos havia dois batuques especiaes, um de homens no regulado de Nhanalla, de Guillala, e outro de mulheres no cabo Mabelana, de Cumbana, que, depois de varios cantos, imitavam com as pessoas do seu sexo os actos sexuaes.



Instrumentos indigenas de musica

Temos por ultimo as dansas Shopes. Ao seu batuque se chama *lifolo*. Os seus instrumentos são as marimbas. Os sons tirados d'ellas obedecem á escala musical, começando sempre em *dó*, percorrem toda a escala e recomeçam de novo se teem mais de oito notas. É o unico instrumento usado pelos indigenas d'este districto cuja confecção revela engenho. São pequenos pedaços de madeira de casuarina [1], ligados uns aos outros por tiras delgadas de coiro. Por debaixo de cada pedaço de madeira, duas cabaças, uma grande e outra pequena, ligadas com cêra e em forma de 8. As cabaças de baixo são de differentes tamanhos para corresponderem á escala musical. Nas bocas das cabaças pequenas, umas pelliculas extrahidas dos intestinos de uma especie de porco da India, a que os indigenas chamam *Beba*, que se encontra nos terrenos alagados ou pantanosos, ou, na falta d'elles, das asas do morcego. Estas pelliculas são artigo de commercio entre os indigenas. Uma armação de madeira a que se acham ligadas as tabuinhas e as cabaças, e temos presente o *piano* indigena. Tem tambem duas vaquetas, cujas cabeças são feitas com borracha extrahida de uma *Landolphia*, que servem para ferir os pedaços de madeira. Além das marimbas vulgares, outras teem só usadas nos grandes batuques e que se compõem apenas de quatro grandes tabuas e quatro cabaças de correspondente grandeza, que só servem para acompanhamentos.

Em geral, cada regulo Shope tem o seu batuque, que se compõe, em média, de dezaseis ou dezasete marimbas (*Imbila*, pl. *Timbila*) de tamanho vulgar e de tres ou quatro grandes. Cada batuque tem o seu maestro ou induna [2] das marimbas, encarregado da parte musical, e outro induna [2] grande do batuque, encarregado da disposição scenica dos figurantes na dansa, e a maior ou menor variante nella depende do genio inventivo do seu director. Como nos batuques de origem Zulo, os indigenas formam em circulo defronte da banda de musica, armados e enfeitados da mesma forma descripta já para os Landins. Cantam primeiro e depois, a certo ponto, batendo com os escudos no chão, começam numa serie de saltos e gestos, figurando combaterem o inimigo. Por vezes deitam-se todos no chão, fingindo-se mortos, e algumas mulheres saem de um grupo procurando entre elles os que lhes pertencem, depois do que se tornam a levantar e recomeçam os cantos. O que ha de curioso nestes batuques, e por alguns momentos prende a attenção do europeu, é a uniformidade e regularidade com que, a compasso, as marimbas acompanham os cantos e dansas. Os coros mesmo são unisonos, pouco variados, é verdade, mas regulares.

---

[1] Só esta especie de madeira é empregada. Esta conifera só se encontra na circumscripção de Cumbana, no Guifugo, junto ao mar, e num outro ponto da circumscripção de Morrumbene, tambem junto á costa.

[2] Vide app.

No batuque do regulo Banguza havia uma variante nos cantos que produzia magnifico effeito. Os indigenas dansantes formavam em quadrado. Uma das faces cantava em voz baixa, a segunda, terceira e quarta alternada, mas em tom de voz differente.

O thema das canções dos Bashopes e Landins é quasi sempre o mesmo: os brancos que venceram o Gungunhana; os brancos que venceram o Maguiguana; as lanchas a vapor que os brancos trouxeram para os rios e que vomitavam fogo; os vapores que vinham da terra dos brancos e que traziam muita gente; na agua já não podem fazer fogo com as suas armas; já não podem conquistar terras e mulheres á força das armas, etc.

Entre os Landins havia uma canção que dizia: «Que os brancos mataram o Gungunhana porque era mau, mas os brancos não são melhores [1]».

É uso nos batuques collocarem os seus chefes, nos logares onde elles se realizam, um grande ramo de arvore onde os espectadores vão dar golpes no final das dansas, mostrando assim o seu apreço.

Além d'estes batuques, que mereçam especial menção, só existem os batuques da circumcisão e a *Imbuta*.

Como já ficou referido, o batuque da circumcisão é no local onde se procede á ceremonia da circumcisão e compõe-se só de cantos onde se fazem perguntas e respostas.

Do batuque da *Imbuta*, noutra parte farei a elle referencia.

Teem os indigenas, quando se acham ou viajam em grupos, umas canções cuja musica e letra são antigas e se conservam e outras que são de occasião, para o que qualquer coisa serve de pretexto. De umas e de outras dou apenas alguns exemplos, porque a maioria d'ellas são em extremo obscenas.

Cantigas tongas

Cantiga do batuque das mulheres, a que chamam *guidadale:*

Uama uango agupúálo senda.
Está para chegar o meu noivo.

Nhamalejó ingápua chuélo.
Quero um homem que tenha barba para dormir commigo.

Nhifade kuguléva divála libála.
Bebeu e ficou bebedo e esqueceu-se do que lhe era preciso.

Xuane dá jego nhamalejo uango gouguangua gane manga-nai á áté náje xissolutuno assamo.
Um homem, com a matacanha, ficou doente, e a mulher quer

[1] Referiam-se ao augmento do imposto de palhota.

consultar o *Tixolo* e não sabe se no dia seguinte ha de acordar com elle.

Dêlo ta laia orra nilo.
O homem está ao pé do lume e a mulher chama-o para vir dormir.

Cantigas landinas

Quando os carregadores carregam com uma machila, um canta:

Xibanda ó xaca ta buia kambe! O coro repete: *ó ó ta buia kambe!*
Os brancos prenderam o Gungunhana por ser mau, mas fazem carregar os pretos com a machila.

Muana assáte loio muana uassáte loio ta mu bona muana uássate loio.
Quando um rapaz morre da operação da circumcisão, os indigenas dizem que morreu porque a mãe era feiticeira.
A traducção da cantiga é, pouco mais ou menos, o seguinte: Correndo entre os indigenas que um rapaz tinha morrido, attribuiram esta morte ao facto de a mãe ser feiticeira. No dia em que os rapazes sairam todos, e provando-se que o rapaz não tinha morrido, a mãe então canta: vejam o filho da mulher que diziam que era feiticeira.

Xika kuji koma koma já ila.
Deixa-me, não me pegues que faz mal.

Á chisseve seve xissinete marrumbo á munkoana.
Um rapaz que vae buscar uma rapariga com quem casou. A sogra acompanha o genro cantando e apontando para a barriga, querendo dizer que alli foi a rapariga gerada.

Salane á mamana manziko zia á kaia moxirrero leia á kaia.
Uma mulher que casa, mas que frequentes vezes deixa o marido para ir para casa da mãe.

Xi-ô xio-ô xiokuana kangulela guiala.
Tendo morrido uma criança numa povoação, vem a gente de fóra para chorar e canta que a familia deve matar uma gallinha para comerem depois de beberem.

Utela ku ta rila aí rilane inchumo.
Eu vim para chorar, mas não chorei nada.

Nooanhane ma kala ku femba.
Nariz que não cheira.

A bula mane pupulo pupulo bula mane pupulo.
Falar a quem? Parvo! Se estás sósinho, parvo!

Quando os homens vão para o Transvaal, cantam:

Nha mãe né xongola mikuko ta sala mimbaá.
Vão-se embora os gallos e ficam as gallinhas.

Cantiga do batuque nsonga ou msongola

Ma manga xité né buza á buiana ma maja.
Os brancos queriam matar a gente do Gungunhana, etc.

Cantigas shopes

O xiau-áu o ximanhasana áu.
O regulo de Canda, chamado Xiau-au, na guerra, matava gente como quem matava caça no mato.

Soé, ioé, ambuja ku oka gonhane ka Doéne nango kambana ku xisua á Doéne xanguanhana ó malaxa anga duma tiuane xanguile lovile elisanga bona mixáva quélo bile imbile gamo in Gungunhana ona muxava ka Manikusse ó gume kossue ba mâma batua áxiúme guipué kuima kossue ba mâma.
O vencedor, em combate, dizia aos fugitivos: escusas de fugir, porque, mesmo que fujas para as terras do Gungunhana, hei de vos apanhar. A gente do Gungunhana chegou ás terras e dizia que não encontrava mulher alguma, que já se tinham afastado para longe e que a gente era doida.

Cantigas do batuque Shope lifolo

Tata uamane á dana matonga. Ku Xissikuene, Nhakutô ku teka pingo xi nika lungo arritate uáko. Malála manango ku kuningua mafáko ku ombila commandante ku á te zibe qu á ceúa kassador á Zavalla xikóla kólo ambuquissa xisséla ambuquissa commandante mabasse Farande, João dunha ambu xifu a koma xinolane xigango matona mazambe.
A gente do regulo Zavalla foi pedir gente a Gaza para se juntarem e fazerem guerra á gente do Guissico, mas esta matou a outra (gente de Zavalla) durante a viagem. Porque é que meu pae foi morto por gente do Guissico que não vale nada? perguntava um filho do induna de guerra do regulo Zavalla. O regulo Nhacotô foi buscar presentes para dar aos brancos e o seu povo dizia que era melhor ficar o regulo com elles.
No tempo do Gungunhana as mulheres de Zavalla fugiram e no caminho foram agarradas por gente do Guissico. Os guerreiros do regulo Zavalla foram combater o povo de Guissico, e este regulo foi dar presentes e pedir auxilio ao commandante, e

Mulher com «Elephantiasis»

os de Zavalla perguntavam então porque é que o Guissico tinha levado os presentes ao commandante e não ao regulo de Zavalla.

O Xigango (nome) pergunta á gente por que motivo escondem as novidades ao regulo se João Mabasse e Farande (nomes) dizem que o regulo é Bimaika (nome).

Mamane oku xamba ka sôps.

A minha mãe é tão boa como aguardente.

Nhandede ó madia ô donê.

Commandante gona tanhe teka ku daia mano uango siloode mame suma sango sama duko sakanau uá uluta.

Commandante ordenou a Nandedo (nome) para agarrar as mulheres e mettel-as no calabouço. Mataram meu marido e o dinheiro com que me comprou onde está?

As traducções são liberrimas, porque, feitas á letra, dariam uma coisa completamente disparatada, e mesmo para se entenderem as suas canções é necessario conhecer não só a fundo os dialectos indigenas, como tambem os factos anteriores a que elles se referem. O indigena, em tres ou quatro palavras apenas, faz allusão a um acontecimento que, narrado, seria bastante extenso. D'aqui a confusão que muitas vezes se dá quando um europeu pretende saber a letra de uma canção, e, quando lhe é dada uma explicação muito comprida, fica sempre na duvida se será verdade por ter ouvido apenas duas ou tres palavras. E' isto tão verdadeiro que um indigena, embora da mesma raça, mas de região differente, não se tratando, é claro, de canções já vulgarizadas, muitas vezes as não entende e pergunta.

Jogos. — Temos o jogo *Txuva* ou *Suva,* que se joga no chão, onde se fazem quatro carreiras de oito, doze e dezaseis covinhas. Pequenas pedras (ou sementes) em cada cova nas duas carreiras de fóra e duas em cada cova nas duas carreiras do meio, á excepção da ultima cova da segunda carreira e da terceira carreira em sentido opposto, que não levam pedras. Podem jogar duas, quatro, seis ou oito pessoas. As pedras mudam-se e comem-se como nas damas. Explicar completamente a marcha do jogo é-me totalmente impossivel, pois foi jogo que nunca comprehendi, a despeito de muitas explicações, e não conheço nenhum europeu que o saiba.

Magixane ou *Manjave.*—Este jogo consiste em espetar com um pau pequenos pedaços de tronco de palmeira. Apesar de tambem ser jogado por homens, é muito infantil.

Uma especie de jogo do *croquet,* com uma móca e pequenos paus, jogado em geral pelos rapazes.

Temos por ultimo o jogo das mulheres, *Xidoxo* e *Tidoxo*, que é uma perfeita imitação do nosso popular jogo das cinco pedrinhas.

Cumprimentos. — Teem os indigenas varias formas de se cumprimentarem.

Entre indigenas do sexo masculino é uso apertarem-se as mãos á primeira vez, como os europeus, e á segunda, apertando apenas os pollegares.

Quando chegam a uma povoação, sentam-se sobre os calcanhares e batem as palmas. As mulheres, em identicas circumstancias, ajoelham-se. Da mesma forma se ajoelham as mulheres da povoação quando fornecem agua ou lume aos recemchegados, querendo assim indicar o seu respeito.

Quando um indigena cumprimenta um branco, ou curva um pouco os joelhos fazendo uma mesura, ou simula uma continencia militar. Teem as mulheres, quando saúdam um branco, o mesmo costume de se curvarem e da mesura.

Quando um europeu pernoita numa povoação, é costume quasi geral ser presenteado com uma gallinha pelo chefe da povoação.

Parece que este uso foi, no tempo dos capitães-móres, uma obrigação.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Como está?	Uaanha kane?....	Uade gane?	Uanhe kane?
Estou bom! E vós?	Iá-anhe! Uene kane?	Nheuade! ruade nue?	Uá-ânhe! á-áte áúé!

Religião e moral

O indigena d'este districto não tem religião alguma; nem mesmo é fetichista, no sentido rigoroso da palavra, pois, apesar de ter fetiches, não tem idolos e não adora manipansos.

Sendo o espirito do indigena naturalmente pouco propenso a locubrações e pouco se importando com as causas que produzem certos effeitos, o feitiço, como explicação para tudo que não comprehende, torna-se para elle uma necessidade e parte integrante dos seus usos e costumes.

O feitiço, considerado pelo indigena como origem de todos os seus males e revezes da vida, e contra o qual, segundo pensa, é inutil lutar, dá-lhe uma resignação e propensão para o fatalismo, que se conjugam perfeitamente com a sua pouca actividade physica e intellectual. Estou por certo que, qualquer religião que o indigena adoptasse, nenhuma lhe seria tão commoda como esta forma de pensar que tem para seu uso, em concordancia absoluta com os seus habitos. Por estes mesmos motivos se ex-

Um leproso

plica a relutancia que o indigena d'este districto tem em acceitar os principios da religião christã com todos os seus mysterios nesta e noutra vida, ou as problematicas bemaventuranças do islamismo no outro mundo.

Da immortalidade da alma, apenas crê que as almas dos mortos se introduzem no corpo dos vivos para os atormentarem, e para isto mesmo foi preciso uma causa physica: é assim que a loucura e o hysterismo são, por esta forma, explicados, á falta de melhor. De resto, esta crença só o preoccupa individualmente e só quando lhe diz respeito. Tudo o mais que nesta materia se lhe possa ouvir e que pode dar logar a errados julgamentos, são apenas obra dos feiticeiros.

O indigena crê na existencia de um ente supremo, mas a que não procura dar forma, e quando a elle se refere é sempre vagamente. Só conheço dois casos em que a idéa de Deus é invocada pelos indigenas: um, quando se dá o caso de um homem ou mulher serem de idade avançada, e então os outros dizem «que Deus se esqueceu d'elles e porisso não morrem»; e o outro, o nome que dão á lepra — *Doença de Deus*. Quiz, neste campo, devassar um pouco mais as idéas dos indigenas, mas nada mais obtive que: Onde estava Deus? — apontaram-me para o céu.

O feiticeiro é um producto do meio; medico do corpo e da alma; conhecedor das propriedades therapeuticas das plantas da região e da ingenuidade dos indigenas. O feiticeiro é, por via de regra, um indigena superior em intelligencia a todos os outros, e d'esta superioridade vive. Os seus conhecimentos medicos são, em geral, herdados, assim como a velhacaria. O grau de esperteza é que varía de individuo para individuo. A medicina, nelles, anda sempre alliada ao empirismo. Todo o feiticeiro é um pouco prestidigitador.

Um indigena sente-se doente, manda chamar o feiticeiro. Este começa por consultar o *Tixolo*.

O *Tixolo* é de origem Landim e é entre estes indigenas que se acha mais espalhado o seu uso. O *Tixolo* compõe-se de pequenos pedaços de ossos de differentes animaes, de cabritos do mato, de cavallos marinhos, de crocodilos, pedras pequenas, que o mar arroja á praia, caroços do fruto da ocanheira, pedaços de carcaça de kagado, etc. Cada um d'estes objectos representa homens, animaes e coisas. Todos elles são guardados cuidadosamente num pequeno saco de palha. Quando querem consultar o *Tixolo*, colhem todos os objectos nas duas mãos, lançam-os ao ar, e da sua posição na esteira, onde caem, se colhem os oraculos. Esta operação é tantas vezes feita quantas vezes se torna necessario para que um dos objectos se destaque dos outros.

Os indigenas ou teem o *Tixolo* para uso proprio, ou para uso dos outros, e, neste caso, o oraculo é bom ou mau, consoante o valor da esportula da consulta, cujo preço nunca é inferior ao de uma gallinha.

O *Tixolo* é consultado em tudo e para tudo: se a viagem será boa; se o casamento é auspicioso; se o parto será facil; se o doente melhora; se o litigio será resolvido a seu favor, etc.

O feiticeiro que se preza tem outras coisas, além do *Tixolo*, e com que se paramenta nas occasiões solemnes: pelle de leão ou leopardo; pelle de cobra; anilhas, que prende ao pescoço; rabos de boi, de elephante, cavallo marinho ou de outro animal; tiras de chitas de differentes côres, missangas, ossos, etc.

Nem todos os indigenas que teem o *Tixolo* são feiticeiros. São *doutores amadores*. A maior parte dos feiticeiros usa, como distinctivo, a carapinha comprida e, algumas vezes, untada com barro encarnado, o que lhes dá a apparencia de cães de agua.

É da raça Landim de onde, geralmente, saem os feiticeiros.

Nunca a acção do feiticeiro se limita só á applicação dos remedios. Estes são sempre acompanhados de praticas que sirvam para ferir a imaginação dos indigenas. Feiticeiro que assim não fizesse, pouca consideração teria.

Apresento varios exemplos:

Um indigena manda chamar o feiticeiro porque tem dôr de ouvidos. Este applica-lhe o remedio, deitando dentro do ouvido qualquer liquido extrahido de uma determinada erva e ao mesmo tempo mostra ao doente umas lagartas ou qualquer outro insecto que de antemão tinha arranjado, como sendo a causa da doença e que elle, feiticeiro, só com o auxilio dos seus feitiços os tinha podido tirar.

Um indigena tem uma dôr em qualquer parte—nevralgia, colica hepatica ou intestinal, enxaqueca, etc. Consultado este, em geral faz-lhe um pequeno golpe ou sangria, a que applica, depois, como emplasto, umas ervas. Nesta occasião apresenta tambem ao doente ossos, pedras, pêlo de animaes, bocados de arame, dizendo ser esta a origem da doença porque elle tinha-os no corpo.

Se a doença obriga a tomar qualquer remedio interno, o doente, além da poção ou cozimento de certas folhas, raizes ou frutos, de que, em geral, são compostos os medicamentos indigenas, ingere tambem outras drogas, taes como: bocadinhos de pelle de cobra, raspas de unhas de leão ou de corno de alguns antilopes, etc. Esta é a parte empirica do medicamento.

Não ficam por aqui só as pantominices do feiticeiro. Se a doença se prolonga e o doente é bom cliente, mette dansas e outras ceremonias, em que toma parte activa o feiticeiro.

A dansa ou batuque pode ser dansado por diversas pessoas, ou a sós pelo feiticeiro. Dansando differentes, é o batuque vulgar, e se é só pelo feiticeiro, este, além dos saltos e contorções em volta da fogueira, se é de noite, diz coisas que não são entendidas pelos indigenas e que elle diz ser evocações aos espiritos maus; faz com uma varinha diversos desenhos na areia, que não se entendem, ou lança no fogo diversos pós. Nos desçansos, bebe.

Um feiticeiro e curandeiro

Se a doença se prolonga e o feiticeiro não vê que ella dê mostras de declinar, ou se se aggrava, indica uma pessoa qualquer, em geral uma mulher viuva ou velha, como sendo ella a causadora da doença e ser, segundo a propria expressão indigena, feiticeira. Este caso, infelizmente ainda hoje vulgarissimo, apesar dos esforços das autoridades neste sentido, dá, como se pode presumir, logar a muitos abusos, que acabam, um grande numero de vezes, por assassinatos. Como se comprehende, o feiticeiro, ignorando os remedios para a doença, ou conhecendo que o doente morrerá, e não querendo deixar a sua sciencia por menos valiosa, escolhe de preferencia um ente para sua victima, que, por falta de protector, não tenha quem a defenda.

O feiticeiro, um grande numero de vezes, tambem conhece que a doença é das que não teem cura, como succede com a tisica, mas nunca o diz, porque a explicação para o caso de morte sempre a encontra, e emquanto o doente vive o dinheiro e os presentes vão correndo.

Perto do meu acampamento de ... havia uma mulher tisica. Todas as noites o feiticeiro fazia as suas ceremonias e dansas. O filho e marido d'esta mulher, ambos meus serviçaes, não faziam senão procurar dinheiro para pagarem as visitas ao doutor, apesar dos meus conselhos em contrario, dizendo-lhes que a mulher tinha doença incuravel e que nem todos os feiticeiros d'este mundo a poderiam curar. Foi tempo perdido. As exigencias do feiticeiro eram cada vez maiores. Resolvi intervir pessoalmente no caso, mandando chamar o feiticeiro, e disse a este que a mulher estava tisica e que todos os seus feitiços, por muito bons que fossem, para nada serviriam, e terminei dizendo-lhe que era opinião minha que a mulher não viveria dois mezes. A resposta do feiticeiro foi: que o seu modo de vida era aquelle e que sabia muito bem que doença era, e que só não duraria dois mezes, mas nem mesmo tres dias, e que elle, para me fazer a vontade, se iria embora, mas que seriam os parentes que novamente o chamariam e, portanto, não era culpa d'elle. De facto, tudo se realizou como o feiticeiro previra. Quiz-se ir embora e não o deixaram, e a mulher morria passados dois dias!

Tambem os feiticeiros se aproveitam da superstição dos indigenas para praticarem outras patifarias. Uma, por exemplo: uma mulher estava gravida e mandou chamar o feiticeiro. Este, como desejasse possuir uma mulher de outro indigena, declarou á parturiente que o parto não seria feliz e a criança nasceria morta se ella não fizesse com que a tal mulher tivesse relações sexuaes com elle. A familia da doente não descansou emquanto o feiticeiro não conseguiu o seu fim.

Um dos mais grosseiros embustes em que o feiticeiro toma uma parte activa é no *mandique* ou *xiquembo*. E' facto notado que o systema nervoso no indigena africano é menos desenvolvido do que no branco, e isto nota-se principalmente nas opera-

ções cirurgicas, em que o indigena mostra uma indifferença á dôr, que surprehende. Suppondo, porém, que esta hypothese seja contestavel, o certo é que o indigena é pouco atacado de doenças nervosas, loucura, etc., o que não quer dizer que não hajam exemplos de hysterismo, e quando este caso se dá diz-se ter *mandique* ou *xiquembo,* que significa ter no corpo a alma ou o espirito mau de uma pessoa fallecida.

O remedio do feiticeiro compõe-se então de dansas e exorcismos, em que o feiticeiro parece possesso, taes são as cabriolas e esgares que faz; num momento dado, o feiticeiro finge que o espirito mau do doente passou para o corpo d'elle e, depois de uns fingidos ataques hystericos, foge de repente para o mato a deixar alli, segundo elle diz, o espirito. Este genero de doença e cura prolonga-se consoante os recursos pecuniarios do doente. Estas dansas são sempre acompanhadas de pequenos tambores e fazem-se geralmente de noite. Quando a doença é verdadeira, o doente chega a curar-se, tal é o poder da suggestão.

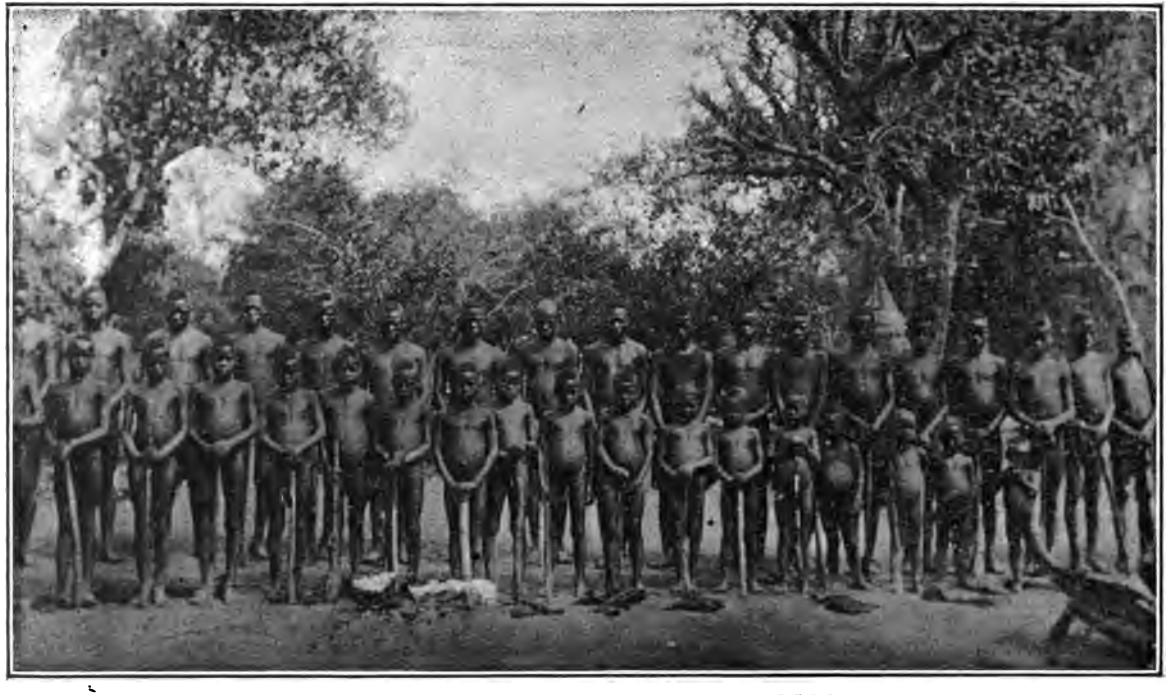
Parece haver contradicção quando se disser que os batuques de *mandique* são frequentes, apesar da pouca disposição do indigena para o hysterismo. Os motivos são, porém, outros.

A maior parte das vezes a doença é tambem fingida, principalmente nas mulheres quando pretendem obter dos maridos certas coisas: quando teem ciumes do marido e este dá preferencia a outra mulher e poucas vezes dorme com ella; quando o marido é avaro com ella na dadiva de panos; quando o marido tenciona abandonal-a, etc. Ora tudo quanto a mulher pede quando atacada de *mandique,* e com a indispensavel assistencia do feiticeiro, tudo é satisfeito pelo marido. O outro motivo é o feiticeiro ignorar o genero de doença que tem o indigena e, á falta de melhor explicação, dá a do *mandique.*

Falta, por ultimo, referir-me a um outro genero de trabalhos a que o feiticeiro tambem se dedica: descobrir o autor de certos roubos.

Nesta parte dá ás vezes mostra de ser um habil policia. Pretende-se saber quem é o autor ou autores de um determinado roubo. Chamado o feiticeiro, este pede um certo prazo de tempo, que, em geral, é curto, quando o feiticeiro pertence á mesma região onde se praticou o furto. A tatica do feiticeiro consiste em investigar, como faria qualquer policia, quaes os indigenas que teem habitos dissipadores, má reputação, etc., e vigiando em seguida, observa as condições em que se deu o roubo com a mais escrupulosa attenção. Quasi certo de saber quem é, ou presume ser, o ladrão, num dia determinado é dado um batuque em que comparece toda a gente da região. Depois de varias dansas e outras manigancias de feitiçaria, o feiticeiro, que é tambem phisionomista, e que não deixa de observar o ladrão, em certo momento mostra á multidão o culpado.

Este, em geral, pelo mal estar em que se encontra e porque,



Rapazes na circumcisão

por vezes, já tem dado mostras de desassocego, confessa immediatamente o crime com receio do feitiço.

Usam tambem os feiticeiros de outros *trucs*. Uma panela de agua quente e uma outra servindo de tampa. O feiticeiro ordena que todos os assistentes teem que metter os dedos da mão direita dentro da panela da agua depois de levantar a tampa, dizendo ao mesmo tempo que o culpado ficará sem pelle. A' operação dos indigenas metterem a mão só o feiticeiro assiste. Em geral succede que o delinquente se recusa a metter a mão e confessa o crime, ou, se a mette, não chega a molhar os dedos, o que o feiticeiro logo descobre.

Manda formar todos os homens em semi-circulo, distribue a cada um d'elles um pequeno pau, todos da mesma grandeza. Depois ordena-lhes que o fechem nas mãos e colloquem estas atrás das costas. Em seguida diz-lhes que aquelle que for o culpado o pauzinho d'elle terá crescido, ficará maior do que os outros. Passados alguns minutos, o feiticeiro ordena que abram as mãos e mostrem os pauzinhos. O culpado, receando que o pauzinho d'elle esteja maior, teve o cuidado de lhe partir um bocado e assim o feiticeiro descobre immediatamente o gatuno.

Outro: um polvorinho de chifre de boi e este fechado de ambos os lados. Na parte mais estreita uma rolha de madeira como se usam nas borrachas de vinho. Tanto o bocal como a rolha teem umas ranhuras. Formados os homens e collocada a rolha no polvorinho, dá esta a tirar a cada um dos homens. Todos a tiram com facilidade, mas quando chega ao homem que o feiticeiro presume ser o culpado, este, por mais força que empregue, não consegue tirar a rolha.

Em ultimo recurso, o feiticeiro não se prende com preconceitos: á falta de verdadeiro criminoso, não tem duvidas em accusar um innocente.

Falta falar da ceremonia do *muavę*[1] ou *uanga-nanga*, especie de juizo de Deus, que os indigenas antes empregavam em pessoas e hoje em gallinhas. O *muave* consiste no cozimento de raizes de uma certa arvore, que o feiticeiro divide em duas partes iguaes, e tendo as duas partes litigantes trazido cada uma d'ellas uma gallinha, são estas obrigadas a ingerir o liquido preparado pelo feiticeiro. Não tarda que uma d'ellas venha a morrer. O dono ou donos d'esta perdem então a questão. E' facil de suppor a que serie de injustiças não dava logar esta pratica, estando a solução do litigio apenas dependente da vontade do feiticeiro, que na occasião opportuna deitava na poção um veneno violento. Vencia quem mais generoso se mostrava com o feiticeiro. Um grande numero de vezes este ia feito com o regulo, diante de quem sempre se fazia esta ceremonia.

---

[1] Vide app.

Antes de 1894, ainda entre os Landins-Macuacuas era vulgar o uso do *muave* entre os proprios litigantes, o que dava origem a muitas mortes. Entre os Batongas nunca o *muave* se generalizou. O uso do *muave* parece ter sido trazido pela gente do Gungunhana. Hoje, mesmo com gallinhas, esta pratica está em decadencia e tende a desapparecer.

Certas lendas que existem no districto devem a sua conservação aos feiticeiros, que as exploram em proveito proprio. Temos a lenda da arvore da morte, bem conhecida em toda a região dos Bashopes. Reza a lenda o seguinte:

Em terras do regulo Bimaica, regulado de Zavalla, na circumscripção do mesmo nome e a uns kilometros da povoação do mesmo regulo, existe uma arvore, que, segundo dizem os indigenas, quem d'ella se aproximar morre immediatamente, e tão crentes estão os indigenas nisto, que, ainda distantes da referida arvore, já não ha forças que os obriguem a aproximar-se. Uma vez que eu estava em Quissico com o meu amigo Luiz Mascarenhas Gaivão, distincto engenheiro sylvicultor, mostrou este desejos de colher um ramo da tal arvore para analyse, pelo que resolvemos ir ao proprio local examinar a arvore. Escusado será dizer que, quando estavamos proximos da arvore, nenhum dos carregadores, sipaes e outros indigenas que nos acompanhavam se atreveu a seguir-nos, a despeito de ordens e ameaças, com a sua bordoada á mistura. Colhido um ramo, passámol-o a examinar e apenas notámos que a arvore era uma... accacia vulgarissima em todo o districto. Tambem a lenda dizia que qualquer passaro que pousasse morria tambem, e foi facto que nós logo notámos estarem duas rolas pousadas sem darem indicios de qualquer incommodo. Foi preciso empregar a força para obrigar a conduzir o meu companheiro, porque todos os indigenas fugiam á nossa aproximação. A explicação que mais tarde deram foi que, antecipadamente, nós tinhamos feito feitiço grande de branco e porisso não nos acontecera mal algum.

Mais tarde procedi a investigações por minha conta e apurei o seguinte: parece que numa das investidas do Gungunhana ás terras dos Bashopes, alguns dos guerreiros acamparam perto da arvore. No dia seguinte appareceram mortos. Pode muito bem ter acontecido que elles morressem com qualquer bebida venenosa que tivessem tomado sem que a arvore para ahi concorresse com qualquer coisa. Mas apurei tambem que havia um feiticeiro naquella região que só elle com o auxilio poderoso de certos feitiços podia chegar e dormir ao pé da arvore sem lhe acontecer mal algum e que por este facto era um feiticeiro muito grande, de muito respeito e nomeada!

A lenda das cavernas de Villanculos diz que qualquer indigena (excepto o feiticeiro, está entendido) que entre nellas, morre immediatamente. Nada poderei dizer sobre taes cavernas, pois que, apesar de ter passado perto d'ellas, não tive opportunidade de visital-as.

Ceremonia da circumcisão

Tudo que deixei dito em referencia dos feiticeiros se pode applicar ás feiticeiras e se ellas não desempenham o papel de policias, teem outras coisas no seu activo, a começar pela responsabilidade que lhes cabe nos partos prematuros e esterilidade de muitas mulheres, assim como é exclusivo seu a direcção e ignobil exploração da *Imbuta*. Varios europeus teem feito tudo quanto é possivel para conseguir vêr este batuque secreto de mulheres, mas não teem conseguido. Entre outras difficuldades, ha as de não encontrar indigena algum que lhe possa servir de guia ou interprete e, o que é mais, os indigenas nada querem ouvir a tal respeito e tapam as orelhas com as mãos; e a outra difficuldade é de se ignorar o local onde as mulheres dansam. Que as feiticeiras bem sabem que se o branco tiver visto o batuque lá se vae a lenda com todos os seus feitiços.

A *Imbuta* representa uma fonte de receita continua da feiticeira. Esta, de cumplicidade com uma outra mulher, faz a esta desempenhar o seguinte papel: a cumplice aproxima-se de uma mulher qualquer da região, em geral quando se encontra sósinha a cultivar no campo. Desperta-lhe o interesse, falando-lhe dos mysterios da *Imbuta*. Depois de bem espalhada a semente, diz-lhe que, se ella não for á *Imbuta*, succeder-lhe-á desastre certo e lhe prevê muitas desgraças. Por um lado a curiosidade, por outro o terror, obrigam a mulher a confessar que quer o batuque. A cumplice então ensina a desempenhar o papel que tem que representar perante o marido. Recolhe a casa e nem uma palavra a este dirige, e neste estado se conserva até que o esposo, com medo de endoidecer, vae consultar a feiticeira, que diz ser preciso fazer o batuque da *Imbuta* e para que este se possa realizar tem que dar diversas quantias em dinheiro e presentes em cereaes, panos, etc.

O batuque da *Imbuta* consiste no seguinte:

No inverno, o batuque realiza-se dentro de uma palhota, de verão, dentro de um pequeno cercado. Não ha perigo que qualquer homem se aproxime, pois que este, mal ouve o pequeno tambor usado neste batuque, faz enorme rodeio até deixar de o ouvir com receio de ficar doido. As mulheres formam em circulo e uma, completamente nua, dansa ao centro uma especie de dansa de ventre, tambem usada noutros batuques. Depois vem uma outra dansar e, a certa altura, simulam o acto sexual, tendo a segunda atado á cintura um pedaço de madeira enfeitado com missanga, imitando o penis. Recomeça novamente a mesma dansa até estarem fatigadas para serem rendidas por outras.

A mulher em honra de quem foi dada a *Imbuta* assiste na primeira noite ao espectaculo sem tomar parte nelle e apenas a feiticeira a obriga a tomar certos ingredientes e a esfregar-lhe a barriga com raizes. Na noite seguinte á mulher é-lhe feita uma operação nos grandes labios e umas maçagens especiaes que, diz a feiticeira, servem para desenvolver o clitoris.

Nas outras noites dansa tambem. Durante o tempo que dura

o batuque, a mulher não troca uma palavra com homem algum e, se é encontrada isolada em qualquer parte, qualquer homem a pode possuir, sem que ella offereça a menor resistencia. Este batuque costuma durar oito dias. Entre Landins e Bashopes, quando se realiza o batuque, ha sempre um certo numero de iniciadas, ao contrario do que succede com os Batongas, onde, em geral, se faz com uma só. Entre Landins e Bashopes, os regulos ou cabos recebem tambem emolumentos d'este batuque, embora não tomem parte nelle. É entre os Bashopes que este batuque é mais vulgar. Desconheço qual a sua origem.

Julgo ter mostrado quanto o indigena é supersticioso, mas não é este o seu maior defeito. Outros tem, que nasceram com elle, defeitos de raça, impossiveis, na minha opinião, de fazel-os desapparecer por completo. Demais não são apenas observações minhas, são de toda a gente que tem estado em contacto com os indigenas d'este districto.

Não tenho pretensões a julgar que esta serie de apontamentos mereçam alguma vez ser discutidos e um dos motivos que me levam a pensar assim é que as minhas observações apenas dizem respeito aos indigenas do districto de Inhambane e não á raça negra em geral. Nem a capacidade do autor, nem a indole d'este livro, dão margem a qualquer discussão neste campo, ainda que, excluida a primeira razão, se por necessidade de defesa eu fosse a isso impellido, iria em muito boa companhia. Posto isto e limitando-me só ao que durante quinze annos tenho observado em permanente contacto com este indigena, direi que quatro defeitos capitaes formam os traços moraes mais salientes nelle. É preguiçoso, ingrato, mentiroso e bebado. Os outros defeitos, assim como as suas qualidades, são de difficil julgamento, attendendo ao que de incompleto, antagonico e de subita transição em todos elles se nota.

Já em differentes passagens tenho tido occasião de evidenciar a indolencia natural do indigena e a sua congenita inclinação para beberricar, pelo que pouco mais considerações farei a tal respeito. Muito boa gente se illude julgando que o indigena trabalha voluntariamente e a prova é que vae para o Transvaal sem ser a isso obrigado! Assim succede, mas não o faz por necessidade organica ou por comprehensão moral. No fundo é justamente o seu maior defeito que o obriga a expatriar-se. Em duas palavras: num anno o indigena pode arranjar dinheiro para comprar uma mulher para trabalhar para elle e ficar assim satisfeita a sua maior ambição na terra (que em coisas do céu não pensa), que é: não trabalhar ou trabalhar o menos possivel. A quem duvidar do que affirmo, aconselho-lhe um pequeno passeio até ás povoações dos indigenas e asseguro que ficará identificado por completo.

O unico acto da vida do indigena em que noto actividade é para beber. De saude, doentes ou quasi mortos, de dia ou de noite,

com calor ou frio, alegres ou tristes, estão sempre promptos para ingerir qualquer bebida, e, caso unico em que mostram coherencia, até muita agua bebem. Nestes dois defeitos os Batongas levam a palma aos outros. Menos preguiçoso, o Mushope; menos bebedo, o Landim.

Passando aos outros dois defeitos, direi que conheço immensos casos de ingratidão de indigenas para com europeus e nem ao menos um em contrario para apresentar como excepção. O Jau (se é que existiu) não deixou por aqui imitadores. Esta má qualidade nelles é tão caracteristica que é frequente observal-a mesmo de indigena para indigena. O filho muitas vezes abandona a mãe quando esta já não pode trabalhar. Um irmão abandona outro quando este enferma de doença incuravel, e de casos similhantes muitos ha a citar. Mais frequentes no Mushope e menos no Landim.

A mentira do indigena d'este districto é uma necessidade. Mente por habito e tão arreigado tem este vicio que, quando é apanhado em flagrante contradicção, fica na mesma e até convencido que era verdade. Quem é que tem viajado um pouco no interior que não observa, por exemplo, o encontro de dois indigenas mesmo desconhecidos um do outro?

Um d'elles pede rapé ao outro, o que é do estylo. Resposta invariavel do segundo:

— Era exactamente o que eu te queria pedir. Vinha com immenso desejo de cheirar e o meu rapé acabou-se.

Seguem as outras perguntas, tambem do estylo:

— Quem és? De onde vens? E o que vaes fazer?

O outro responde a tudo e faz as mesmas perguntas. Findo este dialogo, o segundo tira a caixa ou canudo do rapé e offerece ao outro. Nenhum dá mostras de ter notado a mentira e cada um segue o seu caminho.

Ouvi, varias vezes, a indigenas que me acompanhavam na caça, contar peripecias a outros que se tinham dado com elles, e com tal accento de verdade que, se eu não soubesse que eram refinadas patranhas, eu proprio acreditaria. Mentem em tudo, por tudo e a todos os momentos. Toda a gente tem observado, quando se pergunta a um indigena o seu nome, que elle dá um, ao acaso. Pergunta-se-lhe segunda vez e dá outro, porque, ás vezes, já se esqueceu do primeiro, e dá tantos quantas as vezes lh'o perguntarem. Mentem mesmo com prejuizo d'elles.

É raro que a familia de um indigena que morre no Transvaal receba o espolio, porque nunca se chega a saber quem é, por ter dado nome falso ou trocado. Na cobrança do imposto de palhota succede a mesma coisa, apesar de saberem que podem, porisso, pagar duas vezes. Nem centenas de folhas chegariam para citar exemplos. Além de mentir, exaggeram e inventam coisas disparatadas. Para amostra, a celebre historia do naufragio do *Carnarvon*. Sobre este defeito não teem, os indigenas das

tres raças differentes, que se julgarem inferiores uns aos outros: mentem todos por igual, e os Batongas e Balengues, como dignos descendentes d'ellas, lêem pela mesma cartilha.

Anteriormente disse, e de novo repito, que não é facil fazer um juizo seguro que nos permitta avaliar os defeitos e qualidades moraes dos indigenas d'esta região, tantos e tão diversos são os aspectos sob os quaes elles nos apparecem; e, por consequencia, apenas de passagem, e ao de leve, mais algumas palavras direi sobre o que de momento me occorre.

O indigena tem noções de pudor, ás vezes elevado até ao exaggero, e já mostrei o caso da queixa á sogra; mas ha mais. Um indigena desgosta-se sensivelmente quando se lhe dirige qualquer gracejo um tanto livre estando alguma pessoa de familia presente, mesmo sendo muito afastada, o que não impede de que se lhe oiça cantar diante dos filhos ou dos paes as cantigas mais obscenas.

Não se pode dizer, em absoluto, que o indigena considera a femea unicamente como animal de trabalho. É isto e, ás vezes, mais alguma coisa. Tenho visto, muitas vezes, os indigenas recusarem o dinheiro da compra da mulher, em questões, e quererem, por força, esta. Não sei se a razão d'esta preferencia será igual áquella que um branco pode ter, por exemplo, em face de duas charruas de igual valor. O que sei tambem é ter visto indigenas perfeitamente doidos atrás de mulheres, cujo unico mister é prostituirem-se a quem mais paga, ou velhos atrás de raparigas novas. Conheço alguns casos de ciumes em que a contenda se degenerou em tragedia. Um indigena, tendo encontrado a mulher com outro homem na palhota, fechou a porta, de maneira que não pudessem fugir, e largou-lhe fogo. Escusado será dizer que os dois amantes morreram queimados. Assassinatos por adulterio, não são raros. Indigenas ha que, pelo contrario, até vivem da prostituição das mulheres. Muitos repudiam uma mulher pelo mais futil pretexto.

Umas vezes, são completamente dominados pela mulher, outras vezes, são sovas de deixarem aleijões. Os ciumes, nas mulheres, são mais raros e só um caso conheço em que o marido, tendo sido apanhado em flagrante pela mulher, soffreu uma amputação que o impossibilitou para o futuro de pensar mais em mulheres.

A mãe, em geral, é dedicada pelos filhos, o que não obsta a que tenha descuidos imperdoaveis. Tem acontecido a mãe deixar caír, de noite, a criança no lume que conserva na palhota, ou embebedar-se e ficar nos campos com o filho exposto á chuva, ao frio ou ao relento. Infanticidios, são rarissimos. Outra tanto não succede com os partos prematuros, ou com as drogas que usam para não emprenhar.

Tenho notado casos de dor real, nas mães, por perda de um filho, mas tenho tambem visto o seguinte: uma mulher, quando lhe deram a noticia de que os dois unicos filhos que tinha ambos haviam

morrido no Transvaal, exclamou: «Agora não tenho quem pague a palhota!» E por aqui se quedaram os seus queixumes. Outra mulher, leprosa, sem se poder mover, tendo-lhe morrido uma filha que tudo lhe fazia, nos seus lamentos só dizia: «Quem lhe havia de fazer comida!» A um pae, a quem tinha morrido um filho de vinte e tantos annos, ouvi, tambem, «que tinha outros em casa!»

Um indigena, homem ou mulher, que, pela sua avançada idade, já nada possa fazer, é considerado um fardo pesado e que já não merece cuidados, e levam a crueldade, algumas vezes, a ponto de o deixar morrer á fome ou abandonal-o.

O indigena recebe com relativa indifferença a noticia da morte do ente que lhe pertence, mesmo de um filho, o que é contradictorio com o seu desejo de ter muitos. A polygamia e certas praticas que usam, assim como a inclinação para o fatalismo, concorre para que certos sentimentos nobres, como o amor paterno, materno e fraternal, sejam nelles pouco desenvolvidos.

A amisade é coisa quasi desconhecida entre elles. Julgo notar, no fundo de todos os indigenas, uma grande dose de egoismo, apesar de haver um facto, observado por toda a gente, que desmente esta theoria até certo ponto: o indigena nunca deixou de repartir a comida ou bebida, por pouca que seja, com outro ou outros indigenas que no momento apparecem, embora desconhecidos.

Um indigena doente receia pouco a morte. Mostra, em determinadas circumstancias, actos de coragem que estão pouco em harmonia com a sua habitual cobardia.

Comparado com o indigena da costa occidental, sendo verdade o que se diz, o indigena de Inhambane não é ladrão, pelo menos com os brancos, salvo guardadas as devidas excepções e o caso das bebidas, e assim é que se lhe entregam quantias importantes e cargas para levarem a pontos distantes, e nunca falta coisa alguma; outro tanto não succede de indigenas para indigenas, que, sempre que podem, a salvo, roubar alguma coisa, o fazem sem escrupulos; mas nisto, como noutras coisas, as anomalias existem.

É raro o indigena que não traz, regressado do Transvaal, dinheiro de outros para as suas familias. Os indigenas que regressam são por milhares e os casos de roubos por dezenas.

Outro facto ainda. Em geral, os indigenas confessam as dividas e, sempre que podem, pagam. Se perde, no chão, 10 ou 20 réis, é capaz de procural-os um dia inteiro. Por uma insignificante quantia fará uma longa questão, mas gasta uma libra com a mesma facilidade com que daria um passeio.

Em regra, o indigena d'este districto é docil e submisso, com especialidade os Batongas. As poucas tentativas de rebellião ou desobediencia ás autoridades, que conheço, partiram sempre das raças cruzadas; mas convem dizer, em abono da verdade,

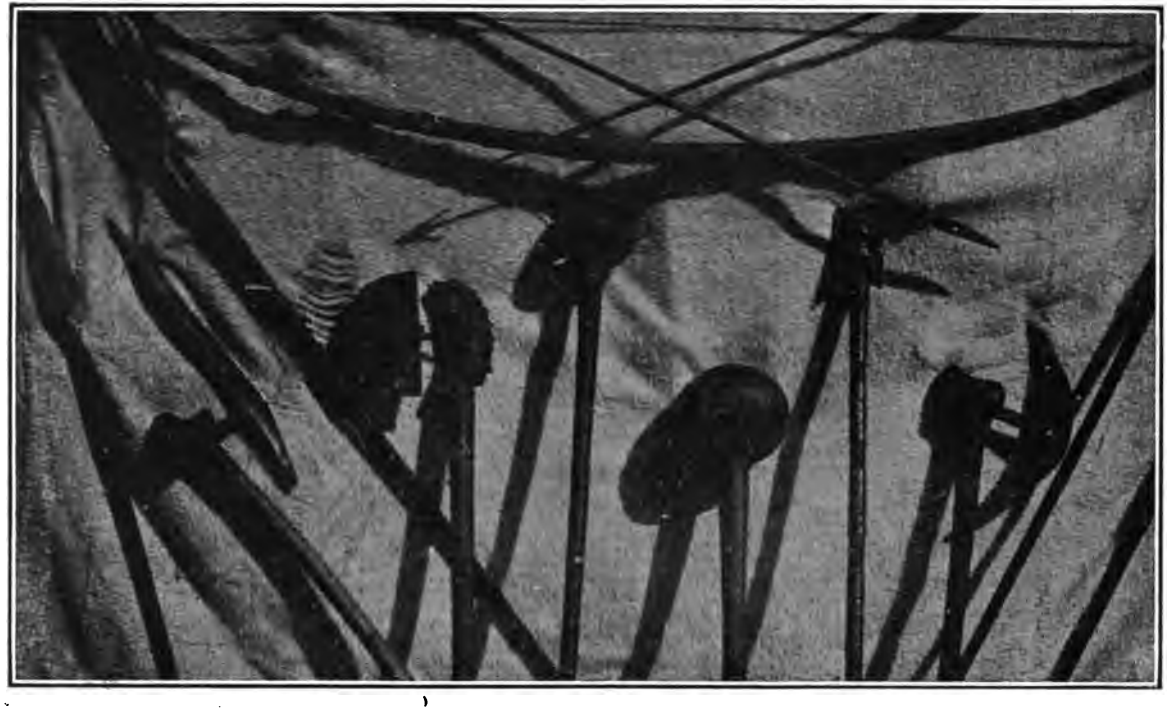
que para isso concorreram algumas autoridades por desnecessarias violencias ou por absoluta falta de energia.

Duas lacunas importantes noto ainda no indigena: pouca memoria e grande difficuldade de comprehensão. Tenho presenciado casos que se podem julgar exaggerados e, no entanto, são verdadeiros: perguntar-se, de repente, a um indigena que tem tres ou quatro mulheres, quaes os nomes d'ellas e não se lembrar dos de todas; esquecer pór momentos o nome da mãe ou de todos os filhos.

Tão pouca confiança tem na sua memoria que costuma, quando lhe nasce um filho ou se dá um outro facto importante na sua vida, marcar ou plantar uma arvore. Os resultados d'estes costumes são, todavia, negativos, pois, não tendo noção do tempo, tambem se esquece da epoca em que marcou ou plantou a arvore.

Tambem é notavel a sua falta de raciocinio e comprehensão, mesmo das coisas mais simples, e o desconhecimento, por parte de alguns europeus, d'estas fraquezas dos indigenas dá logar a injustiças.

Muitas vezes, se o indigena não obedeceu ou cumpriu mal uma ordem, foi devido aos motivos apontados e não á má vontade ou propositado desejo de ser contrario á vontade do patrão ou autoridade a quem está sujeito. Para corroborar o que exponho, basta lembrarmo-nos que, se muitos desastres se não dão, é devido aos brancos que com elles trabalham. Para estes males, só conheço um remedio: paciencia e muita paciencia.



Armas indigenas

NOTA

Não quiz terminar esta serie de apontamentos sem deixar indicadas quaes as medidas que ao Governo compete pôr em execução immediata, e que, a meu vêr, são de capital importancia.

Sem umas, a administração sobre indigenas continuará, como tem sido até aqui, antiquada, defeituosa e injusta; sem outras, comprometter-se-á gravemente o futuro da população indigena, que ao presente já mostra symptomas caracteristicos de uma rapida degenerescencia e, porventura, um dia, do seu aniquilamento.

Não vou apresentar novos alvitres, mas reforçar o que já por varias vezes se tem pedido e indicado como medidas de inadiavel urgencia, e que representam problemas de facil execução, de que sempre se tem descurado.

O presente estado de coisas, que revela um atrazo de alguns seculos, dá logar á justa critica da raça branca *de fóra* e da raça negra *de dentro*. Ainda é tempo de não deixar morrer a gallinha dos ovos de ouro.

Regulamento de justiça indigena. — O que se passa sobre este assumpto é um verdadeiro chaos.

As questões dos indigenas resolvem-se umas vezes *á preto,* outras *á branco,* umas pelos methodos antigos, outras pelos methodos modernos. As questões tambem são resolvidas umas vezes por brancos, outras por pretos. Ora, não havendo regras estabelecidas e que pela sua simplicidade estivessem ao alcance de todos, e estando, pela falta de um regulamento adequado, as resoluções dos milandos dependentes do livre criterio e arbitrio de varias autoridades, pode suppôr-se o que a administração de justiça não será: uma confusão onde ninguem se entende.

As questões resolvidas por brancos *á preto*—o que, diga-se entre parenthesis, ainda é a melhor forma de resolvel-as—podem,

todavia, dar logar a injustiças, desde que não existam principios, dos quaes, sem grave responsabilidade para o julgador, este se não possa afastar.

Um bom regulamento de justiça indigena deve cingir-se, tanto quanto possivel, aos usos e costumes dos povos a quem elle deve ser applicado, tendo em vista modifical-os na parte em que elles se resentem ainda do barbarismo e estado selvajem de passados tempos em que viviam.

Outro tanto não succede com a forma pratica como são resolvidas certas questões pelos indigenas, em que o systema de indemnizações é applicado em larga escala. E' principio para ser seguido e respeitado.

As questões resolvidas *á branco* degeneram em verdadeiros absurdos.

Já tenho presenciado varios julgamentos de indigenas no tribunal judicial da comarca. Alguns são simplesmente irrisorios e ridiculos. As anomalias apparecem a cada passo, collocando em embaraços os magistrados e dando ao indigena uma idéa completamente errada do que seja a justiça. Réus e testemunhas entram e saem do tribunal sem a mais pequena noção do que alli foram fazer e do que alli se passou.

Applicar a indigenas ainda não civilizados as complicadas leis do não menos complicado meio social em que o homem branco hoje vive, é de uma absoluta incoherencia.

E' forçoso tambem destrinçar onde acaba a alçada das autoridades indigenas e onde começa a das autoridades brancas nos julgamentos dos milandos.

Por ultimo, torna-se tambem necessario um **Regulamento administrativo indigena**, em que se regulem as attribuições dos regulos, cabos e chefes de povoações, constituição da familia e outras obrigações.

Pode parecer á primeira vista difficil confeccionar os dois regulamentos mencionados, mas não é, se se attender aos seguintes principios:

Conhecer bem os usos e costumes dos indigenas;

Menos bachareis e mais homens praticos do meio indigena;

Não esquecer que os usos e costumes dos indigenas mudam de districto para districto;

E, depois... bom senso.

Regulamento de trabalho [1]. — Fazendo-se, diariamente, sentir a falta de um regulamento de trabalho, dando logar a continuas questões entre administradores, agricultores e indigenas, foi, pelo governador de Inhambane, nomeada uma commissão, composta de quatro administradores e quatro agricultores, encarregada de elaborar o regulamento que hoje vigora a contento de

---

[1] Este regulamento começou a vigorar em abril de 1909.

todos, e, apesar de não ser a ultima palavra no genero, veiu preencher uma lacuna importante.

Abstenho-me de quaesquer commentarios, por ter feito parte da referida commissão.

Colonia agricola correccional. — A este respeito diz o ex.^{mo} sr. Augusto Cardoso, governador de Inhambane, no seu relatorio de 1906–1907: «A necessidade da criação de tal estabelecimento não carece de grandes demonstrações. Da leitura do projecto de regulamento se vê qual o effeito salutar que tal estabelecimento produziria na raça indigena; e quanto ás vantagens de uma estação de estudos agricolas, são tão manifestas que julgo ocioso mencional-as; só lembrarei que todos os paizes dedicam sommas mais ou menos importantes a taes estabelecimentos», etc.

Duas escolas de artes e officios. — Uma ao norte e outra ao sul do districto.

Os argumentos empregados para a criação de uma colonia agricola são os mesmos a applicar ás duas escolas de artes e officios.

Dois postos medicos. — Um ao norte e outro ao sul do districto, servindo de residencia effectiva a dois medicos do quadro de saude, dois enfermeiros e respectivas ambulancias.

Julgo desnecessario encarecer a utilidade de tal medida.

A estes medicos cumpriria, além das visitas periodicas aos centros populosos e outros encargos da sua profissão, o estudo da flora dentro da area da sua jurisdição.

Gafaria. — Tudo quanto se possa dizer é pouco, sobre a necessidade immediata da criação de um posto onde se possam isolar os leprosos.

Algures, calculei em um por cento o numero de leprosos em todo o districto.

Esta percentagem pode parecer exaggerada, mas, em dois calculos rigorosos que fiz, obtive o mesmo resultado. Quem percorrer, frequentes vezes, o interior, terá occasião de vêr, como eu, que é enorme o numero de leprosos de ambos os sexos, e, a não ser que desde já se providencie, dentro em pouco aquella percentagem ha de augmentar.

Repressão do alcool. — No capitulo em que tratei do alcoolismo já largamente me referi a este assumpto.

Sou de opinião que a repressão do alcool se deve fazer sem tergiversações, activa e energicamente. Não estou, porém, de accordo com o actual systema de multas pecuniarias, como castigo aos delinquentes.

Os alambiques apprehendidos e os seus possuidores castigados com trabalhos correccionaes, concordo; que os encarregados da fiscalização tenham uma percentagem—sem o que, seria de prevêr, pouco ou nada fariam—mas que ella saísse de uma verba especial destinada a esse fim, tambem é necessario.

Emigração. — A emigração representa um mal, immoral mesmo,

de pessimas consequencias economicas e sociaes para o futuro dos indigenas e da provincia de Moçambique, mas a doença é das que, por emquanto, não teem remedio; o que se pode é attenuar de alguma forma os seus perigosos resultados.

Antes do tratado, muitos indigenas deixavam lá a vida, mas os que voltavam traziam dinheiro. Agora, continuam lá ficando e o dinheiro tambem.

Calculei em oito por cento o numero de indigenas que morriam no Transvaal. Antecipadamente sei que este numero vae levantar reparos, que julgam, e facilmente me provam, por meio de estatisticas, que errei e exaggerei extraordinariamente. Se este livro fosse de critica ou de combate, simplesmente lhes diria:

Que a verdade, a tal respeito, sempre se tem occultado, *cá* e *lá*, por motivos que é obvio expor;

Que as estatisticas se manipulam tem absoluta concordancia com o que acima deixei dito;

Que ainda, por outros motivos que uma parte das autoridades desconhecem, tambem as estatisticas não merecem confiança;

Que este calculo de oito por cento não foi feito ao de leve e sem conhecimento de causa, e que estou prompto a provar o que digo.

Para este mal, ainda conheço dois remedios:

O primeiro, compete ao Governo. A lição recebida, e dez annos para decorar, dão-lhe tempo sufficiente para collocar a provincia de Moçambique em condições de independencia, que agora não tem, e a emigração deixará de ser uma obrigação e uma necessidade.

O segundo, depende do indigena. Quando este se convencer de que no Transvaal já não existe o incentivo que antes o levava a emigrar, e que regressa tão pobre como tinha ido, o seu desejo de se expatriar será cada vez mais limitado.

O calculo, que antes fizera, de uma média de dez libras por indigena regressado das minas, era antes do tratado. Agora, a média, será, quando muito, de cinco libras, com accrescimo de bagagem.

Admittindo-se que o indigena nunca chegue a attingir o limite dos 60 kilos de bagagem, os effeitos deploraveis d'esta clausula não deixam de existir, e é assim que elle pode trazer todo o seu dinheiro empregado em objectos de bastante valor e pouco peso.

Transcrevo do relatorio do ex.^{mo} governador de Inhambane, de 1907–1908, a parte onde se indicam os meios para combater a importação de bagagens do Transvaal:

1.ª Instituição de uma agencia official que, gratuitamente, guarde os salarios e os transfira, do Transvaal, para as familias dos indigenas que lá trabalham, realizando-se estas transferencias, sobre quaesquer quantias, a partir de dez shillings.

2.ª Abaixamento dos direitos aduaneiros sobre todos os artigos consu-

midos pelos indigenas, de forma que estes os possam adquirir mais barato aqui do que no Transvaal.

3.ª Nomear bons agentes de propaganda no Transvaal, encarregados de mostrar as vantagens dos serviços da agencia e da compra de fazendas aqui.

As medidas apontadas não são de largos dispendios nem de difficil execução e tão somente representam uma justa compensação áquelles que muito teem dado e nada teem recebido. Não se colhe sem se semear.

VOCABULARIO

VOCABULARIO

Preliminares

A despeito de todos os esforços que empreguei, devido ao atrazadissimo estado intellectual do indigena d'este districto, impossivel me foi apresentar mesmo um ligeiro esboço de grammatica ou construcção grammatical dos dialectos falados neste districto.

Não é, porém, caso para desanimar e, se algum curioso se quizer dar ao trabalho d'este estudo, encontrará na *Grammaire Ronga*, do padre Junod, 1896, e nos preliminares do *Diccionario Shironga-Portuguez e Portuguez-Shironga*, do sr. E. Torre do Valle, 1906, todos os elementos necessarios, visto a construcção grammatical ser similhante á de todos os outros dialectos falados ao sul d'este districto, até aos Libombos. Na confecção do presente vocabulario puz de parte todo e qualquer systema scientifico. O dilemma era este: ou tinha que ser scientifico ou pratico, e digo pratico tanto quanto se pode ser neste genero de trabalhos em que ainda está por se descobrir um systema que satisfaça por completo, por não haver letras ou signaes que possam reproduzir todos os sons emittidos pelos indigenas africanos quando pronunciam certas palavras. Adoptei no vocabulario os principios em que assenta a linguagem sonica. Pretendo que se leia como está escripto, e se assim alguem se não fizer comprehender dos indigenas, duvido que o possa conseguir adoptando qualquer outro methodo.

Não darei, pois, novidade alguma quando disser que muitas palavras serão difficilmente comprehendidas, ou não o serão de todo, attendendo á impossibilidade incompleta de as reproduzir. A pratica se encarregará de demonstrar se não foi de todo perdido este meu insignificante trabalho.

Outra lacuna existe ainda: a omissão de muitos vocabulos. Devo, todavia, dizer em minha defesa que não tive a pretensão de fazer um diccionario e sim um pequeno vocabulario, onde se encontrassem um certo numero de palavras de maior necessidade, na linguagem corrente, e, por assim dizer, de uso diario.

Por ultimo, e como desculpa, permitta-se-me que declare que apenas procurei neste pequeno livro fornecer algum auxilio a quem, além da devoção (como eu), tenha tambem a obrigação de produzir obra de maior folego, para o qual não me julguei habilitado. No appenso ao vocabulario vão indicadas algumas palavras que correm como pertencendo aos dialectos falados neste districto, quando são por completo estranhas a elles, e outras para as quaes não temos verdadeiros significados.

Por meio de chamadas apresento varios exemplos da affinidade e similhança dos tres dialectos de Inhambane e o Macua [1], e segundo o que me dizem, este caso dá-se com outros dialectos falados ao norte da Provincia, o que parece confirmar a theoria que a invasão d'estas raças deu-se do norte para o sul e tiveram a mesma origem, que causas diversas separam do tronco commum.

Neste districto o dialecto Landim ou Shitsua tende a avassallar os outros dois e é, além de possivel, provavel que, num futuro mais ou menos proximo, o Shishope e o Guitonga venham a desapparecer. Para isto tambem concorrem os europeus, que mais facilmente aprendem o Landim que qualquer outro dialecto.

Seguindo o mesmo systema adoptado para a pronuncia, dou tambem algumas amostras da literatura indigena, a que elles chamam *Karringuella* ou *Karringane* (historias ou contos).

São sempre passados entre animaes, sem terem o fim moral das fabulas, e que revelam muita pobreza de imaginação.

Algumas d'essas historias são interminaveis e na maioria d'ellas é o coelho que desempenha o papel mais importante.

As traducções são livres, pelos motivos já expostos quando tratei das canções.

Resta-me explicar alguns termos empregados no vocabulario: *ku* é sempre a forma do infinito do verbo.

Algumas vezes os Batongas e Bashopes pronunciam o *ku* como *gu*, mas a verdadeira forma é *ku*. O singular e o plural dos substantivos forma-se com *mu* e *ba*, quando se referem a pessoas. *Mu* e *mi*, para coisas e seres inanimados.

I, *li*, *shi* e *ji* no singular e *ti*, *si* e *ji* (Landim e Shishope) *ma* e *bu* (raramente) para o plural, para todas as outras palavras, havendo comtudo algumas excepções.

O *ji* é um prefixo para o plural em Shitsua e Guitonga e tambem prefixo para o singular neste ultimo. *Di* como prefixo para o plural só é empregado no dialecto Shishope.

Os Bashopes pronunciam o *si* plural nalgumas palavras como *zi*; ex.: *Zinhana*, (passaros), mas a verdadeira forma é *si*.

---

[1] Estes exemplos foram estrahidos do vocabulario *Portuguez-Macua* e *Macua-Portuguez*, do sr. Antonio Camisão, publicado na revista *Portugal em Africa*.

Portuguez-Shitsua-Guitonga-Shishope

A

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Abaixar-se, v.	Ku karama [1].	Gu [2] noga.	Ku nama.
Abaixo, adv.	Hanse.	Babáxe.	A'axe.
Abelha, s.	Inhoxe (ti).	Inhosse (ti).	Inombe (ti).
Abestruz, s	Inxa (ti).	Imbôa (ti).	Imbôa (ti).
Abobora, s.	Puze (ma).	Liringuire (ma).	Litêve (ma).
Aborrecer, v.	Ku karáta.	Gu karága.	Ku karáta.
Abrir, v.	Ku vulúla [3].	Gu túla.	Ku túla.
Abscesso, s.	Txixai (si).	Guilonda (si).	Tumba.
Acabar, v.	Ku éta.	Gu bejila.	Ku etila,
Acceso (estar) (o lume), v.	Ku vura.	Gu jura.	Ku tura.
Accrescentar, v.	Ku savanhêta.	Gu inga.	Ku langanheta.
Acceitar, v.	Ku ámuquéla.	Gu áka.	Ku téka.
Achar, v.	Ku tumba.	Gu róla.	Ku róla.
Acima, adv.	Leetxa.	Baxane.	Xitime.
Acolá, adv.	Lá-i-á.	Gu bálé.	A'uí.
Acompanhar, v.	Ku lequêta.	Gu eleguêja.	Ku elequêta.
Aconselhar, v.	Ku txevéla.	Gu melembéla.	Ku melenguéla.
Acontecer, v.	Ku tauma-xauma.	Gu duga.	Ku baka.
Acordar (alguem), v.	Ku vuxa.	Gu vussa.	Ku ussa.
Acreditar, v.	Ku fuméla.	Gu jumela.	Ku tumela.
Acudir, v.	Ku lamuléla.	Gu passa.	Ku vuna.
Adiante, adv.	Maxuene.	Bele.	Massone.
Adiantar-se, v.	Ku ranga.	Gu tanga.	Ku tanga.
Adelgaçar, v.	Ku xanga.	Gu onga.	Ku songa.

[1] Em macua, *Urrama*.
[2] A forma scientifica é *Ku*, mas emprego de preferencia *Gu* por ser a mais usada, principalmente no litoral.
[3] Em macua, *Utukula*.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Adeus, int.	Salane [1].	Xalane.	Salane.
Adoecer, v.	Ku babissa.	Gu bissa.	Ku panda.
Adormecer, v.	Ku équéla.	Gu lala.	Ku etela.
Adivinhar, v.	Ku vumba.	Gu lumba.	Ku uta.
Afastar-se, v.	Ku ambuka.	Gu lea.	Ku ambuka.
Affluente, s.	Lirrabe (ti).	Litamo (ma).	Lirrabe (ma).
Afiar, v.	Ku lota.	Gu lojo.	Ku lota.
Agarrar, v.	Ku koma.	Gu mola.	Ku mola.
Agora, adv.	Luko-luko.	Guno-guno.	Kuno-kuno.
Agradecer, v.	Ku bonguila.	Gu rila.	Ku urra.
Agua, s.	Mate [2].	Mate.	Mate.
Aguçar, v.	Ku boxa.	Gu ata.	Ku ata.
Agulha, s.	Xingano [3] (ti).	Xingano (ti).	Náête (ji).
Ahi, adv.	Kola.	Abo-abo.	Ajíu.
Ajudar, v.	Ku vuna.	Gu ruega,	Ku ruega.
Ajuntar, v.	Ku xengueleta.	Gu engueleja.	Ku sengueleta.
Alargar, v.	Ku enquetéla.	Gu fula.	Ku enquetela.
Alcançar, v.	Ku mukuméla.	Gu amanela.	Ku amana.
Alcoolismo, s.	Uzúkulo.	Guiveva.	Litukulo.
Aldeia, s.	Gamakana.	Kurringana.	Gukuatama.
Além, adv.	Lá-iá.	Lá-iá.	Lá-iá.
Algodão (branco), s.	Alguidão bassa.	Algodão nhaguagua.	Alguidão bassa.
Algodão (encarnado), s.	Xuguingo.	Algodão juvila.	Xilandane.
Algodão (azul), s.	Lôpa.	Lôpa.	Méa.
Algodão em rama (de arvore), s.	Nhúva.	Nhuva.	Nhuva.
Alli, adv.	Lá.	Mulé.	Aní.
Alma, s.	Moia (mi).	Mueje (mi).	Moia (mi).
Alto (ser), adj.	Ku lé-a.	Ku-lapa.	Ku lapa.
A'manhã, adv.	Manziko.	Mindu.	Manguana.
A'manhã (depois de).	Manguana.	Biágué́u.	Utáu.
A'manhã (terceiro dia).	Uásseio.	Kangala.	Kangala.
A'manhã (quarto dia).	Mutuduane.	Tuduane.	Izele.
Amarrar, v.	Ku bába.	Gu bába.	Ku baba.
Ameaçar, v.	Ku muxuanga.	Gu niessa.	Ku mussanga.
Ameijoa, s.	Nhatogué (ba).	Nhatogué (ba).	—
Amendoim, s.	Timanga.	Jinume.	Dinhumbe.
Amiga ou amante, s.	Xigango (si).	Xigango (si).	Xigango (ji).

Amigo, s.	Mungani Bungani.	Quidinga Dudinga.	Muxelane (ba).
Amollecer, v.	Ku lobeka.	Gu lobeka.	Ku lobeka.
Ananaz, s.	Xiengue (si).	Guengue (si)	Inanze (si).
Ancias (ter), v.	Ku xamuka.	Gu assima.	Ku xamuka.
Anciã, s.	Xicossana (ba).	Gumbila (ba).	Gokumba.
Ancião, s.	Xikossano (ji).	Kugumba.	Gocumba.
Ancora, s.	—	Ferro [4].	—
Andar, v.	Ku gamba.	Gu gumbila.	Ku ximbila.
Anel, s.	Impérra (ti).	Pérra (ji).	Sunguávila.
Anno, s.	Lembe-Nhaka (mi).	Muága [5] (mi).	Lidembe (ma).
Anoitecer, v.	Ku pumila.	Silambo.	Nóva.
Ante-hontem, adv.	Toluene uásseio.	Nhatulo gulune.	Nhatulo.
Antigamente, adv.	Kalé [6].	Galé.	Kalé.
Antilopes, s.	Nhamazana (ti).	Nhamazana (si).	Nhamazana (ti).
Antilopes variados:			
Kudo.	Xaválála (ma).	—	Xavalála (ma).
Boi do mato.	Ingonhe ou ungoni (ti).	—	Ingonhe (ti).
Elland.	Mofo (ti).	—	Mofo (ti).
Waterbuck.	Piva (ti).	—	Piva (ti).
Impala.	Mála (ti).	—	Mála (ti).
Sable antilope.	Pála-pála (ti).	—	Pála-pála (ti).
Bushbuck.	Inhála (ti).	—	Inhála (ti).
Reedbuck.	Xango (ti).	—	Xango (ti).
Gazela grande.	Babála (ti).	Babála (ti).	Babála (ti).
Gazela grande.	Muti (ti).	Issia (ji).	Muti (ti).
Cabrito do mato.	Manguli.	Manguli.	Pimo.
Cabrito do mato.	Xengane.	Xissi.	Inxessi.
Cabrito do mato.	Xipeni.	Xipeni.	Xipeni.
Apanhar, v.	Ku rola.	Gu rola.	Ku rola.
Apertar, v.	Ku xôma.	Gu puínha.	Ku móla.
Apito, s.	Pitúla [7] (ti).	Pitúla (si).	Pitúla (ji).
Aplainar, v.	Ku ála.	Gu báta.	Ku ála.
Apodrecer, v.	Ku bolila.	Gu nila.	Ku ussina.

[1] Termo asiatico.
[2] Em macua, *Mazi*. Em suahili, *Madji*.
[3] Em macua, *Singano*. Em suahili, *Sindano*.
[4] Do portuguez.
[5] Em macua, *Muaka*. Em suahili, *Muaka*.
[6] Em macua, *Calahi*. Em suahili, *Cale*.
[7] Do portuguez, *Apito*.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Apontar, v.	Ku komba.	Gu naneja.	Ku komba.
Apostar, v.	Ku pequetane.	Gu pegajana.	Ku pequetane.
Aprender, v.	Ku gonza.	Gu egúla.	Ku mugonda.
Apresentar, v.	Ku mukangueta.	Gu elaêja.	Ku komba.
Aprofundar, v.	Ku éta.	Gu éta.	Ku xéla.
Aquecer, v.	Ku kufumeta.	Gu furmeja.	Ku futumeta.
Aquelle, pron.	Leixe.	Elé [1].	Xilé.
Aqui, adv.	Kolá.	Abá.	Guaná.
Ar, s.	Maíga.	Mabiga.	Maíga.
Arame, s.	Nharrimbane.	Ulúrro.	Naêne.
Arame (de telegrapho), s.	Naêne.	Naêne.	Naêne.
Arder, v.	Ku vura.	Gu jura.	Ku turra.
Areia (branca), s.	Dique.	Gungo.	Muxeja.
Areia (encarnada), s.	Missaba.	Máfo.	Máfo.
Argilla, s.	Mumba.	Libumba.	Rága.
Argola, s.	Sinza (ti).	Licinza (ti).	Micinda (ti).
Arranhar, v.	Ku nharra.	Gu fenda.	Ku suva.
Arranjar, v.	Ku bequetela.	Gu begueleja.	Ku bequetela.
Arrastar, v.	Ku kóka.	Gu góga.	Ku dinda.
Arrebentar, v.	Ku bunka.	Gu vópóka.	Ku faia.
Arrombar, v.	Ku patxuka.	Gu bajuga.	Ku paduka.
Arrotar, v.	Ku bissa.	Gu óa.	Ku bissa.
Arroz, s.	Marroxa [2].	Marróssa.	Marroxa.
Arvores e plantas [3], s.	Sinha (mi).	Simbo (mi).	Donga-Minji.
Madeiras:			
Dura, para barrotes.	Inziba.	Diba.	Riba.
Para cercados.	Bimbe.	Bimbe.	Ulmbe.
Para cavernas de embarcações.	Mukurre.	Ugúrre.	Mukurre.
Para construcções.	Nhéve.	Inheve.	Neve.
Taboas.	Singuele.	Marrenguele.	Marrenguelo.
Taboas.	Kúinha.	Kúinha.	Kúinha.
Para vergas e mastros.	Muanja.	Muanja.	Muanja.
Para construcções.	Mexene.	Sena.	Messene.
Taboas.	Tule.	Jule.	Rombe.
Para construcções.	Nulo.	Nula.	Lulo.
Acacia espinhosa.	Munga.	Munga.	Munga

Amigo, s.	Mungani Bungani.	Quidinga Dudinga.	Muxelane (ba).
Amollecer, v.	Ku lobeka.	Gu lobeka.	Ku lobeka.
Ananaz, s.	Xiengue (si).	Guengue (si)	Inanze (si).
Ancias (ter), v.	Ku xamuka.	Gu assima.	Ku xamuka.
Anciã, s.	Xicossana (ba).	Gumbila (ba).	Gokumba.
Ancião, s.	Xikossano (ji).	Kugumba.	Gocumba.
Ancora, s.	—	Ferro [4].	—
Andar, v.	Ku gamba.	Gu gumbila.	Ku ximbila.
Anel, s.	Impérra (ti).	Pérra (ji).	Sunguávila.
Anno, s.	Lembe-Nhaka (mi).	Muága [5] (mi).	Lidembe (ma).
Anoitecer, v.	Ku pumila.	Silambo.	Nóva.
Ante-hontem, adv.	Toluene uásseio.	Nhatulo gulune.	Nhatulo.
Antigamente, adv.	Kalé [6].	Galé.	Kalé.
Antilopes, s.	Nhamazana (ti).	Nhamazana (si).	Nhamazana (ti).
Antilopes variados:			
Kudo.	Xaválála (ma).	—	Xaválála (ma).
Boi do mato.	Ingonhe ou uugoni (ti).	—	Ingonhe (ti).
Elland.	Mofo (ti).	—	Mofo (ti).
Waterbuck.	Piva (ti).	—	Piva (ti).
Impala.	Mála (ti).	—	Mála (ti).
Sable antilope.	Pála-pála (ti).	—	Pála-pála (ti).
Bushbuck.	Inhála (ti).	—	Inhála (ti).
Reedbuck.	Xango (ti).	—	Xango (ti).
Gazela grande.	Babála (ti).	Babála (ti).	Babála (ti).
Gazela grande.	Muti (ti).	Issía (ji).	Muti (ti).
Cabrito do mato.	Manguli.	Manguli.	Pimo.
Cabrito do mato.	Xengane.	Xissi.	Inxessi.
Cabrito do mato.	Xipeni.	Xipeni.	Xipeni.
Apanhar, v.	Ku rola.	Gu rola.	Ku rola.
Apertar, v.	Ku xôma.	Gu puínha.	Ku móla.
Apito, s.	Pitúla [7] (ti).	Pitúla (si).	Pitúla (ji).
Aplainar, v.	Ku ála.	Gu báta.	Ku ála.
Apodrecer, v.	Ku bolila.	Gu nila.	Ku ussina.

[1] Termo asiatico.
[2] Em macua, *Mazi*. Em suahili, *Madji*.
[3] Em macua, *Singano*. Em suahili, *Sindano*.
[4] Do portuguez.
[5] Em macua, *Muaka*. Em suahili, *Muaka*.
[6] Em macua, *Calahi*. Em suahili, *Cale*.
[7] Do portuguez, *Apito*.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Apontar, v.	Ku komba.	Gu naneja.	Ku komba.
Apostar, v.	Ku pequetane.	Gu pegajana.	Ku pequetane.
Aprender, v.	Ku gonza.	Gu egúla.	Ku mugonda.
Apresentar, v.	Ku mukangueta.	Gu elaêja.	Ku komba.
Aprofundar, v.	Ku éta.	Gu éta.	Ku xéla.
Aquecer, v.	Ku kufumeta.	Gu furmeja.	Ku futumeta.
Aquelle, pron.	Leixe.	Elé [1].	Xilé.
Aqui, adv.	Kolá.	Abá.	Guaná.
Ar, s.	Maíga.	Mabiga.	Maíga.
Arame, s.	Nharrimbane.	Ulúrro.	Naêne.
Arame (de telegrapho), s.	Naêne.	Naêne.	Naêne.
Arder, v.	Ku vura.	Gu jura.	Ku turra.
Areia (branca), s.	Dique.	Gungo.	Muxeja.
Areia (encarnada), s.	Missaba.	Máfo.	Máfo.
Argilla, s.	Mumba.	Libumba.	Rága.
Argola, s.	Sinza (ti).	Licinza (ti).	Micinda (ti).
Arranhar, v.	Ku nharra.	Gu fenda.	Ku suva.
Arranjar, v.	Ku bequetela.	Gu begueleja.	Ku bequetela.
Arrastar, v.	Ku kóka.	Gu góga.	Ku dinda.
Arrebentar, v.	Ku bunka.	Gu vópóka.	Ku faia.
Arrombar, v.	Ku patxuka.	Gu bajuga.	Ku paduka.
Arrotar, v.	Ku bissa.	Gu óa.	Ku bissa.
Arroz, s.	Marroxa [2].	Marróssa.	Marroxa.
Arvores e plantas [3], s.	Sinha (mi).	Simbo (mi).	Donga-Minji.
Madeiras:			
Dura, para barrotes.	Inziba.	Diba.	Riba.
Para cercados.	Bimbe.	Bimbe.	Uimbe.
Para cavernas de embarcações.	Mukurre.	Ugúrre.	Mukurre.
Para construcções.	Nhéve.	Inheve.	Neve.
Taboas.	Singuele.	Marrenguele.	Marrenguelo.
Taboas.	Kúínha.	Kúínha.	Kúínha.
Para vergas e mastros.	Muanja.	Muanja.	Muanja.
Para construcções.	Mexene.	Sena.	Messene.
Taboas.	Tule.	Jule.	Rombe.
Para construcções.	Nulo.	Nula.	Lulo.
Acacia espinhosa.	Munga.	Munga.	Munga.

Acacia.	Xiossuane.	Béssu.	Béssu.
Acacia.	Kolo-gozo.	Kolo-goto.	Kolo-gote.
Casuarina.	Sululane.	Jirre.	Sirre.
Fibras para cordas.	Intzonzo.	Tamba.	Tondo.
Fibras para cordas.	Puzo.	Púto.	Txálo [4].
Fibras para cordas.	Xirron-a.	Guirrombo.	Infú.
Vara de guta-percha.	Rungulo.	Rungulo.	Rungulo.
Pau ferro.	Xongue.	Songue.	Sonje.
De que se fazem as marimbas.	Zarre.	Jarre.	Munje.
Para bengalas.	Sirre.	Sirre.	Sirre.
Baobab.	Ximuu.	Jiuiu.	Jiuiu.
De que se fazem pilões, tambores, gamelas, etc.	Bonjo.	Rondua.	Nondjua.
Vara de ebano.	Riva.	Riva.	Riva.
Mangal (branco).	—	Xougo.	—
Mangal (encarnado).	—	Láka-láka.	—
Plantas de folhas medicinaes.	Impaxa.	Paxa.	Xioloma.
Plantas de folhas medicinaes.	Múau.	Áúau.	—
Plantas de folhas medicinaes.	Padaungo.	Pandaungo.	Jumba-umba.
Plantas de folhas medicinaes.	Xinhamunha.	Samiene.	Muguta.
Plantas de folhas medicinaes.	Nhamutane.	Nhamutuana.	Namuteana.
Plantas de folhas medicinaes.	Xêpa.	Sêpa.	Sába.
Plantas de folhas medicinaes.	Sovome.	Xavane.	Tsomilomo.
Plantas de raizes para limpar dentes.	Xangula.	Angula-angula.	Messangua.
Plantas de ricino.	Mexafurra.	Maxafurra.	Vurra.
Palmeira brava da sura.	Maanga.	Goko.	Sijéu.
Palmeira brava de que se fazem cestos, sacos, vassouras, etc.	Milála.	Juéu.	Kássu.
Palmeira brava giganta.	Fumo.	Fumo.	Tumo.
Asneiras ou tolices, s.	Tixamba.	Xiquire.	Tsofo.
Assar, v.	Ku oxa [5].	Gu báula.	Ku baúla.
Assassino, s.	Xioia (si).	Guidákua.	Barruxile Barruquile.

[1] Em macua, *Éle.*
[2] Do portuguez, *Arroz.*
[3] São apenas mencionadas as mais importantes.
[4] De que se fazem tambem panos fabricados pelos Shopes.
[5] Em macua, *Uócha.*

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Assoar-se, v.	Ku fena.	Gu vina.	Ku fèna.
Assobiar, v.	Ku nóte.	Gu lógue.	Ku lote.
Assoprar, v.	Ku bufeta.	Gu jurgueja.	Ku futela.
Assucar, s.	Xuquéla [1].	Siquir [2].	Xuquéla.
Assustar, v.	Ku puka.	Gu tuga.	Ku béla.
Atado, s.	Inhanza (ti).	Nhanda (ji).	Inhanda (ti).
Atalho, s.	Lissóko (ma).	Liógo (ma).	Lissóko (ma).
Atar, v.	Ku boa.	Gu unga.	Ku sunga.
Aterrar, v.	Ku quélelá [3].	Gu quembela.	Ku xélela.
Atirar, v.	Ku xukumêta.	Gu jujuga.	Ku salsa.
Atolar, v.	Ku póomela.	Gu numpela.	Ku nhupela.
Atravessar, v.	Ku xáduka.	Gu juluga.	Ku rolóka.
Atrás, adv.	Iá-záko.	Nane.	Sana.
Avisar, v.	Ku mujéla.	Gu móolela.	Ku óléla.
Avô, s.	Kôkuana (ba).	Kôko (ba).	Kôko (ba).
Avó, s.	Kôkuana (ba).	Kôqué (ba).	Kôqué (ba).
Aza (de passaro).	Lipápa [4] (ti).	Mabápe (ji).	Lipápe (ma).
Azar, s.	Massinguita.	Massula.	Massinjila.
Azeite, s.	Mafurra [5].	Mafurra.	Mafurra.

B

Bagagem, s.	Xiguia.	Sombo.	Sia.
Baixo (ser), v.	Ku kôma G.	Gu róla.	Ku koma.
Bala, s.	Txávo (ti).	Xumbo [6].	Txavo (ti).
Balança, s.	Xikálo [7].	Lipimo.	Jikálo.
Balde, s.	Paquête (ma).	Baquête [8].	Baquête.
Bambú, s.	Senguéle (mi).	Senguéle (mi).	Senguele.
Banana, s.	Inkóva (mi).	Gonva (ma).	Konva (mi).
Bananeira, s.	Inkóva (mi).	Gonva (ma).	Konva (mi).
Bandeira, s.	Jéque.	Bandeira [9].	Jéque.
Banho, s.	Xamba.	Amba.	Kussemba.
Baniane, s.	Babaniane (ba).	Baniane (ba).	Baniane (ba).
Barata, s.	Libele (ma).	Livéle (ma).	Lipele (ma).
Barato, adj.	Xáveka.	Renguega.	Ku xáveka.
Barba, s.	Xilefo (si).	Guilejo (si).	Jileto (si).

Cal, s.	Memba.	Pembe.	Pemba.
Calar-se, v.	Ku mieta.	Gu bumúga.	Ku maláta.
Calças, s.	Bulúko [10] (ma).	Vúto (mi).	Libulúko (ma).
Calor, s.	Nhúko.	Litonga.	Nhúko.
Cama, s.	Bédo [11] (mi).	Quitanda [12] (si).	Bédo (mi).
Camaleão, s.	Livane (ti).	Nhafakande (ma).	Nhafakande (di).
Camarão, s.	Lipanje (ma).	Libanje (ma).	—
Caminho, s.	Anjéli (ti).	Jila.	Injila (ti).
Camisa, s.	Embe (ma).	Embe (ma).	Liembe (ma).
Camisola, s.	Sóquissa [13] (ma)	Sóquisso (ma).	Lissoquissa (ma).
Cana de assucar, s.	Móva (mi).	Muva (mi).	Móva (mi).
Caniço, s.	Lixanga (ti).	Xáva (ti).	Lixáva (di).
Cansar-se, v.	Ku karrála.	Gu garráde.	Ku karrála.
Cantar, v.	Ku embeléla.	Gu emba.	Ku embeléla.
Cantiga, s.	Lissimo (ti).	Jimo (ji)	Lidando (di).
Cão, s.	Inguana (ti).	Ínbua (ji).	Ímbua (di).
Capim, s.	Guianhe.	Másse.	Másse.
Carabina, s.	Xibâmo (si).	Guipissa (ji).	Jipissa.
Caranguejo, s.	Inzólo (ti).	Dólo (ji).	—
Carga, s.	Xúunguela (si).	Gúunguela (si).	Xuunguela (si).
Caril, s.	Murro [14].	Múrro.	Usseua.
Carne, s.	Nhâma [15].	Nhâma.	Nhâma.
Carneiro, s.	Ivo (ti).	Vúta (ji).	Invúta (ti).
Caro (ser), v.	Ku dúra.	Karrenguegue.	Ku lússa.
Caroço [16], s.	Nhingue (ti).	Nhingue (ji).	Nhinze (di).

[1] Os indigenas d'este districto não conhecem senão tres côres: branco, preto e encarnado. Ao verde e côres compostas, carregadas, chamam preto; ao amarelo e côres compostas, claras, encarnado.
[2] Do portuguez
[3] Em macua, *N'vini*.
[4] Do portuguez.
[5] Do zulo, *Shihlalo*.
[6] Do inglez, *Coffee*.
[7] Do portuguez.
[8] Termo asiatico.
[9] Do inglez, *Box*.
[10] Do hollandez.
[11] Do inglez, *Bed*.
[12] Termo macua.
[13] Do inglez, *Socks*.
[14] Em macua, *Muzi*.
[15] Em macua, *É'nama*. Em suahili, *Enama*.
[16] Os indigenas d'este districto chamam á castanha do cajú, *caroço*.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
—	—	—	—
Borboleta, s.	Papatane (ma).	Nhapupie (ma).	Lipapatane (ma).
Borracha, s.	Undandi.	Dandi.	Jindande.
Bosque, s.	Kuquéla.	Lixivile.	Kuquéle
Botas, s.	Xiláto (si).	Guilato (si).	Jiláto (si).
Braço, s.	Nokú (ma).	Libôgo Maogo.	Libóku (ma).
Branco [1], adj.	Bássa.	Uága.	Bássa.
Bravo (ou ser), adj.	Kurarria.	Quenguela.	Kuxenguela.
Brincar, v.	Ku xakama.	Gu agama.	Ku sakana.
Brinco, s.	Xifulo (ji).	Pérre (ji).	Singuávila (si).
Bufalo, s.	Inhárre (ti).	—	Inhárre (ti).
Buraco, s.	Sóko (ma).	Ógo (ma).	Lissoko (ma).
Burro, s.	Bongolo.	Bongolo.	Bongolo.
Buscar, v.	Ku teka.	Gu jega.	Ku teka.

C

Cá, adv.	Lá.	Ába.	Auá.
Cabeça, s.	Xóko (ti).	Ungo (mi).	Sungo (mi).
Cabeçada (arreio), s.	Matômo.	Cabeçada [2].	Matômo.
Cabello, s.	Sisse (mi).	Jugo (mi).	Unga Bunga.
Cabo, s.	Binhe (mi).	Vine [3] (mi).	Uíne (mi).
Corda, s.	Ingúte (ti).	Inguje (ji).	Ingúte (ti).
Cabra, s.	Imbute (ti).	Pongo (ji).	Lipongo (di).
Cabrito, s.	Ximbutana (si).	Guipunguana (si).	Invutana (ji).
Caça, s.	Xóta.	Zinguella.	Xóta.
Caçar, v.	Ku xóta.	Ku sóta.	Ku xóta.
Cachimbo, s.	Zokáte.	Muando.	Muando.
Cadeado, s.	Xifuzuana.	Kadeado [4].	—
Cadeira, s.	Xixálo [5].	Jikálo.	Xixálo.
Café, s.	Kófe [6].	Káfe [7].	Kófe.
Cafezeiro, s.	Kafe.	Káfe.	Kófe.
Caír, v.	Ku-á.	Gu téga.	Ku-á.
Cairo, s.	Kairo [8].	Kairo.	—
Caixa, s.	Boquissa [9] (ma).	Gássa.	Liboquissa (ma).
Cajú, s.	Inkanju (mi).	Kanjo (mi).	Inkanjo (mi).
Cajueiro, s.	Inkanju (mi).	Kanjo (mi).	Inkanjo (mi).

Cal, s.	Momba.	Pembe.	Pembe.
Calar-se, v.	Ku mieta.	Gu bumúga.	Ku maláta.
Calças, s.	Bulúko [10] (ma).	Vúto (mi).	Libulúko (ma).
Calor, s.	Nhúko.	Litonga.	Nhúko.
Cama, s.	Bédo [11] (mi).	Quitanda [12] (si).	Bédo (mi).
Camaleão, s.	Livane (ti).	Nhafakande (ma).	Nhafakande (di).
Camarão, s.	Lipanje (ma).	Libanje (ma).	—
Caminho, s.	Anjéli (ti).	Jila.	Injila (ti).
Camisa, s.	Embe (ma).	Embe (ma).	Liembe (ma).
Camisola, s.	Sóquissa [13] (ma)	Sóquisso (ma).	Lissoquissa (ma).
Cana de assucar, s.	Móva (mi).	Muva (mi).	Móva (mi).
Caniço, s.	Lixanga (ti).	Xáva (ti).	Lixáva (di).
Cansar-se, v.	Ku karrála.	Gu garráde.	Ku karrála.
Cantar, v.	Ku embeléla.	Gu emba.	Ku embeléla.
Cantiga, s.	Lissimo (ti).	Jimo (ji)	Lidando (di).
Cão, s.	Inguana (ti).	Ínbua (ji).	Ímbua (di).
Capim, s.	Guianhe.	Másse.	Másse.
Carabina, s.	Xibâmo (si).	Guipissa (ji).	Jipissa.
Caranguejo, s.	Inzólo (ti).	Dólo (ji).	—
Carga, s.	Xúunguela (si).	Gúunguela (si).	Xuunguela (si).
Caril, s.	Murro [14].	Múrro.	Usseua.
Carne, s.	Nhâma [15].	Nhâma.	Nhâma.
Carneiro, s.	Ívo (ti).	Vúta (ji).	Invúta (ti).
Caro (ser), v.	Ku dúra.	Karrenguegue.	Ku lússa.
Caroço [16], s.	Nhingue (ti).	Nhingue (ji).	Nhinze (di).

[1] Os indigenas d'este districto não conhecem senão tres côres: branco, preto e encarnado. Ao verde e côres compostas, carregadas, chamam preto; ao amarelo e côres compostas, claras, encarnado.
[2] Do portuguez
[3] Em macua, *N'vini.*
[4] Do portuguez.
[5] Do zulo, *Shihlalo.*
[6] Do inglez, *Coffee.*
[7] Do portuguez.
[8] Termo asiatico.
[9] Do inglez, *Box.*
[10] Do hollandez.
[11] Do inglez, *Bed.*
[12] Termo macua.
[13] Do inglez, *Socks.*
[14] Em macua, *Muzi.*
[15] Em macua, *É'nama.* Em suahili, *Enama.*
[16] Os indigenas d'este districto chamam á castanha do cajú, *caroço.*

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Adeus, int.	Salane [1].	Xalane.	Salane.
Adoecer, v.	Ku babissa.	Gu bissa.	Ku panda.
Adormecer, v.	Ku équéla.	Gu lala.	Ku etela.
Adivinhar, v.	Ku vumba.	Gu lumba.	Ku uta.
Afastar-se, v.	Ku ambuka.	Gu lea.	Ku ambuka.
Affluente, s.	Lirrabe (ti).	Litamo (ma).	Lirrabe (ma).
Afiar, v.	Ku lota.	Gu lojo.	Ku lota.
Agarrar, v.	Ku koma.	Gu mola.	Ku mola.
Agora, adv.	Luko-luko.	Guno-guno.	Kuno-kuno.
Agradecer, v.	Ku bonguila.	Gu rila.	Ku urra.
Agua, s.	Mate [2].	Mate.	Mate.
Aguçar, v.	Ku boxa.	Gu ata.	Ku ata.
Agulha, s.	Xingano [3] (ti).	Xingano (ti).	Náête (ji).
Ahi, adv.	Kola.	Abo-abo.	Ajíu.
Ajudar, v.	Ku vuna.	Gu ruega,	Ku ruega.
Ajuntar, v.	Ku xengueleta.	Gu engueleja.	Ku sengueleta.
Alargar, v.	Ku enquetéla.	Gu fula.	Ku enquetela.
Alcançar, v.	Ku mukuméla.	Gu amanela.	Ku amana.
Alcoolismo, s.	Uzúkulo.	Guiveva.	Litukulo.
Aldeia, s.	Gamakana.	Kurringana.	Gukuatama.
Além, adv.	Lá-iá.	Lá-iá.	Lá-iá.
Algodão (branco), s.	Alguidão bassa.	Algodão nhaguagua.	Alguidão bassa.
Algodão (encarnado), s.	Xuguingo.	Algodão juvila.	Xilandane.
Algodão (azul), s.	Lôpa.	Lôpa.	Méa.
Algodão em rama (de arvore), s.	Nhúva.	Nhuva.	Nhuva.
Alli, adv.	Lá.	Mulé.	Aní.
Alma, s.	Moia (mi).	Mueje (mi).	Moia (mi).
Alto (ser), adj.	Ku lé-a.	Ku-lapa.	Ku lapa.
A'manhã, adv.	Manziko.	Mindu.	Manguana.
A'manhã (depois de).	Manguana.	Biáguéu.	Utáu.
A'manhã (terceiro dia).	Uásseio.	Kangala.	Kangala.
A'manhã (quarto dia).	Mutuduane.	Tuduane.	Izele.
Amarrar, v.	Ku bába.	Gu bába.	Ku baba.
Ameaçar, v.	Ku muxuanga.	Gu niessa.	Ku mussanga.
Ameijoa, s.	Nhatogué (ba).	Nhatogué (ba).	—
Amendoim, s.	Timanga.	Jinume.	Dinhumbe.
Amiga ou amante, s.	Xigango (si).	Xigango (si).	Xigango (ji).

Amigo, s.	Mungani Bungani.	Quidinga Dudinga.	Muxelane (ba).
Amollecer, v.	Ku lobeka.	Gu lobeka.	Ku lobeka.
Ananaz, s.	Xiengue (si).	Guengue (si)	Inanze (si).
Ancias (ter), v.	Ku xamuka.	Gu assima.	Ku xamuka.
Anciã, s.	Xicossana (ba).	Gumbila (ba).	Gokumba.
Ancião, s.	Xikossano (ji).	Kugumba.	Gocumba.
Ancora, s.	—	Ferro [4].	—
Andar, v.	Ku gamba.	Gu gumbila.	Ku ximbila.
Anel, s.	Impérra (ti).	Pérra (ji).	Sunguávila.
Anno, s.	Lembe-Nhaka (mi).	Muága [5] (mi).	Lidembe (ma).
Anoitecer, v.	Ku pumila.	Silambo.	Nóva.
Ante-hontem, adv.	Toluene uásseio.	Nhatulo gulune.	Nhatulo.
Antigamente, adv.	Kalé [6].	Galé.	Kalé.
Antilopes, s.	Nhamazana (ti).	Nhamazana (si).	Nhamazana (ti).
Antilopes variados:			
Kudo.	Xaválála (ma).	—	Xavalála (ma).
Boi do mato.	Ingonhe ou ungoni (ti).	—	Ingonhe (ti).
Elland.	Mofo (ti).	—	Mofo (ti).
Waterbuck.	Piva (ti).	—	Piva (ti).
Impala.	Mála (ti).	—	Mála (ti).
Sable antilope.	Pála-pála (ti).	—	Pála-pála (ti).
Bushbuck.	Inhála (ti).	—	Inhála (ti).
Reedbuck.	Xango (ti).	—	Xango (ti).
Gazela grande.	Babála (ti).	Babála (ti).	Babála (ti).
Gazela grande.	Muti (ti).	Issía (ji).	Muti (ti).
Cabrito do mato.	Manguli.	Manguli.	Pimo.
Cabrito do mato.	Xengane.	Xissi.	Inxessi.
Cabrito do mato.	Xipeni.	Xipeni.	Xipeni.
Apanhar, v.	Ku rola.	Gu rola.	Ku rola.
Apertar, v.	Ku xôma.	Gu puínha.	Ku móla.
Apito, s.	Pitúla [7] (ti).	Pitúla (si).	Pitúla (ji).
Aplainar, v.	Ku ála.	Gu báta.	Ku ála.
Apodrecer, v.	Ku bolila.	Gu nila.	Ku ussina.

[1] Termo asiatico.
[2] Em macua, *Mazi*. Em suahili, *Madji*.
[3] Em macua, *Singano*. Em suahili, *Sindano*.
[4] Do portuguez.
[5] Em macua, *Muaka*. Em suahili, *Muaka*.
[6] Em macua, *Calahi*. Em suahili, *Cale*.
[7] Do portuguez, *Apito*.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Apontar, v.	Ku komba.	Gu naneja.	Ku komba.
Apostar, v.	Ku pequetane.	Gu pegajana.	Ku pequetane.
Aprender, v.	Ku gonza.	Gu egúla.	Ku mugonda.
Apresentar, v.	Ku mukangueta.	Gu elaêja.	Ku komba.
Aprofundar, v.	Ku éta.	Gu éta.	Ku xéla.
Aquecer, v.	Ku kufumeta.	Gu furmeja.	Ku futumeta.
Aquelle, pron.	Leixe.	Elé [1].	Xilé.
Aqui, adv.	Kolá.	Abá.	Guaná.
Ar, s.	Maíga.	Mabiga.	Maíga.
Arame, s.	Nharrimbane.	Ulúrro.	Naêne.
Arame (de telegrapho), s.	Naêne.	Naêne.	Naêne.
Arder, v.	Ku vura.	Gu jura.	Ku turra.
Areia (branca), s.	Dique.	Gungo.	Muxeja.
Areia (encarnada), s.	Missaba.	Máfo.	Máfo.
Argilla, s.	Mumba.	Libumba.	Rága.
Argola, s.	Sinza (ti).	Licinza (ti).	Micinda (ti).
Arranhar, v.	Ku nharra.	Gu fenda.	Ku suva.
Arranjar, v.	Ku bequetela.	Gu begueleja.	Ku bequetela.
Arrastar, v.	Ku kóka.	Gu góga.	Ku dinda.
Arrebentar, v.	Ku bunka.	Gu vópóka.	Ku faia.
Arrombar, v.	Ku patxuka.	Gu bajuga.	Ku paduka.
Arrotar, v.	Ku bissa.	Gu óa.	Ku bissa.
Arroz, s.	Marroxa [2].	Marróssa.	Marroxa.
Arvores e plantas [3], s.	Sinha (mi).	Simbo (mi).	Donga-Minji.
Madeiras:			
Dura, para barrotes.	Inziba.	Diba.	Riba.
Para cercados.	Bimbe.	Bimbe.	Uimbe.
Para cavernas de embarcações.	Mukurre.	Ugúrre.	Mukurre.
Para construcções.	Nhéve.	Inheve.	Neve.
Taboas.	Singuele.	Marrenguele.	Marrenguelo.
Taboas.	Kúinha.	Kúinha.	Kúinha.
Para vergas e mastros.	Muanja.	Muanja.	Muanja.
Para construcções.	Mexene.	Sena.	Messene.
Taboas.	Tule.	Jule.	Rombe.
Para construcções.	Nulo.	Nula.	Lulo.
Acacia espinhosa.	Munga.	Munga.	Munga.

Acacia.	Xiossuane.	Béssu.	Béssu.
Acacia.	Kolo-gozo.	Kolo-goto.	Kolo-gote.
Casuarina.	Sululane.	Jirre.	Sirre.
Fibras para cordas.	Intzonzo.	Tamba.	Tondo.
Fibras para cordas.	Puzo.	Púto.	Txálo [4].
Fibras para cordas.	Xirron-a.	Guirrombo.	Infú.
Vara de guta-percha.	Rungulo.	Rungulo.	Rungulo.
Pau ferro.	Xongue.	Songue.	Sonje.
De que se fazem as marimbas.	Zarre.	Jarre.	Munje.
Para bengalas.	Sirre.	Sirre.	Sirre.
Baobab.	Ximuu.	Jiuiu.	Jiuiu.
De que se fazem pilões, tambores, gamelas, etc.	Bonjo.	Rondua.	Nondjua.
Vara de ebano.	Riva.	Riva.	Riva.
Mangal (branco).	—	Xongo.	—
Mangal (encarnado).	—	Láka-láka.	—
Plantas de folhas medicinaes.	Impaxa.	Paxa.	Xiolomą.
Plantas de folhas medicinaes.	Múau.	Áúau.	—
Plantas de folhas medicinaes.	Padaungo.	Pandaungo.	Jumba-umba.
Plantas de folhas medicinaes.	Xinhamunha.	Samiene.	Muguta.
Plantas de folhas medicinaes.	Nhamutane.	Nhamutuana.	Namuteana.
Plantas de folhas medicinaes.	Xêpa.	Sêpa.	Sába.
Plantas de folhas medicinaes.	Sovome.	Xavane.	Tsomilomo.
Plantas de raizes para limpar dentes.	Xangula.	Angula-angula.	Messangua.
Plantas de ricino.	Mexafurra.	Maxafurra.	Vurra.
Palmeira brava da sura.	Maanga.	Goko.	Sijéu.
Palmeira brava de que se fazem cestos, sacos, vassouras, etc.	Milála.	Juéu.	Kássu.
Palmeira brava giganta.	Fumo.	Fumo.	Tumo.
Asneiras ou tolices, s.	Tixamba.	Xiquire.	Tsofo.
Assar, v.	Ku oxa [5].	Gu báula.	Ku baúla.
Assassino, s.	Xioia (si).	Guidákua.	Barruxile Barruquile.

[1] Em macua, *Éle.*
[2] Do portuguez, *Arroz.*
[3] São apenas mencionadas as mais importantes.
[4] De que se fazem tambem panos fabricados pelos Shopes.
[5] Em macua, *Uócha.*

VOCABULARIO

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
—	—	—	—
Borboleta, s.	Papatane (ma).	Nhapupie (ma).	Lipapatane (ma).
Borracha, s.	Undandi.	Dandi.	Jindande.
Bosque, s.	Kuquéla.	Lixivile.	Kuquéle
Botas, s.	Xiláto (si).	Guilato (si).	Jiláto (si).
Braço, s.	Nokú (ma).	Libôgo Maogo.	Libóku (ma).
Branco [1], adj.	Bássa.	Uága.	Bássa.
Bravo (ou ser), adj.	Kurarria.	Quenguela.	Kuxenguela.
Brincar, v.	Ku xakama.	Gu agama.	Ku sakana.
Brinco, s.	Xifulo (ji).	Pérre (ji).	Singuávila (si).
Bufalo, s.	Inhárre (ti).	—	Inhárre (ti).
Buraco, s.	Sóko (ma).	Ógo (ma).	Lissoko (ma).
Burro, s.	Bongolo.	Bongolo.	Bongolo.
Buscar, v.	Ku teka.	Gu jega.	Ku teka.

C

Cá, adv.	Lá.	Ába.	Auá.
Cabeça, s.	Xóko (ti).	Ungo (mi).	Sungo (mi).
Cabeçada (arreio), s.	Matômo.	Cabeçada [2].	Matômo.
Cabello, s.	Sisse (mi).	Jugo (mi).	Unga Bunga.
Cabo, s.	Binhe (mi).	Vine [3] (mi).	Uíne (mi).
Corda, s.	Ingúte (ti).	Inguje (ji).	Ingúte (ti).
Cabra, s.	Imbute (ti).	Pongo (ji).	Lipongo (di).
Cabrito, s.	Ximbutana (si).	Guipunguana (si).	Invutana (ji).
Caça, s.	Xóta.	Zinguella.	Xóta.
Caçar, v.	Ku xóta.	Ku sóta.	Ku xóta.
Cachimbo, s.	Zokáte.	Muando.	Muando.
Cadeado, s.	Xifuzuana.	Kadeado [4].	—
Cadeira, s.	Xixálo [5].	Jikálo.	Xixálo.
Café, s.	Kófe [6].	Káfe [7].	Kófe.
Cafezeiro, s.	Kafe.	Káfe.	Kófe.
Caír, v.	Ku-á.	Gu téga.	Ku-á.
Cairo, s.	Kairo [8].	Kairo.	—
Caixa, s.	Boquissa [9] (ma).	Gássa.	Liboquissa (ma).
Cajú, s.	Inkanju (mi).	Kanjo (mi).	Inkanjo (mi).
Cajueiro, s.	Inkanju (mi).	Kanjo (mi).	Inkanjo (mi).

Cal, s.	Memba.	Pembe.	Pembe.
Calar-se, v.	Ku mieta.	Gu bumúga.	Ku maláta.
Calças, s.	Bulúko [10] (ma).	Vúto (mi).	Libulúko (ma).
Calor, s.	Nhúko.	Litonga.	Nhúko.
Cama, s.	Bédo [11] (mi).	Quitanda [12] (si).	Bédo (mi).
Camaleão, s.	Livane (ti).	Nhafakande (ma).	Nhafakande (di).
Camarão, s.	Lipanje (ma).	Libanje (ma).	—
Caminho, s.	Anjéli (ti).	Jila.	Injila (ti).
Camisa, s.	Embe (ma).	Embe (ma).	Liembe (ma).
Camisola, s.	Sóquissa [13] (ma)	Sóquisso (ma).	Lissoquissa (ma).
Cana de assucar, s.	Móva (mi).	Muva (mi).	Móva (mi).
Caniço, s.	Lixanga (ti).	Xáva (ti).	Lixáva (di).
Cansar-se, v.	Ku karrála.	Gu garráde.	Ku karrála.
Cantar, v.	Ku embeléla.	Gu emba.	Ku embeléla.
Cantiga, s.	Lissimo (ti).	Jimo (ji)	Lidando (di).
Cão, s.	Inguana (ti).	Ínbua (ji).	Ímbua (di).
Capim, s.	Guianhe.	Másse.	Másse.
Carabina, s.	Xibâmo (si).	Guipissa (ji).	Jipissa.
Caranguejo, s.	Inzólo (ti).	Dólo (ji).	—
Carga, s.	Xúunguela (si).	Gúunguela (si).	Xuunguela (si).
Caril, s.	Murro [14].	Múrro.	Usseua.
Carne, s.	Nhâma [15].	Nhâma.	Nhâma.
Carneiro, s.	Ívo (ti).	Vúta (ji).	Invúta (ti).
Caro (ser), v.	Ku dúra.	Karrenguegue.	Ku lússa.
Caroço [16], s.	Nhingue (ti).	Nhingue (ji).	Nhinze (di).

[1] Os indigenas d'este districto não conhecem senão tres côres: branco, preto e encarnado. Ao verde e côres compostas, carregadas, chamam preto; ao amarelo e côres compostas, claras, encarnado.
[2] Do portuguez
[3] Em macua, *N'vini*.
[4] Do portuguez.
[5] Do zulo, *Shihlalo*.
[6] Do inglez, *Coffee*.
[7] Do portuguez.
[8] Termo asiatico.
[9] Do inglez, *Box*.
[10] Do hollandez.
[11] Do inglez, *Bed*.
[12] Termo macua.
[13] Do inglez, *Socks*.
[14] Em macua, *Muzi*.
[15] Em macua, *E'nama*. Em suahili, *Enama*.
[16] Os indigenas d'este districto chamam á castanha do cajú, *caroço*.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Carraça s.	Xizáza (si).	Xúba (ji).	Xidáda (si).
Carregar, v.	Ku ruála v.	Gu ruála.	Ku ruála.
Carregador, s.	Muno arroleko.	Mutu nharruále.	Muto arruála.
Carro, s.	Nhólo [1].	Karrêta [2].	—
Carta, s. (*vide bilhete*).			
Cartucho, s.	Lixanga (ti).	Kraxuxo [3].	Lissáva (ti).
Carvão, s.	Ligála (ma).	Ligála (mi).	Likála (ma).
Casa, s.	Káia.	Gáia.	Muane.
Casaco, s.	Banje [4] (ma).	Inganjo (ji).	Libanje.
Casado (ser), v.	Ku laóla.	Gu óla.	Ku loóla.
Casar, v.	Ku alaóla.	Gu ajeloóla.	Ku aloóla.
Casca, s.	Maáte.	Majurro.	Mabanje.
Castigar, v.	Ku xanissa.	Gu sanissa.	Ku sanissa.
Castrar, v.	Ku tena.	Gu tena.	Ku tsena.
Cautela, int.	Quátse-quátse.	Uáde-guáde.	Quátse-quátse.
Cavallo, s.	Anxi (ma).	Kaválo.	Anxi (ma).
Cavar, v.	Ku rima.	Gu lima [5].	Ku dima.
Caverna, s.	Inquéla (mi).	Lipála (ma).	Lipála (ma).
Cebo, s. (*Vide azeite*).			
Cebola, s.	Saboia [6].	Sabola.	—
Cego, s.	Xikumo (ji).	Jikumo (si).	Libofo (ma).
Cem, num.	Zana.	Zana.	Zana.
Cem réis	Xivitoane.	Oitava [7].	Xixpene.
Cemiterio, s.	Xiláxo.	Tóone.	Litóo.
Cêra, s.	Cêra [8].	Cêra.	Cêra.
Cercado, s.	Kubia.	Uquinga.	Kubia.
Cercar, v.	Ku ranzela.	Gu xika.	Ku randela.
Ceremonia, s.	Mamba.	Jimbamba.	Mamba.
Cesto, s.	Xirrunzo.	Quitundo.	Jirrundo.
Chá, s.	Tia [9].	Xá [10].	—
Chaga, s.	Xilonza (si).	Guilonda (si).	Jilonda.
Chamar, v.	Ku bitana [11].	Gu urrana.	Ku dana.
Chão, s.	Aânsi.	Mabáxe.	Aáxe.
Chapéu, s.	Xikôko (si).	Xingo (si).	Jikoko.
Chave, s.	Fungulo [12].	Fungulo.	Quia [13].
Chefe (de povoação), s.	Munho á muti (ba).	Munidanga (ba).	Nhana á muti.
Chegar, v.	Ku xiquéla.	Gu gubôa.	Ku ôka.

Cheio, adj.	Utile.	Táde.	Utile.
Cheirar, v.	Ku femba.	Gu femba.	Ku úda.
Chicote, s.	Jissêpo (si).	Guissêpo (si).	Jissêpo (si).
Chicote de hipoppotamo.	Mamba (ti).	Bamba (ji).	Mamba (ti).
Chocar, v.	Ku xéla.	Gu fundaméla.	Ku fundamela.
Chorar, v.	Ku rila.	Gu lila.	Ku dila.
Chover, v.	Ku iana.	Gu ingua.	Ku úa.
Chumbo, s.	Saívane.	Xumbo [14].	—
Chuva, s.	Vúla [15].	Janje.	Ku á mate.
Cinco, num.	Intxano [16].	Libande.	Intxano.
Cincoenta, num.	Intxano [17] á makumi.	Libande á makumi.	Tano á makumi.
Cinto, s.	Bande [18] (ma).	Likolo (ma).	Libande (ti).
Cio.	Ubai.	Orro.	Ukango.
Circulo, s.	Injáte.	Un-é-a.	Mussissa.
Ciume, s.	Ulússa.	Ufo.	Ulússa.
Cobertor, s.	Inju (mi).	Muenda.	Lidamba (ma).
Cobra, s.	Inhóca (ti) [19].	Nhóga (mi).	Inhóka (ti).
Cobra, variedades:			
Pequena, verde ou cinzenta, (perigosa).	Mamba.	Mamba.	Mamba.
Grande, escura.	Xárro.	Xárro.	Sárro.
Pequena, cinzenta escura, (perigosa).	Nhakubátxua.	Nhakubátxua.	Nhatissau.
Pequena, castanho escuro.	Fula-fula.	Fula-fula.	Xfótolo.

[1] Do zulo.
[2] Do portuguez.
[3] Do portuguez.
[4] Do hollandez, *Bantje*.
[5] Em macua, *Ólima*.
[6] Do portuguez.
[7] Do portuguez. Desconheço a origem do termo.
[8] Do portuguez.
[9] Do inglez, *Tea*.
[10] Do portuguez.
[11] Em macua, *Iana*.
[12] Termo macua.
[13] Do inglez, *Key*.
[14] Do portuguez.
[15] Em macua, *Epula*.
[16] Em macua e em suahili, *Tanu* ou *tano*.
[17] Em macua e em suahili, *Makumi ma tano*.
[18] Do inglez, *Band*.
[19] Em macua, *Enoa*.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Pequena, escura.	Lubia.	Lubia.	Lubia.
Grande, verde.	Gungo.	Gungo.	Gungo.
Grande, escura (perigosa).	Vumáti.	Vumáti.	Vumáti.
Pequena, cinzenta.	Sanéne.	Sanéne.	Senéne.
Pequena, amarela.	Gôta.	Gôta.	Gôta.
Pequena, castanho.	Gueme.	Guême.	Guême.
Pequena, castanho.	Dele.	Déle.	Déle.
Pequena, escura.	Likurro.	Likúrro.	Likurro.
Pequena, escura.	Pirre.	Pirre.	Pirre.
Cobrar, v.	Ku onga.	Gu inguissa.	Ku kopissa.
Cobrir, v.	Ku fenengueta.	Gu fenengueja.	Ku fenengueta.
Côco, s.	Likôko (ma).	Likôko (ma).	Likôko (ma).
Coqueiro, s.	Likôko (ma).	Likôko (ma).	Likôko (ma).
Coelho, s.	Infunja (mi).	Guiulo (si).	Xivunzana Mivunj.
Coiro, s.	Xikumba xiómila.	Dóo gu banga.	Lidóo liomila.
Coisa, s.	Nassíka.	Silé.	Sinombe.
Colher, s.	Inkombe (mi)	Muko (mi).	Muko (mi).
Colica (ter), v.	Ku lúmelua.	Gu lúmedua.	Ku lumelua.
Comer, v.	Ku úga.	Gu ója.	Ku guia.
Comida, s.	Xakúga.	Silonha ója.	Zilo.
Comigo.	Na mina [1].	Néme.	Nâne.
Como? o que? conj.	Aíne? xine?	Quinane?	Zixâne?
Commandante ou administrador, s.	Commandante.	Commandante	Commandante.
Como está?	Uatsikane?	Uádigane?	Tenga?
Comprido (ser), v.	Ku léa.	Gu lápa.	Ku léa.
Comprar, v.	Ku xáva.	Gu renga.	Ku xáva.
Comtigo.	Náie.	Náie	Náie.
Concertar v.	Ku tira quatso.	Gu tuma guade.	Ku tuma quade.
Conhecer, v.	Ku tibananaie.	Gu tibananaie.	Ku zibananaie.
Conselho, s.	Samequile [2].	Kaleguile.	Ku kaléka.
Constipação, s.	Funzéqueta.	Lifumego.	Lifundinheta.
Contar, v.	Ku xáia.	Gu baléka.	Ku xáia.
Conto ou historia, s.	Karrenguela.	Karringane.	Karringane.
Conversar, v.	Ku búla.	Gu búla.	Ku omba.
Convidar, v.	Ku mubitana.	Gu úrrana.	Ku dana.
Copo, s.	Kôpo [3] (ti).	Kôpo (ji).	Kópo (ti).

Coração, s.	Imbilo (ti).	Mônho (mi).	Imbilo (ti).
Coragem, s.	Kuába utoia.	Muanga.	Kussana.
Corda, s.	Lingute (ti).	Liguje (ji).	Ingute (ti).
Cordeiro, s.	Xiivâna (ti).	Vutâna (ji).	Xivutâna (ji).
Cordél, s.	Ligutana (ti).	Ligujiana (ji).	Ingutiâna (ti).
Corno, s.	Monzo (ti).	Quéu (ji).	Txéu (ti).
Corpo, s.	Mirre.	Guivile.	Mide.
Corrente, s.	Quetâne (ti).	Quetâne.	Quetâne.
Correr, v.	Ku tútsuma.	Gu tútuma.	Ku tútuma.
Cortar, v.	Ku tsema.	Gu pila.	Ku íla.
Coruja, s.	Singúlukúlo (ti).	Singúlukúlo (mi).	Singulo (ji).
Coser, v.	Ku runga.	Gu sôna.	Ku runga.
Costas, s.	Ikáxa.	Magáta.	Likáta.
Costelas, s.	Libamo (ma).	Xangarrama (ji).	Limbavo (ti).
Costumar, v.	Ku tólóvela.	Gu ólóvela.	Ku ólóvela.
Cotovelo, s.	Inzólo.	Kungumuje.	Lidundo.
Cova, s.	Inquéle (ma).	Lipála (ma).	Lipála (ma).
Cozer (ao lume) v.	Ku bíka	Gu kondissa.	Ku bika.
Cozinhar, v.	Ku bíka.	Gu púla.	Ku bika.
Cozinha, s.	Xitanga.	Guitanga.	Xitanga.
Cozinheiro, s.	Ubíka.	Ubíka.	Ubika.
Crescer, v.	Ku kúla.	Gu danda.	Ku kula.
Crianças, s.	Xumanâna (ji).	Guianana Sanana.	Muanâna (ba) [4].
Crianças (sexo masculino).	Mufanhâna (si).	Xikótana (si).	Mussatâna (mi).
Crianças (sexo feminino).	Nanhâna (ba).	Xagajâna (sa).	Xiorranhâna (ji).
Crime, s.	Milanzo.	Nando.	Nando.
Crocodilo, s.	Inguânha (ti).	Ingôna [5] (ji).	Ingôna (di).
Cru, adj.	Imbisse.	Imbíu.	Imbisso.
Culpa, s.	Milanzo.	Milando.	Milanzo.
Cume (do monte), s.	Xirrúka.	Guirruga.	Xirrúka.
Cumprimentar, v.	Ku lôssa.	Gu lôssa.	Ku lôssa.
Cunha, s.	Xikonguana.	Kúnha [6].	Xikonguana.
Cunhado, s.	Nombe (ti).	Namo [7] balâmo.	Dombe (ti).

[1] Em macua, *Ni minho.*
[2] Em macua, *Anquile.*
[3] Do portuguez.
[4] Em macua, *Muana-muane.* Em suahili, *Muana.*
[5] Em macua, *Ekonha.*
[6] Do portuguez.
[7] Em macua, *M'lamo.*

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Curar, v.	Ku metira.	Gu mutúma.	Ku mutúma.
Curral, s.	Ranga (ma).	Lipando (ma).	Litanga (ma).
Curto (ser) v.	Ku gôma.	Gu rôla.	Ku kôme.
Cuspir, v.	Ku péla.	Gu éxa.	Ku turra.

D

Dançar, v.	Ku quina [1].	Gu ana.	Ku sinha.
Dantes, adv.	Kále [2].	Gu-gála.	Gále.
Dar, v.	Ku nhika.	Gu ninga.	Ku ninga.
Defecar, v.	Ku únha.	Gu gúnha.	Ku únha.
Dedo s.	Litiu (ti).	Nhála (ji).	Litíu (ti).
Deixar, v.	Ku sika.	Gu diga.	Ku léka.
Delgado (ser).	Ku xonga.	Gu onga.	Ku xonga.
Dente, s.	Tino [3] meno.	Ligúa (ma).	Likuáza (ma).
Dentro, adv.	Inzéne.	Dâne [4].	Dâne.
Depennar, v.	Ku súula tissiva.	Gu dussa mitenga.	Ku senga matoia.
Depois, adv.	Táta quatze.	Áte-guade.	Náta-quade.
Depressa, adv.	Áquissa.	Bréja.	Kuluêta.
Derreter, v.	Ku kugumuga.	Gu fungumuga.	Ku kundumuga.
Desafiar, v.	Ku muvúka.	Gu mukuta.	Ku muvuka.
Desapparecer, v.	Ku xumalêta.	Gu nhaluga.	Ku timéla.
Desatar, v.	Ku xáxa.	Gu xúla.	Ku tugunhula.
Descançar, v.	Ku umula.	Gu fumúla.	Ku umula.
Descarregar, v.	Ku sussa.	Gu xissa.	Ku távissa.
Descascar, v.	Ku banja.	Gu banja.	Ku banza.
Desastre, s.	Kombo (ma).	Libanjo (ma).	Likombo (ma).
Descer, v.	Ku éxa.	Gu réléla.	Ku étima.
Descompor, v.	Ku ruka.	Gu bala.	Ku ruka.
Desenterrar, v.	Ku vévúla.	Gu fugula.	Ku funvula [5].
Desgraça, s.	Usséuane (bu).	Libála (ma).	Ukulungo (bu).
Desordem, s.	Lizinga (ti).	Litunga (ma).	Likumbe (di).
Despedir, v.	Ku sálissa.	Gu bangana.	Ku sádissa.
Desprezar, v.	Ku munhenha.	Gu munhenha.	Ku menguela.
Deus, s.	Tilo.	Mungungulo.	Inzuma.
Devagar, adv.	Quatze.	Guáde.	Quade.

Dever (dinheiro) v.	Mangáva.	Mangáva.	Lingáva.
Dez (numero).	Kume [6].	Kume.	Likume.
Dez réis.	Déze [7].	Déze.	Déze.
Dia, s.	Lissico (ma).	Lissigo (ma).	Lixigo (ma).
Differente (ser), v.	Ambanine.	Ambâna.	Ku ambane.
Direita, adj.	Xinêne.	Nhamuguiu.	Xinêne.
Dinheiro, s.	Máli.	Xapâo [8].	Máli.
Direito (ser), v.	Ku lulâma.	Gu lulâma.	Ku lulâma.
Distancia, s.	Xipime.	Guipimo.	Lipimo.
Divida, s.	Mangáva.	Mangáva.	Mangáva.
Dividir, v.	Ku ábana.	Gu kábana [9].	Ku abana.
Dizer, v.	Zu enzéla.	Gu muambela.	Ku muembela.
Dó, s.	Siúana.	Guissuiana.	Xikulungo.
Dobrar, v.	Ku pétza.	Gu fumba.	Ku péta.
Doce (ser), v.	Ku zombéla.	Gu ulombela.	Ku lombela.
Doença, s.	Inguba (ti).	Gumbe (ji).	Ku luála.
Doente (estar), v.	Ku bágua.	Gu duála.	Ku luála.
Doer, v.	Ku buíssa.	Gu bissa.	Ku banda.
Dois, num.	Timbire [10].	Jimbire.	Timbire.
Domingo [11], s.	Sonto.	Sonto.	Lissôto.
Dormir, v.	Ku équéla.	Gu lála.	Ku ruama.
Doido (ser), v.	Ku xanga.	Gu uáduga.	Ku barruka.
Doze, num.	Kume na timbire [12].	Kume na jimbire.	Kume na timbire.
Duro (ser), v.	Ku tia.	Gu tia.	Ku banga.
Duzentos, num.	Mazâna mabire.	Mazana jimbire.	Mazana mabire.
Duzentos réis.	Duzentos [13].	Duzentos.	Shilin [14].
Dysenteria, s.	Bulcleka.	Lissúga.	Gupuqucka.

[1] Em macua, *Uina.*
[2] Em macua, *Kalahi.* Em suahili, *Kale,*
[3] Em macua, *Nino.*
[4] Em macua, *N'bani.*
[5] Em macua, *Uufula.*
[6] Em suahili, *Kumi.*
[7] Do portuguez.
[8] Do portuguez. Desconheço a origem do termo.
[9] Em macua, *Ócuana.*
[10] Em macua, *Bili.*
[11] Os indigenas d'este districto não teem nomes para designar todos os dias da semana.
[12] Em suahili, *Kumi na mibile.*
[13] Do portuguez.
[14] Do inglez, *Shilling.*

E

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Elephante, s.	Injôfo (ti).	Injôfo (ti).	Inzofo (ti).
Elephantiasis, s.	—	Guiumbua.	—
Elle, pron.	Iêna [1].	Ina.	Áú-é.
Emmagrecer, v.	Ku onza.	Gu onda.	Ku goma.
Empenhar, v.	Ku xénéka.	Gu xénéka.	Ku onga.
Emprenhar (dar), v.	Ku xurranhimba.	Gu ninga mimba.	Ku nimba mimba.
Emprestar, v.	Ku kombéla.	Gu lomba.	Ku kombela.
Empurrar, v.	Ku niquinha.	Gu luéga.	Ku urreta.
Emquanto, conj.	Sála tira.	Banuguira.	Sála jituma.
Encalhar, v.	Ku ipsélua.	Gu édua.	Ku pélua.
Encarnado, adj.	Ussuka.	Fuvila.	Bilebila.
Encharcado, adj.	Sakana.	Unágana.	Unagana.
Encher, v.	Ku tata.	Gu tála.	Ku táta.
Encoberto (o sol).	Marrefo [2].	Máfe.	Mábse.
Encolher, v.	Ku quanhela.	Gu quanhela.	Ku quanhela.
Encontrar, v.	Ku kuma.	Gu mana [3].	Ku manana.
Encosta, s.	Xikar kassunga.	Bakar guibango.	Agarreka mangua.
Encostar, v.	Ku guiguela.	Gu xigaméla.	Ku guiguela.
Encurtar, v.	Ku ingula.	Gu bungula.	Ku ungula.
Endireitar, v.	Ku lulamissa.	Gu lulámissa.	Ku lulâma.
Endoidecer, v.	Ku xanga.	Gu anduga.	Ku parruka.
Enfeitiçar, v.	Ku loia.	Gu loia.	Ku loia.
Enfiar, v.	Ku uléla.	Gu buléla.	Ku uléla.
Engajador, s.	Guéva.	Graxâne.	Guéva.
Enganar, v.	Ku xenga.	Gu pemba.	Ku guélélua.
Engordar, v.	Ku kúluka.	Gu êna.	Ku guêna.
Engulir, v.	Ku mita.	Gu mija.	Ku mita.
Enrolar, v.	Ku péza.	Gu fumba.	Ku béta.
Ensinar, v.	Ku mukangueta.	Gu mulaêja.	Ku mukomba.
Entender, v.	Ku enguéla.	Gu enguéla.	Ku enjissa.
Enterrar, v.	Ku láxa.	Gu embéla.	Ku sássa.
Entornar, v.	Ku aláta.	Gu balája.	Ku tequêta.
Entortar, v.	Ku guequeta.	Gu équêja.	Ku equêta.
Entrar, v.	Ku enguena.	Gu béla.	Ku uléla.
Entre ou no meio.	Xikár.	Bakáar.	A'gárre.

Entregar, v.	Ku élequêta.	Gu muguela.	Ku élequêta
Envenenar, v.	Ku íka.	Gu sêja.	Ku ika.
Enxada, s.	Kikômo (ji).	Lipája (ma).	Quáte (mi).
Enxugar, v.	Ku anéka [4].	Gu anéga.	Ku anéka.
Epilepsia, s.	Xiquembo.	Mandique.	Xiquembo.
Escama, s.	Maquárro.	Maia.	Guâla.
Escada, s.	Maneira.	Eskáda [5].	Maneira.
Escarnecer, v.	Ku muxéka.	Gu muega.	Ku musseka.
Escolher, v.	Ku xaúla.	Gu áta.	Ku saúla.
Esconder, v.	Ku fixa.	Gu sia.	Ku sissa.
Escorpião, s.	Uume (ti).	Jigungo (si).	Xikungo (si).
Escorregar, v.	Ku ritmúka.	Gu kurriga.	Ku ritemúka.
Escremento, s.	Maximba.	Maguimba.	Miximba.
Escuma, s.	Libúke.	Ligúve.	Libuke.
Escura, adj.	Xinhâma	Guidêma.	Jidêma.
Escutar, v.	Ku enguissa.	Gu enguela.	Ku enjissa.
Esfregar, v.	Ku xanganha.	Gu gúa.	Ku singa.
Esfriar, v.	Ku titimela.	Gu jijila.	Ku titila.
Espantar, v.	Ku riúka.	Gu uliuga.	Ku duka.
Espanto (ter), v.	Ku riúka.	Gu uliuga.	Ku duka.
Espelho, s.	Xibuko (ji).	Libôma (ma).	Libôna (ma).
Esperar, v.	Ku labélela.	Gu virréla.	Ku boneléla.
Esperto (ser), v.	Ku xárria.	Gu enguéla.	Ku xenjéla.
Espetar, v.	Ku xáva.	Gu páia.	Ku báia.
Espeto, s.	Limissélo (ma).	Libutélo (ma).	Lissimélo (mi).
Espesinhar, v.	Ku xirriqueta.	Gu xirriga.	Ku sikarreta.
Espiga (de milho), s.	Mipomiane.	Makonva.	Miburro.
Espinha, s.	Rambo (ma).	Tambo (ji).	Tambo (ma).
Espinho, s.	Múzua (mi).	Muba (mi)	Muba (mi).
Espingarda, s.	Xibâmo.	Guipissa.	Xibâmo.
Esposa, s.	Uássate-Babassate.	Mangaje-Balagaje.	Sikáte (ba).
Espreitar, v.	Ku xumula.	Gu óléla.	Ku óla.
Espremer, v.	Ku kámela.	Gu gâma.	Ku kâma.
Esquecer, v.	Ku rivála [6].	Gu rivála.	Ku divála.

[1] Em macua, *Iena.*
[2] Synonimo de nuvem.
[3] Em macua, *Ocumana.*
[4] Em macua, *Uaneia.*
[5] Do portuguez.
[6] Em macua, *Oliala.*

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Esquerda, adj.	Xibába.	Nhambade.	Libáka.
Estabelecimento, s.	Xitólo [1].	Xitólo.	Xitólo.
Estaca, s.	Minga (ti).	Guipingue (si).	Lipingue (ti).
Este, pron.	Loio.	Oiú.	Aú.
Esteril (a mulher), adj.	Ingon-a (ti).	Iumba-Sumba.	Jifula (si).
Estertor (ter), v.	Ku xála.	Gu sála.	Ku xála.
Esticar, v.	Ku kóka.	Gu dinda.	Ku dinda.
Estomago, s.	Likáre (ma).	Lidide (ma).	Likana.
Estrada, s.	Enjéla.	Rua [2].	Inzila.
Estragar, v.	Ku xakále.	Gu ágája.	Ku sákáte.
Estreito (ser), v.	Ku xonga.	Gu onga.	Ku songa.
Estrela, s.	Inhaleite (ti).	Tanda [3] (ji).	Inhaleite (ti).
Estupido, adj.	Xipumbo.	Guipumbo (si).	Libemba (ma).
Eu, pron.	Mina [4].	Êne.	Aú-é.
Europa, s.	Matiquene.	Litigo.	Litiko.
Europeu, s.	Mulungo (ba).	Xungo (ba).	Mulungo (ba).

F

Faca, s.	Mukuana (mi).	Gála (mi).	Kála (mi).
Face, s.	Lirrâma [5] (ma).	Liáia Jixaia.	Litama (ma).
Falar, v.	Ku bula-bula.	Gu reguera.	Ku omba.
Faltar, v.	Ku kámeka.	Gu kamega.	Ku tandeka.
Familia, s.	Xáka (ma).	Nongo Balongo.	Lixáka (ma).
Fardo, s.	Inzolo (mi).	Tólo (mi).	Tólo (mi).
Farelo, s.	Múungo.	Murro.	Mutungo.
Farinha, s.	Mapa.	Ugube.	Ussua.
Farinha de milho.	Mapa xifáka.	Ugube sibila.	Ussua lifáka
Farinha de mexueira.	Mapa maôba.	Ugube mála.	Ussua mainde.
Farinha de mandioca.	Mapa rále.	Farinha.	Ussua rála.
Faúlha, s.	Lixáxa (ti).	Xáé (ji).	Ixáxa (ti).
Favo de mel, s.	Xiáxa o ulombe.	Káte ó úlombe.	Liéssa.
Fazer, v.	Ku tira [6].	Gu guira.	Ku tuma.
Febre, s.	Ku bágua [7].	Gu duála.	Ku panda.
Fechar, v.	Ku vála.	Gu séga.	Ku séka.
Fechadura, s. [8]	—	Fechadura.	—

Feijão, s.	Inháua (ti).	Nhemba (ji).	Nhemba (ji).
Feijão encarnado.	Inháua ussuka.	Nhemba fuvila.	Nhemba bile-bile.
Feijão verde.	Inháua tixumba.	Nhemba guixumbe.	Nhemba sumba.
Feijão branco.	Inháua xengane.	Nhemba jiquene.	Nhemba nhassenje.
Feijão branco pequeno.	Inháua inhanane.	Nhemba nhambane.	Nhemba xinhuane.
Feijão amarelo.	Inháua tikôxane.	Nhemba Xikôssane.	Nhemba tikongo.
Feio (ser), v.	Ku bia.	Gu biba.	Ku bia.
Feiticeiro, s.	Úvi.	Dói.	Lói.
Femea, s.	Uássate mpsele.	Mangáje.	Embéléka.
Fermentar, v.	Ku xonguquila.	Gu luguila.	Ku sanguila.
Ferida, s.	Xilonda (gi).	Guilonda (si).	Xilonda (si).
Ferrão (dos insectos), s.	Muzuana.	Loá.	Imboko ou lituna.
Ferro, s.	Simbe.	Simbi.	Simbe.
Ferver, v.	Ku vila.	Gu ila.	Ku ála.
Ficar, v.	Ku tsâma.	Gu kála.	Ku kála.
Figado, s.	Xibinze.	Libinde.	Xibinde.
Filha, s.	Nanhâna (ma).	Guiana (ma).	Jarrama (si).
Filho, s.	Mufanhâna.	Xikotana.	Missotana.
Flor, s.	Arráre (ma).	Guengue sengue.	Úluva (bu).
Floresta, s.	Quáte.	Likábe.	Xitinga.
Folha (de arvore), s.	Xuka (ma).	Liágana (ma).	Lissikarro (ma).
Folha (fazenda).	Folha [9].	Folha.	Kadunja.
Fome, s.	Injála.	Injála.	Inzála.
Fonte, s.	Govéne.	Sáva.	Govane.
Fóra, adv.	Anje.	Babanje.	A-anze.
Força, s.	Tamo.	Xiba.	Inhala.
Formiga, s.	Sakute ussakute.	Linguje uguje.	Ussukute.
Formiga branca.	Múxua.	Mu-ua.	Mussua.
Forte (ser), v.	Ku tiéla.	Gu tia.	Ku tia.

[1] Do inglez, *Store*.
[2] Do portuguez.
[3] Em macua, *Tondua*.
[4] Em macua, *Minho* e *mi*. Em suahili, *Mimi*.
[5] Em macua, *M'rama*.
[6] Em macua, *Uira*.
[7] Os indigenas não teem nome especial para designar a febre; dizem estar doente.
[8] Os indigenas não teem nome proprio para designar fechadura. Só os Batongas usam no litoral umas fechaduras de madeira, nas portas, de engenhosa confecção. O uso d'estas fechaduras foi introduzido pelos asiaticos.
[9] Do portuguez. Panos de algodão, grandes, com barra.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Fosforo, s.	Fára-fára [1] (si).	Jiuárra (si).	Miquisso [2].
Fraco (ser), v.	Kuxonga nila.	Gu onda.	Ualo nhala ou kuonda.
Fruto, s.	Nanzo (mi).	Muando (mi).	Nuxelo (mi).
Frutos indigenas *(variedades)*:			
	Bimbe.	Bimbe.	Uimbe.
	Inxála.	Marramba.	Ramba.
	Maquáqua.	Guágua.	Liquáqua.
	Dókómela.	Dókómela.	Dókómela.
	Ungo.	Ungo.	Libungo.
	Manjanjáua.	Manjanjáua.	Lissanzáu.
	Makanhe.	Manaúla.	Massula.
	Tikunguunha.	Xikungúunha.	Tikungulute.
	Titóle-tóle.	Jitóle-tóle.	Tóle.
	Pópo.	Ligóle.	Likóle.
	Tinhéve.	Jinhéve.	Tinhéve.
	Tixinzo.	Jikindo.	Tijindo.
	Utile.	Majije.	Metite.
	Tikurre.	Jikurre.	Likurre.
	Tipópo.	Jipópo.	Tipápa.
	Tikódôdo.	Jikódôdo.	Kódôdo.
	Mavilo.	Mazilo.	Mazilo.
	Tiquá-quáti.	Nhanguarramule.	Liquá-quáti.
	Zungumunho.	Jixalapande.	—
	Tinko.	Magoio.	Miko.
	Quinha.	Guinha.	Quinha.
	Tinembe-nembe.	Jinembe-nembe.	Tinembe-nembe.
Fugir, v.	Ku xáva [3].	Gu táva.	Ku táva.
Fumar, v.	Ku zá.	Gu dá.	Ku dá.
Fumo, s.	Musse [4].	Uxe.	Usse.
Fundo, s.	Nonga.	Nondua.	Longa.
Furar, v.	Ku bóxa.	Gu póla.	Ku dôla.

G

Gafanhoto (encarnado), s.	Ombe (ti).	Imbásse (ji).	Umbe (ti).
Gafanhoto (saltão), s.	Banzála.	Kúba (mi).	Párra-várra (mi).

Gaiola, s.	Xikaélo [5] (si).	Jikaéla (si).	Jikaline (si).
Gallinha, s.	Úko (ti).	Kúgo (ji).	Kúko (ti).
Gallo, s.	Kúko (mi).	Kongue (mi).	Kúko (ti).
Gambôa, s.	—	Gamboa.	—
Ganhar, v.	Ku óla.	Gu ola.	Ku óla.
Garfo, s.	Fólóko [6].	Gafir [7].	Fólóko.
Garganta, s.	Kólo.	Ingúlo.	Inkólo.
Garrafa, s.	Bôtôr [8] (ma).	Libotêr (ma).	Botôrre (ma).
Garrafão, s.	Garrafão [9].	Garrafão.	Garrafão.
Gato, s.	Ximanga (si).	Jionga (si).	Xionga (si).
Gemer, v.	Ku ouêta.	Gu diléla.	Ku dila.
Gema (de ovo), s.	Inxúve.	Funa.	Ufuna.
Gente, s.	Vanu.	Vátu.	Vátu.
Girafa, s.	Oxo (ti).	—	Oxo (ti).
Goiaba, s.	Impêra (ma).	Pêra (ma).	—
Goiabeira, s.	Impêra (ma).	Pêra (ma).	—
Gordo (ser), v.	Ku luka.	Gu gula.	Ku luka.
Gordura (ter), v.	Ku nôna.	Gu nona.	Ku nona.
Gostar, v.	Ku návéla.	Gu dógóléla.	Ku dógóléla.
Governador, s.	Mâmangulo.	Mâmangulo [10].	Mâmangulo.
Grande, adj.	A-ombe.	Kongólo.	Bá-ombe.
Gravidez, s.	Nhimba.	Mimba.	Mimba.
Gritar, v.	Ku bitana.	Gu guá.	Ku likuá.
Grosso (ser), v.	Ku kula.	Gu gula.	Ku kula.
Guardar, v.	Ku béka.	Gu béka.	Ku péka.
Guarda-sol, s.	Xambulela [11].	Sombrero [12].	Jambuléla.
Guerra, s.	Nhimbe.	Litunga.	Lidunga.
Guizo, s.	Quilôko (ma).	Xinguenje (ji).	Ziquele-quete (si).

[1] Do portuguez.
[2] Do inglez, *Matches*.
[3] Em macua, *Otxiana*.
[4] Em macua, *Muiche*. Em suahili, *Mochi*.
[5] Do portuguez, *Gaiola*.
[6] Do inglez, *Fork*.
[7] Do portuguez.
[8] Do inglez, *Bottle*.
[9] Do portuguez.
[10] Palavra Guitonga composta de *mâma* (homem) e da corrupção de *kongolo* (grande).
[11] Do portuguez.
[12] Do portuguez.

H

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
—	—	—	—
Herva, s.	Iguanhe.	Másse.	Másse.
Herva comestivel [1].	Inkáka.	Inganga.	Imbába.
Herva comestivel	Imbôa.	Imbôa.	Imbôa.
Herança, s.	Tsomba (ti).	Tomba (ji)	Tomba (di).
Halito, s.	Bufeta.	Furrura.	Futêta.
Hippopotamo, s.	Invou (ti).	Bamba (ji).	Invú-u (ti).
Hoje, adv.	Inamuxa.	Múuno.	Múuno.
Hombro, s.	Likáxa (ma).	Likáta [2] Magata.	Likata (ma).
Homem, s.	Uánuna (ba).	Mâma (ba).	Ómuana [3] (ba).
Hontem, adv.	Tólo.	Bánóva.	Inhanóva.
Hora, s.	Xikáte.	Óra [4].	Xikáte.
Horta, s.	Massime.	Tembuene.	Tembuene.
Hospede, s.	Infumba (ba).	Fumba (ba).	Lifumba (ba).
Hospital, s.	Hospital [5].	Hospital.	—
Humus, s.	Inzôpe.	Márrága.	Dôpe.
Hydrocele, s.	Quêma.	Jibubo.	Txende.

I

Ilha, s.	Xidúa (ji).	Guidúa (ji).	Xitondólo.
Imposto (de palhota) s.	Kupo.	Kupo.	Ressa ou kupo.
Imposto (do regulo).	Xikába.	—	Jikába.
Imposto (por morte do regulo).	Maxávo.	—	Xitóo.
Inchar, v.	Ku vimba.	Gu simba.	Ku simba.
Insultar, v.	Ku rogatéla.	Gu ádua.	Ku rogatéla.
Intestino, s.	Lirrumbo (ma).	Guirrumbo (si).	Rumbo (mi).
Intriga, s.	Xápe.	Duája.	Sôfo.
Inverno, s.	Uxiga.	Maxiga.	Uxika.
Ir, v.	Ku famba.	Gu angóla.	Ku ximbila.
Irmão, s.	Maqueiro (ba).	Diango (ba).	Diango (di).
Irmã, s.	Maqueiro (ba).	Aane (ba).	Diango (di).
Isca, s.	Xuqúa.	Nhambua.	Manhambua.

Já, adv.	Sitile.	Judé.	Súla.
Janela.	Fastéla.	Janela [6].	Fastéla.
Janota, s.	Burre (ti).	Tija (ma).	Sambe (ma).
Jantar, s.	Kuga.	Oja.	Kuia.
Javali, s.	Ingúlube (ti).	Kumba kábene.	Kumba quáte.
Joelho, s.	Inzólo (ma).	Kugumuje (ji).	Lidundo.
Jogar, v.	Ku xúva.	Gu xúa.	Ku súva.
Junco, s.	Lissúlo (ji).	Imbusse (ji).	Lióssulo (ti).
Juntar, v.	Ku bequetéla.	Gu bequejela.	Ku buquetela.
Junto (estar), v.	Ku exana.	Gu ningana.	Ku dingana.

L

Lá, adv.	Issêno.	Íno.	Usseno.
Lã, s.	Xissuisso.	Guissusso.	Livi.
Labio, s.	Nômo milômo.	Uinde (ma).	Guissôfo (ji).
Laço ou nó.	Funzo.	Guifundo.	Xifundo.
Lado, s.	Exélo.	Libanda [7].	Lissélo.
Lado (outro).	Xátuko.	Xátugo.	Xátuka.
Ladrar, v.	Ku ukula [8].	Gu ugúgula.	Ku úúla.
Ladrão, s.	Kamba (ma).	Báfa (ji).	Imbáfa.
Lagarto, s.	Quáxa quáte.	Quáxa kábene.	Quáxa quáte.
Lagarto amphybio.	Quáxa máte.	Quáxa mátine.	Quáxa matine.
Lagartixa, s.	Oamarrela (ma).	Nhambarrára.	Xibarrára (si).
Lagôa, s.	Inkóba (mi).	Lixibia ou liparre.	Liziba.
Lagrima, s.	Inxute (mi).	Litongo marrongo.	Murrongo (mi).
Lançar, v.	Ku xukumeta.	Gu rinha.	Ku rinza.
Lapis, s.	Penisseli [9].	Lápi [10].	Penisseli.

[1] Além das mencionadas, servem-se ainda, para o mesmo fim, das folhas de mandioca, feijão, batata doce e abobora.
[2] Em macua, *Nikata*.
[3] Em macua, *M'bopuana*.
[4] Do portuguez.
[5] Do portuguez.
[6] Do portuguez.
[7] Em macua, *Ébanda*.
[8] Em macua, *Ócua*.
[9] Do inglez, *Pencil*.
[10] Do portuguez.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishopé
Laranja, s.	Dalanja (ma).	Dalanja (ma).	Lídimua (ma).
Laranjeira, s.	Dalanja (ma).	Dalanja (ma).	Lidimua (ma).
Lareira, s.	Likumbarre.	Guiko.	Axiko.
Largar, v.	Ku sika.	Gu diga.	Ku léka.
Largo (ser), v.	Ku kúla.	Gu gúla.	Ku kúla.
Lata (de conserva), s.	Xikotéla (ji).	Guikotéla (si).	Xikotéla (si).
Lata (de petroleo vasia), s.	Gógogo (ma).	Gógogo (ma).	Lifássa (ma).
Latex, s.	Máfe.	Maúé.	Uxáda.
Lavar, v.	Ku xamba.	Gu amba.	Ku samba.
Leão, s.	Ingónhâmo (ti).	Gála (ji).	Ingónhâmo (ti).
Lebre, s.	Invunja (mi).	Guiulo (si).	Invunza (si).
Leitão, s.	Xihumbana (si).	Kumbana (ji).	Xikumbana (si).
Leite, s.	Libisse.	Maúé	Másse.
Leme, s.	—	Leme [1].	—
Lenha, s.	Liúnhe (ti).	Ligune (ji).	Likune [2] (ti).
Leopardo, s.	Ingua (ti).	Kamba (ma).	Inqué (ti).
Lepra, s.	Inkáta á Tilo.	Gumbejanjine.	Xexapásse.
Levantar, v.	Ku tákussa.	Gu ussa [3].	Ku gúla.
Levar, v.	Ku téka.	Gu jéga.	Ku téka.
Leve (ser), v.	Ku vévuka.	Gu vévuga.	Ku eúka.
Libra, s.	Impondo [4] (ti).	Pondo (ji).	Ipondo (ti).
Licença, s.	Licença [5].	Licença.	Licença.
Limão, s.	Xidiuane.	Lidima (ma).	Xidiuane (si).
Limoeiro, s.	Xidiuane.	Lidima (ma).	Xidiuane (si).
Limite, s.	Bengano (mi).	Bengano (mi).	Bengano (ma).
Limpar, v.	Ku xangúla.	Gu bábúla.	Ku baúla.
Lingua, s.	Dirrime (ti).	Lidime [6] (malime).	Lidime (ti).
Livro, s.	Buko [7] (ma).	Buko (ma).	Puko (ma).
Lodo *ou* lama, s.	Inzôpe.	Marrága.	Indôpe.
Logar, s.	Utxamo (ma).	Ulanga (ma).	Ukálo (ma).
Logo, adv.	Quátze.	Guáde.	Quádi.
Lona, s.	—	Lôna [8].	—
Longe, adv.	Kule.	Uinju.	Gulé.
Longo (ser), v.	Ku léa.	Gu lápa.	Ku lápa.
Lua, s.	Ueite (mi).	Guima (mi).	Jima (mi).
Lume, s.	Inzilo.	Nilo.	Dilo.
Luneta, s.	Iukóla [9] *ou* fastéla.	Iokóla *ou* fastéla.	Iokóla *ou* fastela.

M

Macaco, s.	Jáu (ti).	Jógó (ji).	Káu (ti).
Macaco cynocephalo, s.	Feni.	Feni.	Feni.
Machado (grande), s.	Xápo [10] (ma).	Lixádo (ma).	Lipéula (ma).
Machado (pequeno), s.	Peúla.	Lixádo (ma).	Lipéula (ma).
Machina, s.	Muxine [11].	Muxine.	Muxine.
Macho, s.	Uánúna.	Mâma.	Muana.
Madrugada, s.	Mixo á ombe.	Jimindo jila.	Manguanane.
Madeira (apparelhar), v.	Ku báxua.	Gu bátua.	Ku páduka.
Maduro (ser), v.	Ku bufa.	Gu bijia,	Ku bitua.
Mãe, s.	Mamâna [12].	Mâi.	Mâme.
Mafurreira, s.	Inkúxo (mi).	Gú-u (mi).	Inxusso (mi).
Magro (ser), v.	Ku onza.	Gu onda.	Ku goma.
Mais, adv.	Kambe.	Gambe.	Kambe.
Mal, s.	Anze-uáxe.	Kanhe-uáde.	Kunfe-quade.
Mala, s.	Boquissa [13].	Gássa.	Boquisso.
Malagueta, s.	Soorre.	Guilongue.	Longue.
Mâma, s.	Véle [14] (ma).	Béle (ma).	Tsumba (ti).
Maneta, s.	Xiguire.	Guimbolo.	Kulemála.
Mangar, v.	Ku inzuvúka.	Gu gunhukúta.	Ku nivúka.
Manha, s.	Mixo.	Mindu jila.	Manguanane.
Mantimento, s.	Imbéu (ti).	Béu (ji).	Ubéu (ti).
Mau, adj.	Aiátze.	Kande uáde.	Já-álo.
Mão *ou* mãos, s.	Manja.	Manja.	Anza (ma).
Mar, s.	Ibsa.	Pâne.	Luanje.
Marca, s.	Xivanjo (si).	Guivango (si).	Xibango.

[1] Do portuguez.
[2] Em macua, *Ecuni*.
[3] Em macua, *Ocucha*.
[4] Do inglez, *Pound*.
[5] Do portuguez.
[6] Em macua, *N'line*.
[7] Do inglez, *Book*.
[8] Do portuguez.
[9] Do portuguez.
[10] Do portuguez.
[11] Do inglez, *Machine*.
[12] Em macua, *Mama*.
[13] Do inglez, *Box*.
[14] Em macua, *M'pele*.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishopo
Marcha (fazer), v.	Ku enza.	Gu kuda.	Ku enda.
Maré, s.	Dúa (ma).	Lidúa (ma).	—
Maré cheia *ou* encher.	Ku tála.	Gu tála.	Matade.
Maré vazia *ou* vazar.	Mabsila.	Gu ugúa.	Mapuile.
Marfim, s.	Tino (ma).	Liqúa (ma).	Liquássa (ma).
Margem, s.	Birre na máte.	Nhabambe.	Ubambe.
Marido, s.	Núna.	Mâma.	Lóóde.
Marisco, s.	Tógôma.	Tógóma.	—
Martelo, s.	Améla [1] (ti).	Martelo (ji).	Améla.
Mastro (de embarcação), s.	—	Ninguate (mi).	—
Matar, v.	Ku dáia.	Gu songa.	Ku dáia.
Mato, s.	Quáte.	Kábe.	Sitinga.
Maxila, s.	Maxirre.	Maxirre.	Maxirra.
Medir, v.	Ku pima [2].	Gu pima.	Ku pima,
Medo, s.	Utóia.	Muanga.	Lizôa.
Meio, s.	Xikár.	Bakár.	Ágár.
Meio dia, s.	Mumo.	Miane.	Missane.
Mel, s.	Úlombe.	Úlombe.	Úlombe.
Melaço, s.	Trika.	Trika.	—
Menos, adv.	Xipumuane.	Guipimo.	Xipimuana.
Menstruação (ter), v.	Massimba anse.	Gu saméla.	Ku sáméla.
Mentir, v.	Ku bula mabuno.	Gu lipa.	Makú-ú.
Mesa, s.	Tafúla [3].	Tafúla.	Tafúla.
Mesmo, mesma, mesmos e mesmas, adj.	Issôna Guima-a.	Kaissai.	Dingana.
Mexilhão, s.	Kulibita (ti).	Kulibita.	—
Mexueira, s.	Maôba.	Mála.	Mainde.
Mexer, v.	Ku ákássa.	Gu parra-parra.	Ku guiguinissa.
Mil, num.	Mazana á makumi.	Mazana a makumi.	Mazana a makumi.
Milhafre, s.	Nhamatáte (ma).	Nhamatáte (ma).	Nhamatate (ma).
Milho, s.	Xifáque (si).	Guibila (si).	Xifaka (ma).
Miolos, s.	Nongo (ma).	Úlúve.	Uluve.
Missanga, s.	Uxálo.	Ulungo.	Messequenha.
Mole (ser), v.	Ku lólo.	Gu gárra.	Ku karra.
Montanha, s.	Inzuga (mi).	Guigomo.	Jitunga (si).
Montar (a cavallo), v.	Ku quéla.	Gu queléla.	Ku xelela.
Morder, v.	Ku lúma [4]	Gu ója.	Ku luma.

Morrer, v.	Ku úfa.	Gu úfa.	Ku ufa.
Morte, s.	Xirrumbe (si).	Guirrumbe (si).	Xirrumbe (si).
Mosca, s.	Nongâne (ti).	Púga (ji).	Puka (ti).
Mosca (de cavallo marinho).	Báua (ma).	Libôa (ma).	Libau (ma).
Mosca tzé-tzé.	Bauana.	—	—
Mosquito, s.	Insuna (ti).	Xuma (ji).	Suna (ti).
Mosquito pequeno.	Indudo.	Ududo.	Ududo.
Mostrar, v.	Ku komba.	Gu áéja.	Ku komba.
Mouro, s.	Mónhé (ba).	Mónhé (ba).	Mabure-bure (ba).
Mugir, v.	Ku senga.	Gu senga.	Ku senga
Mula, s.	Bongólo.	Mula.	Lessela.
Muito, adv.	Maningue.	Singue.	Sinje.
Mulher, s.	Uássáte (baba).	Mangáje (ba).	Sikate (ba).
Multa (pagar).	Ku ria murta [5].	Gu liba murta.	Ku dia murta.

N

Nada, adv.	Ambun intxumo.	Inguilo.	Matxilo.
Nadar, v.	Ku kassela.	Gu maáka.	Ku sambela.
Não, adv.	A ang Nhaóé Quába.	Á Nhaóé Kanhite málo.	Ang Nhane Xuála Á
Nariz, s.	Nófo (ti).	Tonfo.	Tondo.
Nascer, v.	Ku tála.	Gu beleja.	Ku béléka.
Nascer (as plantas).	Ku mila [6].	Gu múga.	Ku mila.
Nascer (o sol).	Ku súka gambo.	Gu lidambo.	Ku úma damo.
Negar, v.	Ku ála.	Gu lomba.	Ku lamba.
Nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas.	Ambu mun-e.	Ni-moio.	Ni-úálo.
Neto, s.	Zúkúlo [7] (ba).	Túgúlo (ba).	Túkúlo (ba).
Nevoeiro, s.	Ungúva.	Ungúva.	Ungúva.
Ninho, s.	Xissáka (ji).	Guiága (si).	Jissáka.
Nodoa, s.	Nome.	Jila.	Zambua.
Noite, s.	Siko Ussiko.	Xigo Uxigo.	Siko Ussiko.

[1] Do inglez, *Hamer*.
[2] Em macua, *Opima*.
[3] Do inglez, *Table*.
[4] Em macua, *Oluma*.
[5] Do portuguez.
[6] Em macua, *Omela*.
[7] Em macua, *Ozulo*.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Esquerda, adj.	Xibába.	Nhambade.	Libáka.
Estabelecimento, s.	Xitólo [1].	Xitólo.	Xitólo.
Estaca, s.	Minga (ti).	Guipingue (si).	Lipingue (ti).
Este, pron.	Loio.	Oiú.	Aú.
Esteril (a mulher), adj.	Ingon-a (ti).	Iumba-Sumba.	Jifula (si).
Estertor (ter), v.	Ku xála.	Gu sála.	Ku xála.
Esticar, v.	Ku kóka.	Gu dinda.	Ku dinda.
Estomago, s.	Likáre (ma).	Lidide (ma).	Likana.
Estrada, s.	Enjéla.	Rua [2].	Inzila.
Estragar, v.	Ku xakále.	Gu ágája.	Ku sákáte.
Estreito (ser), v.	Ku xonga.	Gu onga.	Ku songa.
Estrela, s.	Inhaleite (ti).	Tanda [3] (ji).	Inhaleite (ti).
Estupido, adj.	Xipumbo.	Guipumbo (si).	Libemba (ma).
Eu, pron.	Mina [4].	Êne.	Aú-é.
Europa, s.	Matiquene.	Litigo.	Litiko.
Europeu, s.	Mulungo (ba).	Xungo (ba).	Mulungo (ba).

F

Faca, s.	Mukuana (mi).	Gála (mi).	Kála (mi).
Face, s.	Lirrâma [5] (ma).	Liáia Jixaia.	Litama (ma).
Falar, v.	Ku bula-bula.	Gu reguera.	Ku omba.
Faltar, v.	Ku kámeka.	Gu kamega.	Ku tandeka.
Familia, s.	Xáka (ma).	Nongo Balongo.	Lixáka (ma).
Fardo, s.	Inzolo (mi).	Tólo (mi).	Tólo (mi).
Farelo, s.	Múungo.	Murro.	Mutungo.
Farinha, s.	Mapa.	Ugube.	Ússua.
Farinha de milho.	Mapa xifáka.	Ugube sibila.	Ússua lifáka
Farinha de mexueira.	Mapa maôba.	Ugube mála.	Ússua mainde.
Farinha de mandioca.	Mapa rále.	Farinha.	Ússua rála.
Faúlha, s.	Lixáxa (ti).	Xáé (ji).	Ixáxa (ti).
Favo de mel, s.	Xiáxa o ulombe.	Káte ó úlombe.	Liéssa.
Fazer, v.	Ku tira [6].	Gu guira.	Ku tuma.
Febre, s.	Ku bágua [7].	Gu duála.	Ku panda.
Fechar, v.	Ku vála.	Gu séga.	Ku séka.
Fechadura, s. [8]	—	Fechadura.	—

Feijão, s.	Inháua (ti).	Nhemba (ji).	Nhemba (ji).
Feijão encarnado.	Inháua ussuka.	Nhemba fuvila.	Nhemba bile-bile.
Feijão verde.	Inháua tixumba.	Nhemba guixumbe.	Nhemba sumba.
Feijão branco.	Inháua xengane.	Nhemba jiquene.	Nhemba nhassenje.
Feijão branco pequeno.	Inháua inhanane.	Nhemba nhambane.	Nhemba xinhuane.
Feijão amarelo.	Inháua tikôxane.	Nhemba Xikôssane.	Nhemba tikongo.
Feio (ser), v.	Ku bia.	Gu biba.	Ku bia.
Feiticeiro, s.	Úvi.	Dói.	Lói.
Femea, s.	Uássate mpsele.	Mangáje.	Embéléka.
Fermentar, v.	Ku xonguquila.	Gu luguila.	Ku sanguila.
Ferida, s.	Xilonda (gi).	Guilonda (si).	Xilonda (si).
Ferrão (dos insectos), s.	Muzuana.	Loá.	Imboko ou lituna.
Ferro, s.	Simbe.	Simbi.	Simbe.
Ferver, v.	Ku vila.	Gu ila.	Ku ála.
Ficar, v.	Ku tsâma.	Gu kála.	Ku kála.
Figado, s.	Xibinze.	Libinde.	Xibinde.
Filha, s.	Nanhâna (ma).	Guiana (ma).	Jarrama (si).
Filho, s.	Mufanhâna.	Xikotana.	Missotana.
Flor, s.	Arráre (ma).	Guengue sengue.	Úluva (bu).
Floresta, s.	Quáte.	Likábe.	Xitinga.
Folha (de arvore), s.	Xuka (ma).	Liágana (ma).	Lissikarro (ma).
Folha (fazenda).	Folha [9].	Folha.	Kadunja.
Fome, s.	Injála.	Injála.	Inzála.
Fonte, s.	Govéne.	Sáva.	Govane.
Fóra, adv.	Anje.	Babanje.	A-anze.
Força, s.	Tamo.	Xiba.	Inhala.
Formiga, s.	Sakute ussakute.	Linguje uguje.	Ussukute.
Formiga branca.	Múxua.	Mu-ua.	Mussua.
Forte (ser), v.	Ku tiéla.	Gu tia.	Ku tia.

[1] Do inglez, *Store*.
[2] Do portuguez.
[3] Em macua, *Tondua*.
[4] Em macua, *Minho* e *mi*. Em suahili, *Mimi*.
[5] Em macua, *M'rama*.
[6] Em macua, *Uira*.
[7] Os indigenas não teem nome especial para designar a febre; dizem estar doente.
[8] Os indigenas não teem nome proprio para designar fechadura. Só os Batongas usam no litoral umas fechaduras de madeira, nas portas, de engenhosa confecção. O uso d'estas fechaduras foi introduzido pelos asiaticos.
[9] Do portuguez. Panos de algodão, grandes, com barra.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Fosforo, s.	Fára-fára [1] (si).	Jiuárra (si).	Miquisso [2].
Fraco (ser), v.	Kuxonga nila.	Gu onda.	Ualo nhala ou kuonda.
Fruto, s.	Nanzo (mi).	Muando (mi).	Nuxelo (mi).
Frutos indigenas *(variedades)*:			
	Bimbe.	Bimbe.	Uimbe.
	Inxála.	Marramba.	Ramba.
	Maquáqua.	Guágua.	Liquáqua.
	Dókómela.	Dókómela.	Dókómela.
	Ungo.	Ungo.	Libungo.
	Manjanjáua.	Manjanjáua.	Lissanzáu.
	Makanhe.	Manaúla.	Massula.
	Tikunguunha.	Xikungúunha.	Tikungulute.
	Titóle-tóle.	Jitóle-tóle.	Tóle.
	Pópo.	Ligóle.	Likóle.
	Tinhéve.	Jinhéve.	Tinhéve.
	Tixinzo.	Jikindo.	Tijindo.
	Utile.	Majije.	Metite.
	Tikurre.	Jikurre.	Likurre.
	Tipópo.	Jipópo.	Tipápa.
	Tikódôdo.	Jikódôdo.	Kódôdo.
	Mavilo.	Mazilo.	Mazilo.
	Tiquá-quáti.	Nhanguarramule.	Liquá-quáti.
	Zungumunho.	Jixalapande.	—
	Tinko.	Magoio.	Miko.
	Quinha.	Guinha.	Quinha.
	Tinembe-nembe.	Jinembe-nembe.	Tinembe-nembe.
Fugir, v.	Ku xáva [3].	Gu táva.	Ku táva.
Fumar, v.	Ku zá.	Gu dá.	Ku dá.
Fumo, s.	Musse [4].	Uxe.	Usse.
Fundo, s.	Nonga.	Nondua.	Longa.
Furar, v.	Ku bóxa.	Gu póla.	Ku dôla.

G

Gafanhoto (encarnado), s.	Ombe (ti).	Imbásse (ji).	Umbe (ti).
Gafanhoto (saltão), s.	Banzála.	Kába (mi).	Párra-várra (mi).

Gaiola, s.	Xikaélo [5] (si).	Jikaela (si).	Jikaélo (si).
Gallinha, s.	Úko (ti).	Kúgo (ji).	Kúko (ti).
Gallo, s.	Kúko (mi).	Kongue (mi).	Kúko (ti).
Gambôa, s.	—	Gamboa.	—
Ganhar, v.	Ku óla.	Gu ola.	Ku óla.
Garfo, s.	Fólóko [6].	Gafir [7].	Fólóko.
Garganta, s.	Kólo.	Ingúlo.	Inkólo.
Garrafa, s.	Bôtôr [8] (ma).	Libotêr (ma).	Botôrre (ma).
Garrafão, s.	Garrafão [9].	Garrafão.	Garrafão.
Gato, s.	Ximanga (si).	Jionga (si).	Xionga (si).
Gemer, v.	Ku quêta.	Gu diléla.	Ku dila.
Gema (de ovo), s.	Inxúve.	Funa.	Ufuna.
Gente, s.	Vanu.	Vátu.	Vátu.
Girafa, s.	Oxo (ti).	—	Oxo (ti).
Goiaba, s.	Impêra (ma).	Pêra (ma).	—
Goiabeira, s.	Impêra (ma).	Pêra (ma).	—
Gordo (ser), v.	Ku luka.	Gu gula.	Ku luka.
Gordura (ter), v.	Ku nôna.	Gu nona.	Ku nona.
Gostar, v.	Ku návéla.	Gu dógóléla.	Ku dógóléla.
Governador, s.	Mâmangulo.	Mâmangulo [10].	Mâmangulo.
Grande, adj.	A-ombe.	Kongólo.	Bá-ombe.
Gravidez, s.	Nhimba.	Mimba.	Mimba.
Gritar, v.	Ku bitana.	Gu guá.	Ku likuá.
Grosso (ser), v.	Ku kula.	Gu gula.	Ku kula.
Guardar, v.	Ku béka.	Gu béka.	Ku péka.
Guarda-sol, s.	Xambulela [11].	Sombrero [12].	Jambuléla.
Guerra, s.	Nhimbe.	Litunga.	Lidunga.
Guizo, s.	Quilôko (ma).	Xinguenje (ji).	Ziquele-quete (si).

[1] Do portuguez.
[2] Do inglez, *Matches*.
[3] Em macua, *Otxiana*.
[4] Em macua, *Muiche*. Em suahili, *Mochi*.
[5] Do portuguez, *Gaiola*.
[6] Do inglez, *Fork*.
[7] Do portuguez.
[8] Do inglez, *Bottle*.
[9] Do portuguez.
[10] Palavra Guitonga composta de *mâma* (homem) e da corrupção de *kongolo* (grande).
[11] Do portuguez.
[12] Do portuguez.

H

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
—	—	—	—
Herva, s.	Iguanhe.	Másse.	Másse.
Herva comestivel [1].	Inkáka.	Inganga.	Imbába.
Herva comestivel	Imbôa.	Imbôa.	Imbôa.
Herança, s.	Tsomba (ti).	Tomba (ji)	Tomba (di).
Halito, s.	Bufeta.	Furrura.	Futêta.
Hippopotamo, s.	Invou (ti).	Bamba (ji).	Invú-u (ti).
Hoje, adv.	Inamuxa.	Múuno.	Múuno.
Hombro, s.	Likáxa (ma).	Likáta [2] Magata.	Likata (ma).
Homem, s.	Uánuna (ba).	Mâma (ba).	Ómuana [3] (ba).
Hontem, adv.	Tólo.	Bánóva.	Inhanóva.
Hora, s.	Xikáte.	Óra [4].	Xikáte.
Horta, s.	Massime.	Tembuene.	Tembuene.
Hospede, s.	Infumba (ba).	Fumba (ba).	Lifumba (ba).
Hospital, s.	Hospital [5].	Hospital.	—
Humus, s.	Inzôpe.	Márrága.	Dôpe.
Hydrocele, s.	Quêma.	Jibubo.	Txende.

I

Ilha, s.	Xidúa (ji).	Guidúa (ji).	Xitondólo.
Imposto (de palhota) s.	Kupo.	Kupo.	Ressa ou kupo.
Imposto (do regulo).	Xikába.	—	Jikába.
Imposto (por morte do regulo).	Maxávo.	—	Xitóo.
Inchar, v.	Ku vimba.	Gu simba.	Ku simba.
Insultar, v.	Ku rogatéla.	Gu ádua.	Ku rogatéla.
Intestino, s.	Lirrumbo (ma).	Guirrumbo (si).	Rumbo (mi).
Intriga, s.	Xápe.	Duája.	Sôfo.
Inverno, s.	Uxiga.	Maxiga.	Uxika.
Ir, v.	Ku famba.	Gu angóla.	Ku ximbila.
Irmão, s.	Maqueiro (ba).	Diango (ba).	Diango (di).
Irmã, s.	Maqueiro (ba).	Aane (ba).	Diango (di).
Isca, s.	Xuqúa.	Nhambua.	Manhambua.

Já, adv.	Sitile.	Judé.	Súla.
Janela.	Fastéla.	Janela [6].	Fastéla.
Janota, s.	Burre (ti).	Tija (ma).	Sambe (ma).
Jantar, s.	Kuga.	Oja.	Kuia.
Javali, s.	Ingúlube (ti).	Kumba kábene.	Kumba quáte.
Joelho, s.	Inzólo (ma).	Kugumuje (ji).	Lidundo.
Jogar, v.	Ku xúva.	Gu xúa.	Ku súva.
Junco, s.	Lissúlo (ji).	Imbusse (ji).	Lióssulo (ti).
Juntar, v.	Ku bequetéla.	Gu bequejela.	Ku buquetela.
Junto (estar), v.	Ku exana.	Gu ningana.	Ku dingana.

L

Lá, adv.	Issêno.	Íno.	Usseno.
Lã, s.	Xissuisso.	Guissusso.	Livi.
Labio, s.	Nômo milômo.	Úinde (ma).	Guissôfo (ji).
Laço ou nó.	Funzo.	Guifundo.	Xifundo.
Lado, s.	Exélo.	Libanda [7].	Lissélo.
Lado (outro).	Xátuko.	Xátugo.	Xátuka.
Ladrar, v.	Ku ukula [8].	Gu ugúgula.	Ku úúla.
Ladrão, s.	Kamba (ma).	Báfa (ji).	Imbáfa.
Lagarto, s.	Quáxa quáte.	Quáxa kábene.	Quáxa quáte.
Lagarto amphybio.	Quáxa máte.	Quáxa mátine.	Quáxa matine.
Lagartixa, s.	Oamarrela (ma).	Nhambarrára.	Xibarrára (si).
Lagôa, s.	Inkóba (mi).	Lixibia ou liparre.	Liziba.
Lagrima, s.	Inxute (mi).	Litongo marrongo.	Murrongo (mi).
Lançar, v.	Ku xukumeta.	Gu rinha.	Ku rinza.
Lapis, s.	Penisseli [9].	Lápi [10].	Penisseli.

[1] Além das mencionadas, servem-se ainda, para o mesmo fim, das folhas de mandioca, feijão, batata doce e abobora.
[2] Em macua, *Nikata*.
[3] Em macua, *M'bopuana*.
[4] Do portuguez.
[5] Do portuguez.
[6] Do portuguez.
[7] Em macua, *Ébanda*.
[8] Em macua, *Ócua*.
[9] Do inglez, *Pencil*.
[10] Do portuguez.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishopé
Laranja, s.	Dalanja (ma).	Dalanja (ma).	Lídimua (ma).
Laranjeira, s.	Dalanja (ma).	Dalanja (ma).	Lidimua (ma).
Lareira, s.	Likumbarre.	Guiko.	Áxiko.
Largar, v.	Ku sika.	Gu diga.	Ku léka.
Largo (ser), v.	Ku kúla.	Gu gúla.	Ku kúla.
Lata (de conserva), s.	Xikotéla (ji).	Guikotéla (si).	Xikotéla (si).
Lata (de petroleo vasia), s.	Gógogo (ma).	Gógogo (ma).	Lifássa (ma).
Latex, s.	Máfe.	Maúé.	Uxáda.
Lavar, v.	Ku xamba.	Gu amba.	Ku samba.
Leão, s.	Ingónhâmo (ti).	Gála (ji).	Ingónhâmo (ti).
Lebre, s.	Invunja (mi).	Guiulo (si).	Invunza (si).
Leitão, s.	Xihumbana (si).	Kumbana (ji).	Xikumbana (si).
Leite, s.	Libisse.	Maúé	Másse.
Leme, s.	—	Leme [1].	—
Lenha, s.	Liúnhe (ti).	Ligune (ji).	Likune [2] (ti).
Leopardo, s.	Ingua (ti).	Kamba (ma).	Inqué (ti).
Lepra, s.	Inkáta á Tilo.	Gumbejanjine.	Xexapásse.
Levantar, v.	Ku tákussa.	Gu ussa [3].	Ku gúla.
Levar, v.	Ku téka.	Gu jéga.	Ku téka.
Leve (ser), v.	Ku vévuka.	Gu vévuga.	Ku eúka.
Libra, s.	Impondo [4] (ti).	Pondo (ji).	Ipondo (ti).
Licença, s.	Licença [5].	Licença.	Licença.
Limão, s.	Xidiuane.	Lidima (ma).	Xidiuane (si).
Limoeiro, s.	Xidiuane.	Lidima (ma).	Xidiuane (si).
Limite, s.	Bengano (mi).	Bengano (mi).	Bengano (ma).
Limpar, v.	Ku xangúla.	Gu bábúla.	Ku baúla.
Lingua, s.	Dirrime (ti).	Lidime [6] (malime).	Lidime (ti).
Livro, s.	Buko [7] (ma).	Buko (ma).	Puko (ma).
Lodo *ou* lama, s.	Inzôpe.	Marrága.	Indôpe.
Logar, s.	Utxamo (ma).	Ulanga (ma).	Ukálo (ma).
Logo, adv.	Quátze.	Guáde.	Quádi.
Lona, s.	—	Jôna [8].	—
Longe, adv.	Kule.	Uinju.	Gulé.
Longo (ser), v.	Ku léa.	Gu lápa.	Ku lápa.
Lua, s.	Ueite (mi).	Guima (mi).	Jima (mi).
Lume, s.	Inzilo.	Nilo.	Dilo.
Luneta, s.	Inkóla [9] *ou* fastéla.	Iokóla *ou* fastéla.	Iokóla *ou* fastela.

M

Macaco, s.	Jáu (ti).	Jógó (ji).	Káu (ti).
Macaco cynocephalo, s.	Feni.	Feni.	Feni.
Machado (grande), s.	Xápo [10] (ma).	Lixádo (ma).	Lipéula (ma).
Machado (pequeno), s.	Peúla.	Lixádo (ma).	Lipéula (ma).
Machina, s.	Muxine [11].	Muxine.	Muxine.
Macho, s.	Uánúna.	Mâma.	Muana.
Madrugada, s.	Mixo á ombe.	Jimindo jila.	Manguanane.
Madeira (apparelhar), v.	Ku báxua.	Gu bátua.	Ku páduka.
Maduro (ser), v.	Ku bufa.	Gu bijia,	Ku bitua.
Mãe, s.	Mamâna [12].	Mâi.	Mâme.
Mafurreira, s.	Inkúxo (mi).	Gú-u (mi).	Inxusso (mi).
Magro (ser), v.	Ku onza.	Gu onda.	Ku goma.
Mais, adv.	Kambe.	Gambe.	Kambe.
Mal, s.	Anze-uáxe.	Kanhe-uáde.	Kunfe-quade.
Mala, s.	Boquissa [13].	Gássa.	Boquisso.
Malagueta, s.	Soorre.	Guilongue.	Longue.
Mâma, s.	Véle [14] (ma).	Béle (ma).	Tsumba (ti).
Maneta, s.	Xiguire.	Guimbolo.	Kulemála.
Mangar, v.	Ku inzuvúka.	Gu gunhukúta.	Ku nivúka.
Manha, s.	Mixo.	Mindu jila.	Manguanane.
Mantimento, s.	Imbéu (ti).	Béu (ji).	Ubéu (ti).
Mau, adj.	Aiátze.	Kande uáde.	Já-álo.
Mão *ou* mãos, s.	Manja.	Manja.	Anza (ma).
Mar, s.	Ibsa.	Pâne.	Luanje.
Marca, s.	Xivanjo (si).	Guivango (si).	Xibango.

[1] Do portuguez.
[2] Em macua, *Ecuni.*
[3] Em macua, *Ocucha.*
[4] Do inglez, *Pound.*
[5] Do portuguez.
[6] Em macua, *N'line.*
[7] Do inglez, *Book.*
[8] Do portuguez.
[9] Do portuguez.
[10] Do portuguez.
[11] Do inglez, *Machine.*
[12] Em macua, *Mama.*
[13] Do inglez, *Box.*
[14] Em macua, *M'pele.*

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishopo
—	—	—	—
Marcha (fazer), v.	Ku enza.	Gu kuda.	Ku enda.
Maré, s.	Dúa (ma).	Lidúa (ma).	—
Maré cheia *ou* encher.	Ku tála.	Gu tála.	Matade.
Maré vazia *ou* vazar.	Mabsila.	Gu ugúa.	Mapuile.
Marfim, s.	Tino (ma).	Liqúa (ma).	Liquássa (ma).
Margem, s.	Birre na máte.	Nhabambe.	Ubambe.
Marido, s.	Núna.	Mâma.	Lóóde.
Marisco, s.	Ṭógôma.	Tógóma.	—
Martelo, s.	Áméla [1] (ti).	Martelo (ji).	Áméla.
Mastro (de embarcação), s.	—	Ninguate (mi).	—
Matar, v.	Ku dáia.	Gu songa.	Ku dáia.
Mato, s.	Quáte.	Kábe.	Sitinga.
Maxila, s.	Maxirre.	Maxirre.	Maxirra.
Medir, v.	Ku pima [2].	Gu pima.	Ku pima,
Medo, s.	Utóia.	Muanga.	Ḷizôa.
Meio, s.	Xikár.	Bakár.	Ágár.
Meio dia, s.	Ṃumo.	Ṃiane.	Ṃissane.
Mel, s.	Úlombe.	Úlombe.	Úlombe.
Melaço, s.	Trika.	Trika.	—
Menos, adv.	Xipumuane.	Guipimo.	Xipimuana.
Menstruação (ter), v.	Massimba anse.	Gu saméla.	Ku sáméla.
Mentir, v.	Ku bula mabuno.	Gu lipa.	Makú-ú.
Mesa, s.	Tafúla [3].	Tafúla.	Tafúla.
Mesmo, mesma, mesmos e mesmas, adj.	Issôna Guima-a.	Kaissai.	Dingana.
Mexilhão, s.	Kulibita (ti).	Kulibita.	—
Mexueira, s.	Maôba.	Mála.	Mainde.
Mexer, v.	Ku ákássa.	Gu parra-parra.	Ku guiguinissa.
Mil, num.	Mazana á makumi.	Mazana a makumi.	Mazana a makumi.
Milhafre, s.	Nhamatáte (ma).	Nhamatáte (ma).	Nhamatate (ma).
Milho, s.	Xifáque (si).	Ḡuibila (si).	Xifaka (ma).
Miolos, s.	Nongo (ma).	Úlúve.	Uluve.
Missanga, s.	Uxálo.	Ulungo.	Messequenha.
Mole (ser), v.	Ku lólo.	Gu gárra.	Ku karra.
Montanha, s.	Inzuga (mi).	Guigomo.	Jitunga (si).
Montar (a cavallo), v.	Ku quéla.	Gu queléla.	Ku xelela.
Morder, v.	Ku lúma [4]	Gu ója.	Ku luma.

Morrer, v.	Ku úfa.	Gu úfa.	Ku ufa.
Morte, s.	Xirrumbe (si).	Guirrumbe (si).	Xirrumbe (si).
Mosca, s.	Nongâne (ti).	Púga (ji).	Puka (ti).
Mosca (de cavallo marinho).	Báua (ma).	Libôa (ma).	Libau (ma).
Mosca tzé-tzé.	Bauana.	—	—
Mosquito, s.	Insuna (ti).	Xuma (ji).	Suna (ti).
Mosquito pequeno.	Indudo.	Ududo.	Ududo.
Mostrar, v.	Ku komba.	Gu áéja.	Ku komba.
Mouro, s.	Mónhé (ba).	Mónhé (ba).	Mabure-bure (ba).
Mugir, v.	Ku senga.	Gu senga.	Ku senga
Mula, s.	Bongólo.	Mula.	Lessela.
Muito, adv.	Maningue.	Singue.	Sinje.
Mulher, s.	Uássáte (baba).	Mangáje (ba).	Sikate (ba).
Multa (pagar).	Ku ria murta [5].	Gu liba murta.	Ku dia murta.

N

Nada, adv.	Ambun intxumo.	Inguilo.	Matxilo.
Nadar, v.	Ku kassela.	Gu maáka.	Ku sambela.
Não, adv.	A ang Nhaóé Quába.	Á Nhaóé Kanhite málo.	Ang Nhane Xuála Á
Nariz, s.	Nófo (ti).	Tonfo.	Tondo.
Nascer, v.	Ku tála.	Gu beleja.	Ku béléka.
Nascer (as plantas).	Ku mila [6].	Gu múga.	Ku mila.
Nascer (o sol).	Ku súka gambo.	Gu lidambo.	Ku úma damo.
Negar, v.	Ku ála.	Gu lomba.	Ku lamba.
Nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas.	Ambu mun-e.	Ni-moio.	Ni-úálo.
Neto, s.	Zúkúlo [7] (ba).	Túgúlo (ba).	Túkúlo (ba).
Nevoeiro, s.	Ungúva.	Ungúva.	Ungúva.
Ninho, s.	Xissáka (ji).	Guiága (si).	Jissáka.
Nodoa, s.	Nome.	Jila.	Zambua.
Noite, s.	Siko Ussiko.	Xigo Uxigo.	Siko Ussiko.

[1] Do inglez, *Hamer.*
[2] Em macua, *Opima.*
[3] Do inglez, *Table.*
[4] Em macua, *Oluma.*
[5] Do portuguez.
[6] Em macua, *Omela.*
[7] Em macua, *Ozulo.*

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Esquerda, adj.	Xibába.	Nhambade.	Libáka.
Estabelecimento, s.	Xitólo [1].	Xitólo.	Xitólo.
Estaca, s.	Minga (ti).	Guipingue (si).	Lipingue (ti).
Este, pron.	Loio.	Oiú.	Aú.
Esteril (a mulher), adj.	Ingon-a (ti).	Iumba-Sumba.	Jifula (si).
Estertor (ter), v.	Ku xála.	Gu sála.	Ku xála.
Esticar, v.	Ku kóka.	Gu dinda.	Ku dinda.
Estomago, s.	Likáre (ma).	Lidide (ma).	Likana.
Estrada, s.	Enjéla.	Rua [2].	Inzila.
Estragar, v.	Ku xakále.	Gu ágája.	Ku sákáte.
Estreito (ser), v.	Ku xonga.	Gu onga.	Ku songa.
Estrela, s.	Inhaleite (ti).	Tanda [3] (ji).	Inhaleite (ti).
Estupido, adj.	Xipumbo.	Guipumbo (si).	Libemba (ma).
Eu, pron.	Mina [4].	Êne.	Aú-é.
Europa, s.	Matiquene.	Litigo.	Litiko.
Europeu, s.	Mulungo (ba).	Xungo (ba).	Mulungo (ba).

F

Faca, s.	Mukuana (mi).	Gála (mi).	Kála (mi).
Face, s.	Lirrâma [5] (ma).	Liáia Jixaia.	Litama (ma).
Falar, v.	Ku bula-bula.	Gu reguera.	Ku omba.
Faltar, v.	Ku kámeka.	Gu kamega.	Ku tandeka.
Familia, s.	Xáka (ma).	Nongo Balongo.	Lixáka (ma).
Fardo, s.	Inzolo (mi).	Tólo (mi).	Tólo (mi).
Farelo, s.	Múungo.	Murro.	Mutungo.
Farinha, s.	Mapa.	Ugube.	Ússua.
Farinha de milho.	Mapa xifáka.	Ugube sibila.	Ússua lifáka
Farinha de mexueira.	Mapa maôba.	Ugube mála.	Ússua mainde.
Farinha de mandioca.	Mapa rále.	Farinha.	Ússua rála.
Faúlha, s.	Lixáxa (ti).	Xáé (ji).	Ixáxa (ti).
Favo de mel, s.	Xiáxa o ulombe.	Káte ó úlombe.	Liéssa.
Fazer, v.	Ku tira [6].	Gu guira.	Ku tuma.
Febre, s.	Ku bágua [7].	Gu duála.	Ku panda.
Fechar, v.	Ku vála.	Gu séga.	Ku séka.
Fechadura, s. [8]	—	Fechadura.	—

Feijão, s.	Inháua (ti).	Nhemba (ji).	Nhemba (ji).
Feijão encarnado.	Inháua ussuka.	Nhemba fuvila.	Nhemba bile-bile.
Feijão verde.	Inháua tixumba.	Nhemba guixumbe.	Nhemba sumba.
Feijão branco.	Inháua xengane.	Nhemba jiquene.	Nhemba nhassenje.
Feijão branco pequeno.	Inháua inhanane.	Nhemba nhambane.	Nhemba xinhuane.
Feijão amarelo.	Inháua tikôxane.	Nhemba Xikôssane.	Nhemba tikongo.
Feio (ser), v.	Ku bia.	Gu biba.	Ku bia.
Feiticeiro, s.	Úvi.	Dói.	Lói.
Femea, s.	Uássate mpsele.	Mangáje.	Embéléka.
Fermentar, v.	Ku xonguquila.	Gu luguila.	Ku sanguila.
Ferida, s.	Xilonda (gi).	Guilonda (si).	Xilonda (si).
Ferrão (dos insectos), s.	Muzuana.	Loá.	Imboko ou lituna.
Ferro, s.	Simbe.	Simbi.	Simbe.
Ferver, v.	Ku vila.	Gu ila.	Ku ála.
Ficar, v.	Ku tsâma.	Gu kála.	Ku kála.
Figado, s.	Xibinze.	Libinde.	Xibinde.
Filha, s.	Nanhâna (ma).	Guiana (ma).	Jarrama (si).
Filho, s.	Mufanhâna.	Xikotana.	Missotana.
Flor, s.	Arráre (ma).	Guengue sengue.	Uluva (bu).
Floresta, s.	Quáte.	Likábe.	Xitinga.
Folha (de arvore), s.	Xuka (ma).	Liágana (ma).	Lissikarro (ma).
Folha (fazenda).	Folha [9].	Folha.	Kadunja.
Fome, s.	Injála.	Injála.	Inzála.
Fonte, s.	Govéne.	Sáva.	Govane.
Fóra, adv.	Anje.	Babanje.	A-anze.
Força, s.	Tamo.	Xiba.	Inhala.
Formiga, s.	Sakute ussakute.	Linguje uguje.	Ussukute.
Formiga branca.	Múxua.	Mu-ua.	Mussua.
Forte (ser), v.	Ku tiéla.	Gu tia.	Ku tia.

[1] Do inglez, *Store*.
[2] Do portuguez.
[3] Em macua, *Tondua*.
[4] Em macua, *Minho* e *mi*. Em suahili, *Mimi*.
[5] Em macua, *M'rama*.
[6] Em macua, *Uira*.
[7] Os indigenas não teem nome especial para designar a febre; dizem estar doente.
[8] Os indigenas não teem nome proprio para designar fechadura. Só os Batongas usam no litoral umas fechaduras de madeira, nas portas, de engenhosa confecção. O uso d'estas fechaduras foi introduzido pelos asiaticos.
[9] Do portuguez. Panos de algodão, grandes, com barra.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Fosforo, s.	Fára-fára [1] (si).	Jiuárra (si).	Miquisso [2].
Fraco (ser), v.	Kuxonga nila.	Gu onda.	Ualo nhala ou kuonda.
Fruto, s.	Nanzo (mi).	Muando (mi).	Nuxelo (mi).
Frutos indigenas *(variedades)*:			
	Bimbe.	Bimbe.	Uimbe.
	Inxála.	Marramba.	Ramba.
	Maquáqua.	Guágua.	Liquáqua.
	Dókómela.	Dókómela.	Dókómela.
	Ungo.	Ungo.	Libungo.
	Manjanjáua.	Manjanjáua.	Lissanzáu.
	Makanhe.	Manaúla.	Massula.
	Tikunguunha.	Xikungúunha.	Tikungulute.
	Titóle-tóle.	Jitóle-tóle.	Tóle.
	Pópo.	Ligóle.	Likóle.
	Tinhéve.	Jinhéve.	Tinhéve.
	Tixinzo.	Jikindo.	Tijindo.
	Utile.	Majije.	Metite.
	Tikurre.	Jikurre.	Likurre.
	Tipópo.	Jipópo.	Tipápa.
	Tikódôdo.	Jikódôdo.	Kódôdo.
	Mavilo.	Mazilo.	Mazilo.
	Tiquá-quáti.	Nhanguarramule.	Liquá-quáti.
	Zungumunho.	Jixalapande.	—
	Tinko.	Magoio.	Miko.
	Quinha.	Guinha.	Quinha.
	Tinembe-nembe.	Jinembe-nembe.	Tinembe-nembe.
Fugir, v.	Ku xáva [3].	Gu táva.	Ku táva.
Fumar, v.	Ku zá.	Gu dá.	Ku dá.
Fumo, s.	Musse [4].	Uxe.	Usse.
Fundo, s.	Nonga.	Nondua.	Longa.
Furar, v.	Ku bóxa.	Gu póla.	Ku dôla.

G

Gafanhoto (encarnado), s.	Ombe (ti).	Imbásse (ji).	Umbe (ti).
Gafanhoto (saltão), s.	Banzála.	Kába (mi).	Párra-várra (mi).

Gaiola, s.	Xikaêlo [5] (si).	Jikaela (si).	Jikaêlo (si).
Gallinha, s.	Úko (ti).	Kúgo (ji).	Kúko (ti).
Gallo, s.	Kúko (mi).	Kongue (mi).	Kúko (ti).
Gambôa, s.	—	Gamboa.	—
Ganhar, v.	Ku óla.	Gu ola.	Ku óla.
Garfo, s.	Fólóko [6].	Gafir [7].	Fólóko.
Garganta, s.	Kólo.	Ingúlo.	Inkólo.
Garrafa, s.	Bôtôr [8] (ma).	Libotêr (ma).	Botôrre (ma).
Garrafão, s.	Garrafão [9].	Garrafão.	Garrafão.
Gato, s.	Ximanga (si).	Jionga (si).	Xionga (si).
Gemer, v.	Ku ouêta.	Gu diléla.	Ku dila.
Gema (de ovo), s.	Inxúve.	Funa.	Ufuna.
Gente, s.	Vanu.	Vátu.	Vátu.
Girafa, s.	Oxo (ti).	—	Oxo (ti).
Goiaba, s.	Impêra (ma).	Pêra (ma).	—
Goiabeira, s.	Impêra (ma).	Pêra (ma).	—
Gordo (ser), v.	Ku luka.	Gu gula.	Ku luka.
Gordura (ter), v.	Ku nôna.	Gu nona.	Ku nona.
Gostar, v.	Ku návéla.	Gu dógóléla.	Ku dógóléla.
Governador, s.	Mâmangulo.	Mâmangulo [10].	Mâmangulo.
Grande, adj.	A-ombe.	Kongólo.	Bá-ombe.
Gravidez, s.	Nhimba.	Mimba.	Mimba.
Gritar, v.	Ku bitana.	Gu guá.	Ku likuá.
Grosso (ser), v.	Ku kula.	Gu gula.	Ku kula.
Guardar, v.	Ku béka.	Gu béka.	Ku péka.
Guarda-sol, s.	Xambulela [11].	Sombrero [12].	Jambuléla.
Guerra, s.	Nhimbe.	Litunga.	Lidunga.
Guizo, s.	Quilôko (ma).	Xinguenje (ji).	Ziquele-quete (si).

[1] Do portuguez.
[2] Do inglez, *Matches*.
[3] Em macua, *Otxiana*.
[4] Em macua, *Muiche*. Em suahili, *Mochi*.
[5] Do portuguez, *Gaiola*.
[6] Do inglez, *Fork*.
[7] Do portuguez.
[8] Do inglez, *Bottle*.
[9] Do portuguez.
[10] Palavra Guitonga composta de *mâma* (homem) e da corrupção de *kongolo* (grande).
[11] Do portuguez.
[12] Do portuguez.

H

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Herva, s.	Iguanhe.	Másse.	Másse.
Herva comestivel [1].	Inkáka.	Inganga.	Imbába.
Herva comestivel	Imbôa.	Imbôa.	Imbôa.
Herança, s.	Tsomba (ti).	Tomba (ji)	Tomba (di).
Halito, s.	Bufeta.	Furrura.	Futêta.
Hippopotamo, s.	Invou (ti).	Bamba (ji).	Invú-u (ti).
Hoje, adv.	Inamuxa.	Múuno.	Múuno.
Hombro, s.	Likáxa (ma).	Likáta [2] Magata.	Likata (ma).
Homem, s.	Uánuna (ba).	Mâma (ba).	Ómuana [3] (ba).
Hontem, adv.	Tólo.	Bánóva.	Inhanóva.
Hora, s.	Xikáte.	Óra [4].	Xikáte.
Horta, s.	Massime.	Tembuene.	Tembuene.
Hospede, s.	Infumba (ba).	Fumba (ba).	Lifumba (ba).
Hospital, s.	Hospital [5].	Hospital.	—
Humus, s.	Inzópe.	Márrága.	Dôpe.
Hydrocele, s.	Quêma.	Jibubo.	Txende.

I

Ilha, s.	Xidúa (ji).	Guidúa (ji).	Xitondólo.
Imposto (de palhota) s.	Kupo.	Kupo.	Ressa ou kupo.
Imposto (do regulo).	Xikába.	—	Jikába.
Imposto (por morte do regulo).	Maxávo.	—	Xitóo.
Inchar, v.	Ku vimba.	Gu simba.	Ku simba.
Insultar, v.	Ku rogatéla.	Gu ádua.	Ku rogatéla.
Intestino, s.	Lirrumbo (ma).	Guirrumbo (si).	Rumbo (mi).
Intriga, s.	Xápe.	Duája.	Sôfo.
Inverno, s.	Uxiga.	Maxiga.	Uxika.
Ir, v.	Ku famba.	Gu angóla.	Ku ximbila.
Irmão, s.	Maqueiro (ba).	Diango (ba).	Diango (di).
Irmã, s.	Maqueiro (ba).	Aane (ba).	Diango (di).
Isca, s.	Xuqúa.	Nhambua.	Manhambua.

Já, adv.	Sitile.	Judé.	Súla.
Janela.	Fastéla.	Janela [6].	Fastéla.
Janota, s.	Burre (ti).	Tija (ma).	Sambe (ma).
Jantar, s.	Kuga.	Oja.	Kuia.
Javali, s.	Ingúlube (ti).	Kumba kábene.	Kumba quáte.
Joelho, s.	Inzólo (ma).	Kugumuje (ji).	Lidundo.
Jogar, v.	Ku xúva.	Gu xúa.	Ku súva.
Junco, s.	Lissúlo (ji).	Imbusse (ji).	Lióssulo (ti).
Juntar, v.	Ku bequetéla.	Gu bequejela.	Ku buquetela.
Junto (estar), v.	Ku exana.	Gu ningana.	Ku dingana.

L

Lá, adv.	Issêno.	Íno.	Usseno.
Lã, s.	Xissuisso.	Guissusso.	Livi.
Labio, s.	Nômo milômo.	Uinde (ma).	Guissôfo (ji).
Laço ou nó.	Funzo.	Guifundo.	Xifundo.
Lado, s.	Exélo.	Libanda [7].	Lissélo.
Lado (outro).	Xátuko.	Xátugo.	Xátuka.
Ladrar, v.	Ku ukula [8].	Gu ugúgula.	Ku úúla.
Ladrão, s.	Kamba (ma).	Báfa (ji).	Imbáfa.
Lagarto, s.	Quáxa quáte.	Quáxa kábene.	Quáxa quáte.
Lagarto amphybio.	Quáxa máte.	Quáxa mátine.	Quáxa matine.
Lagartixa, s.	Oamarrela (ma).	Nhambarrára.	Xibarrára (si).
Lagôa, s.	Inkóba (mi).	Lixibia ou liparre.	Liziba.
Lagrima, s.	Inxute (mi).	Litongo marrongo.	Murrongo (mi).
Lançar, v.	Ku xukumeta.	Gu rinha.	Ku rinza.
Lapis, s.	Penisseli [9].	Lápi [10].	Penisseli.

[1] Além das mencionadas, servem-se ainda, para o mesmo fim, das folhas de mandioca, feijão, batata doce e abobora.
[2] Em macua, *Nikata*.
[3] Em macua, *M'bopuana*.
[4] Do portuguez.
[5] Do portuguez.
[6] Do portuguez.
[7] Em macua, *Ébanda*.
[8] Em macua, *Ócua*.
[9] Do inglez, *Pencil*.
[10] Do portuguez.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishopé
Laranja, s.	Dalanja (ma).	Dalanja (ma).	Lídimua (ma).
Laranjeira, s.	Dalanja (ma).	Dalanja (ma).	Lidimua (ma).
Lareira, s.	Likumbarre.	Guiko.	Axiko.
Largar, v.	Ku sika.	Gu diga.	Ku léka.
Largo (ser), v.	Ku kúla.	Gu gúla.	Ku kúla.
Lata (de conserva), s.	Xikotéla (ji).	Guikotéla (si).	Xikotéla (si).
Lata (de petroleo vasia), s.	Gógogo (ma).	Gógogo (ma).	Lifássa (ma).
Latex, s.	Máfe.	Maúé.	Uxáda.
Lavar, v.	Ku xamba.	Gu amba.	Ku samba.
Leão, s.	Ingónhâmo (ti).	Gála (ji).	Ingónhâmo (ti).
Lebre, s.	Invunja (mi).	Guiulo (si).	Invunza (si).
Leitão, s.	Xihumbana (si).	Kumbana (ji).	Xikumbana (si).
Leite, s.	Libisse.	Maúé	Másse.
Leme, s.	—	Leme [1].	—
Lenha, s.	Liúnhe (ti).	Ligune (ji).	Likune [2] (ti).
Leopardo, s.	Ingua (ti).	Kamba (ma).	Inqué (ti).
Lepra, s.	Inkáta á Tilo.	Gumbejanjine.	Xexapásse.
Levantar, v.	Ku tákussa.	Gu ussa [3].	Ku gúla.
Levar, v.	Ku téka.	Gu jéga.	Ku téka.
Leve (ser), v.	Ku vévuka.	Gu vévuga.	Ku eúka.
Libra, s.	Impondo [4] (ti).	Pondo (ji).	Ipondo (ti).
Licença, s.	Licença [5].	Licença.	Licença.
Limão, s.	Xidiuane.	Lidima (ma).	Xidiuane (si).
Limoeiro, s.	Xidiuane.	Lidima (ma).	Xidiuane (si).
Limite, s.	Bengano (mi).	Bengano (mi).	Bengano (ma).
Limpar, v.	Ku xangúla.	Gu bábúla.	Ku baúla.
Lingua, s.	Dirrime (ti).	Lidime [6] (malime).	Lidime (ti).
Livro, s.	Buko [7] (ma).	Buko (ma).	Puko (ma).
Lodo *ou* lama, s.	Inzôpe.	Marrága.	Indôpe.
Logar, s.	Utxamo (ma).	Ulanga (ma).	Ukálo (ma).
Logo, adv.	Quátze.	Guáde.	Quádi.
Lona, s.	—	Lôna [8].	—
Longe, adv.	Kule.	Uinju.	Gulé.
Longo (ser), v.	Ku léa.	Gu lápa.	Ku lápa.
Lua, s.	Ueite (mi).	Guima (mi).	Jima (mi).
Lume, s.	Inzilo.	Nilo.	Dilo.
Lunata, s.	Inkóla [9] *ou* fastéla.	Iokóla *ou* fastéla.	Iokóla *ou* fastela.

M

Macaco, s.	Jáu (ti).	Jógó (ji).	Káu (ti).
Macaco cynocephalo, s.	Feni.	Feni.	Feni.
Machado (grande), s.	Xápo [10] (ma).	Lixádo (ma).	Lipéula (ma).
Machado (pequeno), s.	Peúla.	Lixádo (ma).	Lipéula (ma).
Machina, s.	Muxine [11].	Muxine.	Muxine.
Macho, s.	Uánúna.	Mâma.	Muana.
Madrugada, s.	Mixo á ombe.	Jimindo jila.	Manguanane.
Madeira (apparelhar), v.	Ku báxua.	Gu bátua.	Ku páduka.
Maduro (ser), v.	Ku bufa.	Gu bijia,	Ku bitua.
Mãe, s.	Mamâna [12].	Mâi.	Mâme.
Mafurreira, s.	Inkúxo (mi).	Gú-u (mi).	Inxusso (mi).
Magro (ser), v.	Ku onza.	Gu onda.	Ku goma.
Mais, adv.	Kambe.	Gambe.	Kambe.
Mal, s.	Anze-uáxe.	Kanhe-uáde.	Kunfe-quade.
Mala, s.	Boquissa [13].	Gássa.	Boquisso.
Malagueta, s.	Soorre.	Guilongue.	Longue.
Mâma, s.	Véle [14] (ma).	Béle (ma).	Tsumba (ti).
Maneta, s.	Xiguire.	Guimbolo.	Kulemála.
Mangar, v.	Ku inzuvúka.	Gu gunhukúta.	Ku nivúka.
Manha, s.	Mixo.	Mindu jila.	Manguanane.
Mantimento, s.	Imbéu (ti).	Béu (ji).	Ubéu (ti).
Mau, adj.	Aiátze.	Kande uáde.	Já-álo.
Mão *ou* mãos, s.	Manja.	Manja.	Anza (ma).
Mar, s.	Ibsa.	Pâne.	Luanje.
Marca, s.	Xivanjo (si).	Guivango (si).	Xibango.

[1] Do portuguez.
[2] Em macua, *Ecuni.*
[3] Em macua, *Ocucha.*
[4] Do inglez, *Pound.*
[5] Do portuguez.
[6] Em macua, *N'line.*
[7] Do inglez, *Book.*
[8] Do portuguez.
[9] Do portuguez.
[10] Do portuguez.
[11] Do inglez, *Machine.*
[12] Em macua, *Mama.*
[13] Do inglez, *Box.*
[14] Em macua, *M'pele.*

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishopo
Marcha (fazer), v.	Ku enza.	Gu kuda.	Ku enda.
Maré, s.	Dúa (ma).	Lidúa (ma).	—
Maré cheia *ou* encher.	Ku tála.	Gu tála.	Matade.
Maré vazia *ou* vazar.	Mabsila.	Gu ugúa.	Mapuile.
Marfim, s.	Tino (ma).	Liqúa (ma).	Liquássa (ma).
Margem, s.	Birre na máte.	Nhabambe.	Ubambe.
Marido, s.	Núna.	Mâma.	Lóóde.
Marisco, s.	Tógôma.	Tógóma.	—
Martelo, s.	Améla [1] (ti).	Martelo (ji).	Améla.
Mastro (de embarcação), s.	—	Ninguate (mi).	—
Matar, v.	Ku dáia.	Gu songa.	Ku dáia.
Mato, s.	Quáte.	Kábe.	Sitinga.
Maxila, s.	Maxirre.	Maxirre.	Maxirra.
Medir, v.	Ku pima [2].	Gu pima.	Ku pima,
Medo, s.	Utóia.	Muanga.	Lizôa.
Meio, s.	Xikár.	Bakár.	Ágár.
Meio dia, s.	Mumo.	Miane.	Missane.
Mel, s.	Úlombe.	Úlombe.	Úlombe.
Melaço, s.	Trika.	Trika.	—
Menos, adv.	Xipumuane.	Guipimo.	Xipimuana.
Menstruação (ter), v.	Massimba anse.	Gu saméla.	Ku sáméla.
Mentir, v.	Ku bula mabuno.	Gu lipa.	Makú-ú.
Mesa, s.	Tafúla [3].	Tafúla.	Tafúla.
Mesmo, mesma, mesmos e mesmas, adj.	Issôna Guima-a.	Kaissai.	Dingana.
Mexilhão, s.	Kulibita (ti).	Kulibita.	—
Mexueira, s.	Maôba.	Mála.	Mainde.
Mexer, v.	Ku ákássa.	Gu parra-parra.	Ku guiguinissa.
Mil, num.	Mazana á makumi.	Mazana a makumi.	Mazana a makumi.
Milhafre, s.	Nhamatáte (ma).	Nhamatáte (ma).	Nhamatate (ma).
Milho, s.	Xifáque (si).	Guibila (si).	Xifaka (ma).
Miolos, s.	Nongo (ma).	Úlúve.	Uluve.
Missanga, s.	Uxálo.	Ulungo.	Messequenha.
Mole (ser), v.	Ku lólo.	Gu gárra.	Ku karra.
Montanha, s.	Inzuga (mi).	Guigomo.	Jitunga (si).
Montar (a cavallo), v.	Ku quéla.	Gu queléla.	Ku xelela.
Morder, v.	Ku lúma [4]	Gu ója.	Ku luma.

Morrer, v.	Ku úfa.	Gu úfa.	Ku ufa.
Morte, s.	Xirrumbe (si).	Guirrumbe (si).	Xirrumbe (si).
Mosca, s.	Nongâne (ti).	Púga (ji).	Puka (ti).
Mosca (de cavallo marinho).	Báua (ma).	Libôa (ma).	Libau (ma).
Mosca tzé-tzé.	Bauana.	—	—
Mosquito, s.	Insuna (ti).	Xuma (ji).	Suna (ti).
Mosquito pequeno.	Indudo.	Ududo.	Ududo.
Mostrar, v.	Ku komba.	Gu áéja.	Ku komba.
Mouro, s.	Mónhé (ba).	Mónhé (ba).	Mabure-bure (ba).
Mugir, v.	Ku senga.	Gu senga.	Ku senga
Mula, s.	Bongólo.	Mula.	Lessela.
Muito, adv.	Maningue.	Singue.	Sinje.
Mulher, s.	Uássáte (baba).	Mangáje (ba).	Sikate (ba).
Multa (pagar).	Ku ria murta [5].	Gu liba murta.	Ku dia murta.

N

Nada, adv.	Ambun intxumo.	Inguilo.	Matxilo.
Nadar, v.	Ku kassela.	Gu maáka.	Ku sambela.
Não, adv.	A ang Nhaóé Quába.	Á Nhaóé Kanhite málo.	Ang Nhane Xuála Á
Nariz, s.	Nófo (ti).	Tonfo.	Tondo.
Nascer, v.	Ku tála.	Gu beleja.	Ku béléka.
Nascer (as plantas).	Ku mila [6].	Gu múga.	Ku mila.
Nascer (o sol).	Ku súka gambo.	Gu lidambo.	Ku úma damo.
Negar, v.	Ku ála.	Gu lomba.	Ku lamba.
Nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas.	Ambu mun-e.	Ni-moio.	Ni-úálo.
Neto, s.	Zúkúlo [7] (ba).	Túgúlo (ba).	Túkúlo (ba).
Nevoeiro, s.	Ungúva.	Ungúva.	Ungúva.
Ninho, s.	Xissáka (ji).	Guiága (si).	Jissáka.
Nodoa, s.	Nome.	Jila.	Zambua.
Noite, s.	Siko Ussiko.	Xigo Uxigo.	Siko Ussiko.

[1] Do inglez, *Hamer.*
[2] Em macua, *Opima.*
[3] Do inglez, *Table.*
[4] Em macua, *Oluma.*
[5] Do portuguez.
[6] Em macua, *Omela.*
[7] Em macua, *Ozulo.*

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Esquerda, adj.	Xibába.	Nhambade.	Libáka.
Estabelecimento, s.	Xitólo [1].	Xitólo.	Xitólo.
Estaca, s.	Minga (ti).	Guipingue (si).	Lipingue (ti).
Este, pron.	Loio.	Oiú.	Aú.
Esteril (a mulher), adj.	Ingon-a (ti).	Iumba-Sumba.	Jifula (si).
Estertor (ter), v.	Ku xála.	Gu sála.	Ku xála.
Esticar, v.	Ku kóka.	Gu dinda.	Ku dinda.
Estomago, s.	Likáre (ma).	Lidide (ma).	Likana.
Estrada, s.	Enjéla.	Rua [2].	Inzila.
Estragar, v.	Ku xakále.	Gu ágája.	Ku sákáte.
Estreito (ser), v.	Ku xonga.	Gu onga.	Ku songa.
Estrela, s.	Inhaleite (ti).	Tanda [3] (ji).	Inhaleite (ti).
Estupido, adj.	Xipumbo.	Guipumbo (si).	Libemba (ma).
Eu, pron.	Mina [4].	Êne.	Aú-é.
Europa, s.	Matiquene.	Litigo.	Litiko.
Europeu, s.	Mulungo (ba).	Xungo (ba).	Mulungo (ba).

F

Faca, s.	Mukuana (mi).	Gála (mi).	Kála (mi).
Face, s.	Lirrâma [5] (ma).	Liáia Jixaia.	Litama (ma).
Falar, v.	Ku bula-bula.	Gu reguera.	Ku omba.
Faltar, v.	Ku kámeka.	Gu kamega.	Ku tandeka.
Familia, s.	Xáka (ma).	Nongo Balongo.	Lixáka (ma).
Fardo, s.	Inzolo (mi).	Tólo (mi).	Tólo (mi).
Farelo, s.	Múungo.	Murro.	Mutungo.
Farinha, s.	Mapa.	Ugube.	Ussua.
Farinha de milho.	Mapa xifáka.	Ugube sibila.	Ussua lifáka
Farinha de mexueira.	Mapa maôba.	Ugube mála.	Ussua mainde.
Farinha de mandioca.	Mapa rále.	Farinha.	Ussua rála.
Faúlha, s.	Lixáxa (ti).	Xáé (ji).	Ixáxa (ti).
Favo de mel, s.	Xiáxa o ulombe.	Káte ó úlombe.	Liéssa.
Fazer, v.	Ku tira [6].	Gu guira.	Ku tuma.
Febre, s.	Ku bágua [7].	Gu duála.	Ku panda.
Fechar, v.	Ku vála.	Gu séga.	Ku séka.
Fechadura, s. [8]	—	Fechadura.	—

Feijão, s.	Inháua (ti).	Nhemba (ji).	Nhemba (ji).
Feijão encarnado.	Inháua ussuka.	Nhemba fuvila.	Nhemba bile-bile.
Feijão verde.	Inháua tixumba.	Nhemba guixumbe.	Nhemba sumba.
Feijão branco.	Inháua xengane.	Nhemba jiquene.	Nhemba nhassenje.
Feijão branco pequeno.	Inháua inhanane.	Nhemba nhambane.	Nhemba xinhuane.
Feijão amarelo.	Inháua tikôxane.	Nhemba Xikôssane.	Nhemba tikongo.
Feio (ser), v.	Ku bia.	Gu biba.	Ku bia.
Feiticeiro, s.	Úvi.	Dói.	Lói.
Femea, s.	Uássate mpsele.	Mangáje.	Embéléka.
Fermentar, v.	Ku xonguquila.	Gu luguila.	Ku sanguila.
Ferida, s.	Xilonda (gi).	Guilonda (si).	Xilonda (si).
Ferrão (dos insectos), s.	Muzuana.	Loá.	Imboko ou lituna.
Ferro, s.	Simbe.	Simbi.	Simbe.
Ferver, v.	Ku vila.	Gu ila.	Ku ála.
Ficar, v.	Ku tsâma.	Gu kála.	Ku kála.
Figado, s.	Xibinze.	Libinde.	Xibinde.
Filha, s.	Nanhâna (ma).	Guiana (ma).	Jarrama (si).
Filho, s.	Mufanhâna.	Xikotana.	Missotana.
Flor, s.	Arráre (ma).	Guengue sengue.	Úluva (bu).
Floresta, s.	Quáte.	Likábe.	Xitinga.
Folha (de arvore), s.	Xuka (ma).	Liágana (ma).	Lissikarro (ma).
Folha (fazenda).	Folha [9].	Folha.	Kadunja.
Fome, s.	Injála.	Injála.	Inzála.
Fonte, s.	Govéne.	Sáva.	Govane.
Fóra, adv.	Anje.	Babanje.	A-anze.
Força, s.	Tamo.	Xiba.	Inhala.
Formiga, s.	Sakute ussakute.	Linguje uguje.	Ussukute.
Formiga branca.	Múxua.	Mu-ua.	Mussua.
Forte (ser), v.	Ku tiéla.	Gu tia.	Ku tia.

[1] Do inglez, *Store*.
[2] Do portuguez.
[3] Em macua, *Tondua*.
[4] Em macua, *Minho* e *mi*. Em suahili, *Mimi*.
[5] Em macua, *M'rama*.
[6] Em macua, *Uira*.
[7] Os indigenas não teem nome especial para designar a febre; dizem estar doente.
[8] Os indigenas não teem nome proprio para designar fechadura. Só os Batongas usam no litoral umas fechaduras de madeira, nas portas, de engenhosa confecção. O uso d'estas fechaduras foi introduzido pelos asiaticos.
[9] Do portuguez. Panos de algodão, grandes, com barra.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Fosforo, s.	Fára-fára [1] (si).	Jiuárra (si).	Miquisso [2].
Fraco (ser), v.	Kuxonga nila.	Gu onda.	Ualo nhala ou kuonda.
Fruto, s.	Nanzo (mi).	Muando (mi).	Nuxelo (mi).
Frutos indigenas *(variedades)*:			
	Bimbe.	Bimbe.	Uimbe.
	Inxála.	Marramba.	Ramba.
	Maquáqua.	Guágua.	Liquáqua.
	Dókómela.	Dókómela.	Dókómela.
	Ungo.	Ungo.	Libungo.
	Manjanjáua.	Manjanjáua.	Lissanzáu.
	Makanhe.	Manaúla.	Massula.
	Tikunguunha.	Xikungúunha.	Tikungulute.
	Titóle-tóle.	Jitóle-tóle.	Tóle.
	Pópo.	Ligóle.	Likóle.
	Tinhéve.	Jinhéve.	Tinhéve.
	Tixinzo.	Jikindo.	Tijindo.
	Utile.	Majije.	Metite.
	Tikurre.	Jikurre.	Likurre.
	Tipópo.	Jipópo.	Tipápa.
	Tikódôdo.	Jikódôdo.	Kódôdo.
	Mavilo.	Mazilo.	Mazilo.
	Tiquá-quáti.	Nhanguarramule.	Liquá-quáti.
	Zungumunho.	Jixalapande.	—
	Tinko.	Magoio.	Miko.
	Quinha.	Guinha.	Quinha.
	Tinembe-nembe.	Jinembe-nembe.	Tinembe-nembe.
Fugir, v.	Ku xáva [3].	Gu táva.	Ku táva.
Fumar, v.	Ku zá.	Gu dá.	Ku dá.
Fumo, s.	Musse [4].	Uxe.	Usse.
Fundo, s.	Nonga.	Nondua.	Longa.
Furar, v.	Ku bóxa.	Gu póla.	Ku dôla.

G

Gafanhoto (encarnado), s.	Ombe (ti).	Imbásse (ji).	Umbe (ti).
Gafanhoto (saltão), s.	Banzála.	Kába (mi).	Párra-várra (mi).

Gaiola, s.	Xikaélo [5] (si).	Jikaéla (si).	Jikaline (si).
Gallinha, s.	Úko (ti).	Kúgo (ji).	Kúko (ti).
Gallo, s.	Kúko (mi).	Kongue (mi).	Kúko (ti).
Gambôa, s.	—	Gamboa.	—
Ganhar, v.	Ku óla.	Gu ola.	Ku óla.
Garfo, s.	Fólóko [6].	Gafir [7].	Fólóko.
Garganta, s.	Kólo.	Ingúlo.	Inkólo.
Garrafa, s.	Bôtôr [8] (ma).	Libotêr (ma).	Botôrre (ma).
Garrafão, s.	Garrafão [9].	Garrafão.	Garrafão.
Gato, s.	Ximanga (si).	Jionga (si).	Xionga (si).
Gemer, v.	Ku quêta.	Gu diléla.	Ku dila.
Gema (de ovo), s.	Inxúve.	Funa.	Ufuna.
Gente, s.	Vanu.	Vátu.	Vátu.
Girafa, s.	Oxo (ti).	—	Oxo (ti).
Goiaba, s.	Impêra (ma).	Pêra (ma).	—
Goiabeira, s.	Impêra (ma).	Pêra (ma).	—
Gordo (ser), v.	Ku luka.	Gu gula.	Ku luka.
Gordura (ter), v.	Ku nôna.	Gu nona.	Ku nona.
Gostar, v.	Ku návéla.	Gu dógóléla.	Ku dógóléla.
Governador, s.	Mâmangulo.	Mâmangulo [10].	Mâmangulo.
Grande, adj.	A-ombe.	Kongólo.	Bá-ombe.
Gravidez, s.	Nhimba.	Mimba.	Mimba.
Gritar, v.	Ku bitana.	Gu guá.	Ku likuá.
Grosso (ser), v.	Ku kula.	Gu gula.	Ku kula.
Guardar, v.	Ku béka.	Gu béka.	Ku péka.
Guarda-sol, s.	Xambulela [11].	Sombrero [12].	Jambuléla.
Guerra, s.	Nhimbe.	Litunga.	Lidunga.
Guizo, s.	Quilôko (ma).	Xinguenje (ji).	Ziquele-quete (si).

[1] Do portuguez.
[2] Do inglez, *Matches*.
[3] Em macua, *Otxiana*.
[4] Em macua, *Muiche*. Em suahili, *Mochi*.
[5] Do portuguez, *Gaiola*.
[6] Do inglez, *Fork*.
[7] Do portuguez.
[8] Do inglez, *Bottle*.
[9] Do portuguez.
[10] Palavra Guitonga composta de *mâma* (homem) e da corrupção de *kongolo* (grande).
[11] Do portuguez.
[12] Do portuguez.

H

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
—	—	—	—
Herva, s.	Iguanhe.	Másse.	Másse.
Herva comestivel [1].	Inkáka.	Inganga.	Imbába.
Herva comestivel	Imbôa.	Imbôa.	Imbôa.
Herança, s.	Tsomba (ti).	Tomba (ji)	Tomba (di).
Halito, s.	Bufeta.	Furrura.	Futêta.
Hippopotamo, s.	Invou (ti).	Bamba (ji).	Invú-u (ti).
Hoje, adv.	Inamuxa.	Múuno.	Múuno.
Hombro, s.	Likáxa (ma).	Likáta [2] Magata.	Likata (ma).
Homem, s.	Uánuna (ba).	Mâma (ba).	Ómuana [3] (ba).
Hontem, adv.	Tólo.	Bánóva.	Inhanóva.
Hora, s.	Xikáte.	Óra [4].	Xikáte.
Horta, s.	Massime.	Tembuene.	Tembuene.
Hospede, s.	Infumba (ba).	Fumba (ba).	Lifumba (ba).
Hospital, s.	Hospital [5].	Hospital.	—
Humus, s.	Inzôpe.	Márrága.	Dôpe.
Hydrocele, s.	Quêma.	Jibubo.	Txende.

I

Ilha, s.	Xidúa (ji).	Guidúa (ji).	Xitondólo.
Imposto (de palhota) s.	Kupo.	Kupo.	Ressa ou kupo.
Imposto (do regulo).	Xikába.	—	Jikába.
Imposto (por morte do regulo).	Maxávo.	—	Xitóo.
Inchar, v.	Ku vimba.	Gu simba.	Ku simba.
Insultar, v.	Ku rogatéla.	Gu ádua.	Ku rogatéla.
Intestino, s.	Lirrumbo (ma).	Guirrumbo (si).	Rumbo (mi).
Intriga, s.	Xápe.	Duája.	Sôfo.
Inverno, s.	Uxiga.	Maxiga.	Uxika.
Ir, v.	Ku famba.	Gu angóla.	Ku ximbila.
Irmão, s.	Maqueiro (ba).	Diango (ba).	Diango (di).
Irmã, s.	Maqueiro (ba).	Aane (ba).	Diango (di).
Isca, s.	Xuqúa.	Nhambua.	Manhambua.

Já, adv.	Sitile.	Judé.	Súla.
Janela.	Fastéla.	Janela [6].	Fastéla.
Janota, s.	Burre (ti).	Tija (ma).	Sambe (ma).
Jantar, s.	Kuga.	Oja.	Kuia.
Javali, s.	Ingúlube (ti).	Kumba kábene.	Kumba quáte.
Joelho, s.	Inzólo (ma).	Kugumuje (ji).	Lidundo.
Jogar, v.	Ku xúva.	Gu xúa.	Ku súva.
Junco, s.	Lissúlo (ji).	Imbusse (ji).	Lióssulo (ti).
Juntar, v.	Ku bequetéla.	Gu bequejela.	Ku buquetela.
Junto (estar), v.	Ku exana.	Gu ningana.	Ku dingana.

L

Lá, adv.	Issêno.	Ino.	Usseno.
Lã, s.	Xissuisso.	Guissusso.	Livi.
Labio, s.	Nômo milômo.	Uinde (ma).	Guissôfo (ji).
Laço ou nó.	Funzo.	Guifundo.	Xifundo.
Lado, s.	Exélo.	Libanda [7].	Lissélo.
Lado (outro).	Xátuko.	Xátugo.	Xátuka.
Ladrar, v.	Ku ukula [8].	Gu ugúgula.	Ku úúla.
Ladrão, s.	Kamba (ma).	Báfa (ji).	Imbáfa.
Lagarto, s.	Quáxa quáte.	Quáxa kábene.	Quáxa quáte.
Lagarto amphybio.	Quáxa máte.	Quáxa mátine.	Quáxa matine.
Lagartixa, s.	Oamarrela (ma).	Nhambarrára.	Xibarrára (si).
Lagôa, s.	Inkóba (mi).	Lixibia ou liparre.	Liziba.
Lagrima, s.	Inxute (mi).	Litongo marrongo.	Murrongo (mi).
Lançar, v.	Ku xukumeta.	Gu rinha.	Ku rinza.
Lapis, s.	Penisseli [9].	Lápi [10].	Penisseli.

[1] Além das mencionadas, servem-se ainda, para o mesmo fim, das folhas de mandioca, feijão, batata doce e abobora.
[2] Em macua, *Nikata*.
[3] Em macua, *M'bopuana*.
[4] Do portuguez.
[5] Do portuguez.
[6] Do portuguez.
[7] Em macua, *Ébanda*.
[8] Em macua, *Ócua*.
[9] Do inglez, *Pencil*.
[10] Do portuguez.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishopé
Laranja, s.	Dalanja (ma).	Dalanja (ma).	Lídimua (ma).
Laranjeira, s.	Dalanja (ma).	Dalanja (ma).	Lidimua (ma).
Lareira, s.	Likumbarre.	Guiko.	Áxiko.
Largar, v.	Ku sika.	Gu diga.	Ku léka.
Largo (ser), v.	Ku kúla.	Gu gúla.	Ku kúla.
Lata (de conserva), s.	Xikotéla (ji).	Guikotéla (si).	Xikotéla (si).
Lata (de petroleo vasia), s.	Gógogo (ma).	Gógogo (ma).	Lifássa (ma).
Latex, s.	Máfe.	Maúé.	Uxáda.
Lavar, v.	Ku xamba.	Gu amba.	Ku samba.
Leão, s.	Ingónhâmo (ti).	Gála (ji).	Ingóuhâmo (ti).
Lebre, s.	Invunja (mi).	Guiulo (si).	Invunza (si).
Leitão, s.	Xihumbana (si).	Kumbana (ji).	Xikumbana (si).
Leite, s.	Libisse.	Maúé	Másse.
Leme, s.	—	Leme [1].	—
Lenha, s.	Liúnhe (ti).	Ligune (ji).	Likune [2] (ti).
Leopardo, s.	Ingua (ti).	Kamba (ma).	Inqué (ti).
Lepra, s.	Inkáta á Tilo.	Gumbejanjine.	Xexapásse.
Levantar, v.	Ku tákussa.	Gu ussa [3].	Ku gúla.
Levar, v.	Ku téka.	Gu jéga.	Ku téka.
Leve (ser), v.	Ku vévuka.	Gu vévuga.	Ku eúka.
Libra, s.	Impondo [4] (ti).	Pondo (ji).	Ipondo (ti).
Licença, s.	Licença [5].	Licença.	Licença.
Limão, s.	Xidiuane.	Lidima (ma).	Xidiuane (si).
Limoeiro, s.	Xidiuane.	Lidima (ma).	Xidiuane (si).
Limite, s.	Bengano (mi).	Bengano (mi).	Bengano (ma).
Limpar, v.	Ku xangúla.	Gu bábúla.	Ku baúla.
Lingua, s.	Dirrime (ti).	Lidime [6] (malime).	Lidime (ti).
Livro, s.	Buko [7] (ma).	Buko (ma).	Puko (ma).
Lodo *ou* lama, s.	Inzôpe.	Marrága.	Indôpe.
Logar, s.	Utxamo (ma).	Ulanga (ma).	Ukálo (ma).
Logo, adv.	Quátze.	Guáde.	Quádi.
Lona, s.	—	Lôna [8].	—
Longe, adv.	Kule.	Uinju.	Gulé.
Longo (ser), v.	Ku léa.	Gu lápa.	Ku lápa.
Lua, s.	Ueite (mi).	Guima (mi).	Jima (mi).
Lume, s.	Inzilo.	Nilo.	Dilo.
Luneta, s.	Inkóla [9] *ou* fastéla.	Iokóla *ou* fastéla.	Iokóla *ou* fastela.

M

Macaco, s.	Jáu (ti).	Jógó (ji).	Káu (ti).
Macaco cynocephalo, s.	Feni.	Feni.	Feni.
Machado (grande), s.	Xápo [10] (ma).	Lixádo (ma).	Lipéula (ma).
Machado (pequeno), s.	Peúla.	Lixádo (ma).	Lipéula (ma).
Machina, s.	Muxine [11].	Muxine.	Muxine.
Macho, s.	Uánúna.	Mâma.	Muana.
Madrugada, s.	Mixo á ombe.	Jimindo jila.	Manguanane.
Madeira (apparelhar), v.	Ku báxua.	Gu bátua.	Ku páduka.
Maduro (ser), v.	Ku bufa.	Gu bijia,	Ku bitua.
Mãe, s.	Mamâna [12].	Mâi.	Mâme.
Mafurreira, s.	Inkúxo (mi).	Gú-u (mi).	Inxusso (mi).
Magro (ser), v.	Ku onza.	Gu onda.	Ku goma.
Mais, adv.	Kambe.	Gambe.	Kambe.
Mal, s.	Anze-uáxe.	Kanhe-uáde.	Kunfe-quade.
Mala, s.	Boquissa [13].	Gássa.	Boquisso.
Malagueta, s.	Soorre.	Guilongue.	Longue.
Mâma, s.	Véle [14] (ma).	Béle (ma).	Tsumba (ti).
Maneta, s.	Xiguire.	Guimbolo.	Kulemála.
Mangar, v.	Ku inzuvúka.	Gu gunhukúta.	Ku nivúka.
Manha, s.	Mixo.	Mindu jila.	Manguanane.
Mantimento, s.	Imbéu (ti).	Béu (ji).	Ubéu (ti).
Mau, adj.	Aiátze.	Kande uáde.	Já-álo.
Mão *ou* mãos, s.	Mauja.	Manja.	Anza (ma).
Mar, s.	Ibsa.	Pâne.	Luanje.
Marca, s.	Xivanjo (si).	Guivango (si).	Xibango.

[1] Do portuguez.
[2] Em macua, *Ecuni.*
[3] Em macua, *Ocucha.*
[4] Do inglez, *Pound.*
[5] Do portuguez.
[6] Em macua, *N'line.*
[7] Do inglez, *Book.*
[8] Do portuguez.
[9] Do portuguez.
[10] Do portuguez.
[11] Do inglez, *Machine.*
[12] Em macua, *Mama.*
[13] Do inglez, *Box.*
[14] Em macua, *M'pele.*

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishopo
—	—	—	—
Marcha (fazer), v.	Ku enza.	Gu kuda.	Ku enda.
Maré, s.	Dúa (ma).	Lidúa (ma).	—
Maré cheia *ou* encher.	Ku tála.	Gu tála.	Matade.
Maré vazia *ou* vazar.	Mabsila.	Gu ugúa.	Mapuile.
Marfim, s.	Tino (ma).	Liqúa (ma).	Liquássa (ma).
Margem, s.	Birre na máte.	Nhabambe.	Ubambe.
Marido, s.	Núna.	Mâma.	Lóóde.
Marisco, s.	Ṭógôma.	Tógóma.	—
Martelo, s.	Áméla [1] (ti).	Martelo (ji).	Áméla.
Mastro (de embarcação), s.	—	Ninguate (mi).	—
Matar, v.	Ku dáia.	Gu songa.	Ku dáia.
Mato, s.	Quáte.	Kábe.	Sitinga.
Maxila, s.	Maxirre.	Maxirre.	Maxirra.
Medir, v.	Ku pima [2].	Gu pima.	Ku pima,
Medo, s.	Utóia.	Muanga.	Lizôa.
Meio, s.	Xikár.	Bakár.	Ágár.
Meio dia, s.	Ṃumo.	Miane.	Missane.
Mel, s.	Úlombe.	Úlombe.	Úlombe.
Melaço, s.	Trika.	Trika.	—
Menos, adv.	Xipumuane.	Guipimo.	Xipimuana.
Menstruação (ter), v.	Massimba anse.	Gu saméla.	Ku sáméla.
Mentir, v.	Ku bula mabuno.	Gu lipa.	Makú-ú.
Mesa, s.	Tafúla [3].	Tafúla.	Tafúla.
Mesmo, mesma, mesmos e mesmas, adj.	Issôna Guima-a.	Kaissai.	Dingana.
Mexilhão, s.	Kulibita (ti).	Kulibita.	—
Mexueira, s.	Maôba.	Mála.	Mainde.
Mexer, v.	Ku ákássa.	Gu parra-parra.	Ku guiguinissa.
Mil, num.	Mazana á makumi.	Mazana a makumi.	Mazana a makumi.
Milhafre, s.	Nhamatáte (ma).	Nhamatáte (ma).	Nhamatate (ma).
Milho, s.	Xifáque (si).	Ṃuibila (si).	Xifaka (ma).
Miolos, s.	Nongo (ma).	Úlúve.	Uluve.
Missanga, s.	Uxálo.	Ulungo.	Messequenha.
Mole (ser), v.	Ku lólo.	Gu gárra.	Ku karra.
Montanha, s.	Inzuga (mi).	Guigomo.	Jitunga (si).
Montar (a cavallo), v.	Ku quéla.	Gu quelela.	Ku xelela.
Morder, v.	Ku lúma [4]	Gu ója.	Ku luma.

Morrer, v.	Ku úfa.	Gu úfa.	Ku ufa.
Morte, s.	Xirrumbe (si).	Guirrumbe (si).	Xirrumbe (si).
Mosca, s.	Nongâne (ti).	Púga (ji).	Puka (ti).
Mosca (de cavallo marinho).	Báua (ma).	Libôa (ma).	Libau (ma).
Mosca tzé-tzé.	Bauana.	—	—
Mosquito, s.	Insuna (ti).	Xuma (ji).	Suna (ti).
Mosquito pequeno.	Indudo.	Ududo.	Ududo.
Mostrar, v.	Ku komba.	Gu áéja.	Ku komba.
Mouro, s.	Mónhé (ba).	Mónhé (ba).	Mabure-bure (ba).
Mugir, v.	Ku senga.	Gu senga.	Ku senga
Mula, s.	Bongólo.	Mula.	Lessela.
Muito, adv.	Maningue.	Singue.	Sinje.
Mulher, s.	Uássáte (baba).	Mangáje (ba).	Sikate (ba).
Multa (pagar).	Ku ria murta [5].	Gu liba murta.	Ku dia murta.

N

Nada, adv.	Ambun intxumo.	Inguilo.	Matxilo.
Nadar, v.	Ku kassela.	Gu maáka.	Ku sambela.
Não, adv.	A ang Nhaóé Quába.	Á Nhaóé Kanhite málo.	Ang Nhane Xuála Á
Nariz, s.	Nófo (ti).	Tonfo.	Tondo.
Nascer, v.	Ku tála.	Gu beleja.	Ku béléka.
Nascer (as plantas).	Ku mila [6].	Gu múga.	Ku mila.
Nascer (o sol).	Ku súka gambo.	Gu lidambo.	Ku úma damo.
Negar, v.	Ku ála.	Gu lomba.	Ku lamba.
Nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhumas.	Ambu mun-e.	Ni-moio.	Ni-úálo.
Neto, s.	Zúkúlo [7] (ba).	Túgúlo (ba).	Túkúlo (ba).
Nevoeiro, s.	Ungúva.	Ungúva.	Ungúva.
Ninho, s.	Xissáka (ji).	Guiága (si).	Jissáka.
Nodoa, s.	Nome.	Jila.	Zambua.
Noite, s.	Siko Ussiko.	Xigo Uxigo.	Siko Ussiko.

[1] Do inglez, *Hamer.*
[2] Em macua, *Opima.*
[3] Do inglez, *Table.*
[4] Em macua, *Oluma.*
[5] Do portuguez.
[6] Em macua, *Omela.*
[7] Em macua, *Ozulo.*

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Noivo, s.	Guenza (ma).	Jiquenda (si).	Liguenda.
Nome, s.	Bito (ma).	Lina[1] (ma).	Dina (ma).
Nona, s,	Manzova.	Mabujo.	—
Norte, s.	Urronga.	Urronga.	Utonga.
Sul.	Marranje.	Marrenje.	Ulenje.
Nascente.	Mussuka gambo.	Kuga dambo.	Ulambo.
Poente.	Muxo gambo.	Múo dambo.	Upembe.
Nove, num.	Tano ne mune.	Libande na jina.	Tano ne mune.
Novecentos, num.	Tano ne mune mazana.	Libande na jina mazana.	Tano ne mune mazana.
Noventa, num.	Tano ne mune á makume.	Libande na jina á makume.	Tano ne mune á makume.
Novidade, s.	Maungo.	Maungo.	Maungo.
Novo, adj.	Xipsa[2].	Ípia.	Jípia.
Nú, adj.	Enganáguo.	Umbuire.	Jimbuire.
Nunca, adv.	Amba-intxumo.	Né.	Ninga xilo.
Nuvem, s.	Marrefo.	Máfe.	Mábse.

O

Obrigado, int.	Xurrila.	Inhakurrile.	Inkurre.
Oitenta, num.	Tano á makume makume tinarro.	Libande jitarro á makume.	Tano tinárro á makume.
Oito, num.	Tano tinarro.	Libande na jitarro.	Tano tirráro.
Oitocentos, num.	Tano tinárro á mazâna.	Libande na jitarro mazâna.	Tano tirráro mazâna.
Olhar, v.	Ku xuquissa.	Gu quejissa.	Ku ôna.
Onde? adv.	Iqui?	Ebi?	Xiane?
Onze, num.	Kume ni-mun-e.	Kume na moio.	Kume ni moio.
Orelha, s.	Injévi (ti).	Injévi (ji).	Inzève (ti).
Osso, s.	Rambo (ma).	Kongolo (si).	Lirrambo (ma).
Ostra, s.	—	Liauana (ma).	—
Outro, pron.	Mun-ane.	Mumbi.	Muanhane.
Ouvir, v.	Ku inguissa.	Gu inguela.	Ku injissa.
Ovelha, s.	Lipséle á ivo.	Vuta mangáje.	Ipséle á vuta.
Ovo, s.	Tanza (ma).	Titanda (ma).	Danda (ma).

P

Pá, s.	Fóxóla[3] (ma).	Fóxóla.	Lifóxóla (ma).
Pae, s.	Tatane.	Bábe.	Táte.
Pagar, v.	Ku ria.	Gu liba[4].	Ku dia.
Palavra, s.	Nanzo[5] Milanzo.	Nando milando.	Lando (mi).
Palhota, s.	Inju (ti).	Nhumba (ji).	Nhumba (di).
Palmatoria, s.	Xibóbó.	Xibóbó.	Xibóbó.
Pancada (dar). v.	Ku gaia.	Gu kuaia.	Ku kuaia.
Panela, s.	Imbita (ti).	Káli (ji).	Káli (ti).
Pantano, s.	Xongo (mi).	Xongo (ma).	Xongo (mi).
Papel, s.	Peipa[6] (ma).	Dangalila (ma).	Peipa (ma).
Parar, v.	Ku ima.	Guêma.	Ku êma.
Parente, s.	Xáka (ma).	Nongo Balongo.	Xáka (ma).
Parir, v.	Ku tsála.	Gu baléga.	Ku beléka.
Partir, v.	Ku suka.	Gu kuga.	Ku kuka.
Passar, v.	Ku inza.	Gu binda.	Ku pinda.
Passaro[7], s.	Xinhanhane (ti).	Inhópe (si).	Xinhana (si).
Passaros (*variedades*):			
	Kulo-kulo.	Kulo-kulo.	Kulo-kulo.
	Infóquana.	Póquana.	Infóka.
	Ximbabalana.	Guimbembele.	Induequelle.
	Issôa.	Lissôa.	Lissôa.
	Xinjite.	Xinjita.	Xinjirrita.
	Xeluane.	Xeluana.	Jindókólia.
	Xinjiguire.	Guijengana.	Xindila.
	Maóluana.	Maóluana.	Pápárre.
	Massielane.	Massielane.	Massielane.
	Xibólane.	Guinjingue.	Xiburrúa.
	Xiúla-kuma.	Guimiúle.	Xióla-kuma.
	Xitiquane.	Guitiqua.	Jitiqua.
	Quane.	Quane.	Quane.
	Xiquenha.	Guiquenha.	Jiquenguélo.

[1] Em macua, *N'zina.*
[2] Em macua, *Ibsia.*
[3] Do inglez, *Shovel.*
[4] Em macua, *Oliva.*
[5] Vid. app. Synonimo tambem de questão. No Congo diz-se na mesma accepção, *palabra.*
[6] Do inglez, *Paper.*
[7] No livro que tenho em preparação sobre a fauna d'este districto, são mencionados muitos outros com os nomes indigenas.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Passaros *(variedades)*:			
	Limadárrúula.	Limadérrúla.	Xelouane.
	Bambanhunzo.	Babanhunzo.	Bapanhunzo.
	Kalumulétane.	Muando-doje.	Nhamarudube.
	Mangagane.	Liganangа.	Manganane.
	Náde.	Guâje.	Uugungua.
	Ligâma.	Ligâma.	Ligâma.
	Gózue.	Gózue.	Gózue.
	Panhuane.	Déu-léu.	Bélo-bélo.
	Xipaganane.	Panguanana.	Panganana.
	Guelile.	Ligulile.	Ligulile.
	Sakaúunhe.	Inquelexexe.	Sakaúnhe.
	Inxákála.	Litenze.	Sunkuzeze.
	Kotâne.	Inkotane.	Xikotiana.
Passear, v.	Ku axákana.	Gu agana.	Ku sakana.
Pastar, v.	Ku guissa.	Gu ába.	Ku guissa.
Pastor [1], s.	—	—	—
Pata (de animal), s.	Xixáquérre (ji).	Gondo (mi).	Kondo (mi).
Pato domestico, s.	Pato [2] (ma).	Lipáto (ma).	Lipáto (ma).
Pato bravo, var.	Séqua.	Séqua.	Liséqua.
Pato bravo, var.	Xitutuana.	Xitutuane.	Xipátuana.
Pato bravo, var.	Xiákáquene.	Xiákáquene,	Xituto.
Pato bravo, var.	Inguve.	Inguve.	Inguve.
Patrão, s.	Molungo (ba).	Xungo (ba).	Molungo (ba).
Pau, s.	Sinha.	Simbo (mi).	Donga (mi).
Pau de carga.	Pingo.	Pinga.	Pakati.
Pé, s.	Konzo (mi).	Gondo (mi).	Kondo (mi).
Pedir, v,	Ku kombela [3].	Gu lomba.	Ku gombela.
Pedra, s.	Rigue (ma).	Uinde (si).	Juinde (si).
Pégada *ou* rasto, s.	Inkonzo (mi).	Ingondo (mi).	Inkondo (mi).
Pegar, v.	Ku éléla.	Gu parra.	Ku móla.
Peito, s.	Xifuba.	Kassa.	Kana.
Peixe, s.	Janje (ti).	Injanje (ji).	Sanze (ti).
Peixe *(variedades)*:			
Linguado.	—	Likulo.	—
Raia.	—	Jibe.	—
Lula.	—	Oulho.	—

Chôco.	—	Rumbo.	—
Savelha.	—	Nuagande.	—
Tainha.	—	Nharrongue	—
Carapau.	—	Nhamun-e.	—
Peixe-cavallo.	—	Xáva.	—
Cação.	—	Nhalussui.	—
Peixe-serra.	—	Pupo.	—
Peixe-boi.	—	Buro-buro.	—
Xaréu.	—	Xareu.	—
Peixe-espada.	—	Gála.	—
Peixe-agulha.	—	Fite.	—
Garoupa.	—	Guitongue.	—
Peixe encarnado.	—	Bilo.	—
Sôlha.	—	Teve.	—
Sardinha.	—	Nhakome.	—
Tubarão.	—	Nhaquabe.	—
Toninha.	—	Txexe.	—
Eiros.	—	Tifa.	—
Enguia.	—	Tifa.	—
Peixes diversos:			
	—	Miile.	—
	—	Jigulula.	—
	—	Salane.	—
	—	Libionho.	—
	—	Jiguegua.	—
	—	Joro-oro.	—
	—	Ingule.	—
	—	Maganhe.	—
	—	Rongue.	—
	—	Jogosse.	—
	—	Jibunde.	—
	—	Inguilipungo.	—
Peixes de agua doce:			
Xiguana.	—	Xiaka.	
Xave.	—	Kobe.	
Unga.	—	Xuingo.	

[1] Vid. app.
[2] Do portuguez.
[3] Em macua, *Ólela*.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Peixes de agua doce:			
	Murrula.	—	Rala.
	Xuungo.	—	Likurra.
	Dema.	—	Kunga.
Pelle, s.	Ixongue (ti).	Xongue (ji).	Lidoo.
Pelle de animal.	Xikumba.	Lidoo.	Lidoo.
Pêlo, s.	Maoia.	Maóia.	Matoia.
Pêlo (do corpo humano).	Maoia.	Maérre.	Maé-e.
Penna (de passaro), s.	Silva (ti).	Tenga [1] (mi).	Tenga (mi).
Pensar, v.	Ku alakanhe.	Gu ingaêja.	Ku álakanhe.
Pente, s.	Likamo (ma).	Quissamúlo (si).	Likamo (ma).
Pentear, v.	Ku vukussa.	Gu sámúla.	Ku kuáia.
Pequeno, adj.	Txissonguane.	Duguana.	Xidoto.
Perder, v.	Ku laxéka.	Gu jiméla.	Ku timela.
Perdiz, s.	Uárre (ti).	Xúgua (ti).	Súgua (ti).
Perguntar, v.	Ku butissa.	Gu bujissa.	Ku utissa.
Perigo, s.	Mango.	Parríssua Teto.	Pango.
Periquito, s.	Ióqué (ti).	Inguéssa (ji).	Ióque.
Perna, s.	Nengue milengue.	Litundo (ma).	Nenje (mi).
Perto, adv.	Kussuane *ou* Kussue.	Bafube.	Afube.
Pescar, v.	Ku renguéla.	Gu lova.	Ku renguela.
Pessoa, s.	Muno vano.	Muto [2] Bato.	Muto báto.
Petroleo, s.	Parafina [3].	Pitrole [4].	Parafina.
Picante (ser), v.	Ku bába.	Gu bába.	Ku bába.
Planicie, s.	Kóva *ou* Bála (mi).	Lipane (ma).	Kóva (mi).
Pneumonia, s.	Xinhálo	Liáko.	Jinhálo.
Pó (fazer), v.	Ku tutsunguane.	Gu jujuane.	Ku tule.
Pobre, adj.	Xissuana.	Guigulungo.	Jikulungo.
Poça (de agua), s.	Xiquéle (ji).	Guixingo (si).	Jiquele (si).
Poço, s.	Txólo (ti).	Nombo milambo.	Guissima (ji).
Poder, v.	Ku ziláva.	Gu sialáje.	Ku siláve.
Pôdre (estar), v.	Ku bóla.	Gu ina.	Ku sina.
Polaina, s.	Káuze (ma).	Mikauze (ma).	Mikauze (ma).
Polvora, s.	Mussize.	Unga.	Unga.
Pombo (domestico), s.	Pomba [5] (ma).	Pomba (ma).	Jituvane (di).
Pombo verde, bravo.	Bambaúnhe (ti).	Bambauno (ji).	Likussuano (ti).
Ponta, s.	Ixa (ti).	Xongola (ji).	Guita (ma).

Ponte, s.	Urrire (ma).	Lirrato (ma).	Urráto (ma).
Pôr, v.	Ku béka.	Gu ega.	Ku beka.
Porco (domestico), s.	Likumba (ti).	Kumba (ji).	Kumba.
Porco bravo de pantano.	Kumba quáte.	Kumba kábene.	Kumba quáte.
Porco-espinho	Nungo.	Nungo.	Nungo.
Porquê, int.	Ku ine?	Kota quinane?	Ku exani?[6]
Porta, s.	Libáto (ma).	Dimba (ma).	Lidimba (ma).
Povo, s.	Vanu.	Bátu[7].	Bátu.
Povoação, s.	Mute mite.	Danga (ji).	Uti miti.
Praia, s.	Puane[8].	Puane.	Govane.
Preço, s.	Isengo (mi).	Tengo (mi).	Tengo (mi).
Prego, s.	Xipiquir[9] (si).	Kógo (ji).	Xipiquir.
Preguiçoso, adj.	Ulólo (mi).	Gárra (mi).	Kárra (mi).
Prender, v.	Ku koma.	Gu móla.	Ku óla.
Presente (dar), v.	Ku feixuta.	Gu ussuta.	Ku ussuta.
Preto, adj.	Intima.	Sibála.	Siála.
Primeiro (ser).	Ku ranga.	Gu rangula.	Ku tandela.
Primogenito, s.	Vivúzo.	Inkôma.	Inkôma.
Procurar, v.	Ku láva.	Gu gúeta.	Ku láva.
Prohibir, v.	Ku íla.	Gu imbajéla.	Ku simba.
Pular, v.	Ku túla.	Gu indága.	Ku dáka.
Pulseira, s.	Xiqueléla (si).	Naíla[10] (ma).	Xiqueléla (si).
Pulso, s.	Insomo (mi).	Somo (mi).	Bóko (ma).
Puxar, v.	Ku kóka.	Gu dinda.	Ku dinda.
Pyrilampo, s.	Xissaissai (si).	Guiguenenga Lakuno.	Liquenguene (ji).

Q

Qual? Quaes? pron.	Iniúá-kone?	Qu'ebine?	Iuai? Qua-kone.
Quando? int.	Rine?	Line?[11]	Lina issiko?

[1] Em macua, *Mutenga.*
[2] Em macua, *M'thu.* Em suahili, *M'tu.*
[3] Do inglez, *Parafine.*
[4] Do portuguez.
[5] Do portuguez.
[6] Em macua, *P'ra cheni.*
[7] Em macua, *Áthu.*
[8] Em macua, *Opuani.* Em suahili, *Puani.*
[9] Do portuguez.
[10] Do portuguez.
[11] Em macua, *Line?*

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Quanto? adv.	Mangani?.	Karine?	Mangai?
Quarenta, num.	Mune á makume.	Makume mana.	Mune á makume.
Quatorze, num.	Kume na mune.	Kume na jina.	Kume ne mune.
Quatro, num.	Mune.	Jina.	Mune.
Quatrocentos, num.	Mune á mazana.	Zana mana.	Mune a mazana.
Quê? part. int.	Quine?	Quinane?	Ku xane?
Quente (estar), v.	Ku issa.	Gu bissa.	Ku issa.
Quebrar, v.	Ku sóva.	Gu junha.	Ku funha.
Queimar, v.	Ku issa.	Gu bissa.	Ku issa.
Queixar-se, v.	Ku ambika.	Gu tulega.	Ku kuleka.
Quem? pron.	Imane? [1]	Gu mane?	Imane?
Querer, v.	Ku vuméla.	Gu jumela.	Ku dumela.
Questão, s.	Milanzo [2].	Milando.	Milando.
Questionar, v.	Ku xamuquissane.	Gu zangarissane.	Ku xámuquissa.
Quieto (estar), v.	Ku lulâma.	Gu ululâma.	Ku lulâmo.
Quinhentos, num.	Tano á mazana.	Mazana libande.	Tano á mazana.
Quinze, num.	Kume ni tano.	Kume na libande.	Kume ni tano.

R

Rabo, s.	Inquila (mi).	Guila (mi).	Jila (mi).
Racha, s.	Fifa (ti).	Lufa (ma).	Lufa (ti).
Raio.	Nhangafula (ti).	Nhangafula (ji).	Nhangafula (ti).
Raiz, s.	Muzo (mi).	Kamba (mi).	Kulute (mi).
Ralhar, v.	Ku rogatéla.	Gu bála.	Ku rogatéla.
Rama, s.	Massau.	Tongue.	Madáu-a.
Ramo, s.	Rabe (ma).	Litâmo.	Libabe (ma).
Rapariga, s.	Nhuana (ba).	Guerringua (ba).	Orriana (ba).
Rapaz, s.	Mufana xifanhana (ba).	Xikótana (si).	Mussatana (mi).
Raposa, s.	Kanga (ma).	Gúé-ê (mi).	Nhapue.
Rapé, s.	Fóle [3].	Féla.	Fóle.
Razão (ter), v.	Ku sasséquela.	Gu unalissina.	Ku samba.
Razão (não ter).	Ku makubiéla.	Gu magulibede.	Ku bia.
Rasgar, v.	Ku anzula.	Gu ferúla.	Ku ferúla.
Raspar, v.	Ku ála.	Gu rúera.	Ku ála.
Rato (de casa), s.	Konjo (ma)	Likonjo (ma).	Likonzo (ma).

Rato de mato.	Ribonhane (ma).	Mende (ji).	Bonhana (ti).
Rato de mato.	Xiquize (si).	Guitigue (si).	Xitiqui (si).
Rato de mato.	Xipalanjila (si).	Mungue.	Nunje.
Rato de pantano.	Uúte (ma).	Léúte (ma).	Libute (ma).
Rato de pantano.	Xipéba (si).	Beba (ji).	Beba (ji).
Rato de palmeira.	—	Quérêre.	—
Ratoeira, s.	Xokuka.	Napuí.	Xiquelêmo.
Rebanho, s.	Xambe (mo).	Mango (mi).	Tambe.
Rebento (dar), v.	Ku xuka.	Gu tunga.	Ku mila.
Recado, s.	Sume (mi).	Mango (mi).	Tôme (mi).
Receber, v.	Ku amuquéla [4].	Gu áka.	Ku amuquéla.
Recordar, v.	Ku alakanhe.	Gu ingueja.	Ku álakanhe.
Recuar, v.	Ku xinzakuane.	Gu belaúane.	Ku sana.
Recusar, v.	Ku ála.	Gu bomba.	Ku lamba.
Rêde (de pesca), s.	—	Ligóla.	—
Regar, v.	Ku xélatéla.	Gu télajéla.	Ku télatéla.
Regato, s.	Nonjana (mi).	Pirro (ji).	Longana.
Regulo, s.	Osse (ti).	Fumo.	Inkôma (ba).
Regulado, s.	Tiko (ma).	Litigo (ma).	Litiko (ma).
Relampago, s.	Xuátima.	Gulássa.	Úátima.
Relogio, s.	Uóxe [5].	Reloje [6].	Uóxe.
Remar (com remo), v.	—	Gu júa.	—
Remar (com pá).	Ku xuta.	—	Ku xunga.
Remedio, s.	Murre.	Mirre.	Rende.
Remo, s.	—	Kassía (ma).	—
Resina, s.	Inxáka.	Nhéje.	Nhête.
Respeitar, v.	Ku xavananái.	Gu tavananái.	Ku tavananái.
Responder, v.	Ku angulana.	Gu ákana.	Ku amuquela.
Retirar, v.	Ku xéla.	Gu béléla.	Ku suméla.
Reunião *ou* reunir.	Ku xengueleta.	Gu xangalêja.	Ku bequétéla.
Revoltar, v.	Ku pinduquélo.	Gu pinduguédua.	Ku pinduka.
Rhinoceronte, s.	Mukombo (mi).	Maóssuana.	Maóxuana.
Rico (ser), v.	Ku fuma.	Gu fuma.	Ku fuma.

[1] Em macua, *Nani?*
[2] Vid. app.
[3] Do portuguez, *Folha*.
[4] Em macua, *Uáquela*.
[5] Do inglez, *Watch*.
[6] Do portuguez,

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Rijo (ser), v.	Ku tia.	Gu tia.	Ku banga.
Rio, s.	Mufula *ou* Nonga (mi).	Nondo milondo.	Agárre.
Rir, v.	Ku xéka.	Gu éga.	Ku séka.
Risco, s.	Inzáti (mi).	Un-é-a (mi).	Séssa (mi).
Rocha, s.	Liguango (ti).	Lilonde (mi).	Liguango.
Rola, s.	Tuva (ma).	Libule (ma).	Likópóla (ma).
Roncar, v.	Ku ingúrrúra.	Gu ungurura.	Ku singorro.
Rondar, v.	Ku xóla.	Gu lavaléla.	Ku xóla.
Roubar, v.	Ku iba.	Gu uba.	Ku uba.
Roupa, s.	Ingú.	Muenda.	Itxila.
Rugir, v.	Ku duma.	—	Ku dussa.

S

Sabão, s.	Sêpo [1].	Sabão [2].	Sêpo.
Saber, v.	Ku xitiba.	Gu jite.	Ku ziba.
Saca, s.	Sáko [3] (ma).	Sáko (ma).	Lissáka (ma).
Saír, v.	Ku úma [4].	Gu dúga.	Ku úma.
Sal, s.	Munho.	Munho.	Munho.
Salgar, v.	Ku lunga.	Gu lunga.	Ku lunga.
Saltar, v.	Ku xúla.	Gu uádága.	Ku súla.
Salvar, v.	Ku úlúka.	Gu guluga.	Ku úlúka.
Sangue, s.	Káta.	Noba.	Nôu-a.
Sangrar, v.	Ku xavéla.	Gu lóa.	Ku lóva.
Sapo, s.	Guéle (ma).	Nhaquéle (ma).	Livéve.
Saude, s.	Utôme.	Uôme.	Utôme.
Sarna, s.	Tissalo.	Batáta.	Batáta.
Sarampo, s.	Xibirre.	Guiguele.	Xibirre.
Sêcco (estar), v.	Ku ôma.	Gu banga.	Ku ôma.
Sêde, s.	Tórra.	Dórra.	Didórra.
Segundo (ser), v.	Ku kámeta.	Ku anja-meja.	Ku kámeta.
Seis, num.	Tano gui-un-é.	Libande na moio.	Tano ni moio.
Seiscentos, num.	Tano ni gui-un-é á mazana.	Libande na moio á mazana.	Tano ni moio á mazana.
Sessenta, num.	Tano ni gui-un-é á makume.	Libande á makume makume moio.	Tano ni moio á makume.
Selim, s.	Sixálo.	Guixalo.	Xixálo.

Semana, s.	Vique [5] (ma).	Semana [6].	Vique (ma).
Semear, v.	Ku guiála.	Gu iala *ou* paia.	Ku guiála.
Semente, s.	Béu (ti).	Béu (ji).	Imbéu (ti).
Sempre, adv.	Onque á massiko.	Massiko uxávo.	Otze massiko.
Sentar, v.	Ku tsama.	Gu kála.	Ku kála.
Serra, s.	Sáu [7].	Sérra [8].	Lissáu.
Serrote, s.	Serrote [9].	Serróte.	Serróte.
Serviço, s.	Metiro (mi).	Tumo (mi).	Útimo (mi).
Servir, v.	Ku énulêta.	Gu émelêta.	Ku onéléla.
Sete, num.	Tano timbire.	Libande na jimbire.	Tano timbire.
Setecentos, num.	Tano timbire á mazana.	Libande á mazana mazana jimbire.	Tano timbire á mazana.
Setenta, num.	Tano á makume makume timbire.	Libande na jimbire á makume.	Tano á makume makume timbire.
Seu, sua, seus, suas, pron.	Ká-uéna.	Kú-ago.	Xaúle.
Sim, adv.	Hum ina iá ébo.	Ina ia hum.	Hum ina ia.
Só, adj.	Zoxe.	Basse.	Nóka.
Suar, v.	Ku zumuka.	Gu nhuga.	Ku dumuka.
Sobrinho, s.	Zútúlo [10] (ba).	Túgúlo (ba).	Túkúlo (ba)
Sôco, s.	Xibaquéla (si).	Xibaquéla.	Xibaquéla.
Sogra, s.	Mukóana (ba).	Gógáje (ba).	Mukókáte (ba).
Sogro, s.	Muxádo (ba).	Sáde (ba).	Sáde (ba).
Sol, s.	Gambo.	Dambo.	Lidambo.
Soltar, v.	Ku aúmessa.	Gu mudassa.	Ku umissa.
Solteiro, adj.	Gúenza (si).	Xiqúenda (si).	Gúenda (ma).
Sombra, s.	Inzute.	Mutxa.	Insude.
Somno, s.	Urrongo.	Digóbe.	Ukó-é [11].
Soprar, v.	Ku befetela.	Gu furrura.	Ku futeta.
Sorte (ter boa), v.	Ku pateguila	Gu kateka.	Ku kateka.

[1] Do inglez, *Soap*.
[2] Do portuguez.
[3] Do portuguez.
[4] Em macua, *Ócuma*.
[5] Do inglez, *Week*.
[6] Do portuguez.
[7] Do inglez, *Saw*.
[8] Do portuguez.
[9] Do portuguez.
[10] Em macua, *Ózulo*
[11] Em macua, *Écove*.

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishopo
—	—	—	—
Sorte (ter má).	Anze ku katelangue.	Gu benguega.	Ku kuma.
Subir, v.	Ku kanzía.	Gu lita.	Ku kalaváta.
Sujar, v.	Ku tote laxáka.	Gu telanjilo.	Ku tote lúazambua.

T

Tabaco, s. (*vide Rapé*).			
Tabua, s.	Pulango[1] (ma).	Pulango (ma).	Lipulango (ma).
Talvez, adv.	A áte gui un-é siko.	A áte muendo.	A áte libinde siko.
Tambem, adv.	Kambe.	Nene *ou* Gambe.	Kambe.
Tampa, s.	Xifenangueta (si).	Guifenangueta (si).	Jinefangueta (ji).
Tapar, v.	Ku fenangueta.	Gu fenangueja.	Ku fenangueta.
Tardar, v.	Ku xúela.	Gu éla.	Ku xéla.
Tarde, s.	Nigambo.	Silambo.	Milóva.
Tartaruga, s.	—	Xikóle.	—
Tatuagem. s.	Lixanga.	Dova.	Indóva.
Tecto (de palhota),s.	Luangua.	Jikole.	Liangua.
Teimar, v.	Ku kânêta.	Gu pika.	Ku kânêta.
Telha *ou* tijolo, s.	Xitine (si).	Xitine (si).	—
Tempestade, s.	Zinza.	Gujuma.	Kudinda.
Tempo (mau), s.	Aí-gúaze.	Majuve.	Maduve.
Tempo (bom).	Guixila quase.	Iane.	Massane.
Tesoura, s.	Xiguérre (si).	Xiguérre (si).	Jiquérre.
Testemunha, s.	Loio angajebona.	Kustemunha[2].	Inhassave.
Testiculo, s.	Liquenze (ma).	Qúende (ma).	Lixende (ma).
Tição, s.	Xixáxe (si).	Múengue (mi).	Sanje (mi).
Tia, s.	Ââne (ba).	Aâne (ba).	Ââne (ba).
Tio, s.	Tâtâne (ba).	Bábe (ba).	Táte (ba).
Tira (de couro), s.	Lissinga (ti).	Singa (ma).	Lissinga (di).
Tirar, v.	Ku sussa.	Gu dussa.	Ku távissa.
Tisica, s.	Lifuba.	Liébe.	Nifuba.
Tocar (instrumentos), v.	Ku úba[3].	Gu omba.	Ku béta.
Todo, adj.	Zonque *ou* Inquabo.	Baxávo.	Otse.
Tomar, v.	Ku téka.	Gu áka.	Ku téka.
Tomate, s.	Matomote[4].	Matemáte.	Matomáte.
Torcer, v.	Ku kama.	Gu gama.	Ku kama.
Torrar, v.	Ku katinga.	Gu gajinga.	Ku katinga.

Torto (estar), v.	Ku gueguela.	Gu éguéla.	Ku xenjela.
Tosse, s.	Xikóxóla.	Jikóko.	Sequéla.
Toupeira, s.	Sugunhana (mi).	Rugunha (mi).	Rugunha (mi).
Trabalhar, v.	Ku tira.	Gu tuma.	Ku tuma.
Trabalhador, s.	Xitire (ji).	Guitume (si).	Jitime.
Trabalho *(vide Serviço)*.			
Trazer, v.	Ku né-a.	Gu ressa.	Ku né-a.
Tremer, v.	Ku zuzumela.	Gu dandamela.	Ku duduméla.
Tres, num.	Tinárro.	Jitárro.	Tirráro,
Trezentos, num.	Tinárro á mazana.	Mazana jitárro.	Tirráro á mazana.
Treze, num.	Makume mun-é na tirráro.	Makume moio na jitárro.	Makume moio na tirráro.
Trinta, num.	Marráro á makume.	Jitárro á makume.	Tirráro a makume.
Tripa, s.	Rumbo (ma).	Liembe (ma).	Rumbo (mi).
Triste, adj.	Ússéuana.	Libála.	Ku kulungo.
Trocar, v.	Ku xixissa.	Gu renguelane.	Ku péta.
Tronco (de arvore), s.	Xibo.	Guikomo.	Xikomo.
Trovão, s.	Zinzile (ti).	Libárra (ma).	Xigualaguando (si).
Tu, pron.	Uéna.	Ué [5].	Au-é.
Tudo, adv.	Ontxe *ou* inquabo.	Axábo.	Otse.
Tutano, s.	Mongo.	Mongo.	Molóko.

U

Um, num.	Mun-é.	Moio.	Moio.
Unha, s.	Inhála (ti).	Iamba samba.	Jála ziála.
Untar, v.	Ku tóla.	Gu páróla.	Ku tóla.
Urinar, v.	Ku runza [6].	Gu runda.	Ku runda.
Uso, s.	Massamelo.	Makaléla.	Massaméla.

[1] Do inglez, *Plank*.
[2] Do portuguez.
[3] Em macua, *Uópa*.
[4] Do portuguez.
[5] Em macua, *Ué*.
[6] Em macua, *Órusa*.

V

Portuguez	Shitsua	Guitonga	Shishope
Vacca, s.	Komazi (ma).	Imbôa (ti).	Intxéle.
Vadio (*vide Preguiçoso*).			
Vaga *ou* onda, v.	Bimbe [1] (ma).	Bimbe (ma).	Nêne (di).
Valla *ou* valleta, s.	Itéa [2] (ti).	Têa (ji).	Têa (ti).
Valle, s..	Inkóva.	Kongóla.	Inkóva.
Vapor, s	Xitimela [3] (ji).	Paquête [4] (ji).	Xitiméla (ji).
Vara, s.	Pouana (ti).	Pondua (ji).	Kássa (ti).
Variola, s.	Xiquele.	Diu.	Pondo.
Varrer, v.	Ku xiála.	Gu biela.	Ku iéla.
Vassoura, s.	Xiélo (mi).	Biélo (mi).	Lipiélo (ma).
Velho *ou* velha, adj.	Xakále.	Gogumba.	Kakále.
Vender, v.	Ku xavissa.	Gu renguissa.	Ku xavissa.
Veneno [5] (*vide Remedio*).			
Vento, s.	Moia.	Pubo.	Moia.
Ver, v.	Ku bona.	Gu bona.	Ku ona [6].
Verão, s.	Nhuko.	Tonga.	Nhuko.
Verdade, s.	Xinêne.	Lissina.	Lissurre.
Vergonha, s.	Tingana.	Jixone.	Tingana.
Vespa, s.	Mife (ti).	Mofo mife.	Mife.
Vestir, v.	Ku ambála.	Gu ambála.	Ku ambála.
Vêz, s.	Káte.	Mogo.	Jikáte.
Viajante. s.	Qúenza.	Gúenda.	Gúenda.
Viajar, v.	Ku longa.	Gu donga.	Ku donga.
Viagem, s.	Malenzo.	Malenda.	Gúenda.
Vingança, s.	Umpika.	Pikano.	Pikana.
Vinte, num.	Makume mabire.	Makume jimbire.	Makume timbire
Vintem, s.	Xapão [7].	Xapão.	Xapão.
Vir, v.	Ku buia.	Gu buia.	Ku uia.
Virgem, s.	Muana (ba).	Xagajana (sa).	Marrana.
Visco, s.	Undandi [8].	Dandi.	Rimba.
Visinho (ser), v.	Ku éxana.	Gu ningana.	Ku étâmo.
Visita, s.	Unfumba (ba).	Fumba (ba).	Fumba (ba).
Visitar, s.	Ku amubona.	Gu ólela.	Ku amuona [9].
Vitello, s.	Rogani (ma).	Xikopiana (si).	Jiomuana (si).
Viuva, s.	None (ti).	None (ji).	None (di).

Viver, v.	Ku anho.	Gu banha.	Ku anha.
Virar, v.	Ku unzuluka.	Gu bindugueja.	Ku undulussa.
Voar, v.	Ku purruma.	Gu buba.	Ku purruma.
Voltar, v.	Ku xéla.	Gu béléla.	Ku xumeta.
Vontade (ter), v.	Ku navéla.	Gu dógoléla.	Ku dógóléla.
Voz, s.	Guizo.	Lito.	Lipse.

Y

Yena, s.	Misse (ti).	Nhaduko (ma).	Nhaduqui (ba).

Z

Zanga, s.	Xámuka.	Likulo.	Xámuka.
Zangar-se.	Ku xámuka.	Ku lo.	Ku xámuka.
Zebra, s.	Mangua (ti).	—	Mangua (ti).
Zinco, s.	Taéla [10].	Taela *ou* lata.	Taéla.

[1] Em macua, *Niuimbe*.
[2] Do portuguez, *Telha*.
[3] Do inglez, *Steamer*. Ao caminho de ferro chamam: *Xitimela à anse*,
[4] Do portuguez.
[5] A palavra *veneno* é tomada na mesma accepção de *remedio*.
[6] Em macua, *Uona*.
[7] Do portuguez. Desconheço a origem do termo.
[8] É do latex da *Landolphia* que fazem o visco, tomando este o nome da planta.
[9] Em macua, *Ómuona*.
[10] Do inglez, *Tile* (telha).

Appendice ao vocabulario

Shitsua	Guitonga	Shishope	Portugnez
Mútzua (ba.	Mútua (ba).	Untua (ba).	Landim.
Mussonga (ba).	Tonga (ba).	Mutonga (ba).	Tonga.
Mushópe (ba).	Xópe (ba).	Mushope (ba).	Shope.
Muzongue (ba).	Dongue (ba).	Dondje.	Donga, pl. Badonga. Os europeus dizem Bindongas, mas o termo é incorrecto.
Mulengue (ba).	Nengue Bálengue.	Nendje Balendje.	Valengue. Deve dizer-se: Lengue e Balengue.
Ká-Maquáqua (ba).	Maquáqua Pára-Maquáqua.	Maquáque Maquáquene.	Landim-Macuacua. A traducção e o sentido é: Gente da região dos Macuacuas.
Munguno (ba).	Manguno (ba).	Mútua Batua.	Vatuas ou Zulos.
Mútxangana (ba).	Muxangana (ba).	Mútuanana (ba).	Machanganes. Indigenas das margens do Limpopo.
Mandáu (ba).	Mandáu (ba).	Musseiane (ba).	Mandau. Indigenas vindos da região dos lagos.
Shitsua.	—	—	Dialecto falado pelos Landins.
—	Guitonga.	—	Dialecto falado pelos Batongas.
—	—	Shishope.	Dialecto falado pelos Shopes.
Monzo.	Nanga.	Nanga.	Vulgarmente conhecido pelos europeus pelo *Muave*. Este vocabulo é estranho aos dialectos d'este districto, apesar de ser conhecido dos indigenas. Em Moçambique diz-se *Muave* e significa a mesma coisa.
Guanhunzo.	Govere.	Musseiane.	Ferreiro indigena.
Mivuti.	Nhundo.	Messanje.	Folle usado pelos ferreiros indigenas.
Xigalanhunzo.	Galanhundo.	Lidombo.	Especie de bigorna.
—	Lilule.	—	Genero de gambôa Tonga.
Quanzo úúle.	—	Ússéle.	Genero de gambôa usada pelos Landins e Bashopes nos rios.
Mukofuso (mi).	—	Kássi (ti).	Pá de que os indigenas se servem para remar.
Xibango (si).	Guixango (si).	Xissavango (si).	Escudo de pelle de boi ou de antilope usado nos batuques e na guerra.
Péua.	Lixoá (ma).	Lixó (ma).	Rabo de boi que os indigenas usam nos braços e nas pernas nos batuques. Este costume é de origem Zulo.

			pescoço e nos pulsos.
Fenhane.	Fenhane.	Xó.	Sedas de rabo de boi ou cavallo com a mesma applicação.
Orra (ma).	Uláu (ma).	Uláu (ma).	Arco que usam na guerra e de que se servem para caçar.
Impáxa (mi).	Jioloma (si).	Jióloma (si).	Flechas usadas com os arcos.
Txárre (ma).	Lixárre (ma).	Lixárre (ma).	Zagaia.
Nonga (ti).	Donga (ji).	Donga (di).	Bengala indigena.
Ingôma (ti).	Ingôma (ji).	Ingôma (di).	Tambor. O mesmo nome é applicado á dansa ou batuque onde entrem tambores.
Sévele (ma).	Tévéle (ma).	Litévéle (ma).	Embarcação de casca de arvore.
Mukumbi (mi).	Mombo (mi).	Litevele (mi).	Embarcação de tronco de arvore cavado.
Xitátárre (si).	Lissáto (ma).	Lissáto (ma).	Especie de jangada de troncos de palmeira brava ligados por cordas vegetaes.
Ingundo (ti).	Gundo (mi).	Inundo (mi).	Tufo de pennas de avestruz que os indigenas põem na cabeça nos batuques. De origem Zulo.
Pála-pála (ti).	Pondo (mi).	Pondo (mi).	Corno de boi ou antilope que serve para chamar e avisar que vae haver batuque.
Xikatáu (si).	Guikatáu (si).	Kamisa (do portuguez.	Colete de pelle de cabrito com bolsa nas costas, onde guardam comida e outros objectos quando viajam.
Inquâma (mi).	Inquâma (mi).	Insába (mi).	Saco de pelle de cabrito para o mesmo fim do precedente.
Xirráva (si).	Jikupa.	Jirrába.	Sacola de folha de palmeira brava que serve para guardar diversos objectos.
Ságuáte.	Saguate.	Saguate.	Presente ou dadiva. Apesar de ser muito empregado, o vocabulo é macua. Os indigenas d'este districto teem *Ku feixuta*, *Ku sussuta*: dar presente ou presentear.
Molunguana.	Xunguana.	Xunguana.	Mulato. Palavra composta de *Molungo* ou *Xungo* e do prefixo deminuitivo *Anã*.
Paíéla ou Pailhene.	Paióla-tuno.	Ingómene.	Séde de commando ou circumscripção. Corrupção do portuguez *paiol*.
Bédo.	Guitanda.	Bédo.	Cama. *Bedo* é a corrupção do inglez *Bed*, e *Quitanda* é termo macua.
Txuva.	Txuva.	Súva.	Especie de jogo de damas.
Mafixane.	Manjáve.	Maguessa.	Jogo indigena.

Shitsua	Guitonga	Shishope	Portuguez
Oma.	Oma.	Oma.	Jogo indigena.
Tidoxo.	Xidoxo.	Tidoxo.	Jogo indigena (de mulheres).
Imbila (ti).	Uambe (mi).	Imbila (ti).	Marimbas. Instrumento Shope.
Mussengui.	Guitóliu.	Tsava.	Flauta pastoril.
Maxamba.	Maxamba.	Maxamba.	Vocabulo macua ou suahili. No sing. *Shamba*. O seu sinonymo nos tres dialectos: *Xipezo, Petu* e *Xipia*.
Sura.	Sura.	Sura.	Bebida extrahida do coqueiro e da palmeira brava. Termo asiatico.
—	Mugueima.	—	Homem que se dedica á extracção da sura. Só é usado no litoral. E' termo asiatico.
Makambuzi.	Makambuji.	Makambuje.	Pastor. E' termo macua.
Milanzo.	Milando.	Milando.	Questão, culpa, crime. Tambem pl. de *Nanzo* e *Nando* (palavra). Julgo ser termo macua ou suahili. Nestes dois dialectos o termo é tomado nas mesmas accepções. Da mesma forma é o pl. de *palavras*.
—	Moleque.	—	Vulgarmente empregado para designar criado, repaz. E' termo macua e estranho aos tres dialectos.
Umba.	Libumba.	Libumba.	Operação de fazer panelas de barro.
—	Láka-láka.	—	Varas de mangal vermelho com que no litoral se fazem as cupulas das palhotas. E' termo macua.
Bangue.	Bangue.	Bangue.	Palavra de origem Zulo. *(Vide Cap.)*
Impárra (ma).	Umbárra (mi).	Impárra (ma).	O indigena que emigra pela primeira vez. Tambem é tomado na accepção de bruto, estupido.
Igái (ma).	Ligái (ma).	Ligaíssa (ma).	O indigena que regressa das minas. São vocabulos estranhos.
Injôo (ti).	—	Libeje (ma).	Cinto de pelles e rabos de animaes que usam os Landins e Bashopes algumas vezes, principalmente nos batuques. Do Zulo *Matshoba*. O seu uso foi introduzido pelos Vatuas.
Mukâmélo (mi).	Guikulejo (si).	Xiquiguelo (si).	Travesseiro de madeira, principalmente usado pelos Landins. E' de origem zulo o seu

			os engajadores indigenas.
Bôde.	—	—	Rodela de cera preta que os Landins-Macuacuas usam na cabeça. Costume trazido pelos Vatuas.
Banja.	Banja.	Ussáu.	Na sua verdadeira accepção quer dizer: Reunião de batuques e não reunião de regulos, em que geralmente é tomada. A palavra é de origem estranha.
Xuáiu-áiu.	Sôpe.	Bumóva.	Sumo de cana fermentado. Em Shishope e nos dialectos do sul, *sope* significa aguardente. Desconheço a origem da palavra.
Putzo e Pombe.	—	—	Bebidas fermentadas extrahidas do milho e mapira. São de origem landina.
Indjála.	Injála ou Péula.	Injála.	Fome. Empregada na accepção de sêde sempre que se dirige a um branco pedindo de beber.
Ku fixula.	Gu ambula.	Ku sissula.	Jantar.
Ku lalela.	Gu laléla.	Ku ulaléla.	Almoçar.
Tixólo.	Tissólo.	Tixólo.	Pequeno saco de folha de palmeira brava, encerrando diversos objectos que servem para fazer oraculos. De origem Landina.
Kanudo.	Kanudo.	Kanudo.	Cigarro. Do portuguez.
—	—	Lifólo.	Dança Shope.
—	—	Ussika.	O indigena que dirige a orchestra das marimbas no batuque Shope.
—	—	Inkondissa.	O indigena que dirige a dansa do batuque Shope Lifolo.
—	Gu bangua.	—	Termo Guitonga. Operação de limar os dentes.
Zó-ó.	Gôce.	Singú.	Pano que as mulheres usam para trazer os filhos ás costas.
Xikulo.	Jikulo.	Jikulo.	Tambor grande.
Inquerrisso.	Jirrisso.	Muxinga.	Tambor mais pequeno que o precedente.
Jómâne.	Jómâne.	Jómâne.	Tambor muito pequeno.
Spindane.	Paindane.	Xipendane.	Instrumento de musica, em forma de arco, com arame e uma cabaça.
Xitende.	Guitende.	Jidende.	O mesmo que o precedente, sem a cabaça.
Xúma.	Súma.	Zuma.	Quantia ajustada, que representa o preço de uma mulher.

Shitsua	Guitonga	Shishope	Portuguez
—	—	—	—
Ganguisséla.	Guirrembeje.	Kunissieta.	Intermediaria nos casamentos.
—	Xógótela.	—	Tatuagem que as mulheres Batongas fazem na cara.
Tixanga.	Xindôva.	Tindôva.	Tatuagem que todas as mulheres indigenas usam na barriga.
—	—	Zikázo.	Tatuagem usada nas coxas pelas mulheres Bashopes.
—	—	Jinêna.	Tatuagem usada pelas mulheres Bashopes no baixo ventre.
—	—	Sibáiana.	Tatuagem usada no rosto pelos Bashopes de ambos os sexos.
Xibáiana.	—	—	Tatuagem que usam as Landinas no rosto.
Xúre (ma).	Likúno (ma).	Litude (ma).	Pilão.
Músse (mi).	Mutxe-Mije.	Mutse.	Pau do pilão.
Malile.	Malila.	Madila.	Representante da familia nas ceremonias que precedem a morte de qualquer indigena.
Úguérra.	Úguéra.	Úguérra.	A ceremonia da circumcisão.
—	—	Tsálo.	Tecido de casca de arvore. Industria Shope.
—	—	Dilunga.	Nome da arvore de onde se extrae a casca.
—	—	Tanda.	Tronco de arvore onde é macerada a casca.
—	—	Jibêto.	Martelo de madeira com que é macerada a casca.
Xinango.	—	Inango.	Ferro que serve para fazer a tatuagem.
Inkombe (mi).	Muko (mi).	Muko (mi).	Colher de pau.
Xixóka (si).	Guissóka (ji).	Zanga (ti).	Machadinha indigena.
Ximbembe (si).	Guiguangua (si).	Xizáze. (ti).	Machadinhas de differentes feitios que os indigenas usam nos batuques Lifolo e Masongola.
Inxinga (ti).	Kunda (ma).	Kumbe (ma).	Armadilha pequena para perdizes, pintadas, coelhos, etc.
Intxamo (mi).	Napui milapui.	Láu (mi).	Armadilha para gazelas, cabritos, etc.
Inkumi (mi).	Inkumi (mi).	Inkumi (mi).	Armadilha para carnivoros.
Zika (mi).	Zika (mi).	Zika (mi).	Paus pequenos que servem para fazer lume pela fricção.
Txóogue.	Xóogue.	Mussumbi.	Nomes das arvores de onde são tirados os paus para fazer lume.

			cam por cereaes.
Xiáxo (si).	Guife (si).	Jife (si).	Capoeira onde mettem as gallinhas, quando viajam.
Litxáu (ti).	Dombo (mi).	Litxáu (si).	Ferro que serve para fazer esteiras.
Vule (ma).	—	Litamba (ma).	Especie de boneca formada de duas cabaças, que usam as raparigas pequenas.
Xibangua (ji).	Guibangua (si).	Xilaúane (si).	Ratoeira para apanhar ratos.
—	Matanga.	—	Vocabulo estranho aos tres dialectos.
Inkávo (mi).	Kanvo (mi).	Lifuko (ti).	Panela onde se fazem as papas. (Ceremonia do casamento).
Jissonjo.	Sibonjo.	Guanhisso.	Significa o presente que o noivo dá á sogra.
Kumbo.	Dova.	Konvo.	Ceremonia de lavar as mãos.
Xifúlo.	Guifulo.	Jikambane.	Côco, massala ou panela pequena onde se deita a agua que serve para as ceremonias.
Ku xelissa kombo.	Gu ebeleja dova.	Ku sumeta konvo.	O sitio onde caíu a agua. (Ceremonia).
Ku bama.	Gu bama.	Ku bama.	Operação de barrar o interior das palhotas.
Ku sula.	Gu londa.	Ku kópóla.	Alizar o barro.
Binhe (mi).	Bini (mi).	Úíne (mi).	Cabos de enxadas e machadinhas.
Ku lun-a.	Gu lúmua.	Ku lúmua.	Ter as dores da maternidade.
Singalakáte.	Singalagáje.	Nhakote.	Parteira.
Likavanhe.	Lirrugo.	Likóforre.	Cordão umbilical.
Xissiva.	Guitiva.	Jitiva.	Padrinho do rapaz na ceremonia da circumcisão.
Nanga.	Nanga.	Nanga.	Curandeiro ou feiticeiro que faz a operação da circumcisão.
Sunguine.	Sunguine.	Ukúerraue.	Recinto onde se faz a circumcisão.
Quárra.	Quárra.	Lúqua.	Ceremonia que precede a operação de collocar o fio na cintura da criança.
Ku rama.	Gu sanha.	Ku samela.	Ter a primeira menstruação.
Xamba jáka.	Guamba jinjilo.	Samba taka.	Ceremonia de *lavar o sujo*.
Fajungo.	Nhokópóle.	—	Ceremonia de pisar as folhas e besuntar as mãos.
Ku quénhula.	Ku quénhula.	Ku quénhula.	Operação de cortar o cabello. (Ceremonia do luto).
Ku tóla zumane.	—	Libonvo.	Costume das mulheres Landinas e Bashopes untarem o corpo de barro vermelho, depois de parirem.

Shitsua	Guitonga	Shishope	Portuguez
Lifunga.	Funga.	Sunga.	Nome do fio que se colloca em volta da cinta das crianças recemnascidas.
Ku vavíua.	—	—	Rasgar a orelha. Costume dos Landins rasgarem os lobulos das orelhas. Este verbo só se emprega nesta accepção.
Tixéque.	Jixégue.	Tuego.	Papas de farinha usadas na ceremonia do casamento.
Ximba.	Liximba.	Gú-uma.	Festa do baptisado.
Imbutsa.	Imbuta.	Imbuta.	Batuque secreto de mulheres.
Xissungulo (si).	Guitungúlo (si).	Xitungúlo (si).	Amuleto. Um ou dois pedacitos de caniço com um pó medicinal, que os indigenas trazem ao pescoço e que dizem livrar de certas doenças e dos maus olhados. Não é usado pelos Batongas.
Iuguélo (ti).	Imbía (ji).	Imbía (ti).	Gamela de madeira.
Induna (ti)	Gú-u (mi).	Induna.	Secretario, ministro, conselheiro ou agente do regulo. O vocabulo é de origem Zulo. Tambem se diz *Secretana,* do portuguez secretario, mas ambos os termos são incorrectos.
Sango (ma).	Lidáu (ma).	Lidáu (ma).	Esteira.
Luambe (ma).	Luambe.	—	Esteira de folha de palmeira brava.
Lixélo (ti).	Guitande (si).	Jissélo (si).	Que substitue o peneiro.
Xirrunzo (si).	Jiélo (si).	Xirrunzo.	Cesto em feitio de funil.
Xitundo (si).	Guitundo (si).	—	Cesto com tampa.
Xipéa (si).	Guissápo (si).	Jissápo (si).	Saco de palmeira brava.
Xiuamélo (si).	Guinamélo (si).	Kamba (mi).	Panela de barro que só serve para aquecer agua para tomar banho.
Uamba (mi).	Muamba (mi).	Muamba (mi).	Cortiço de abelhas de casca de arvore.
Itsévélé.	Tévéle.	Litévéle.	Casca de arvore que serve para levar agua.
Gomba (ma).	Ligomba (ma).	Ingula (di).	Depositos de casca de arvore que servem para guardar cereaes.
Xigôdo *ou* Líisso.	Jigôdo *ou* Líisso.	Jikôdo *ou* Xélo.	Especie de almofariz onde se esmagam as sementes oleaginosas.
Zúulo (ma).	Jikombe (si).	Dulo (ma).	Copo grande de madeira.
Itxáxo (ma).	Linganja (ma).	Txóane (ma).	Frutos sêccos ou bugalhos do *Txaxo-Ganja-Mtxoane* (palmeira brava) que os indigenas prendem nas pernas nos batuques.

Maxava.	Massava.	Ritsude.	Batuque Tegia.
Msongóla.	—	—	Batuque Landim.
—	Mugango (mi).	—	Tira de missanga que as mulheres Batongas usam na cabeça.
—	Xikonguangua.	—	Cordão com moedas que os Batongas usam no pescoço.
—	Inquéka.	—	Faixa de chita que os Batongas usam á cinta.
—	Quimão.	—	Casaco de chita com mangas. E' macua o vocabulo.
—	Xólí.	—	Casaco de chita sem mangas. E' termo macua.
Kabáia.	Kabáia.	Kabáia.	Casaco comprido, encarnado, usado pelos regulos e fornecido pelo Governo. E' termo macua.
—	Kófió.	—	Barrete encarnado. Termo macua.
Sambulela	Sombrero.	Sambulela.	Chapéu de sol. Corrupção de umbrella.
—	Côco lenho.	—	Côco ainda com agua. Termo macua.
Xibálo.	Xibálo.	Xibálo.	Serviço obrigatorio gratuito. *Ma-ála* e *Mafáte* são termos macuas e só usados pelos europeus. Fechaduras de madeira de origem macua. São só usadas pelos Batongas.
—	—	Lidamba.	Serviço obrigatorio.
Bazár.	Bazár.	—	Mercado. Termo asiatico.
Xibóbó.	Xibóbó.	Xibóbó.	Palmatoria. A explicação do termo é a seguinte: Quando o indigena é castigado e lhe doe, grita: *Xi* . . (int.) *babo*... (pae).
Mabalane.	Mabalane.	Mabalane.	Interprete. Corrupção do verbo *Gu baleka-bala* (contar) (pres. ind.) São, em geral, os interpretes que contam de manhã os homens para o serviço.
Maganzelo.	—	Madando.	Presentes dados aos regulos e representados por uns paus que os regulos juntam nas povoações.
Deurope.	Deurope.	Deurope.	Corrupção da palavra Europa. Os indigenas empregam muitas vezes este termo quando se referem a terras onde habitam muitos brancos.

Shitsua	Guitonga	Shishope	Portuguez
Xikafula.	Xikafula.	Xikafula.	Linguagem sem grammatica usada nas minas do Transvaal. E' uma mistura de vocabulos de differentes dialectos e da corrupção de palavras inglezas, portuguezas e hollandezas. Exemplo: *Sabenza*, do zulo, Nmsebenzo; *Muxla*, do zulo, Muhle; *Xikalemo*, do zulo, Ikelengu; *Bassope*, do inglez, Boss up; *Afo*, do inglez, Half; *Skafo*, do inglez, Scoff; *Estaleka*, do inglez, Strong; *Baimbai*, do inglez, By and by; *Baatxe*, do hollandez, Baatji; *Buluko*, do hollandez; *Fole*, do portuguez, Folha; *Lôpa*, do portuguez, Roupa; *Muzuruko*, do portuguez, vintem; etc, etc

Historia landina

Mun-é infutzo mun-e injofo vanga péguezane á quêne infutzo ái kône ku núa aguala. Aiéne a kuí nago á rumbo ku núa aguala. Injofo á bika aguála ku bufila aguála ku teka mafutzo ku ramba maxáka iáqué ku beka me kuatine. Ku ta mun-é ka ma injofo ta umessa aguala unila xurra á uma iena ata mun-é ane. Anua á xurra á famba kuatine u-ata mun-é ane. Aguala etile. Injofo teka uássate hu nika ká infutzo.

Um kagado apostou com um elephante que ingeria toda a bebida que este tivesse, apesar da sua barriga ser muito pequena. O elephante trouxe a bebida. O kagado, depois de ter bebido, foi chamar todos os outros kagados seus parentes e cada um veiu por sua vez tambem beber, illudindo assim o elephante, que julgava ser sempre o mesmo e, d'esta forma, acabaram com a bebida, pelo que o elephante, julgando ter perdido, foi buscar uma mulher, que representava o valor da aposta, e deu-a ao kagado.

Historia guitonga

Nhafakande moio, íssía moio upegajane tutuma kába aé-bôa Tamba. Elo xigo gu gupela gu ája tutuma vago kála danga moio ája tutuma gu jega nhafakande guilo-ai á gumola bangui latuno inha íssia á gu tutuma á guia bôa Tamba. Íssia kui-é gu gukála jikálo nhafakande gu rendiveja gunhe bona gane? Gu bonile line? Gunhe bona gane. Nha ine gatanga bele nhita kála jikalo íssia ine mu ninga mangaje.

Um camaleão apostou com uma gazela, qual d'elles, correndo, chegava mais depressa á Mutamba. Quando a gazela começou a correr, o camaleão agarrou-se-lhe ao rabo. Quando chegaram á Mutamba, o camaleão subiu para cima de uma cadeira. A gazela ia sentar-se tambem, mas o camaleão empurrou-a dizendo: Não me vês? — Vieste quando? — Não me viste adiante de ti? — A gazela, julgando ter perdido, deu uma mulher, valor da aposta, ao camaleão.

Historia Shope

Karringane ó karringane: Teka mavunja á xidima lipango á xienga ussuxé á xidana majofo, a xidana mavú-ú, á xidana manhóqué, á xidana mabálále, á xidana mamuti, á xidana maínharre, á xidana mafutzo á xigula us-

O coelho abriu um caminho, mandou preparar pombe (bebida) e depois chamou o elephante, o hippopotamo, a cobra, a gazela, o cabrito, o bufalo e o kagado. O coelho apostou com este ultimo que elle não era capaz

suxé ba xisséla ba xikássa ó xibuá mafutzo bá ximutéla ussuxé bá ximuninga ku tizive ku tutsuma áí tutumene ba ku tutuma ni mavunja êne átxi ku tutuma guxi tingane mavunja á tutuma gu lipango xiquene unzi xulile mafutzo áí tutume majofo ba tutuma ni mafutzo á siúa kambe êne majofo ba buia teka uá xipeni á ku êne majofo ku titive tutsuma ane na êne ba tutsuma ane na êne ba tutsuma á muxula mu á xipeni ba buia teka mamuti á ku ta tutsuma na ane ba tutsuma ba xuluá mamuti ba buia á uma manhóqué ba tutsuma á xulua manhóqué ba buia.

de beber muitos copos. Pediu o kagado para ir ao mato satisfazer uma necessidade e, chamando outros kagados, combinou com elles que fossem a um e um beber, fingindo que era um só kagado, e assim fizeram, tendo o coelho ficado vencido. Querendo este vingar-se fez com o kagado nova aposta, de quem chegaria primeiro numa corrida. O kagado acceitou, tendo combinado com os outros kagados que se collocassem ao longo do caminho, mas occultos na erva, e cada vez que o coelho chamasse por elle responderia o kagado que estivesse mais proximo d'elle. Começou o coelho a correr e perguntando pelo kagado, respondiam-lhe sempre, da erva e á frente: Estou aqui.

Foi-se o coelho, desalentado, contar aos outros animaes que não conseguia vencer o kagado na corrida, saíndo então o elephante; mas teve o mesmo insuccesso do coelho, e da mesma forma o hippopotamo, a cobra, a gazela, o cabrito, e o bufalo, que, não tendo descoberto o estratagema do kagado, foi este proclamado vencedor.

***

Teem ainda os indigenas uma especie de adivinhas a que chamam: *Teka-tekane*. (Toma, responde!). Do verbo *Ku teka* (tomar).

			pescoço e nos pulsos.
Fenhane.	Fenhane.	Xó.	Sedas de rabo de boi ou cavallo com a mesma applicação.
Orra (ma).	Uláu (ma).	Uláu (ma).	Arco que usam na guerra e de que se servem para caçar.
Impáxa (mi).	Jioloma (si).	Jióloma (si).	Flechas usadas com os arcos.
Txárre (ma).	Lixárre (ma).	Lixárre (ma).	Zagaia.
Nonga (ti).	Donga (ji).	Donga (di).	Bengala indigena.
Ingôma (ti).	Ingôma (ji).	Ingôma (di).	Tambor. O mesmo nome é applicado á dansa *ou batuque* onde entrem tambores.
Sévele (ma).	Tévéle (ma).	Litévéle (ma).	Embarcação de casca de arvore.
Mukumbi (mi).	Mombo (mi).	Litevele (mi).	Embarcação de tronco de arvore cavado.
Xitátárre (si).	Lissáto (ma).	Lissáto (ma).	Especie de jangada de troncos de palmeira brava ligados por cordas vegetaes.
Ingundo (ti).	Gundo (mi).	Inundo (mi).	Tufo de pennas de avestruz que os indigenas põem na cabeça nos batuques. De origem Zulo.
Pála-pála (ti).	Pondo (mi).	Pondo (mi).	Corno de boi ou antilope que serve para chamar e avisar que vae haver batuque.
Xikatáu (si).	Guikatáu (si).	Kamisa (do portuguez.	Colete de pelle de cabrito com bolsa nas costas, onde guardam comida e outros objectos quando viajam.
Inquâma (mi).	Inquâma (mi).	Insába (mi).	Saco de pelle de cabrito para o mesmo fim do precedente.
Xirráva (si).	Jikupa.	Jirrába.	Sacola de folha de palmeira brava que serve para guardar diversos objectos.
Ságuáte.	Saguate.	Saguate.	Presente ou dadiva. Apesar de ser muito empregado, o vocabulo é macua. Os indigenas d'este districto teem *Ku feixuta*, *Ku sussuta*: dar presente ou presentear.
Molunguana.	Xunguana.	Xunguana.	Mulato. Palavra composta de *Molungo* ou *Xungo* e do prefixo deminuitivo *Anã*.
Paíéla ou Pailhene.	Paióla-tuno.	Ingómene.	Séde de commando ou circumscripção. Corrupção do portuguez *paiol*.
Bédo.	Guitanda.	Bédo.	Cama. *Bedo* é a corrupção do inglez *Bed*, e *Quitanda* é termo macua.
Txuva.	Txuva.	Súva.	Especie de jogo de damas.
Mafixane.	Manjáve.	Maguessa.	Jogo indigena.

Encerrando esta serie de apontamentos, cumpre-me agradecer a s. ex.ª o governador geral, major Freire de Andrade, pela benevolencia com que se dignou acolher este insignificante trabalho e a todas as pessoas que de alguma forma me auxiliaram.

Inhambane, 6 de julho de 1910.

Augusto Cabral.

Shitsua	Guitonga	Shishope	Portuguez
—	—	—	—
Ganguisséla.	Guirrembeje.	Kunissieta.	Intermediaria nos casamentos.
—	Xógótela.	—	Tatuagem que as mulheres Batongas fazem na cara.
Tixanga.	Xindôva.	Tindôva.	Tatuagem que todas as mulheres indigenas usam na barriga.
—	—	Zikázo.	Tatuagem usada nas coxas pelas mulheres Bashopes.
—	—	Jinêna.	Tatuagem usada pelas mulheres Bashopes no baixo ventre.
—	—	Sibáiana.	Tatuagem usada no rosto pelos Bashopes de ambos os sexos.
Xibáiana.	—	—	Tatuagem que usam as Landinas no rosto.
Xúre (ma).	Likúno (ma).	Litude (ma).	Pilão.
Músse (mi).	Mutxe-Mije.	Mutse.	Pau do pilão.
Malile.	Malila.	Madila.	Representante da familia nas ceremonias que precedem a morte de qualquer indigena.
Úguérra.	Úguéra.	Úguérra.	A ceremonia da circumcisão.
—	—	Tsálo.	Tecido de casca de arvore. Industria Shope.
—	—	Dilunga.	Nome da arvore de onde se extrae a casca.
—	—	Tanda.	Tronco de arvore onde é macerada a casca.
—	—	Jibêto.	Martelo de madeira com que é macerada a casca.
Xinango.	—	Inango.	Ferro que serve para fazer a tatuagem.
Inkombe (mi).	Muko (mi).	Muko (mi).	Colher de pau.
Xixóka (si).	Guissóka (ji).	Zanga (ti).	Machadinha indigena.
Ximbembe (si).	Guiguangua (si).	Xizáze. (ti).	Machadinhas de differentes feitios que os indigenas usam nos batuques Lifolo e Masongola.
Inxinga (ti).	Kunda (ma).	Kumbe (ma).	Armadilha pequena para perdizes, pintadas, coelhos, etc.
Intxamo (mi).	Napui milapui.	Láu (mi).	Armadilha para gazelas, cabritos, etc.
Inkumi (mi).	Inkumi (mi).	Inkumi (mi).	Armadilha para carnivoros.
Zika (mi).	Zika (mi).	Zika (mi).	Paus pequenos que servem para fazer lume pela fricção.
Txóogue.	Xóogue.	Mussumbi.	Nomes das arvores de onde são tirados os paus para fazer lume.

—	—	Xilingu.	Sal em blocos que os indigenas Bashopes tro-cam por cereaes.
Xiáxo (si).	Guife (si).	Jife (si).	Capoeira onde mettem as gallinhas, quando viajam.
Litxáu (ti).	Dombo (mi).	Litxáu (si).	Ferro que serve para fazer esteiras.
Vule (ma).	—	Litamba (ma).	Especie de boneca formada de duas cabaças, que usam as raparigas pequenas.
Xibangua (ji).	Guibangua (si).	Xilaúane (si).	Ratoeira para apanhar ratos.
—	Matanga.	—	Vocabulo estranho aos tres dialectos.
Inkávo (mi).	Kanvo (mi).	Lifuko (ti).	Panela onde se fazem as papas. (Ceremonia do casamento).
Jissonjo.	Sibonjo.	Guanhisso.	Significa o presente que o noivo dá á sogra.
Kumbo.	Dova.	Konvo.	Ceremonia de lavar as mãos.
Xifúlo.	Guifulo.	Jikambane.	Côco, massala ou panela pequena onde se deita a agua que serve para as ceremonias.
Ku xelissa kombo.	Gu ebeleja dova.	Ku sumeta konvo.	O sitio onde caíu a agua. (Ceremonia).
Ku bama.	Gu bama.	Ku bama.	Operação de barrar o interior das palhotas.
Ku sula.	Gu londa.	Ku kópóla.	Alizar o barro.
Binhe (mi).	Bini (mi).	Uíne (mi).	Cabos de enxadas e machadinhas.
Ku lun-a.	Gu lúmua.	Ku lúmua.	Ter as dores da maternidade.
Singalakáte.	Singalagáje.	Nhakote.	Parteira.
Likavanhe.	Lirrugo.	Likóforre.	Cordão umbilical.
Xissiva.	Guitiva.	Jitiva.	Padrinho do rapaz na ceremonia da circumcisão.
Nanga.	Nanga.	Nanga.	Curandeiro ou feiticeiro que faz a operação da circumcisão.
Sunguine.	Sunguine.	Ukúerrane.	Recinto onde se faz a circumcisão.
Quárra.	Quárra.	Lúqua.	Ceremonia que precede a operação de collocar o fio na cintura da criança.
Ku rama.	Gu sanha.	Ku samela.	Ter a primeira menstruação.
Xamba jáka.	Guamba jinjilo.	Samba taka.	Ceremonia de *lavar o sujo*.
Fajungo.	Nhokópóle.	—	Ceremonia de pisar as folhas e besuntar as mãos.
Ku quénhula.	Ku quénhula.	Ku quénhula.	Operação de cortar o cabello. (Ceremonia do luto).
Ku tóla zumane.	—	Libonvo.	Costume das mulheres Landinas e Bashopes untarem o corpo de barro vermelho, depois de parirem.

RETURN TO ➡ CIRCULATION DEPARTMENT
202 Main Library

LOAN PERIOD 1 HOME USE	2	3
4	5	6

ALL BOOKS MAY BE RECALLED AFTER 7 DAYS
1-month loans may be renewed by calling 642-3405
6-month loans may be recharged by bringing books to Circulation Desk
Renewals and recharges may be made 4 days prior to due date

DUE AS STAMPED BELOW

INTERLIBRARY LOAN
NOV 2 1977
UNIV. OF CALIF., BERK.
REC. ILL DEC 7 - 1977
REC. CIR. DEC 8 '77
JUN 16 1995
RECEIVED
OCT 23 1995
CIRCULATION DEPT.

FORM NO. DD 6, 40m 10'77 UNIVERSITY OF CALIFORNIA, BERKELEY
BERKELEY, CA 94720

YC 47768

U. C. BERKELEY LIBRARIES

C052241770

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA